

A woman with long dark hair is submerged underwater, holding a bouquet of pink roses. She is wearing a light-colored, short-sleeved top with a small floral pattern. The water is a deep blue, and her face is partially visible above the surface, with her eyes closed. The overall mood is serene and ethereal.

SEGREDOS QUE

FEREM

JULIANA DANTAS



Segredos que Ferem
Juliana Dantas

Copyright © 2017 por Juliana Dantas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Título Original Segredos que ferem

Capa: Jéssica Gomes

Sumário

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Epílogo](#)

A água escura abraça meu corpo
Sussurra baixo no meu ouvido
Entorpece minha dor

Afundo lentamente
Enquanto abraço
O esquecimento

O vazio
O nada

Nada

Capítulo 1

A chuva batendo na minha janela me acorda de um sono agitado.

Meu coração está disparado, como se algo tivesse me assustado. Não sei se um sonho ruim, ou o simples barulho da chuva. Com um suspiro, jogo as cobertas para o lado e caminho até a janela abrindo-a.

– Bom dia, Beaverton. – A manhã fria e chuvosa com seus vários tons escuros me saúda de volta. Há alguns anos aquela escuridão teria me desanimado. Não agora. Eu estava finalmente em casa.

Aspiro o ar puro, estremecendo de frio, porém adorando sentir o cheiro de mato molhado. Deixando a nostalgia tomar conta de mim. Anos vivendo em outro país são ótimos para nos curar de certas implicâncias. Agora eu podia concordar com Dorothy: não há nada melhor do que o nosso lar.

Observo que o carro do meu pai ainda está parado no jardim. Fecho o vidro da janela antes de congelar e me troco rapidamente, querendo ver Jack antes de ele ir trabalhar. Como previ, ele está na cozinha e sorri ao me ver. Meu coração aquece com algo bom, doce e nostálgico.

– Bom dia, pai.

Ele franze a testa.

– Está sorrindo.

Dou de ombros, me servindo de uma xícara de café.

– Por que o espanto?

– Está chovendo. Você costumava acordar de mau humor.

Pego um prato e encho de cereal.

– Acho que estava com saudade de casa.

– Até da chuva, do frio...

– Até disto. O senhor esqueceu que vivi em Londres nos últimos anos. Lá o tempo também é horrível.

– Ainda acho estranho que tenha escolhido viver lá. Sempre achei que

se fosse mudar de país, seria um lugar como o Brasil. Muito sol o ano inteiro.

Eu rio e encho minha boca de cereal.

– Dormiu bem? – A pergunta feita por cima do jornal parece inofensiva.

Apenas parece.

– Hum, hum. – Faço sons com a boca cheia. – Alguma notícia interessante?

– O de sempre. – Jack fecha o jornal e se levanta.

– Já vai? – Há certa decepção na minha voz e, quando o encaro, vejo incerteza em seu olhar.

Por um momento me parece algo mais que um simples lamento por ter que ir trabalhar quando eu estou em casa depois de tanto tempo.

A sensação desaparece do mesmo jeito que surgiu.

– Por que não fica comigo na loja hoje?

– Não sou mais adolescente, não pode me obrigar a trabalhar pra você – meu pai era dono de uma loja de artigos para prática de esportes ao ar livre no centro da cidade e, antes de eu ir pra faculdade, me obrigava a trabalhar todas as tardes depois da escola. Algo que eu odiava.

– Vai ficar bem sozinha? – Insiste e eu rolo os olhos.

– O que acha que poderia acontecer?

– Acho que ficará entediada.

– Eu encontrarei algo para me distrair, não se preocupe.

– Deveria ir ver Chris. Ele vai gostar de te ver.

– Eu também. – Respondo sorrindo, me lembrando que parece um tempo infinito que não vejo Christian Wilson, meu melhor amigo. – Irei vê-lo quando não estiver chovendo.

E sinto receio de que a expressão, “melhor amigo”, não caiba mais entre nós. Afinal, fazia dois anos que eu estava fora.

Depois que Jack se vai, fico olhando o carro se distanciando, até restar apenas o silêncio rivalizando com a chuva lá fora. Luto contra a sensação de vazio que sua ausência deixa no ar.

Limpo a cozinha. Arrumo meu quarto. Desfaço as malas. Sorrio ao ver meus velhos livros na estante. Como senti falta deles em Londres.

Folheio as folhas amareladas de meu exemplar do Morro dos Ventos Uivantes. Talvez eu o leia esta tarde. Ler Bronte para passar o tempo.

Ao terminar de almoçar sozinha, já me perguntando o que farei para Jack jantar, olho pela janela e noto que a chuva finalmente deu uma trégua. Animada, visto o casaco e pego as chaves do meu velho jipe.

Dirijo pelas ruas de Beaverton por um tempo. A cidade continua a mesma, como se estivesse parada no tempo. A livraria dos Johnson, que eu frequentava muito na minha adolescência parece exatamente igual. Me pergunto se devo parar e dar um oi. Será que Austin Johnson continua por lá? Indago-me também se ele ainda tem aquela paixonite adolescente por mim. Provavelmente não. Sempre achei que ele iria se casar, mais dia menos dia, com Jane Smith, a garota mais popular da escola. Precisava me lembrar de pedir ao meu pai para me atualizar sobre as fofocas da cidade.

Depois de passar pelas ruas principais, decido voltar para casa. Se bem que encarar novamente minha casa vazia, me parece meio deprimente. Tenho vontade de rir de mim mesma. Desde quando eu me tornei carente daquele jeito? Sempre fui uma garota independente. Minha mãe morreu repentinamente de um aneurisma quando eu tinha treze anos e precisei amadurecer muito cedo.

Então por que agora eu estava sendo tão sentimental?

Deixo meus olhos vagarem através da janela do carro e o verde do bosque a minha volta parece convidativo.

Quase sedutor.

Obedecendo a uma ânsia repentina, paro o carro no meio fio, com uma vontade súbita de caminhar. Penetrar no mistério luxuriante da floresta escura.

As folhas molhadas fazem barulho sob meus pés e eu penetro na mata. A chuva deixou um cheiro bom no ar.

Cheiro de casa.

Nunca me perdi naqueles bosques, também não me lembro de ter me embrenhado muito antes. Desta vez, caminho sem intenção de parar. Embora não tivesse nenhum rumo, era como se, em meu íntimo, eu soubesse aonde estava indo.

A mata escura, densa e fria me impede de ver o céu, então, subitamente algo quente e inesperado toca minha pele.

Sol.

Paro estupefata e prendo a respiração. Estou numa clareira no meio da floresta.

E ali, surpreendentemente, existe luz.

Um sorriso deliciado se forma em meus lábios e eu olho para cima, adorando sentir os raios esquentando meu rosto frio. Era como o paraíso.

Um paraíso escondido e só meu. Saboreio aquela sensação de ter descoberto algo especial, enquanto caminho distraída por entre as flores no chão.

Até que meus pés tropeçam em algo e solto uma imprecação.

Escuto outra voz xingando baixinho e olho para baixo, entre surpresa e assustada, ao ver que o algo não era uma pedra e sim um cara que agora me olhava fixamente.

Minha garganta se abre num grito abafado e meu coração dispara assustado.

Coloco a mão sobre a boca, dando vários passos para trás automaticamente, me perguntando que diabos um cara estaria fazendo deitado no chão no meio de uma clareira que até poucos minutos parecia vazia.

A minha clareira especial.

Ele se senta também me encarando surpreso.

Então, em meio ao meu aturdimento, reparo que o sol pinta seus cabelos bagunçados com mechas cor de fogo. E que ele tem uma barba descuidada despontando num rosto bonito. E sua camisa está aberta.

– De onde você saiu? Me assustou! – Recupero minha voz, por fim, tentando voltar a respirar normalmente.

O estranho está fechando a camisa ainda me encarando.

– Me desculpe, não foi minha intenção... Acho que adormeci... Não percebi... – ele se levanta.

Eu dou um passo para trás.

– Não se assuste.

Solto uma risada nervosa. Constrangedora. Até onde eu podia saber aquele estranho podia ser um assassino, psicopata ou tarado em potencial.

Tento não demonstrar meu medo enquanto o estudo e, ao mesmo tempo, penso se conseguiria correr se precisasse.

O que era uma piada. Do jeito que eu era desastrada, provavelmente cairia na primeira curva.

– Eu realmente não a vi se aproximando. Desculpe-me. – A voz é bonita. Tenho que admitir.

Bom, ele todo é bonito.

Com seu cabelo castanho claro perfeitamente bagunçado e barba por fazer. Ele agora veste um casaco por cima da camisa. Roupas simples, que caem perfeitamente sobre seu físico.

Perfeito. É a palavra que salta em minha mente.

– O que faz aqui sozinho? – Indago desconfiada, ainda tentando avaliar se ele não era um serial killer.

Ele sorri.

E de repente eu estou fascinada.

Deus do céu.

Mordo os lábios com força para não suspirar.

– Eu sempre venho aqui.

– Ah... eu... – Tento organizar meus pensamentos caóticos. – Estava caminhando... nunca tinha visto esse lugar... fiquei... fascinada pelo sol.

Seu sorriso se alarga e eu sinto em meu estômago.

E sim, agora eu sinto medo. Não mais dele. E sim de mim.

Eu estou no meio de uma floresta, conversando com um estranho há cinco minutos e me sinto fascinada.

– Eu também me sinto fascinado. – As palavras dele parecem fazer eco com meus pensamentos e, por um momento louco, eu acho que está falando de mim, até entender que está se referindo certamente à clareira.

– É lindo. – Murmuro.

“Você é lindo.”

Ele passa os dedos por entre as mechas quase claras sob o sol.

Fecho minhas mãos, tamanha é a vontade de fazer o mesmo.

– É meu esconderijo. – Ele diz, eu dou uma risada sem graça.

– E eu achando que tinha conseguido um esconderijo para mim.

– Podemos dividir.

Ah, eu gostaria muito, admito, com vontade de rir feito uma colegial boba e não como a pessoa adulta de 22 anos que sou.

– Tudo bem... Não sei se conseguiria encontrar o caminho de novo... na verdade não tenho certeza se acharei o caminho de volta...

Ele ri.

E eu estremeço. Ok, já está ficando patético.

O pior é que não sinto a menor vontade de parar seja lá o que tenha começado.

– Bom, eu posso te ajudar nesta parte, te acompanhando de volta.

Mil negativas passam pela minha mente, todos os motivos pelos quais não era nem um pouco seguro aceitar a companhia de um estranho naquela floresta. Acabo jogando fora todas elas.

E fico com o perigo.

Naquele momento eu me sinto bem atraída pelo perigo, na verdade.

– Ok.

Seu sorriso é algo deliciosamente inebriante enquanto se aproxima e eu prendo a respiração.

– Acho que não me apresentei... Ian Callaghan.

Eu seguro sua mão estendida em minha direção. É surpreendentemente macia.

Ele não era um lenhador, certamente. Aquela não era a mão de um trabalhador braçal. E eu não sei por que pensei que ele era um. Talvez por estar bem a vontade no meio do mato. Ou pela barba. Ou os ombros largos.

Eu recolho minha mão e meus pensamentos bobos.

– Julia Simmons.

Começamos a andar lado a lado. Ainda sinto meus dedos formigando onde ele tocou.

Quero formigar inteira.

Saímos da clareira e adentramos na floresta escura. Quase sinto uma tristeza infinita por estar deixando-a para trás.

Um vazio inexplicável.

– Como descobriu este lugar?

– Caminhando.

Eu o encaro de soslaio. Minhas mãos estão no bolso e eu caminho com cuidado com medo de cair.

– Você mora em Beaverton? Achei que conhecesse todo mundo da cidade...

– Não. Meus pais moram. Há alguns anos nos mudamos pra cá, eu estava em Corvallis fazendo faculdade.

– Mora aqui agora? – Tenho vontade de morder a língua por estar sendo tão curiosa.

Dane-se, eu preciso saber. Sinto que preciso saber tudo sobre Ian Callaghan.

– Por enquanto... – ele deixa no ar e eu sinto como se ele não quisesse falar sobre esse assunto.

Ou não quisesse falar comigo.

– E você? Nunca a vi por aqui.

– Eu estava na Inglaterra estudando.

– Voltou pra ficar?

Dou de ombros. Também deixando no ar.

Realmente não sabia o que ia fazer. Ficar em Beaverton nunca foi uma opção aceitável pra mim. Estranhamente desde que eu voltei me sentia meio diferente.

E agora...

Agora era o lugar onde morava Ian Callaghan.

Por enquanto.

De repente Beaverton me pareceu cheia de possibilidades.

Uma chuva fina começa a cair de repente e eu me encolho dentro do meu moletom fino.

– Devia estar usando um casaco.

– Está no meu carro.

Ele tira o próprio casaco.

– Não, não precisa...

– Vai congelar.

– E você também.

– Eu insisto.

Eu pego o casaco relutante e o visto. Tem um cheiro gostoso.

Cedro e homem.

Único.

Contenho a vontade de levar o tecido ao nariz e cheirar Ian Callaghan.

– Obrigada...

– Não deveria andar sozinha por aqui. – Ele diz e eu o encaro com ironia.

– Se você pode, eu também posso. E, por favor, não diga “mas eu sou um homem”.

Ele ri.

– Pode ser perigoso. Eu conheço este lugar.

– Eu também. Morei minha vida inteira na cidade. Eu e... – Eu ia dizer “eu e Chris”, algo me fez parar. Por algum motivo eu não queria citar outro cara para Ian. Mesmo sendo apenas meu amigo. – Eu e meu pai às vezes também fazemos caminhadas pela floresta.

– Jack Simmons.

Eu o encaro surpresa.

– Conhece meu pai?

– Todos conhecem. Não é o dono da Simmons Artigos Esportivos?

– E será que eu conheço seus pais?

De novo sei que estou sendo curiosa, mas não me contenho.

– Acho que não – responde evasivo.

Avisto meu jipe parado no meio fio e sinto pesar por meu encontro com Ian Callaghan estar chegando ao fim.

Procuro maneiras de prolongar aquele momento. Quero parar o tempo e segurá-lo comigo para sempre.

– É seu carro? – Detecto certa desaprovação na sua voz o que me irrita um pouco. Levanto o queixo em desafio.

– Sim, é meu jipe.

– Ele funciona direito?

Agora eu fecho a cara.

– Quer uma carona? Poderá comprovar que ele é melhor que muito carro novo que circula por aí.

Ian ri.

E eu descubro que é impossível me manter irritada quando ele sorri daquele jeito. Com duas lindas covinhas por entre a barba clara.

Eu tenho simplesmente vontade de ficar na ponta dos pés e devorar seu sorriso com minha boca.

– Não, prefiro caminhar.

– Tem certeza? Está começando a chover... – tenho consciência que estou meio que implorando, neste momento eu não tenho muito senso de proteção.

Talvez mais tarde eu pense e me arrependa, ardendo de vergonha, porém agora...

Eu quero apenas que não acabe.

– Tenho sim... – ele abre a porta do carro pra mim.

Me parece bem cavalheiro. Eu gosto. Gosto de muitas coisas em Ian Callaghan.

Entro no meu jipe e ele fecha a porta.

Por um instante não falamos nada. Como se realmente o tempo tivesse parado. Ele me parece perfeito sob a chuva fina, que molha seu cabelo incrível.

Dou partida, rezando para que meu velho jipe não me deixe na mão.

– Até mais... Ian Callaghan. – Murmuro.

– Adeus... Julia Simmons. – Ele diz por cima do barulho do motor velho, enquanto deslizo pela estrada molhada.

Fico olhando sua imagem ir diminuindo no espelho retrovisor. Suas palavras parecem inadequadas pra mim. Ele disse Adeus. Como se não fôssemos nos ver de novo. Um pequeno sorriso se forma em meus lábios.

Nós nos veríamos novamente.

Eu me certificaria disto.

Capítulo 2

Não sei bem o que me fez mudar ligeiramente o caminho e, em vez de ir para minha casa, dirigi até a casa de Chris. O vento frio atinge meu rosto e bagunça meus cabelos quando salto em frente à velha casa de fazenda.

Um rapaz moreno sai de dentro do galpão adjacente, limpando as mãos no jeans velho. Ele parece não acreditar quando me vê então um sorriso surpreso e feliz se distende em seu rosto bonito.

Em alguns segundos sou erguida do chão por um abraço de urso e girada no ar.

– Não acredito que está aqui!

– E em breve estarei morta se não parar de me apertar! – Brinco, quando ele finalmente me põe no chão e me encara com o sorriso brilhante.

Estou feliz. E não me importo de ele não me soltar.

– Finalmente voltou para casa, Jules.

– Claro que sim! Fala como se eu estivesse...

– Do outro lado do mundo?

Eu rolo os olhos.

– Se sentiu tanto minha falta devia ter ido me visitar.

– Não, obrigado. Preferia que não tivesse ido...

– Agora estou de volta.

Parece um diálogo estranho.

Eu me sinto estranha de repente.

– Você está bem? – Seus olhos sondam meu rosto.

– Por que não estaria?

– Não te vejo faz tempo.

– Estou de volta.

Seus braços me apertam um pouco mais antes de me soltar.

– Eu sei.

Uma chuva fina começa a cair.

– Vamos entrar.

– Não, vamos caminhar. – Coloco meu capuz e começo a andar.

– Sempre procurando o perigo... – Chris ri, se colocando ao meu lado enquanto caminhamos.

Aperto a blusa de Ian Callaghan contra meu corpo. Pensar nele parece esquisito estando com Chris. E eu não sei por quê. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Chris é meu amigo. E Ian é...

É o quê?

Eu respiro fundo e me concentro no momento. Esquecendo o cara misterioso da clareira por um tempo.

Pergunto a Chris sobre seus pais e irmãs. Ele responde a tudo e então me lança um olhar entre curioso e ressabiado. Eu quase adivinho sua pergunta.

– E aí, encontrou algum cara lá na terra da rainha?

– Nenhum como você.

– Não sei se encaro como um elogio ou...

– Sabe que eu não estava lá para conhecer ninguém.

– Estas coisas não avisam antes de acontecer.

– E você, conheceu alguém?

– Nenhuma como você. – E seu olhar é penetrante e eu sei que ele não está brincando como eu.

Está falando sério. Desvio o olhar, ligeiramente incomodada. Na minha mente me vem uma declaração de amor e um beijo roubado. Jogo para o fundo da memória. Onde deve ficar.

– Que você pretende fazer? – Fico grata com a mudança de assunto.

– Eu não sei. – Paramos em frente à árvore onde subimos tantas vezes e sentamos. - Neste momento sou como uma folha levada pelo vento.

– O vento te trouxe de volta para cá. Talvez devesse se segurar nesta árvore.

Eu sorrio e passo os dedos pelo tronco velho, onde nossos nomes

foram escritos há tanto tempo que nem me lembro mais quando foi.

– Ainda tem nossos nomes.

– Aqui continua sendo sua casa.

Será?

E eu me pergunto se posso fazer de Beaverton minha casa de novo.

Ian Callaghan volta a minha mente. Tenho vontade de perguntar a Chris se ele o conhece, mas me calo. Não quero dividi-lo por enquanto.

Anoitece quando finalmente estaciono em frente a minha casa.

O telefone toca insistentemente e eu corro para atender.

– Julia, é Carla!

– Carla! Que bom que ligou. – Digo realmente feliz.

Carla e Jane eram minhas amigas do tempo de colégio e, como tudo em Beaverton, tinham ficado para trás.

Ela parece a mesma pessoa. Simpática e animada, enquanto faz as mesmas perguntas que eu acredito ouvirei muito dali pra frente. Como foi em Londres, se vou ficar em Beaverton...

A primeira pergunta é fácil de responder. Já a segunda eu não sei responder nem pra mim.

E eu acabo dizendo isto a Carla, que ri compreensiva.

– Vamos sair amanhã? Podemos tomar um café, conversar com mais calma.

– Claro, eu adoraria.

Depois de marcarmos de ela passar na tarde seguinte para me pegar, desligo e subo para me trocar. Ainda tenho que preparar o jantar antes que Jack chegue.

Hesito ao tirar a blusa de Ian Callaghan. Será que o verei de novo? Eu quase estou ansiosa demais com a possibilidade.

Meu pai fica imensamente aliviado ao comer de novo a minha comida e não a sua própria e eu fico satisfeita. Gosto de cozinhar para Jack, fico

imaginando como é que ele sobreviveu dois anos sem mim. Enquanto estamos sentados na sala depois do jantar Jack toma sua cerveja assistindo jogo, enquanto eu o observo. Parece o mesmo Jack de sempre. Talvez alguns cabelos brancos se olhar mais de perto. Será que ele nunca pensou em se casar de novo? Faz muito tempo que minha mãe morreu e nunca vi Jack com ninguém. Obviamente ele deve sair com alguém, aparentemente nada sério. Ele nunca me apresentou nenhuma namorada.

Talvez seja este meu destino. Ficar com Jack.

– Está vendo algum cabelo branco? – Ele resmunga ao me pegar o encarando.

Eu sorrio.

– Vários na verdade.

– Devia sair, em vez de ficar aqui contando os cabelos brancos do seu velho.

– Eu fui até a fazenda dos Wilson hoje.

– Ah é? Aposto que Chris ficou feliz em te ver.

– Eu também fiquei feliz em vê-lo.

– Por que não liga pra ele? Podiam ir dar uma volta.

Franzo a testa.

– Ainda tentando me jogar para cima de Chris?

Jack fica surpreendentemente vermelho.

– Por que não?

– Somos apenas amigos, pai! Já devia ter percebido!

– E daí? Muita coisa pode surgir de uma amizade...

Eu rolo os olhos e me levanto.

– Achei que este papo tivesse ficado na minha adolescência... – eu me aproximo e o beijo no rosto. - Vou dormir, boa noite pai.

– Boa noite, Jules.

Na porta eu me viro.

– Pai?

– Sim?

– Você conhece... – Eu ia perguntar se ele conhece Ian Callaghan. De

repente acho que não será uma boa perguntar a ele.

– Conheço quem?

– Nada... ninguém.

Subo para o quarto e vou até a janela. A noite está escura e gelada. Estremeço de frio, enquanto me preparo para fechar o vidro então paro intrigada.

Tenho a impressão de ver um movimento perto das árvores. A noite continua silenciosa. Provavelmente apenas o vento.

Fecho a janela e vou dormir.

Naquela noite eu sonho com Ian Callaghan.

Há sol acima de nós e estamos na clareira. Seus olhos verdes fixos nos meus. Ele está tão perto que sinto seu hálito quente.

Aspiro. Ele respira dentro da minha boca.

Acordo ofegante. Frustrada. Ele não me beijou no sonho. Quase posso rir de mim mesma. Talvez devesse me preocupar. Estou desenvolvendo uma leve obsessão por Ian Callaghan.

Carla chega na hora combinada parecendo genuinamente feliz em me ver.

– Você ainda é a mesma Julia. – Comenta enquanto estamos sentadas no café. – Com estes cabelos longos fabulosos. Continuo sentindo inveja.

Eu rio, sacudindo meu cabelo castanho escuro que vai até minhas costas.

– Você também não mudou nada.

– Não diga isso. Fala que eu mudei pra melhor. Não reparou que não uso mais aqueles óculos horrendos?

– Sim, reparei.

– Uso lentes agora.

– Como vai Brad?

Ela me conta sobre seu namorado que está cursando direito em Yale e

virá para as férias em breve. Enquanto ela descreve sua ansiedade por vê-lo e todos os planos que eles têm para quando Brad voltar, me vejo sentindo inveja de Carla. Eu não sou uma pessoa invejosa, mas Carla parece tão feliz com sua vida. Tão completa. Tão certa de seu futuro.

Ela tem alguém.

Este pensamento me incomoda. E eu fico aliviada quando vejo Austin Johnson entrando no café, me distraíndo dos pensamentos sombrios.

– Olhe, não é Austin Johnson?

– Sim, é ele.

– Ele ainda namora a Jane?

– Jane está em Portland. Eles ficam de vez em quando, acho que nunca vai dar em nada! Jane não se decide... vai acabar perdendo-o de vez.

– Sempre acreditei que eles ficariam juntos.

– Eu também...

Ela acena para Austin e ele vem em nossa direção.

Austin Johnson parece ligeiramente mais gordo e abre um grande sorriso quando me vê.

– Olha só, Julia Simmons!

Nos abraçamos como velhos amigos e eu tento fingir que Austin não me mede com interesse mais do que amigável.

Então isto também não mudou?

– Você está... ótima.

– Obrigada. – Reparo que Carla tem um olhar malicioso.

– E aí, veio passar férias ou...

– Por enquanto apenas férias, veremos...

Eu e Carla nos despedimos depois de um tempo e Austin diz que vai me ligar.

– Vamos marcar um cinema...

– Claro... vai ser legal, né Carla?

Carla que percebe minha manobra, não se esquiva.

– Vamos marcar no fim de semana que Brad estiver na cidade!

– Combinado então. – Austin concorda desanimado e, de repente, me

encara meio sério. – E Julia... espero que...

– Vamos, Julia. – Carla me puxa antes que Austin consiga dizer seja lá o que queria dizer.

O vento frio nos atinge em cheio no estacionamento.

Carla está rindo enquanto caminhamos para o carro.

– Austin parece voltar a ter 13 anos quando te vê!

– Ai, Deus, e eu achei que tivesse passado junto com as espinhas!

Nós duas rimos e então eu paro, com a mão na maçaneta.

Uma picape preta está estacionando a alguns metros. E de dentro sai Ian Callaghan.

Meu interior se agita inteiro.

Ele caminha pelo estacionamento em direção ao café. Carla acompanha meu olhar. Eu não estou prestando atenção a mais nada. Murmuro um “espere um minuto, Carla”, enquanto corro atrás de Ian.

– Ian, espere!

Ele se vira e parece muito surpreso quando me vê.

Na verdade, surpreso talvez não seja o adjetivo correto.

Eu o alcanço ofegante.

– E aí... tudo bem? – O cumprimento com um sorriso trêmulo nos lábios.

Eu não havia imaginado. Ele é realmente lindo.

Ainda me deslumbra.

– Oi.

Apenas isto. O rosto perfeito está sério.

Distante.

Meu coração dói.

– Preciso devolver sua blusa. – Digo, meio sem graça.

Imagino meu rosto corado. Meu sorriso idiota.

– Pode ficar, tenho várias iguais.

– Oh... – meu sorriso congela no rosto.

Agora estou vermelha não mais de excitação. E sim de consternação.

Quem diabos era aquele cara estranho? Ele foi tão gentil comigo na clareia e agora...

Está me tratando friamente.

– Não, eu preciso mesmo devolver. – Falo no mesmo tom.

– Ian?

Ele se vira quando a voz feminina chama seu nome.

Eu olho através dele. Não estou preparada para a onda de ciúme que me toma ao ver a mulher perfeita que sai do carro. O vento sacode uma juba castanho clara com mechas loiras estratégicas. Ela me encara com seus olhos verdes bem maquiados como se eu fosse um ser rastejante que gostaria de esmagar com seus saltos finos.

– Já vou. – Ian me encara novamente.

Ainda distante.

Agora eu me pergunto quando foi que eu sonhei que um dia ele estaria a meu alcance.

Fico esperando que ele diga alguma coisa. Qualquer coisa.

Ele simplesmente acena com a cabeça e se afasta. Entra no café com a linda garota. Os dois parecem perfeitos juntos.

Tenho vontade de chorar e isto me assusta.

– Julia? – Carla continua no mesmo lugar.

Eu a encaro e ela tem o semblante grave.

– Tudo bem?

– Claro. – Respondo, tentando soar realmente tranquila, enquanto dou a volta para entrar no carro. – Vamos?

– Você os conhece? – Pergunto depois de um tempo.

Ainda me sinto meio chocada com a cena no estacionamento.

– Os Callaghan? Casualmente... – Carla responde. – E você... conhece o Ian? – Ela pergunta como se fosse algo muito absurdo eu, Julia Simmons, ter alguma amizade com Ian Callaghan.

– Eu o conheci ontem... – conto a ela a versão resumida da clareira.

– Entendo... – ela mantém o rosto fixo na estrada.

– Aquela moça... é a namorada dele?

– Rebecca? Não! É irmã.

– Ah... – sinto um alívio desoprimir meu peito.

Quero perguntar mais. Quero perguntar tudo.

Se fosse Jane em vez de Carla com certeza já estaria me contando toda a árvore genealógica dos Callaghan.

– Eles moram há muito tempo na cidade?

– Uns três anos. Compraram a propriedade ao lado dos Wilson.

– A casa dos Robinson? – Ester e Lois Robinson eram dois artistas plásticos excêntricos de meia idade e tinham a propriedade mais linda da região. Quando era criança e ia brincar com Chris, nós adorávamos fugir para a casa dos Robinson para admirar as esculturas nos jardins.

– Ester se mudou para Portland depois que Lois morreu.

– Lois morreu?

– Já faz quatro anos, Julia!

– Ah... eu não me lembrava – murmuro, aturdida, Carla sorri compreensiva.

– Tudo bem. Enfim, os Callaghan moram lá agora.

– Ian me disse que fez faculdade em Corvallis.

– Sei... – eu espero que ela continue, Carla não fala mais nada até que me deixa em frente a minha casa.

– Me liga, ok?

– Sim, ainda temos que marcar o cinema com Austin. – Brinco e ela ri.

– Com certeza! Encontro duplo!

Eu rolo os olhos.

– Que Jane nunca te ouça dizer isto!

– Deus me livre! – Ela ri e eu salto.

Quando entro em casa, me surpreendo ao ver Jack e Chris sentados à mesa.

Eles param de falar quando me veem.

– Chris! Por que não me avisou que viria? – Pergunto, tirando o casaco.

– Estava passando.

Eu finjo que acredito.

– E você pai, não está cedo para estar em casa?

– Não tão cedo... Como foi o passeio com a Carla?

– Ótimo.

“Encontrei o cara por quem estou obcecada e ele me tratou feito lixo, mas tudo bem.”

Tento não pensar nisto e muito menos falar enquanto preparo o jantar.

Jack convida Chris pra ficar e eu gosto. Distrações. Preciso muito delas no momento.

Depois do jantar, Chris pergunta se quero dar uma volta e eu digo que não.

– Estou marcando um cinema com Austin Johnson, Carla e o namorado... você está convidado, claro.

– Austin Johnson?

Eu me lembro que Chris não gostava muito de Austin.

– Não me diga que ainda não vai com a cara dele?

– Ele continua o mesmo babaca de sempre.

– Não fala assim. Ele é legal.

– Ele era a fim de você...

– Coisa de adolescente. – Desconverso.

Chris não parece muito convencido.

Depois que ele vai embora, resmungo alguma desculpa a Jack e subo para meu quarto.

A blusa de Ian continua lá.

Lembro-me de como ele me tratou hoje. Fico tão intrigada... E até um pouco irritada. Será que vai ser assim? Nos encontraremos casualmente pela cidade e ele vai me ignorar ou me tratar friamente como se eu não fosse nada?

Bem, eu realmente não era nada!

E talvez estivesse sendo ridícula. Fiquei deslumbrada por um cara desconhecido. Um estranho. Que não tinha o menor interesse em mim. Fim

da história.

Cansada, pego a blusa e a dobro, colocando-a numa sacola. Ian pode ter dito que possuía várias, eu ia devolver assim mesmo. Não quero nada que me lembre dele.

E depois, eu nem me lembraria de sua existência.

O difícil era dizer isso ao meu subconsciente.

Desta vez sonho que estou caminhando pela floresta densa e escura e tento chegar à clareira. Nunca consigo. E meu coração se despedaça, porque eu sei que não vou chegar a lugar nenhum.

No dia seguinte, depois que Jack sai, entro no carro e pego o caminho da antiga propriedade dos Robinson. Não quero pensar muito no que estou fazendo enquanto dirijo pelas estradas molhadas de Beaverton.

A casa continua linda, toda rodeada pelo jardim de esculturas verdes de árvores. Respiro fundo e apanho a sacola. Toco a campainha e espero um longo tempo. Até me dar conta de que não há ninguém ali. Dou a volta pela casa. Espio lá dentro como um ladrão curioso. Não há menor sinal de vida. Mesmo assim, largo a sacola na porta da frente da casa.

E, naquela noite, eu finalmente tenho coragem de perguntar a Jack.

– Conhece os Callaghan?

Tento parecer casual, enquanto jantamos. Jack para e me encara com a testa franzida.

– O que tem os Callaghan?

– Nada... vi dois deles na loja dos Johnson outro dia... Ian e Rebecca...

– E por que o interesse?

– Oras não os conheço! Carla comentou que eles se mudaram para a casa dos Robinson. Fiquei curiosa, só isto...

– O que mais Carla disse? Este povo da cidade fala demais...

– E o que há para dizer? Alguma fofoca?

– Claro que não, Julia! – Jack parece irritado.

Ele volta a comer e eu acho que deu o assunto por encerrado, então ele volta a falar depois de um tempo.

– Alan Callaghan é um congressista aposentado. Você não é muito

ligada em política por isto nunca deve ter ouvido falar da família Callaghan. Eles vêm de uma longa linhagem política. A esposa de Alan, Jill, é uma mulher muito digna. Gosta de decoração e jardinagem. Eles têm três filhos, os gêmeos Ian e Rebecca a mais jovem ainda é adolescente, Tess.

– E o tal... Ian? Ouvi dizer que ele fez faculdade em Corvallis, ele mora na cidade agora?

– Não sei Julia, quanta pergunta!

Eu não falo mais nada. Para quem quer fingir que Ian Callaghan nunca existiu estou muito curiosa sobre sua vida. Preciso começar a agir como adulta e esquecer esta paixão sem sentido.

Ian Callaghan não é pra mim. Ele deixou bem claro.

Carla aparece no dia seguinte.

– Oi, e aí, o que anda fazendo?

Dou de ombros.

– Nada... lendo... cuidando de Jack... Vendo Chris...

– Chris Wilson? Ainda são amigos... – Ela parece muito espantada.

– Por que não?

Ela fica vermelha.

– Nada, é que... passou tanto tempo fora...

– Eu também fiquei meio na dúvida se as coisas seriam as mesmas, meus receios foram infundados. Ainda somos amigos.

– Ele gostava de você né?

Eu suspiro. Sim, eu havia confessado muitas coisas a Carla, me recordo agora.

– Foi há tanto tempo...

– Bom, eu só fico preocupada...

– Esquece Carla.

– Tudo bem, na verdade eu vim te fazer uma proposta.

– Proposta?

– Sim. Então, você sabe que estou dando aulas no Beaverton High School.

Carla havia se formado em Biologia. Era engraçado pensar nela dando

aula no mesmo colégio em que estudamos.

– Sei, me contou ontem.

– Eles estão precisando de um professor substituto de literatura. Eu indiquei você.

– Eu? Nunca dei aula, Carla!

– Eles sabem que acabou de se formar... como está sem fazer nada...

Mordo os lábios, pensativa.

– Eu não sei...

– Vai ser legal! Vamos trabalhar juntas!

– Não sei se quero ficar...

– É temporário. E se decidir ficar... quem sabe? Pode conseguir a vaga efetiva. Marquei com o diretor amanhã, ok? Vá, converse com ele, por favor.

– Tudo bem. Eu vou.

Carla bate palmas, animada.

– Vou adorar você lá!

Eu começo a me empolgar também.

No dia seguinte estou contratada. E estou realmente entusiasmada com a perspectiva, apesar de ser temporária. Chris me espera em casa e eu conto a ele meus planos.

– Então vai ficar?

– Não foi o que disse. É temporário...

– Bom, pode acabar gostando.

Eu dou de ombros.

– Vamos entrar?

– Pensei em darmos uma volta.

– Claro.

Entro no carro dele e, enquanto ele dirige, eu me lembro de quando andávamos de moto.

Chris ri quando eu conto.

– Achei que seu pai fosse me matar quando descobriu.

– Ele estava mais propenso a me matar. Nunca fiquei tanto tempo de castigo.

– Ficou sim...

– Fiquei não... ou não me lembro... – franzo a testa forçando meus pensamentos.

– Esquece, acho que foi seu maior castigo mesmo!

– Culpa sua! Me levava para o mau caminho.

– Nunca te levei pro mau caminho naquela época... – suas palavras são carregadas de certa malícia e eu desvio o olhar.

Me recordo dos temores de Carla.

– Uau. – Exclamo de repente, olhando para o penhasco que beira o rio. A vista da cachoeira é espetacular – Nunca me canso de olhar, é tão lindo.

– Sim...

– Lembra quando eu queria pular? Você nunca deixou.

– Você sempre buscou o perigo... depois fica dizendo que era eu que te levava pro mau caminho!

– Você sempre me protegeu na verdade... – murmuro.

Ficamos em silêncio e eu penso naqueles dias.

Eles não voltarão mais. É um pouco triste.

Éramos inocentes. Uma inocência que não existe mais.

De repente fico atenta ao reconhecer o lugar por onde estamos passando. É a estrada que leva à casa dos Callaghan.

Fico tensa. Quando passamos em frente à propriedade, eu não consigo deixar de comentar.

– A casa parece vazia...

– Eles foram embora. - Chris diz friamente.

Há satisfação em sua voz.

– Pra sempre? – Murmuro.

– Não faço ideia. Já foram tarde...

A casa fica para trás. E eu sinto um pesar profundo.

Os dias passam arrastados.

De manhã eu dou aula. Passo as tardes com Chris e as noites com Jack. O namorado de Carla aparece e, como combinado, vamos ao cinema. Convido Chris, ele e Austin passam a noite inteira trocando farpas. Seria engraçado, se eu não estivesse começando a me preocupar com Chris.

As coisas são diferentes agora e eu não tenho mais como negar. O jeito que ele me olha como se ansiasse por algo... como se esperasse algo me assusta. Não deveria. É Chris, meu melhor amigo desde sempre.

E está apaixonado por mim.

O que devo fazer?

Me afastar de vez é impossível. Me aproximar não parece certo.

– Quero te levar pra jantar amanhã.

Eu e Chris estamos na varanda da minha casa. Jantamos com Jack que agora assiste a um programa de pesca na TV.

Eu mordo os lábios, indecisa.

– Não gosta da minha comida? – Tento levar na brincadeira, Chris não ri.

– Estou te chamando para um encontro.

Lá está. O que eu esperava. O que eu temia.

– Não sei o que dizer. – Confesso.

– Diz sim.

– Chris...

– Não quero te pressionar. – Sua mão segura a minha. - Eu não vou te pressionar. – Garante com firmeza e eu acredito.

E por que não? Me recordo de Carla e Brad. Da inveja que sinto. Daquele anseio profundo de querer o mesmo pra mim. De sentir falta de algo que nem sei o que é.

– Tudo bem. – Aceito e ele sorri.

– Boa noite, Jules – Ele se despede e vai embora.

Ele parece feliz. Eu fico feliz por ele.

Não por mim.

O que me faz sentir culpa. Porque, quando fecho os olhos na minha cama, não é em Chris que eu penso. E sim num cara de olhos verdes e cabelos bagunçados pelo vento.

Um cara que nem existe mais pra mim.

Quando acordo no dia seguinte e abro a janela, ainda sonolenta e vestindo pijamas, levo um susto ao ver uma picape preta parada na minha porta.

E em frente a ela, Ian Callaghan me encara, alheio à chuva fina e fria.

Capítulo 3

Por um momento eu acho que ainda estou sonhando.

Realmente não parecia possível que, depois de me tratar tão friamente como se lamentasse muito ter me conhecido e desaparecer por dias sem deixar rastro, Ian Callaghan estivesse defronte a minha casa.

Mas ele está.

Sinto meu coração bater disparado no peito, um calor esquentar meu rosto, apesar do frio.

Não sei o que fazer.

Quero fechar a janela na sua cara e ignorar sua presença. Quero correr em sua direção e pedir que ele me beije. Não consigo me mexer para fazer uma coisa nem outra.

Consigo apenas ficar ali, deslumbrada com sua presença.

Então ele sorri. E sinto meu estômago sendo sugado.

– Vai descer ou quer que eu suba pela sua janela?

Respiro fundo antes de responder.

– Eu desço. – Respondo rápido.

Com medo que ele desista e vá embora.

De vez.

Não estou preparada para que aconteça de novo.

Saio da janela e desço as escadas pulando os degraus. Nem sei como não caio ao abrir a porta e vê-lo de perto.

Ao meu alcance.

– Oi.

Ele parece mais lindo do que antes.

– O que faz aqui? – Pergunto ainda perplexa.

Ele dá de ombros, desvia o rosto. Como se pensando numa resposta. Acho que nem me importo mais com os porquês.

Só quero que ele não vá embora.

– Parece surpresa.

– Você sumiu.

– Tive que viajar.

– Fui a sua casa.

Ele franze a testa.

– Realmente?

Dou de ombros, ruborizada.

Agora ele vai achar que sou uma stalker maluca.

– Fui devolver a blusa. – Minto. – Não havia ninguém.

– Todos nós viajamos.

– Parecia... que não ia voltar nunca mais. – Tento engolir de volta minhas palavras, é tarde.

Cada vez mais me afundo.

– Enfim... – Quero parecer prática e desinteressada. – Deixei sua blusa lá, não sabia o que fazer.

– Podia ter ficado com ela. Como um presente.

– Não, obrigada. Não quero presentes.

Ele sorri.

Derreto mais um pouco.

Me mexo sem saber o que fazer com os arrepios no meu corpo.

– A que devo sua visita? – Indago num murmúrio.

– Vim te convidar para dar uma volta comigo. Achei que tivesse gostado da clareira. Ver um pouco de sol.

Abro a boca várias vezes surpresa.

– Está falando sério?

Sei que pareço uma idiota, porém este cara me confunde demais.

Ele sorri. Mais arrepios.

– A menos que não queira ir. – Ele fica sério de repente. – Se tiver outro compromisso.

– Não. – Respondo rápido. – Eu vou... trocar de roupa e...

Ele parece relaxar de novo.

– Tudo bem. Eu espero.

– Eu vou... subir. Se quiser entrar e esperar...

Ele entra e eu fecho a porta.

Ian Callaghan é tão perfeito que parece muito estranho tê-lo ali na minha simples casa.

– Não vou demorar. – Prometo, ainda com aquele medo idiota de que ele desista por algum motivo.

Subo as escadas correndo e troco de roupa rapidamente.

Olho-me no espelho enquanto escovo os dentes, lançando um olhar crítico ao meu jeans e suéter. Nada bonito ou glamoroso. Teria que servir.

Afinal, era só uma caminhada não era?

Sinto borboletas em meu estômago quando finalmente desço e ele ainda está me esperando.

Na minha cozinha.

E encaro a mesa surpresa, ao ver que preparou um prato de cereal pra mim.

– Achei que devia comer antes de sair.

– Não precisava ter feito isto. – Digo sem graça.

– Sente-se e coma, Julia Simmons.

Eu faço o que ele pediu.

E, enquanto como com Ian Callaghan me observando, fico achando que perdi alguma coisa.

Aquele é o mesmo cara que me tratou feito lixo há alguns dias. Agora está ali todo fofo na minha cozinha, me chamando pra sair e fazendo cereal pra mim.

Sei que deveria estar lhe fazendo perguntas neste momento. Só não consigo sair daquele estado de contentamento quase ilusório que a presença dele me causa. Então apenas me apresso a comer e depois saímos para a manhã fria.

Ele abre a porta do carro pra mim e eu deslizo para dentro. Dou um pulo de susto ao ouvir um latido vindo do banco de trás.

Ian ri, sentando ao meu lado e eu olho para trás vendo um cachorro me encarando.

– Este é Apolo.

– Você trouxe um cachorro – murmuro aturdida, enquanto ele liga o som e uma música clássica surge no rádio.

– Se não gostar pode mudar. – Ele diz enquanto coloca o carro em movimento.

– Eu gosto. – Respondo ainda olhando desconfiada para o cachorro.

– Não assuste Julia, Apolo.

– Não estou assustada – minto

Espio o tempo pela janela, tentando não ficar olhando pra ele, como gostaria de fazer.

E me pergunto quantas coisas teríamos em comum. A julgar pelo carro supercaro, a casa maravilhosa e os parentes finos, acho que não muito.

Tento não me sentir deprimida.

Ele está ali. É o que importa. Ele voltou porque deve gostar de mim. Pelo menos um pouquinho.

Ian para o veículo na estrada e saltamos.

Me preocupo em me manter de pé sem escorregar enquanto caminhamos. Não tenho muito sucesso, nos primeiros passos escorrego num musgo. Ian ri e eu me sinto mais desajeitada do que nunca.

Apolo nos segue alegremente como se fosse muito acostumado a fazer aquele caminho.

– Me dê a mão. – Ian estende a mão que eu seguro sem hesitar.

Seus dedos se fecham em volta dos meus.

Não quero soltá-los nunca mais.

A caminhada parece fácil com Ian me guiando. E chego a desejar que o caminho não tenha fim.

Então chegamos à clareira que é como eu me lembro.

Linda e iluminada.

– Adoro este lugar... – murmuro, enquanto Ian me guia por entre as folhas no chão.

– Eu também. Gosto de vir aqui para ficar sozinho.

– Oh... então por que me trouxe?

– Eu disse que íamos dividir, não disse?

E seu sorriso é tão maravilhoso que sorrio de volta.

Suspirando.

– Tem certeza que não estragarei seu “lugar de ficar sozinho”?

– Eu quis dizer que gosto daqui pra me afastar um pouco da minha casa, da minha família.

O encaro curiosa.

Ele me faz sentar e se acomoda ao meu lado. Apolo deita diante de nós.

Quero fazer mais perguntas.

Quero saber tudo sobre ele sem parecer curiosa demais.

– Bom, fiquei sabendo que tem duas irmãs... deve ser divertido.

– Divertido ou sufocante. Depende do momento.

– Me contaram que seu pai era um político famoso ou algo assim.

Fico vermelha quando ele me encara com um ar divertido.

– Andou me investigando.

Dou de ombros.

– Todo mundo conhece vocês na cidade. Cidade pequena...

– Eu sei... estava te provocando. Investiguei você também.

Eu o encaro surpresa.

– Sério? – Fico imaginando o que ele descobriu sobre mim. – E...?

– Julia Simmons, filha de Jack Simmons. Sua mãe se chamava Helena e morreu há muitos anos. Morou em Beaverton a vida inteira até ir para a faculdade em Seattle, onde ficou dois anos depois continuou em Londres, de onde acabou de voltar.

– Uau... acho que isto resume tudo. – Me mexo, incomodada. – Me sinto meio incompetente por não ter descoberto tudo sobre você.

– Disse que não tinha me investigado.

– E não investiguei. Minha amiga Carla e meu pai comentaram...

– O quê? – Ian parecia em alerta de repente.

– Que sua família é importante. Que seu pai foi congressista e que tem uma irmã gêmea.

Ele sorri.

– Parece bastante informação.

– Um pouco...

– Posso te pedir uma coisa?

Qualquer coisa.

– Sim.

– Se quiser saber qualquer coisa sobre mim me pergunte.

– Você irá responder?

– Por que não responderia?

Eu dou de ombros.

– Você me confunde. Uma hora foge, me evita e é frio. E agora estamos tendo um encontro.

– Eu tentei realmente ficar longe de você.

Ouvir isto de sua boca me confunde ainda mais.

Então eu não estava delirando.

Ian tinha mesmo me evitado.

– Por quê?

Ele dá de ombros.

– Não tem importância agora...

Respiro fundo.

– Tenho algumas teorias.

– Conte-me. – Ele deita sobre a grama e eu faço o mesmo.

– Você tem uma namorada. – Arrisco, olhando o céu e rezando intimamente para que ele responda que não.

– Não tenho namorada.

Eu busco seu rosto, ele está olhando o céu também.

Ok, ele não tem namorada, mas pode ser pior.

– Você é casado?

– Não.

– Você é gay.

Ele ri alto agora.

– Não, Julia. Não sou gay.

– Você está em Beaverton com uma identidade falsa e faz parte do serviço de proteção a testemunhas.

– É muito criativa em suas teorias.

– Você simplesmente não gosta de mim.

Desta vez ele me encara.

Não desejo que ele veja a insegurança em meu olhar, mas acho que é impossível.

– Achei que gostasse de você. Estou dividindo meu esconderijo. – Há divertimento em sua voz, não em seu olhar.

– Talvez eu esteja enganada.

– Você não sabe de nada.

– Conte-me.

– Eu não sou uma boa companhia para você.

– Então por que estamos aqui?

– Porque não consegui me manter afastado.

– Não quero que fique.

Ele desvia o olhar.

– Não é assim tão simples.

Começo a me irritar. Levanto-me limpando a grama presa na minha roupa.

– Quero ir embora.

Ian se levanta também.

– Julia, me desculpe...

– Por o quê? Por existir?

– Eu realmente não deveria me aproximar de você... – sua voz é cheia de um tormento que não faz sentido algum pra mim.

– E eu realmente queria entender o motivo!

Ele respira fundo, olhando para longe.

O sol já não parece tão bom agora que Ian está longe de mim.

Mesmo que seja em pensamentos.

– Ok, vamos descer.

Ele chama Apolo e começamos a descida.

Enquanto caminhamos num silêncio tenso, sinto meu coração se escurecendo assim como o tempo a minha volta.

Então este é o fim?

Não estou preparada para o fim.

Não agora. Acho que nunca vou estar.

Enquanto tento me manter de pé sem a ajuda das mãos de Ian, penso numa maneira de não deixá-lo ir.

O que uma garota como eu poderia fazer para ficar com um cara como Ian Callaghan?

Lindo, rico e perfeito demais.

Distraída com meus pensamentos, tropeço e quase vou ao chão, ele segura meu braço, me impedindo de cair totalmente.

Chego a me inclinar pra frente, meus cabelos esvoaçando em volta do rosto.

Me aprumo rápido.

– Por favor, não caia. – Sua voz é serena e eu o encaro.

– Falei que sou desastrada.

Ian sorri. É um sorriso triste.

Então ele levanta mão e toca um ponto entre minha orelha e meus cabelos.

Me encolho.

– Você tem uma cicatriz.

Afasto suas mãos, incomodada.

Meus próprios dedos tocam a cicatriz.

– Um tombo bem feio, na verdade. – Digo, voltando a andar.

Ele não pergunta o que aconteceu e eu fico aliviada. Eu realmente sou

uma pessoa bem propensa a acidentes. Tanto, que é quase banal.

Aquele em especial não tinha sido banal. Muito pelo contrário.

Afasto meus pensamentos daquele assunto.

Não era apenas Ian Callaghan que tinha segredos.

Entramos no carro e ele não liga o rádio.

Tenho vontade de chorar.

Quando chegamos a minha casa, saímos do carro e eu mordo os lábios meio nervosa ao ver o carro do meu pai.

– Quer jantar comigo hoje à noite?

O quê?

– Está me convidando para jantar?

Ele sorri.

– Sim. Se quiser...

Eu hesito.

Aquele comportamento estranho dele me deixava confusa demais. Era uma montanha russa de sentimento. Talvez ele tivesse razão. Realmente não era uma pessoa boa pra mim.

No entanto, se ele não conseguia ficar longe, eu não era diferente.

– Sim...

– Julia? – Escuto a voz do meu pai e me viro.

Jack está vindo em nossa direção com cara de poucos amigos.

– Onde esteve? Estava preocupado...

– Pai, não exagera, só fui dar uma volta...

Jack encara Ian.

– Pai, este é Ian Callaghan, acho que já se conhecem.

Ian estende a mão.

Qualquer um ficaria nervoso em enfrentar meu pai.

Ian parecia bem calmo.

– Como vai, Jack?

– Posso saber o que quer com a minha filha?

– Pai, pelo amor de Deus!

– Quero saber as intenções dele...

– Chega pai! – Me irrita e encaro Ian. – Então você me busca à noite?

– Sim. – Ele entra no carro e eu lanço um olhar irado ao meu pai, antes de entrar em casa.

Às vezes aquela superproteção era ridícula.

Entro no quarto e abro a janela. Me surpreendo ao ver Ian fora do carro. Ele diz algo ao meu pai que não escuto e meu pai responde num tom frio.

Então ele entra no carro e parte.

– O quê...?

Desço as escadas e vejo Jack entrando.

– Que diabos estava falando para o Ian?

– Nada demais. – Jack pega uma cerveja na geladeira.

– Nada? Eu te conheço, pai! Espero que não estrague tudo! Este cara é importante pra mim.

Jack me encara.

Parece preocupado.

– Julia, não devia se envolver com ele.

– Por que não?

– Os Callaghan são...

– Ricos? Acha que é um grande problema?

– São pessoas diferentes de nós!

– E daí? Eu sei o que estou fazendo, pai!

– Sempre diz isto...

Rolo os olhos.

– Eu sou adulta agora...

– Eu esperava que fosse realmente...

– Chega! Eu vou sair com Ian hoje. Não sei se vai dar certo ou não. Eu quero que dê.

– Apenas tome cuidado...

– Eu tomarei.

– E Chris? – Pergunta antes que eu me afaste – Achei que fosse sair com ele hoje.

Fecho os olhos me xingando mentalmente.

Droga, eu tinha me esquecido completamente de Chris.

E o que eu faria? Desmarco com Ian dizendo que eu tenho outro compromisso?

Me arrasto para o quarto, me sentindo arrasada, sabendo que é o certo a fazer. A tarde passa enquanto me deito fitando o teto. Cada célula do meu ser grita para que eu desmarque com Chris, minha consciência diz o contrário.

E, quando eu me levanto e apanho as chaves do jipe, penso se estou tomando a decisão correta.

Chris sai dos estábulos e sorri surpreso ao me ver.

Eu não consigo sorrir de volta.

– Olá... o que faz aqui? A gente vai sair hoje...

– É exatamente sobre isto que vim falar.

– Algum problema?

– Preciso desmarcar.

– Por quê?

Mordo os lábios com força, pensando em mil desculpas diferentes, porém este é Chris e, mesmo sabendo que eu posso e vou magoá-lo, digo a verdade.

– Eu vou sair com Ian Callaghan.

Minha voz não passa de um sussurro culpado.

Várias expressões passam pelo rosto de Chris.

Incredulidade. Raiva. E por fim, aceitação.

– Ian Callaghan? – Ele assovia ironicamente.

– Eu sei... parece bizarro que um cara como ele queira alguém como eu.

– Você é maravilhosa, Julia. Por que ele não iria querer?

– Eu sinto muito, Chris, eu...

– Está a fim dele?

– Sim, estou. – Confesso. – Sei que concordei em sair com você, mas somos amigos e não quero iludi-lo...

– Devia me sentir feliz, porém só me sinto pior.

– Chris... sinto muito. Ainda é meu melhor amigo.

– Queria ser mais, mas com Ian Callaghan no páreo, eu já perdi.

Não sei o que dizer.

Porque ele tem razão.

– Eu não tenho como competir, não é? Avisarei Austin Johnson.

Ele se afasta, me deixando sozinha.

Por um momento quero correr atrás dele.

Quero pedir desculpas e...

E o quê?

Eu fiz minha escolha. Agora teria que aceitar as consequências.

E a verdade era que Chris estava na minha vida há tanto tempo que nem conseguia me lembrar desde quando. Era meu melhor amigo. Parte de mim. Só que ele não me fazia sentir como Ian Callaghan.

E eu queria saber o que mais eu poderia sentir.

Hoje a noite eu iria me encontrar com ele. E descobrir.

Capítulo 4

Escuto o carro estacionando em frente a minha casa exatamente às oito da noite.

Dou uma última olhada no espelho um tanto quanto insegura, então desço rapidamente. Infelizmente não a tempo de impedir meu pai de abrir a porta para Ian.

Jack me olha como se eu estivesse indo para um ritual de sacrifício.

Tento não ficar chateada ou brava com ele. Afinal, é meu pai. Realmente não sei o que ele vê de tão errado no fato de eu sair com Ian Callaghan.

Vejo meu pai cumprimentá-lo friamente e me apresso a intervir.

– Oi, Ian, você é pontual.

– E você está bonita.

Eu quase suspiro com o olhar que me lança me sentindo realmente bonita como ele diz.

Meu pai limpa a garganta com um pigarro chato.

– Vamos? – Apanho meu casaco e saio, ignorando o olhar do meu pai.

– Me desculpe pelo meu pai. – Digo dentro do carro.

Ian não parece impressionado.

– Como seu pai é natural que se preocupe com você.

– Ele exagera... Desde que... – Eu paro, mordendo os lábios.

– Desde o quê?

– Nada... – Desconverso.

Ian mal me conhece. E há coisas que ele nem precisa saber sobre mim.

Pelo menos por enquanto.

Nós chegamos a Portland numa velocidade incrível e entramos num restaurante japonês.

Eu sorrio.

– Como adivinhou que eu gosto de comida japonesa?

Ele sorri de volta.

– Apenas um palpite.

Nós fazemos o pedido e a garçonete demora mais tempo que necessário com Ian. Quase sinto simpatia por ela. Se fosse eu talvez estivesse fazendo o mesmo. Ian é quase perfeito demais. O que me faz de novo ficar em dúvida sobre os motivos de ele gostar de mim.

– Parece muito pensativa.

– Só me perguntando o que você vê em mim. – Talvez eu até estivesse sendo sincera demais pra um primeiro encontro, não consigo evitar.

– Você é bonita.

– Não sou.

– Acha que é à toa que Austin Johnson e Chris Wilson são loucos por você?

Eu fico vermelha.

– Não é assim.

– Tudo bem, eu realmente não quero falar de outros caras. Conte-me sobre Londres.

Eu conto a ele sobre minha faculdade, sobre minha adoração pelas irmãs Bronte de como me emocionei ao visitar os lugares onde viveram na Inglaterra.

– Então foi o que fez de mais interessante na Inglaterra?

– Deve me achar tediosa agora.

– Não. Acho fascinante.

Minha respiração acelera e eu perco um pouco do prumo quando ele me encara.

É fácil fazer tudo desaparecer ao redor.

– Muitos caras deviam te achar fascinante.

Eu dou de ombros, incomodada.

– Achei que não queria falar de outros caras.

– Apenas curioso se você deixou alguém te esperando lá.

– Ninguém. – Me apresso a dizer. – Eu não... Fui pra Inglaterra para arranjar um namorado.

– Então não saía com ninguém?

– Não foi o que eu disse. Houve alguns encontros... nada marcante.

Não sei por que ele insiste em saber estas coisas. Realmente não há nada de interessante sobre minha vida amorosa em Londres. Eu estava mais interessada em pesquisar as irmãs Bronte e outros autores do que em paquerar.

– Espero que pelo menos tenha conhecido os lugares interessantes.

– Já esteve lá?

– Algumas vezes, com minha família.

– Devem viajar bastante, não é?

– Às vezes. Minhas irmãs gostam de viajar mais do que eu.

– Como elas são?

– Rebecca é linda e tem consciência de sua beleza. É muito vaidosa e um tanto egoísta. Tess é uma adolescente típica e muito enxerida. Gosta de se intrometer na minha vida.

– Preferia ter irmãos?

– Sem dúvida – ele sorri.

– Deve ser interessante ter um gêmeo.

– Às vezes é um saco ter alguém que te conhece tão bem.

– O que você fez na faculdade?

– Engenharia.

Eu arregalo os olhos.

– Sério? Eu achava que estaria seguindo a carreira política ou algo parecido.

– Meus pais nunca fariam isto. Eles deixaram que eu e minhas irmãs seguíssemos nossos próprios caminhos.

– Parece muito digno da parte deles. Gostaria de conhecê-los.

Acho que fico decepcionada de Ian não comentar nada sobre me apresentar aos pais dele, guardo pra mim.

O que eu estou pensando? Nós mal nos conhecemos!

De repente o celular dele toca. Ian olha o visor e não parece muito feliz com quem quer que esteja ligando.

– Eu vou atender, já volto. – Ele se levanta da mesa e eu seguro minha curiosidade.

Aproveito para levantar e ir ao banheiro.

Quando estou saindo, vejo alguém conhecido.

– Brad! - Exclamo surpresa ao ver o namorado de Carla.

– Oi, Julia – ele me abraça.

– Cadê a Carla?

– Ela acabou de entrar, não a viu?

– Nossa, acho que nos desencontramos.

Ele me mede, reparando no meu vestido.

– Hum, está num encontro.

– Sim.

– Uau. E eu conheço o sortudo?

– Não sei... – Eu lanço um olhar a nossa mesa, onde Ian acabou de se sentar novamente.

– Ian Callaghan? – Brad parece realmente perplexo o que me incomoda um pouco.

Será que todo mundo achava esquisito eu estar saindo com Ian?

– Julia, está saindo com...

– Brad! – Carla aparece e o interrompe. – Deixa a Julia em paz. – E ela sorri, me abraçando rapidamente. – Oi, tudo bem? Entendi que está num encontro?

– Sim, com o Ian.

– Entendi. – Carla parece tão esquisita quanto Brad agora. – Bom, nós vamos nos sentar. Não queremos atrapalhar seu encontro. Eu te ligo amanhã, ok?

– Claro.

Eles se afastam antes que eu possa perguntar qual o problema.

– Isto é... – Ainda escuto Brad falar e Carla o interrompe.

– Cala sua boca! Não é da sua conta.

– Mas...

– Chega Brad!

Caminho de volta a nossa mesa intrigada.

– Eu pedi a conta. – Ian comunica e eu me pergunto se o fato de ele estar terminando nosso jantar abruptamente tem a ver com o telefonema.

– Tudo bem.

E, enquanto estamos no carro, o estranho diálogo entre Carla e Brad ainda me intriga.

O que eles sabem sobre Ian que eu não sei?

Quando estacionamos em frente a minha casa todos os outros pensamentos se tornam secundários.

Há apenas um desejo dentro de mim.

Enquanto me acompanha até a porta, ele segura minha mão, que cabe perfeitamente dentro da dele, aquecendo meus dedos frios.

Gosto da sensação.

Desejo que ele me aqueça inteira naquele momento.

Quero que ele me beije como nunca quis algo na vida.

Espero ansiosa, com a respiração presa na garganta e um frio na barriga.

Então Ian solta minha mão, dando um passo atrás.

– Boa noite, Julia.

Ele se afasta, voltando para o carro e eu fico ali, aturdida.

E continuo ali muito tempo depois de o carro desaparecer na estrada.

Naquela noite, eu tenho pesadelos.

Quando acordo na manhã seguinte, Jack me encara com mal disfarçada curiosidade, enquanto como meu cereal.

– Como foi seu encontro?

– Quer mesmo saber? – Resmungo.

Uma leve dor de cabeça lateja em minha têmpora.

Resultado de uma noite mal dormida.

– Não está mais aqui quem falou...

Ele fica em silêncio por um momento.

– Vai sair com o tal Callaghan de novo?

É o que também me pergunto.

– Não sei. – Resmungo, me levantando e me ocupando em lavar a louça.

– Você está bem? – Jack pergunta.

– Por que não estaria?

– Pensei ter ouvido você gritar ontem a noite.

– Pesadelos.

– Julia... – Suas mãos tocam meus cabelos. Suspiro pesadamente.

Quero afastar suas mãos e dizer pra parar com aquela preocupação. Eu tinha ido embora pra Londres justamente por causa disto.

– Estou bem, pai. – Garanto, com um sorriso não muito seguro.

– Sobre o que eram os pesadelos?

– Não me lembro... – Dou de ombros e é verdade.

Apenas me faziam acordar com uma sensação ruim.

– Não deveria estar saindo com este cara...

Eu me irrita.

– E o que o Ian tem a ver com meus pesadelos? Está começando a exagerar!

– Eu apenas me preocupo...

– Pai, já faz dois anos. Eu estou bem. Por favor, não faça eu me arrepender de ter voltado.

– Tudo bem. Vou deixá-la em paz. Só tome cuidado...

– Não existe motivo pra preocupação, acho que Ian Callaghan nem está interessado em mim...

– Ah é?

– Não quero falar sobre esse assunto.

– Certo. Eu vou dar um pulo na loja.

– Hoje é domingo. Achei que fôssemos almoçar juntos.

– Eu também, mas preciso verificar uns problemas com estoque. Ligue para o Chris.

Depois que Jack sai eu penso se realmente devo ligar para Chris. As coisas não tinham ficado nada bem depois de eu ter desmarcado com ele pra jantar com Ian. Será que eu ainda podia contar com Chris como meu amigo?

Só havia uma maneira de descobrir.

Pego o telefone e disco seu número.

– Oi Chris.

– Jules?

– Sim, sou eu... ainda está bravo comigo?

– Bravo não é a expressão correta...

– Eu sinto muito...

– Para de dizer isto. Eu ainda sou seu amigo, ok?

Eu rio sozinha.

– Então quer vir almoçar comigo?

– Nem precisa chamar duas vezes.

E eu ainda estou rindo quando desligo.

Ia ser tudo como antes. Antes de Ian Callaghan aparecer e bagunçar minha cabeça.

Não que eu não quisesse que ele voltasse e bagunçasse mais um pouco. Porém Ian era estranho demais. Uma hora parecia gostar de mim e outra me tratava friamente e sumia. Talvez meu pai tivesse razão e ele não fosse mesmo bom para mim.

Chris aparece na hora combinada e tudo parece realmente como se nada tivesse mudado.

E eu gosto. Gosto da sensação de normalidade que Chris me dá. Então, em algum momento da tarde, enquanto assistíamos a um filme antigo na TV, ele me encara curioso.

– Como foi seu encontro?

– Chris... Não precisamos falar sobre isto.

– Não somos amigos?

Dou de ombros.

Não quero falar de Ian com Chris.

– Eu não sei... se ele vai voltar. As coisas foram meio estranhas ontem, podemos não falar sobre esse assunto?

– Tudo bem.

Chris não pergunta mais sobre Ian e me sinto aliviada. Só que as coisas já não são tão naturais. Eu não posso simplesmente fingir que Ian não existe.

Chris diz que precisa ir embora quando o filme termina e eu o acompanho até o jardim.

E nós dois paramos surpresos ao ver uma picape preta estacionando.

A alegria e o alívio que sinto quase transbordam em meu peito e, por mais que não deseje esfregar nada sobre o que sinto por Ian na cara de Chris, tenho certeza que é transparente em meu rosto.

Tenho que conter minha vontade de correr pra ele, quando Ian sai do carro. Sua expressão é fria ao ver Chris, que também o encara com descontentamento.

– Ian... não sabia que viria... – Gaguejo, sem saber o que fazer.

– Eu não sabia que estava ocupada. – Ele olha pra Chris.

– Chris está indo embora... Não é Chris?

– Claro que sim! – Não me passa despercebida a ironia na voz de Chris.

Eu já estou em outro mundo agora.

Um mundo onde só existe Ian Callaghan.

– Tchau, Jules. Adorei a nossa tarde. – Ele se aproxima e beija meu rosto.

Fico vermelha, pois sei que fez de propósito.

Olho para Ian para ver sua reação enquanto Chris se afasta e entra no carro.

– O que veio fazer aqui? – Pergunto aturdida. – Se eu soubesse que viria, eu... bem, Chris veio almoçar comigo. – Eu nem sabia por que estava dando tantas explicações, então, de repente Ian estava perto de mim.

E, sem aviso, ele está me beijando.

E tudo o mais desaparece.

Ele me beija com uma familiaridade surpreendente. Não há aquela estranheza normal de quando as bocas se encontram pela primeira vez. Nossos lábios se acariciam como se tivessem feito aquilo milhões de vezes antes. Nossas línguas se entrelaçam como velhas amantes.

Estremeço de puro deleite e me derreto nele, querendo saber se nossos corpos também se encaixarão a perfeição.

E todo meu íntimo dói de um desejo quase desesperado.

Sinto vontade de arrancar suas roupas e as minhas com as unhas e travo meus dedos em sua camisa, enquanto sinto suas mãos em meus cabelos.

O barulho de um motor arrancando me tira do transe e eu me afasto. Só então me dando conta de que Chris ainda estava ali.

Encaro Ian ofegante. Meus lábios ainda sentem o gosto dele.

Meu corpo ainda treme.

– Fez isto para que Chris visse. – É uma constatação.

Ele não nega.

– Ele está apaixonado por você.

– Somos amigos.

– Ele é apaixonado por você – insiste.

Seus dedos passam pelos cabelos num gesto de frustração.

– Te deixei em maus lençóis? Você e ele...

– Não! Eu te disse, não há nada entre mim e Chris. Pode até existir algum sentimento da parte dele, embora sejamos somente amigos. Não precisava... ter me beijado pra demarcar território!

– Talvez eu quisesse apenas te beijar.

Eu ofego de puro prazer.

Quero desesperadamente que ele me beije de novo.

– Eu vim te convidar pra dar uma volta na cidade. – Ele diz e eu sinto certo desapontamento.

Eu só consigo pensar que meu pai não está em casa. E que eu poderia levar Ian até meu quarto e...

Respiro fundo, tentando manter minha mente e meu corpo sob controle.

– Certo. Vou pegar um agasalho.

Entro correndo e pego a blusa. Ao passar por um espelho, vejo meu cabelo em estado lastimável. Solto um gemido de desalento e resolvo simplesmente prendê-lo num rabo de cavalo.

Ian me espera dentro da picape. Sorri pra mim e eu sorrio de volta.

Quero me inclinar e beijar sua boca. Não tenho coragem.

Nestas horas eu queria ser menos tímida. Ou mais experiente. Queria saber seduzir um cara como Ian Callaghan. Me pergunto com quantas garotas ele já deve ter saído. O pensamento me enche de um ciúme dolorido e ridículo.

– O que foi? – Ele indaga intrigado.

– O que foi o quê?

– Parece estar pensando coisas ruins.

– Nada... apenas... curiosa sobre você.

Ele ri, olhando a estrada. Me delicio encarando seu perfil.

– Você disse que era pra eu perguntar qualquer coisa a você.

– Sim, eu me lembro. Pergunte.

– Você realmente não tem nenhuma namorada?

– Não Julia, não tenho.

– Mas deve ter tido várias.

Ele para em um farol e me encara divertido.

– Você quer um relatório de todos meus antigos relacionamentos?

– Não, claro que não...

– Porque talvez eu peça o seu também.

– Só imagino que um cara como você deve ter ficado com muitas garotas na universidade.

– Um cara como eu?

– Bonito, rico...

– Você me faz parecer bem superficial, Julia Simmons.

– Não foi o que quis dizer.

Ele ri, parecendo realmente divertido com minhas conjecturas.

– Chegamos. - Para o carro em frente à livraria e esqueço-me de tudo abrindo um sorriso.

– Como adivinhou que este é um dos meus lugares preferidos?

Ele sorri.

– Não é difícil de adivinhar, adoradora das Bronte.

Nós saímos do carro e ele segura minha mão quando entramos.

Gosto demais disto. De suas mãos nas minhas. A sensação de compromisso que me traz. No fundo sei que estou sendo precipitada, mas não consigo evitar.

Eu passeio pelas prateleiras como uma criança numa loja de doces.

Ian me acompanha com divertimento.

– Gosto do seu sorriso. – Ele diz e eu levanto o olhar de um exemplar de Jane Eyre.

– Você ganhou muitos pontos por ter me trazido aqui. – Guardo o livro na prateleira.

Já tenho todos os livros das Bronte.

– Mas acho que se arrependerá... quando entro numa livraria não quero mais sair.

– Eu também gosto de livrarias.

– Sério? Agora vai me dizer que é grande fã das Bronte.

– Prefiro os mais modernos. – Ele pega um livro na prateleira. – Já leu W.H Auden?

– Nunca.

– É um poeta e crítico inglês, foi a grande voz dos jovens intelectuais de esquerda dos anos 30. Sua poesia é sempre perturbadora... – ele abre numa página e me dá. – Leia.

Pego o livro de suas mãos e leio o poema que se chama Funeral Blues.

Pare os relógios, cale o telefone.

Evite o latido do cão com um osso

Emudeça o piano e que o tambor surdo anuncie

a vinda do caixão, seguido pelo cortejo.

Que os aviões voem em círculos, gemendo
e que escrevam no céu o anúncio: ele morreu.
Ponham laços pretos nos pescoços brancos das pombas de rua
e que guardas de trânsito usem finas luvas de breu.

Ele era meu Norte, meu Sul, meu Leste e Oeste
Meus dias úteis, meus finais de semana,
meu meio-dia, meia-noite, minha fala e meu canto.
Eu pensava que o amor era eterno; estava errado.

As estrelas não são mais necessárias; apague-as uma por uma
Guarde a lua, desmonte o sol
Despeje o mar e livre-se da floresta
Pois nada mais poderá ser bom como antes era.

Fecho o livro ao acabar de ler, sentindo toda a tristeza daquele poema.
Ian parece triste também.

– É lindo.

Ele sorri, pegando o livro das minhas mãos.

– É triste.

– É bonito mesmo assim.

– Vamos embora.

Ian faz questão de comprar o livro pra mim.

– Não gosto de presentes. – Reclamo, enquanto passamos no caixa.

– Nem livros?

– Não quero ganhar presentes de você.

– Mas eu quero dar.

É inútil discutir, então eu aceito o livro.

– Quer tomar um café?

– Claro. – Aceito prontamente e Ian me leva a uma cafeteria no fim da rua.

Adoro estar ali com ele. Desconfio de que adoraria estar em qualquer lugar com Ian Callaghan.

– O que vai fazer agora que terminou a faculdade?

– Eu tenho um trabalho em Portland.

– Ah. – Tento conter minha decepção.

– Mas estou sempre na cidade para visitar meus pais.

– Que bom. – Meu sorriso é amarelo.

– E você?

– Eu ainda não sei direito... provavelmente continuarei o trabalho temporário no colégio em que minha amiga Carla trabalha.

Nós voltamos para casa quando já anoitece.

O que vai acontecer agora? Tenho vontade de perguntar.

Mas tenho medo.

Ian para o carro em frente a minha casa.

– Estou indo para Portland amanhã.

Eu mordo os lábios, apreensiva.

– E isso quer dizer o quê? – Pergunto, o encarando na semiescuridão do carro.

– Julia eu não sei... se sou uma boa opção para você.

– Porque mora em outra cidade? Portland é aqui do lado!

– Se fosse só isto...

– Qual o problema então? Por que todo mundo parece achar que não devo sair com você?

– Talvez eles tenham razão.

– Sou eu que decido. E eu escolho você.

Minha voz sai bem corajosa e firme naquele momento.

E eu chego a ter orgulho de mim mesma.

– Então se você não quer ficar comigo, se... – Eu não consigo

continuar, pois sou puxada pela nuca e sinto seu hálito delicioso em minha língua antes de ele me beijar.

E é um beijo diferente do outro.

Sinto quase um desespero em seus lábios apertando os meus, suas mãos infiltrando-se em meus cabelos. Como se a qualquer momento ele fosse me soltar e nunca mais fôssemos nos ver.

Como se fosse um último beijo.

Meu coração se aperta com a mera possibilidade de uma separação.

E agora sou eu que o beijo de volta com temor desesperado. O desejo me percorre como fogo, marcando minha pele. Crescendo em meu íntimo desmesuradamente.

E um beijo se transforma em muitos. Paramos apenas para respirar e nossas respirações se misturam, até que de novo ele me beija, sinto sua língua procurando a minha, que se enrosca na dele como eu gostaria que nossos corpos se enroscassem.

Meus dedos torcem seus cabelos e eu sinto suas mãos deslizando por minhas costas, me apertando mais. Não é suficiente. E eu gemo perdida num redemoinho de sensações que me fazem desejar que estivéssemos em outro lugar. Onde ele pudesse tirar a minha roupa e eu a dele.

Onde eu pudesse sentir suas mãos em mim. Inteira.

Eu não quero me livrar do fogo. Eu quero me consumir nele.

Uma batida no vidro me assusta e Ian me solta.

Eu acompanho seu olhar e vejo horrorizada meu pai nos encarando com reprovação.

– Saia já deste carro, Julia.

– Oh Deus. – Murmuro, entre chocada e envergonhada.

– Acho melhor fazer o que ele pede. – Ian diz surpreendentemente calmo.

– Me desculpe eu...

– Julia, ou você sai ou... – meu pai ameaça e eu abro a porta saindo.

– Pai, o que pensa que está fazendo?

– Já para dentro!

– Não! Não sou uma criança para agir deste jeito...

– Está na minha casa e são as minhas regras!

– Não acredito que está fazendo isto...

Jack respira fundo e eu sei que está tentando se acalmar.

– Julia, entre. Vou trocar uma palavrinha com seu... amigo.

Eu olho pra Ian.

– Julia, faça o que seu pai pede.

– Mas...

– Nós conversamos depois.

– Vai me ligar, não é?

– Sim.

E sem ter o que fazer eu entro em casa, batendo a porta.

Subo pro meu quarto e abro a janela.

E escuto meu pai dizer.

– Eu não pedi para ficar longe da minha filha?

Não consigo escutar a resposta de Ian que está dentro do carro, estou absolutamente chocada por meu pai ter pedido a Ian para se manter afastado.

– Você disse que ia se afastar, disse... – de novo Ian está falando e eu não escuto. – Sim, ela é adulta... mas é minha filha! E você sabe o motivo de eu estar pedindo!

Sinto meu coração batendo descompassado. Quero ouvir o que Ian diz, não consigo.

– Tudo bem... Não posso concordar, embora você tenha razão. Se ela quiser, não posso impedi-la! - Jack bate a porta do carro com força.

Eu desço as escadas e o encontro.

– Pediu pra Ian se afastar de mim? – Grito.

– Julia...

– Pediu?

– Sim, eu pedi.

– Meu Deus! Como pôde? É a minha vida! Não pode me impedir de sair com quem eu quiser.

– Você não sabe o que está fazendo...

– Não sei? Por que odeia o Ian? Qual o seu problema com ele?

– Não tem nada a ver com o Ian e sim com você!

– Cansei desta superproteção!

– Você sabe o porquê.

– Isto é ridículo.

– Julia, escute. Você pediu pra ir estudar em Londres e eu concordei...

Você diz que está tudo bem, só que Ian... Não é o homem certo pra você.

– Eu devo decidir e não você!

– Apenas me escute...

– Não! Não vou escutar. Já cansei! De agora em diante não se intrometa mais, não vai adiantar, entendeu?

Eu subo as escadas de dois em dois degraus e me tranco no quarto.

Nada o que meu pai dissesse ia me afastar de Ian.

Nada e nem ninguém.

Capítulo 5

Eu durmo mal naquela noite e acordo com olheiras para trabalhar no dia seguinte.

Carla pergunta se estou com algum problema e eu me calo. Sei que posso confiar nela, mas simplesmente não quero falar agora.

Quando chego em casa pego a lista telefônica e acho facilmente o telefone da casa dos Callaghan.

– O Ian está? – Indago quando uma mulher atende.

– Não, ele está em Portland... quem deseja falar com ele?

– Julia Simmons.

– Oh... – A mulher parece surpresa. – Eu sou Jill, a mãe dele. Você quer deixar algum recado?

– Não... tudo bem.

– Ele estará na cidade no fim de semana.

– Certo... obrigada.

Eu desligo. Foi uma idiotice ligar, afinal, ele avisou que estaria em Portland. Por que não pedi seu número de celular? Não me lembro.

Deito na minha cama e pego o livro que ele me deu. Passo a tarde lendo e quando Jack chega, bate na porta meio ressabiado.

– Quer pedir uma pizza?

Eu me sento atordoadada.

– Nossa, perdi a hora...

– Não tem problema. Vou pedir uma pizza.

– Tudo bem.

A semana passa numa repetição de dias iguais. Cinza e frio.

Dias sem Ian.

E uma doce ansiedade define aqueles dias. Conto as horas para o retorno dele a minha vida.

Na tarde de sexta feira, Carla me oferece uma carona até em casa, depois que eu conto que meu pai levava meu jipe para uma revisão de manhã. Enquanto caminhamos para fora da escola, tento parecer animada com seu convite de pegar um cinema à noite, possivelmente segurar vela, já que Brad também vai.

– Eu não sei...

– Vamos, por favor, vai ser ótimo!

– Não quero atrapalhar.

– Consegui convencer Brad a ver um filme romântico, preciso de companhia, provavelmente ele vai dormir a metade da sessão.

Eu rio ao atravessar a porta e então Carla para e eu acompanho seu olhar. Meu coração falha uma batida ao notar a picape preta no estacionamento e Ian Callaghan emergindo dela.

– Hum... aquele não é Ian Callaghan? – Carla comenta querendo parecer casual, não consegue nem um pouco.

– Sim. - Murmuro com meus olhos presos em sua figura insólita.

Meu coração agora está disparado de uma alegria imensurável. Quero correr. Quero me jogar em cima dele. Quero me fundir com ele.

Sua presença me faz ver o quanto sua ausência foi dolorida. E eu me pergunto como vivia antes de Ian Callaghan.

– Bom... acho que ele veio te buscar.

Obrigo meus olhos a se desviarem para Carla. Ela sorri, embora não haja humor em seu rosto.

Ela parece preocupada.

– Qual o problema? Não me diga que também tem algum motivo obscuro para odiar os Callaghan?

– Claro que não! De onde tirou isto? Eu apenas... deixa pra lá.

– Não, fala. – Insisto.

Já estou ficando de saco cheio daquela campanha contra nós.

– Realmente é bobagem, Julia. Acho melhor você ir. A gente se vê...

Ela se afasta e eu finalmente caminho até Ian. O vento bagunça seus cabelos perfeitos.

Ele raspou a barba e agora posso ver melhor seu rosto esculpido que está levemente vermelho do frio. Eu não consigo deter o sorriso em meus lábios.

– Olá, estranho.

– Olá, Julia.

O sorriso dele é capaz de iluminar a tarde cinzenta de Beaverton.

Eu derreto um pouquinho.

– Achei que voltaria somente amanhã.

– Eu também.

E ficamos ali, sorrindo no estacionamento quase vazio, alheios aos poucos estudantes que ainda transitam.

Alheios a qualquer coisa ao redor.

– E agora, fazemos o quê? – Pergunto por fim.

Ele abre a porta do carro pra mim.

– Posso começar te levando em casa.

– Muito gentil da sua parte. – Brinco, entrando no carro.

Ian dá a volta e senta no banco do motorista. De novo escuto uma música clássica no rádio.

– É bonita.

– Eu compus.

– Mentira!

Ele apenas ri.

– Está falando sério?

– Eu toco um pouco de piano.

– Ok, primeiro diz que compõe música e agora diz que apenas “toca um pouco de piano”.

– Gosto de tocar.

– E de compor.

– Componho apenas quando tenho inspiração.

– Ah... – sinto ciúme ao imaginá-lo compondo para alguma garota. – Para uma mulher?

– Também.

Eu mordo os lábios com força. Quero saber se ele comporia uma música para mim. É claro que não faço uma indagação destas.

Chegamos a minha casa rápido demais. Eu o encaro, querendo mantê-lo perto de mim indefinidamente.

– Quer entrar?

– Seu pai pode não gostar muito.

– Ele não está em casa – respondo meio irritada. – Por favor. – insisto.

– Melhor não.

Tento conter minha decepção dando de ombros.

– Tudo bem então, eu tenho muitas provas pra corrigir... – meu tom é ríspido e Ian percebe.

– Eu não quero criar problema com seu pai, Julia – explica e eu o encaro.

– Por que meu pai mandou você não sair comigo?

– Ele é seu pai e só quer te proteger.

– Do quê? Por acaso você é algum vampiro que suga o sangue de garotas indefesas como num romance gótico adolescente?

– Não sou um vampiro, certamente. – Ele ri.

– E nem eu sou indefesa!

– Eu sei.

– Espero que esta implicância do meu pai não mude nada... entre nós.
– o encaro insegura.

Seus dedos tocam meu rosto.

Estremeço.

– Nada vai mudar meus sentimentos, Julia.

Fecho os olhos, perdida nas suas palavras. Espero que ele me beije.

Em vez de me beijar ele se afasta.

Sinto frio.

Abro os olhos e ele está ligando o carro.

– Carla me convidou para ir ao cinema hoje – digo rápido. – Vamos?

Ele sorri de lado.

– Eu não sei...

– Por favor... ela vai com o namorado dela...

– Tudo bem. Eu passo pra te pegar.

– Não, a gente se encontra lá. Também prefiro evitar meu pai por enquanto – completo ao sair do carro.

Passo a tarde corrigindo provas e pensando em Ian. À noite digo a Jack que vou ao cinema com Carla. Ele não faz perguntas, enquanto se acomoda no sofá com uma cerveja.

Quando desço do carro vejo Ian com Carla e Brad.

Torço para que não esteja um clima ruim.

– Oi. – cumprimento meio sem jeito.

Ian sorri e segura minha mão.

– Estou atrasada?

– Não. – Carla responde. – A sessão começa daqui a 10 minutos. Já compramos o ingresso.

Olho pra Ian.

– O nosso também?

– Sim, vamos entrar?

Ian me guia até nossos assentos e eu percebo que gosto demais daquilo. De ele segurando minha mão. Como se fosse meu namorado. E eu nem sei se posso chamá-lo deste jeito. Mesmo assim, aprecio aqueles momentos. Querendo que as horas demorem a passar.

O tempo deveria parar quando Ian está comigo. Infelizmente o tempo voa. Nunca parece suficiente.

Nós saímos do cinema, Carla e Brad se despedem.

Ian me leva até meu jipe neste momento eu me questiono por que insisti em vir sozinha.

– Quer jantar comigo amanhã?

– Claro.

Me pergunto por que ele não me convida para passar o dia com ele também.

Não quero parecer obcecada.

– Eu passo na sua casa, ou acha que seu pai criará problema?

– Eu me entendo com meu pai.

– Eu acho que... – ele fica sério de repente e eu seguro seu rosto.

– Não acha nada. Eu sou adulta. Faço o que eu quero. Meu pai pode até chiar, mas não manda mais em mim.

Sua mão toca a minha e ele beija a palma, antes de retirá-la do seu rosto.

Ofego. Espero. Anseio.

– Me beija?

Em algum ponto da minha mente, me sinto patética e desesperada. No final das contas nem me importo. Não quando suas mãos enquadram meu rosto. Ou quando ele respira em minha boca.

Gemo baixinho e Ian geme nos meus lábios.

Então eu deixo de pensar.

Agarro sua nuca e suspendo meus pés para ficar mais próxima. Meu corpo queima. Dói.

Preciso me esfregar nele. Me fundir a ele.

Ian para, tão ofegante quanto eu e afasta minhas mãos.

Ele ainda acaricia meus cabelos levemente, antes de praticamente me empurrar para dentro do jipe.

Estou atordoada. A um ponto de chamá-lo para entrar comigo e iniciarmos uma sessão de amassos como a mais delirante das adolescentes.

Ele fecha a porta e se afasta para seu próprio carro.

Respiro fundo várias vezes então consigo ligar o carro e dar partida. Ainda intoxicada por Ian Callaghan.

Passo o dia seguinte meio flutuando numa nuvem de ansiedade.

Jack me olha quando desço toda arrumada, me medindo avaliador.

– Vou sair com o Ian.

Ele respira fundo e passa os dedos pelos cabelos. Sei que está se contendo.

– O seu jantar está pronto. – Informo simplesmente ao ouvir a buzina.

Entro no carro e respiro o mesmo ar que Ian Callaghan. Me inebrio com sua presença.

Ele sorri e, sem me conter, me inclino beijando o canto dos seus lábios. Ele dá partida, uma mão no volante e outra segurando a minha. Sou feliz neste momento.

Ian me leva num restaurante que nunca estive e é lindo e caro. Mas não me importo, na verdade eu mal olho ao redor. Minha atenção está toda nele. Em como ele sorri de lado, em como seus olhos verdes parecem dourados na luz difusa. Bebo suas palavras e faço mil perguntas sobre tudo. Quero saber do que ele gosta. Do que ele não gosta. Como foi sua infância. O que quer para o futuro.

A pergunta mais importante não ousou fazer: Se nós temos futuro.

E no fim da noite, ele me leva em casa. Vejo a cortina mexer e sei que meu pai está me vigiando. Quero pedir que Ian me leve dali. Ele se inclina e beija minha testa, meu nariz, minha boca apenas levemente.

Suspiro.

– Quando te verei de novo? – Não consigo deixar de perguntar, meus dedos ansiosos brincando com os botões de sua camisa.

Ele se afasta um pouco.

– Não vou pra Portland por enquanto.

Eu sorrio, aliviada, feliz. Extasiada.

– Então posso reservar todas minhas noites para você?

É a vez dele de sorrir.

– Algumas horas do dia também.

– Parece perfeito.

– Agora é melhor entrar, antes que seu pai apareça com uma arma.

Eu suspiro pesadamente, lamento o fim da noite e saio do carro.

Já sinto sua falta.

A semana seguinte é como um sonho. Com todas as nuances estranhas que um sonho costuma ter.

Ian preenche meus dias e minhas noites. Não que ele esteja sempre presente como eu gostaria. Mas se não está comigo, estou pensando nele.

Sonhando com ele.

Ansiando por ele.

Tudo gira em torno de Ian Callaghan.

Ele me espera na saída da escola e beija meus lábios frios. Entra na minha casa e espera pacientemente enquanto corrijo infundáveis provas e exercícios escutando minhas lamentações sobre os alunos.

E sempre vai embora antes de Jack chegar.

Me leva para jantar em algumas noites. São sempre lugares fabulosos que eu lamento que sejam tão caros, já que nem me importo com o que estou comendo. Eu apenas espero o fim da noite. Espero por seus lábios nos meus. E espero o dia em que ele não irá apenas me afastar e dizer boa noite.

Quero que ele fique. E me pergunto por que ele não quer.

Talvez não seja questão de querer. Desconfio seriamente que tem tudo a ver com meu pai nos espionando noite após noite. Jack não fala mais nada. Por seus olhares preocupados, por vezes angustiados, eu sei que ele é totalmente contra meu envolvimento com Ian.

No entanto eu já ultrapassei este limite.

E o que dirão os pais de Ian? Ele fala ocasionalmente da família Callaghan, apenas quando eu pergunto. Às vezes comenta algo que fez com as irmãs ou os pais, quando não está comigo. E me pergunto quando irá me apresentar à família.

Numa tarde de sábado eu estou sozinha em casa lendo o Morro dos ventos Uivantes pela enésima vez, mas minha mente não está nas peripécias de Catherine e Heathcliff. Minha mente está na ausência de Ian. Faz dois dias que nos encontramos pela última vez.

Ele havia me levado à livraria e insistido em me dar mais um exemplar de W.H Auden. E quando eu bati o pé de que não queria nenhum presente, ele me chamou de absurda e comprou mesmo assim. E disse pra eu ler que seria um empréstimo.

E até agora ele não ligou. Será que esta será umas daquelas noites em

que ele terá outro compromisso com os Callaghan? Em alguns momentos eu desejo que ele me inclua neles, só não tenho coragem de propor.

Fecho o livro e pego o livro que Ian “me emprestou”. Eu já o li na noite passada e então uma ideia me vem à cabeça.

Antes que perca a coragem, coloco meu tênis e apanho a chave do carro.

Estou um pouco receosa ao tocar a campainha da casa dos Callaghan. Parece mais imponente do que da última vez que estive lá. Mesmo assim, respiro fundo e espero, abraçando o livro em frente ao peito.

Uma adolescente de cabelos loiros me encara surpresa.

– Oi, o Ian está? – Indago rápido.

– É... oi... sim, ele está...

– Eu sou Julia Simmons, pode chamá-lo?

– Sei... – ela sorri de repente. – E eu sou Tess Callaghan.

E sem aviso sou esmagada por um abraço.

– Que bom que finalmente... nos conhecemos Julia!

– Tess quem está aí? – Identifico a voz da moça elegante que estava com Ian no estacionamento dos Johnson. A linda gêmea de Ian, Rebecca.

E Tess me puxa pra dentro.

– Julia Simmons!

Rebecca me encara também surpresa. Será que elas sabem quem eu sou?

– Julia, esta é Rebecca.

– Olá. – Rebecca responde séria.

– Vem Julia, vou te levar até o Ian.

E, enquanto Tess Callaghan me puxa, eu reparo vagamente que a casa é magnífica por dentro. Passamos por uma sala onde um rapaz com boné de baseball não tira os olhos da TV, onde assiste a um jogo.

– Este é o Oliver, noivo da Rebecca! – Diz revirando os olhos, continuando a me puxar pelo corredor.

Então escuto uma música. Alguém está tocando piano. E mesmo antes de adentrarmos a sala, eu sei que é Ian. Ele está distraído, sua atenção no

piano.

Tess me solta.

– Vou deixá-la aqui, tenho certeza que prefere falar com Ian a sós. – Ela diz no meu ouvido e se afasta.

Eu fico ali.

Ian ainda não me viu. Não consigo me mexer, enquanto escuto o som do piano enchendo o ar. A música me enche de uma inesperada e inexplicável tristeza. E só percebo que estou chorando quando ele para de tocar e me encara.

“Eu estou apaixonada por Ian”.

Aquela constatação salta em minha mente, como se estivesse pairando ali, apenas esperando para vir à tona.

“Eu te amo”, quero dizer. “Estou irrevogavelmente apaixonada por você”.

Tantas formas de declaração passam pela minha cabeça num redemoinho de palavras.

Elas me inebriam. Mordo meus lábios com força para segurá-las.

– Julia? – Ian se levanta e vem até mim. – Por que está chorando?

Eu respiro fundo enquanto sinto os dedos dele enxugando meu rosto.

– Eu não sei... esta música é linda. Me emocionou.

– O que faz aqui?

Dou de ombros e mostro o livro.

– Vim te devolver.

Ian sabe que é uma completa mentira, mas não diz nada. Ele pega o livro e o coloca num aparador se voltando para mim.

– Sua casa é maravilhosa.

– Minha mãe tem todo o crédito.

– Deve ser uma mulher de bom gosto. Gostaria de conhecê-la.

– Ela não está em casa. Saiu com meu pai.

– Conheci sua irmã Tess. E Rebecca.

Ele fica tenso.

– Sua irmã Tess parece mesmo um furacão. Ela me abraçou quando

cheguei e me trouxe aqui. Rebecca apenas foi cordial. Também vi o noivo de Rebecca... Parece ser uma família muito legal.

Ele dá um sorriso irônico.

– Todas as famílias são legais de longe.

– Você às vezes critica sua família... mas nunca me conta se tem algo realmente ruim acontecendo.

– Porque não tem. – ele segura minha mão. – Não ocupe sua mente com bobagens... Vem, vou te levar embora.

– Mas...

Ele já me puxa de volta pelos corredores. Desta vez, ao chegarmos à sala, as irmãs de Ian estão lá com o rapaz com boné de baseball.

– Não vai nos apresentar, Ian?

Ele tem um sorriso brincalhão no rosto.

Ian está sério, mas faz as apresentações.

– Julia, este é Oliver, noivo da minha irmã.

– Muito prazer, Julia. – Ele tira o boné, revelando cabelos ruivos e se aproxima, me abraçando sem cerimônia. – Seu namorado esqueceu de dizer que também somos melhores amigos.

Dou uma risada nervosa.

– Oliver, menos. – Rebecca revira os olhos.

– Estou feliz em conhecer vocês. – Digo sinceramente.

– Ian, Julia vai jantar com a gente? – Oliver indaga.

Só então eu reparo que já está escuro lá fora, a tarde caiu totalmente.

Antes que Ian possa responder o que eu acho que seria uma resposta negativa, Tess se aproxima e passa o braço por meus ombros.

– Claro que vai! Estamos felizes que finalmente esteja aqui também.

– Ian fala de você. – Oliver explica.

Eu fico vermelha.

Ian ainda parece tenso.

Eu tento sorrir, para ele ver que está tudo bem.

– Espero que fale bem...

– Com certeza. – Oliver responde – só não disse que era tão bonita...
– Querido, não deixe Julia ruborizada ou Ian com ciúmes. – Rebecca exclama e me encara. – Não ligue para ele.

– Não me importo.

– Bem, vamos comer? A comida vai esfriar! – Tess bate palmas.

– Não pense que a Julia acreditará nem por um segundo que foi você que fez a comida, Tess. – Oliver brinca enquanto vamos para a mesa.

Vejo várias embalagens de comida chinesa.

– Eu não ia fingir! – Ela ri e pisca. – Então Julia, nos conte como é Londres – indaga.

– Ian nos contou que estudou lá. – Oliver explica.

Eu comento timidamente sobre meu curso e Tess faz perguntas sobre a cidade.

– Eu prefiro Paris, vou todo ano. Gosto de comprar roupas, às vezes vou a Londres também... – Rebecca começa um monólogo interminável sobre moda, ocasionalmente cortado por um comentário mordaz de Tess ou uma piada de Oliver.

Ian não fala muito.

Ao término do jantar, dou por encerrada minha incursão na vida dos Callaghan.

– Preciso ir. Obrigada pelo jantar. – Agradeço e Tess sorri.

– Venha outras vezes. Não deixe o Ian te manter só pra ele...

– Chega Tess. – Ian resmunga e me puxa pra fora.

– Me desculpe por ter vindo sem avisar invadindo sua casa – murmuro, realmente me sentindo culpada.

– Não peça desculpas.

– Você não gostou.

– Não é você.

– Então o que é? Acha que eu não gostei da sua família?

– Você gostou?

– Bom, pelo pouco que vi, sim.

Ele ri com ironia.

– Quando Rebecca começar a mandar nas roupas que veste ou Tess fizer birras constrangedoras, pensará de outra maneira.

– Nenhuma família é perfeita... Pena que não conheci seu pai e sua mãe.

– É melhor você ir. Antes que fique tarde e tenha que dirigir sozinha. Eu fico na ponta dos pés e beijo sua boca.

Meus dedos castigam seus cabelos, enquanto movo meus lábios pelos dele, sentindo seu gosto único.

– Venha comigo. – Sussurro colando meu corpo no dele. - Se vai falar do meu pai, ele não está em casa. Está numa viagem de compras para a loja e nem vai voltar esta noite...

– Julia...

– Por favor... por favor... – Imploro dentro de sua boca.

Suas mãos estão em minha cintura e posso senti-lo travar uma luta consigo mesmo. Prendo minha respiração até que escuto um respirar profundo e Ian me afasta.

– Eu sigo seu carro.

Eu apenas sorrio secretamente, feliz demais.

Dou partida e olho uma última vez para a casa dos Callaghan.

E sinto um arrepio incômodo ao ver três silhuetas contra a janela de vidro nos fitando, enquanto o carro se afasta.

Percorremos o caminho e, conforme nos aproximamos da minha casa, me pergunto se Ian vai fazer como em todas as outras noites. Se vai simplesmente se despedir com um beijo de boa noite e partir. Mesmo eu deixando claro minha intenção e avisando que meu pai não está em casa.

Quando chegamos e descemos eu o fito através da semiescuridão da noite.

– Você vai entrar, não é?

Ele hesita. E eu quero desesperadamente entender por quê.

Não é óbvio que eu preciso dele? Que o que eu sinto me consome de uma maneira que às vezes acho que vou entrar em combustão espontânea?

Ele não sente o mesmo?

Espero com a respiração presa na garganta, até que ele ri como se para

si mesmo.

– Como posso dizer não a você, Julia?

– Então não diga... – murmuro.

Eu estendo a mão e ele segura enquanto o levo para dentro.

Capítulo 6

Ian me segue porta adentro.

Meu coração bate descompassado em antecipação. Meu corpo inteiro vibra de uma alegria desmedida. Eu não paro até que estejamos em meu quarto. Não quero lhe dar tempo para nenhuma hesitação e nem abusar da minha sorte.

Sinto sua presença atrás de mim. Suas mãos em meus ombros. Quando me viro, ele se afasta.

– Então é aqui que você dorme.

Eu me sento na cama e bato a mão do lado.

– Vem aqui.

Ele parece indeciso. Eu não.

Nunca estive tão certa de algo na minha vida.

– Eu não deveria estar aqui...

– Você me confunde tanto, Ian... às vezes age como se eu fosse importante e outras... – murmuro insegura.

– Julia – ele se aproxima sentando do meu lado. Toca meu rosto. - Não imagina o quanto... você é importante...

– Por que não quer fazer amor comigo?

– Eu quero.

– Então faça...

– Julia...

Seguro sua mão e beijo seus dedos um a um. Seus olhos queimam.

Levo sua mão até meu seio.

– Ponha suas mãos em mim, Ian.

Ele geme e me beija com força. Em um segundo estamos sobre a cama, seu bem-vindo peso sobre o meu corpo. Suas mãos em mim como eu pedi. Queimando por onde passam.

Eu mal posso respirar e não me importo. Naquele momento eu vivo para sentir Ian.

Nossos corpos se enroscam sobre a cama, meus joelhos se abrem automaticamente para recebê-lo e eu estremeço de um desejo fremente ao sentir sua ereção.

Ah sim. Isso! Era o que eu queria. Precisava. Ansiava.

Tudo derrete dentro de mim, o sangue queima em minhas veias como lava incandescente deslizando pela pele e se alojando num pulsar dolorido entre minhas pernas.

Fogos de artifícios explodem sob meus olhos fechados.

Minhas mãos se apossam dele, há roupas demais no meu caminho. Impaciente, começo a desabotoar sua camisa até sentir a textura de seu peito sob meus dedos. Seu coração bate no mesmo ritmo que o meu. Ele me encara com os olhos flamejantes. Nossas respirações entrecortadas se misturam.

Quero respirá-lo por inteiro.

– Tire minhas roupas. – Peço. Exijo.

Meu corpo está tremendo como folha ao vento. Eu estou derretendo devagar... de repente o barulho da porta se abrindo faz Ian se afastar e eu grito quando vejo meu pai dentro do quarto.

– Posso saber o que está acontecendo aqui?

– Deus do céu, pai! - Digo horrorizada, me sentando.

Ian já está de pé ao lado da cama, fechando a camisa. Quero que um buraco se abra no chão e me trague para todo o sempre.

Que diabos meu pai estava fazendo ali?

– Deus do céu digo eu! Que pouca vergonha é essa?

– O senhor não ia viajar?

– Que bom que mudei de ideia, não é?

– Jack, eu sinto muito – a voz de Ian é controlada.

– Eu esperava mais de você! – Jack está gritando. – O que está pensando? E na minha casa!

– Pai, para de gritar com o Ian! Se quiser tirar satisfação com alguém, que seja comigo!

– Você não sabe o que está fazendo! – Ele se vira para Ian. Acho que

nunca vi meu pai tão nervoso antes. - Você vai contar a ela?

- Jack...

- De que meu pai estava falando? O que tem para contar?

Jack e Ian se encaram como dois galos de briga e eu sinto como se não estivesse presente.

- Talvez você queira contar, Jack. - Ian diz por fim. Sua voz parece calma agora.

Observo meu pai recuar. Passar a mão pelos cabelos, frustrado.

O que diabo está acontecendo?

- Pai?

- Já chega. Ian vá embora.

- Não, ele não vai!

- Julia, seu pai tem razão... É melhor eu ir.

- Eu vou com você. - Seguro sua mão com força.

Ian parece lutar consigo mesmo.

- Não faça isto.

- Eu amo você. Não me interessa mais nada. - Confesso fervorosamente.

E é realmente verdade. Ninguém importa pra mim.

Eu encaro meu pai.

- Você escolheu!

E saio puxando Ian pela mão. Só consigo voltar a respirar quando estamos no seu carro.

- Não deveria ter vindo. - Ian diz.

- Eu decido o que fazer.

- Julia...

- Por favor, ligue o carro e me leve daqui. - Peço subitamente cansada.

Sinto lágrimas queimando meus olhos, mas não quero chorar.

Ian dá partida. A picape desliza silenciosamente pelo asfalto.

- O que meu pai quis dizer?

Ian não responde. O olhar fixo na estrada.

– Nada.

Sei que deveria exigir respostas. Só não consigo imaginar nada de tão terrível.

Nada que me fizesse recuar agora.

– Pra onde estamos indo? – Pergunto depois de um tempo.

Parece que estamos saindo de Beaverton.

– Portland.

– Está me sequestrando? – Um sorriso brinca em meus lábios.

– Eu te avisei para se afastar.

– Talvez eu goste do perigo.

Ele ri.

Não sei se está achando realmente divertido. Parece um riso cheio de desespero.

Não importa. Ian está me levando com ele. Não importa aonde vamos, nem se vamos voltar. Eu confio totalmente nele.

Uma estranha calma me domina. Ian liga o rádio, eu sorrio e fecho os olhos.

Adormeço e, entre o sono e a vigília, tenho a impressão de ouvir Ian falando rapidamente no celular. Quero abrir os olhos. Quero prestar atenção e escutar o que ele está dizendo, não consigo.

Acordo com suas mãos retirando meus cabelos do rosto.

– Chegamos? – Indago, abrindo os olhos e olhando em volta.

Estamos numa garagem subterrânea. Ian está fora do carro com a porta do passageiro aberta, estendendo a mão pra mim.

Ele me puxa e eu me deixo ir, ainda meio tonta de sono.

– Deveria ter me acordado – bocejo quando entramos no elevador.

Apoio minha cabeça em seus ombros.

Ian ri baixinho.

– Eu acordei.

– Queria aproveitar a viagem com você.

– Não tem nada pra ver na estrada a esta hora, Julia.

– Não me interessa a estrada e sim estar com você.

Ele me encara como se eu estivesse falando grandes bobagens. Seus dedos tocam meu rosto.

Ele está triste. Um nó se forma em minha garganta.

– Diga-me, por que quer estar comigo?

Ele não sabe?

– Porque eu te amo. Não há outro lugar que eu queira estar.

– Queria ter tido forças para me manter longe de você.

– Por quê?

– Porque você estava bem sem mim.

– Eu estava porque não te conhecia. Não há como ficar longe de você agora que nos encontramos. Você não sente?

Ele descansa o queixo em meus cabelos.

– Eu te amo, Julia.

Fecho os olhos com força. Seus lábios estão em minha testa. Não há nada mais entre nós agora.

O elevador para e saímos no corredor. Ian abre a porta e entramos num apartamento espaçoso. Uma grande parede de vidro mostra a cidade iluminada. Porém eu não vejo nada. Ian me puxa por um corredor, até entrarmos num quarto.

Arregalo os olhos maravilhada.

O quarto está escuro, exceto pelas luzes da cidade através da grande parede vidro.

– É lindo.

– Você é linda.

Ele se aproxima. Estremeço com cada toque de seus dedos em minha pele conforme ele tira minhas roupas. Faço o mesmo com as dele, meus lábios tocam seu ombro e eu aspiro seu cheiro único, impregnando meus sentidos.

Sinto seus dedos se infiltrando em meus cabelos e levanto o rosto, procurando cegamente sua boca.

E nos beijamos. São beijos diferentes agora. Têm gosto de prelúdio. O primeiro passo para o desfecho final. Deslizo meus dedos por suas costas, seus braços, quero senti-lo inteiro. Quero decorar cada pedaço de seu corpo.

Quero que ele faça o mesmo com o meu.

E, quando finalmente as roupas desaparecem de vez, ele me leva para cama. Sinto os lençóis frios embaixo de mim e Ian acaricia meu rosto. Eu sorrio e beijo sua mão, nossos dedos se entrelaçam. Não há pressa. Eu sei que não tem volta. De alguma maneira bem fundo em meu íntimo eu sei que nascemos para estar assim. Juntos.

– Há muito tempo eu quero estar desse jeito com você – murmuro, puxando-o para mim.

E ele enche minha boca de beijos molhados, que fazem minha mente girar e meu corpo queimar, ansiando por sua boca em outros lugares. Todos os lugares. E eu sussurro em seu ouvido meu desejo e adoro o gemido rouco de satisfação que ele solta, quando desliza por meu corpo exatamente como eu pedi, com dentes, língua, lábios e saliva, mapeando minha pele com seu toque mágico. Ele parece saber exatamente aonde ir para me fazer gemer e ansiar por mais.

Sinto-o respirar em mim. O toque úmido e quente de sua língua em meus seios. Em meu ventre.

No meio das minhas pernas.

E fecho meus olhos, deslizando numa doce inconsciência.

Até que ele se afasta e eu abro os olhos enevoados de desejo.

Ele está pondo um preservativo e isto me excita também. Vou em sua direção e ele me segura. Estou sobre ele e encaro seus olhos intensos, enquanto deslizo sobre sua ereção. Seus braços me apertam e nós gememos juntos. Enfio meus dedos em seus cabelos e o beijo enquanto me movimento devagar.

O prazer é imensurável e me consome.

Sinto-me tão feliz que tenho vontade de chorar.

E só percebo que estou fazendo exatamente isto quando Ian me encara, a expressão de prazer enevoadada pela preocupação.

– Julia... está tudo bem?

Eu sorrio e sacudo a cabeça positivamente.

– Perfeito...

Beijo-o para ele entender e aumento o ritmo.

Ele geme e me aperta mais, me fazendo deitar novamente e eu perco o controle, me agarrando a seus ombros, deixando as sensações crescerem e me dominarem, até me desmanchar embaixo dele, em mil pedaços de um prazer perfeito.

Ian geme meu nome contra meus lábios, estremecendo no próprio gozo.

E eu quero manter este momento para sempre em minha memória.

Abro os olhos depois de um tempo e Ian me fita todo lindo ainda dentro de mim. Levanto a mão e tiro os cabelos molhados de suor da sua testa.

– Julia... Casa comigo?

Capítulo 7

Primeiro eu acho que não escutei direito. Depois que devo ter adormecido e estou sonhando.

Mas é real.

E eu tenho medo de pedir que ele repita para que eu tenha certeza de que não estou alucinando. Pois meu coração já bate descompassado de uma felicidade sem fim.

– Sim.

Ian sorri. E é o sorriso mais lindo do mundo.

Eu começo a rir feito boba.

– Não estou sonhando, não é?

– Se está, eu também estou.

Nós rimos juntos. E ele me beija.

E tudo recomeça.

– Julia, amor?

Desperto com a voz de Ian.

Sonolento e preocupado, ele se inclina sobre mim, beijando meu ombro.

Estremeço. Meu rosto está molhado, assim como meu travesseiro.

– Estava tendo um pesadelo?

Respiro fundo. Dor.

Que eu não sei de onde vem.

– Não consigo me lembrar...

Ele retira os fios de cabelos do meu rosto e enxuga minhas lágrimas. Está amanhecendo lá fora.

– Então durma. Foi só um sonho ruim.

Eu me viro de novo e fecho os olhos. Ian se encaixa atrás de mim.

– Eu não consigo me lembrar destes sonhos... – murmuro, antes de cair no sono de novo.

Quando acordo novamente, está tudo claro.

Estou sozinha na cama e me espreguiço devagar.

Estou feliz. Como nunca estive antes.

Me levanto e vou ao banheiro. Olho minha imagem no espelho.

Meus cabelos estão desgrehados e passo os dedos entre os fios para tentar domá-los. Visto uma camisa de Ian ao passar de novo no quarto e vou procurá-lo.

O encontro sentado sobre o sofá da sala, falando ao telefone.

– Tess, não insista ok? – Ele diz, então me vê e sorri. – Tenho que desligar, tchau.

Ele desliga e me aproximo, deslizando para seu colo, encaixando meu rosto em seu pescoço adorando sentir seus braços a minha volta.

– Bom dia.

– Minha camisa fica bem em você.

Eu o encaro.

– Não tenho roupas.

– Isto não é problema – ele sorri de lado, fazendo um arrepio subir por minha espinha.

Agora eu tenho tempo de olhar a sala a meu redor e a vista me tira o fôlego.

– Uau.

– Você gosta?

– É lindo...

Olho em volta, curiosa. É tudo muito chique e elegante, embora goste mais da casa dos Callaghan em Beaverton. Aqui parece... sem vida. Como se quem morasse ali, não usufrísse muito.

– Mora sozinho?

– Sim, foi minha irmã Rebecca quem decorou. Na verdade é ela que rega as plantas.

Eu rio, imaginando a irmã elegante de Ian por ali.

Meu estômago ronca e Ian me tira do seu colo.

– Vamos comer.

O acompanho até a cozinha e ele me manda sentar enquanto prepara o café da manhã. Sinto cheiro de ovos.

– Uau. Eu costumo comer só um cereal mixuruca de manhã.

– Agora está comigo e eu vou alimentá-la direito – diz, enquanto enche meu prato com ovos e bacon.

– Talvez eu fique gorda depois de alguns anos de casamento e você me abandone.

Ele se inclina para perto de mim.

– Vai mesmo se casar comigo?

– Hoje mesmo se for possível – e o beijo rapidamente.

Ele ri e se afasta.

– Estou falando sério. – Falo com a boca cheia de comida.

Ian ri. Acho delicioso o jeito que ele ri. É um som rico que enche meu estômago de borboletas.

De repente o barulho de um celular tocando me assusta.

Lanço o olhar sobre a mesa onde o celular de Ian vibra.

Ele se vira tenso e pega o aparelho. Está muito sério enquanto escuta a pessoa do outro lado da linha.

Procuro seu olhar. Ele sorri. Não há nenhum humor. Então se afasta.

Me levanto e lavo o prato na pia, me perguntando com quem Ian estaria falando.

Quando termino de lavar tudo, ainda não retornou.

Eu vou pra sala e ele está na varanda do apartamento, de costas pra mim. Não consigo escutar o que está dizendo, só noto a tensão em seus ombros. Mordo os lábios com força. A curiosidade me invade. Quando ele finalmente desliga e volta para a sala, age como se o telefonema estranho não tivesse acontecido.

– Quem era? – Pergunto sem esconder minha curiosidade mesclada com apreensão.

Ele hesita.

Me questiono se estou entrando em terreno proibido.

– Era seu pai.

Oh. Eu não esperava de maneira alguma por aquela resposta.

Talvez que fosse alguém de sua família. Ou quem sabe uma ex-namorada enfurecida. Esta opção não me agradava nem um pouco, seria ingenuidade demais querer que Ian não tivesse destruído alguns corações antes de me conhecer.

Mas meu pai?

– Como é que ele tem seu telefone?

Ele dá de ombros.

Bufo, sem saber se estou irritada ou não.

Eu havia saído de casa brava com meu pai ontem. E, depois de tudo o que aconteceu com Ian, me deixando numa nuvem cor de rosa de felicidade, eu mal pensei no mundo que existia lá fora. Infelizmente o mundo existia. E nele eu tinha um pai que deveria estar furioso.

– Por que não me deixou falar com ele? Ele está muito bravo? Por favor, diga que ele não conseguiu também o seu endereço e está vindo pra cá...

– Não, ele não está vindo pra cá.

– O que ele falou? - Começo agora a pensar na fúria de Jack e em como pode ser ruim pra mim e até pra Ian.

– Ele estava mais preocupado do que bravo, Julia.

– E ele queria falar comigo? Por que não me deixou falar com ele?

– Porque eu consegui acalmá-lo.

Eu o encaro cética.

– Está mentindo.

– Eu disse que estaria te levando de volta pra casa ainda hoje.

– Eu não quero voltar pra casa.

– Julia...

– Não ainda – murmuro, de repente, sentindo certo pavor de me separar de Ian.

Ele se aproxima e eu me encosto nele.

Chega a ser assustador o jeito que eu preciso de sua proximidade.
Seus lábios em meus cabelos. Minhas mãos amassando sua camisa.
Aspiro.

– Julia, eu não quero te levar embora.

– Então não leva – digo, esfregando meu rosto em seu peito.

– Não quero criar mais problemas com seu pai.

Eu fico na ponta dos pés. Respiro em sua boca.

Ian fecha os olhos.

– Você não sente que isto é certo? - Passo meus braços por sua nuca o puxando pra mim.

As mãos dele afundam em meus cabelos.

E ele me beija. Nossas línguas acariciando-se, sentindo o sabor uma da outra.

Quero me perder nele novamente. Quero esquecer a existência do mundo lá fora.

Não sei bem se chego a pedir em voz alta. Só exulto intimamente quando meus pés saem do chão. Até sentir que estou deitada com Ian sobre mim.

Em beijos sem fim.

Me fazendo lembrar dele dentro de mim.

– Faz amor comigo, Ian – peço entre beijos molhados que enchem minha boca.

Minhas mãos se tornam impacientes ao retirar suas roupas.

De repente tudo é só sensação.

E gemidos. E atrito.

E Ian dentro de mim. Rápido. Fundo. Com força.

Os olhos fixos em mim, enquanto me preenche de uma maneira quase espiritual.

Minha alma está sendo possuída.

O orgasmo vem rápido e efêmero. Estremeço. Derreto.

Ian enterra o rosto em meus cabelos e geme alto. Envolver seu corpo trêmulo em meus braços. Não quero mais soltar.

Estou olhando a chuva fina cair através da janela. Minha cabeça repousada no travesseiro. Sinto a respiração de Ian em minha nuca, seus dedos brincando na minha barriga.

– Você sempre tem aqueles pesadelos?

A pergunta surge de repente, sem aviso.

Me assusta um pouco.

Mordo os lábios com força e penso em contar a ele.

– Às vezes – respondo casualmente.

De repente uma desconfiança terrível me domina.

E se Ian souber? E se meu pai contou a ele? E se é por isto que ele ficava sempre tentando se afastar de mim?

O encaro com desconfiança.

Eu posso perguntar. Por outro lado, se perguntar e ele não souber, eu terei que contar.

E eu não quero que ele saiba.

– Não quero voltar pra Beaverton – murmuro.

Ele fica tenso.

– Eu tenho medo que tudo mude – continuo. – Que me convençam que não devo ficar com você. – Confesso.

Ian fica em silêncio.

Quase nem o escuto respirar.

– Eu te amo, Ian. Quero ficar com você pra sempre.

Mais silêncio.

Ouç apenas o som da chuva lá fora.

Então ele me faz virar.

Seu olhar é intenso. Determinado.

Quase voraz.

– Casa comigo?

Eu sorrio docemente.

– Eu já disse que sim.

– Agora.

– Agora? – Eu rio.

Embora saiba que ele não está brincando.

Minha vez de não respirar.

– No Estado do Oregon o prazo da licença de casamento é de três dias...

As ideias se amontoam em minha mente.

Casar com Ian. Não uma ideia abstrata, algo para um futuro incerto.

Agora.

Sou tomada por uma enxurrada de sentimentos.

Exulto. Hesito.

E meu pai? E a família dele?

– Eu te amo, Julia.

Aí está.

O que estou esperando.

Ian me ama.

Não sei por que, mas me ama.

De repente nada mais tem importância. Fomos feitos um para o outro. É tão simples que não há mais um pinga de hesitação em mim.

– Três dias me parece perfeito.

Ele sorri.

Lindo.

Deslumbrante.

Meu.

E eu estou mais feliz do que um dia estive na vida. Ou que me lembre.

Três dias passam como um sonho bom.

Quero me prender em todos os detalhes. Não quero me esquecer de nada. Estou quase intoxicada numa nuvem de felicidade constante.

Depois de me beijar um milhão de vezes naquela tarde, Ian me levou para fazer compras. Obviamente eu torci o nariz, Ian foi prático dizendo que, a não ser que eu preferisse voltar a Beaverton para pegar minhas coisas, eu precisaria de roupas.

Eu tive que concordar. E Ian ainda disse que eu tinha sorte de sua irmã gêmea não estar junto, aí sim seria um pesadelo.

Eu havia ficado meio apreensiva quando ele falou da família. Afinal, o que os Callaghan pensariam deste casamento relâmpago? Nem mesmo isto foi capaz de me tirar da bolha em que eu estava vivendo.

Comprei tudo o que Ian queria obedientemente. E como eu tinha sido uma “boa menina”, ele me levou a uma livraria enorme em Portland e aí sim, eu senti prazer em comprar.

Ele andava atrás de mim, sorrindo docemente, como se acompanhasse uma criança numa loja de doces. Me roubando beijos entre as estantes. Me enchendo com um pouco mais de felicidade.

Depois jantamos num restaurante que ele dizia ser seu preferido e eu havia adorado. Queria que ele compartilhasse comigo tudo o que gostava. Havia tanto a saber. Tanto que eu queria descobrir. Haveria tempo.

Haveria a eternidade.

Quando voltamos pra casa, eu praticamente dormia em pé. Ian me pôs na cama como uma boneca de pano e eu adormeci um sono sem sonhos quase imediatamente.

Foi só quando acordei muito tarde no dia seguinte, que me lembrei que Ian tinha prometido a meu pai me levar embora.

Ian sorriu enquanto preparava meu café da manhã e disse pra eu não me preocupar, pois já avisara Jack.

– Você disse a ele sobre... o casamento? – Indaguei apreensiva.

Ele ficou tenso.

– Não, não disse.

Respirei aliviada.

Era melhor Jack não saber ainda.

Passamos a tarde namorando no sofá enquanto fingíamos ver alguns filmes dos quais nunca me lembraria.

E à noite eu insisti em cozinhar com Ian fazendo piada sobre minhas habilidades culinárias e eu fiquei feliz em mostrar a ele que eu sabia cozinhar, sim senhor.

– Está se casando com uma moça prendada – disse em seu ouvido, depois de pular pro seu colo ao fim da refeição.

Ele riu e me beijou. E me levou pra cama.

Demorou muito até que finalmente dormíssemos. E eu queria me lembrar quantas vezes eu havia me desmanchado de prazer naquela noite. As sensações ficaram impregnadas em mim, assim como seu cheiro. Seu gosto.

A marca dos seus beijos em minha pele.

Me recordava claramente de seus lábios em minha nuca e seus braços me envolvendo quando finalmente o sono nos dominou.

E, sobretudo, sua voz sonolenta em meu ouvido.

– Eu te amo.

E então o terceiro dia amanheceu.

Ian me acordou com um beijo na testa. O corpo morno colado ao meu sob o cobertor. Abro os olhos para seu sorriso sonolento e perfeito.

Pensar que acordarei assim todos os dias me deixa feliz.

– Tenho um presente pra você.

Faço uma careta e ele ri, saindo da cama.

– Tome um banho e vista-se. Vou preparar seu café.

Eu faço o que ele pediu, um pouco curiosa, confesso. Quando entro na cozinha, meu estômago ronca. Me aproximo de Ian e beijo suas costas nuas.

– Cadê a surpresa?

– Sente-se e coma primeiro.

– Precisa parar com toda esta comida gordurosa se não quiser uma esposa gorda e com colesterol alto.

Ele ri, enquanto me serve.

– Eu amarei você mesmo assim. Na saúde e na doença, lembra?

Rolo os olhos, começando a comer.

Ele beija meus cabelos.

– Vou tomar um banho, ok?

Enquanto como, vejo o celular de Ian sobre a mesa. Penso se meu pai ligou mais alguma vez. Acho estranho que ele tenha simplesmente concordado em me deixar com Ian. Ou será que Jack finalmente entendeu que eu cresci e sou dona das minhas próprias decisões?

Acabo de comer ainda pensativa e, enquanto lavo a louça, penso em ligar pra Carla para contar que hoje eu vou me casar. Há uma parte de mim que acha importante compartilhar com ela. Chego a segurar o telefone em minhas mãos, indecisa. O barulho de Ian retornando, me faz recuar.

– Vamos?

– Aonde? – pergunto desconfiada.

– Surpresa – ele me puxa pela mão porta afora.

Em vez de irmos para a garagem, ele me leva para a rua. Há um carro parado e um motorista abre a porta traseira para mim. Eu sento enquanto Ian fica segurando a porta.

– Te vejo no juiz.

– Como assim?

– Dizem que dá azar o noivo ver a noiva antes do casamento.

– Ian... aonde este cara vai me levar?

– Primeiro pra comprar um vestido, depois pra você se arrumar.

– Não sei se... – eu nem tinha pensado nestes detalhes práticos.

Ele ri e fecha a porta.

– Não se preocupe nos veremos no fim do dia.

– Preferia passar o dia com você.

– Passaremos todos os dias juntos de hoje em diante.

– Promete?

– Prometo.

Ele se inclina e me beija rapidamente. Então o carro segue.

O dia sem Ian é meio confuso depois de ter passado as últimas horas grudada nele.

É estranho.

Tento me divertir, enquanto estou numa loja de noivas e me obrigam a experimentar vários vestidos.

Nunca pensei no dia do meu casamento ou em que tipo de vestido usaria. Então é esquisito ver toda aquela profusão de tules e cetim branco.

Por fim, escolho o mais simples.

As noivas se vestem para serem vistas e admiradas. Como somente eu e Ian estaremos em nosso casamento, não faz diferença mesmo.

Depois o motorista, um senhor de meia-idade bem simpático, me leva a um cabeleireiro e eu tenho vontade de sair correndo ao ver todas aquelas mãos femininas, atenciosas e solícitas.

Quando digo que é meu casamento, o negócio fica realmente sério. Tenho que lutar bravamente para não sair de lá parecendo um merengue.

Por fim, tudo termina.

Eu estou pronta.

É estranho quando o motorista me deixa em frente a um prédio enorme e eu respiro fundo, subitamente insegura. Até que a porta se abre e Ian está lá, me puxando para fora.

Ele sorri. E tudo volta a ser perfeito.

– Você está linda.

Dou de ombros, sem graça.

Meus cabelos estão presos num coque intrincado. E uso mais maquiagem que jamais usei na vida. E o ridículo véu que me obrigaram a comprar está em minhas mãos.

– Parece exagero.

– Você é linda de qualquer jeito.

Rolo os olhos.

– E então?

Ele segura minha mão.

– Vamos casar.

Percorremos um saguão elegante e ninguém parece reparar em nós, enquanto subimos um lance de escadas. E me dou conta de que desde que dei meus documentos a Ian, não fiz nenhuma pergunta em como ou quem iria nos casar.

– O que acontece agora? – pergunto.

– O juiz é um velho conhecido. Concordou em nos casar discretamente. – ele pisca, ao abrir uma porta.

Estamos no que parece ser um grande escritório. Um homem de meia idade nos cumprimenta e eu não me lembro direito dos detalhes depois disto.

Como num sonho onírico, apenas vejo Ian dizendo todos aqueles votos antigos e profundos. E digo o mesmo.

Parece muito rápido até que ele está escorregando uma aliança de ouro em meu dedo. Tenho uma aliança para colocar no dedo dele também.

E sou grata por Ian ter pensado em todos os detalhes. Por ter feito tudo perfeito.

E então ele está me beijando.

E o juiz sorri muito prático. Assinamos alguns papéis.

Eu não consigo parar de sorrir quando Ian segura minha mão e me puxa para fora da sala.

– Vamos para casa, senhora Callaghan.

Está escurecendo enquanto dirige para casa. E eu estou feliz.

Agora é definitivo.

Eu não sou mais Julia Simmons.

Sou Julia Callaghan.

E este cara lindo e perfeito do meu lado é meu marido.

É estranho. É assustador.

É maravilhoso.

De vez em quando ele desvia os olhos do trânsito e sorri pra mim. E eu mordo os lábios. Plena de expectativa e felicidade. Eu estou começando o meu pra sempre.

– Cansada? – Ian pergunta ao entrarmos no elevador.

Eu sacudo a cabeça negativamente.

– Não.

Ele sorri, e quando o elevador chega ao andar, solto um gritinho de susto quando ele me ergue no colo.

– É a tradição, senhora Callaghan.

Eu beijo seu rosto e rimos feito crianças quando Ian se atrapalha para

abrir a porta comigo no colo. Ambos paramos de rir instantaneamente ao entrarmos no apartamento.

Há alguém ali.

Avisto uma silhueta feminina contra a parede de vidro.

Eu penso que estou sonhando. Um pesadelo estranho.

Uma mulher está parada de costas. Ela usa uma camisola preta, que mais parece uma lingerie e tem uma taça de champanhe na mão.

– Ian, querido... – ela se vira.

Então seus olhos se arregalam quando nos vê.

Eu não sei quem está mais estupefata.

Se eu, ela.

Ou Ian.

Por um momento suspenso no tempo, ninguém fala nada. Ninguém respira.

Então Ian me coloca no chão.

– O que diabo está fazendo aqui, Susan?

Capítulo 8

A voz de Ian é tensa. Furiosa. Fria.

Eu o encaro. Ele conhece esta mulher?

Claro que conhece! Do contrário ela não estaria no seu apartamento vestindo lingerie.

Ela tinha as chaves. E o chamou de “Ian, querido”.

Meu estômago revira enquanto a realidade vai invadindo minha mente.

Não. Não. Não.

Eu não poderei negar pra sempre. As evidências estão ali.

Sinto minha mente girar. O ar se nega a sair dos meus pulmões.

Estou sufocando.

A mulher chamada Susan não fala nada. Ela parece tão horrorizada quanto eu. Seja lá o que ela for pra Ian, de maneira alguma esperava que ele estivesse acompanhado.

Chego a sentir pena dela por um momento.

– Ian... – ela olha de mim para ele como se estivesse vendo um fantasma.

– Mas que diabos... – Ian pragueja e passa a mão nos cabelos encarando a intrusa – Susan, pelo amor de Deus, vista uma roupa!

– Mas... – ela balbucia.

Ele atravessa a sala e segura seu braço. A taça de champanhe se espatifa no chão. O vejo praticamente arrastá-la pra fora da sala.

Eu me mexo apenas pra poder sentar. Estou tremendo inteira acho que vou vomitar a qualquer momento. Ele disse que não tinha uma namorada.

Então quem era aquela tal de Susan? Que o esperava dentro de casa, vestida pra uma sessão de sexo?

Escuto vozes em algum lugar do apartamento. Não consigo ouvir direito. Apenas um zunido soando em minha cabeça.

Eu almejo perder os sentidos. Quero sair daquela realidade.

Eu preciso.

Não consigo me mexer. Estou paralisada de horror.

Quem era o homem com quem eu me casei?

Não sei quantos minutos se passam até que Ian e a tal Susan aparecem. Ela está vestida e segura uma bolsa. Eu analiso sua aparência pela primeira vez, avaliando-a. É uma moça bonita, com cabelos pretos levemente ondulados na altura dos ombros. Seus lábios com batom vermelho se destacam no rosto pálido de beleza clássica.

Ainda estou analisando-a sem a menor cerimônia, quando ela passa por mim sem falar nada e sai da sala, Ian fecha a porta atrás dela e me encara.

– Julia, sinto muito, eu...

– Sente muito? – Minha voz está calma, embora por dentro eu esteja gritando.

– Deus do céu... – Ian se aproxima, seu olhar é suplicante.

Eu não sinto nada.

– Ela é sua amante.

Não é uma pergunta.

– Ela foi.

Fecho os olhos. Eu não sei o que esperava.

Talvez uma negativa enfática. A confirmação me rasga por dentro. Imaginá-lo com outra mulher me enche de dor.

Abro os olhos e encaro Ian. O cara que eu conheço há tão pouco tempo. A quem confiei minha vida inteira. De repente eu sinto que não o conheço.

Sou tomada por uma raiva cega. Não só de Ian, também de mim mesma.

– Foi é? E o que ela fazia aqui sem roupa?

– Eu não sei.

– Ah, Ian, pode até parecer, mas eu não sou idiota! Por que não me contou? Quanto tempo achou que podia me enganar? Era disso que todo

mundo falava? Você tinha essa tal Susan na sua vida, ela é sua namorada ou o quê?

– Não era uma namorada. É uma amiga.

– Amiga? Todas suas amigas o esperam em casa seminuas?

– Nós dormíamos juntos, Julia. E não acontece mais.

– Desde quando?

– Desde que te encontrei.

– E ela sabe? Não me pareceu que soubesse!

– Nós terminamos. Eu fui sincero quando disse que não tinha ninguém.

– Então o que ela estava fazendo aqui?

– Por algum motivo ela cismou que eu não estava falando sério.

– Podia ter me contado. Devia ter me contado!

– Era passado.

– Não era. Se no dia em que nos casamos ela surge quase nua em sua sala – minha voz se alquebra.

Eu me levanto e ando tropegamente.

– Julia... – Ian tenta segurar meu braço, eu o afasto com um safanão.

– Não ponha a mão em mim!

Saio da sala e me tranco no banheiro. Inclino-me sobre o vaso e vomito até a alma.

Sei que Ian está do outro lado da porta, finjo que não está.

Me olho no espelho. A maquiagem derreteu. Estou horrível.

Mas minha aparência tem conserto. Enquanto eu, por dentro, estou quebrada.

Não sei quanto tempo permaneço ali sem coragem para sair.

Eu não sei o que fazer.

Ian está me esperando. Seu olhar é triste. Sua tristeza não me atinge.

Sento na cama e meus olhos recaem sobre a camisola preta esquecida.

A camisola de Susan.

– Quero ficar sozinha – digo.

– Julia, por favor, eu estou falando a verdade. Eu sinto muito... Não era para Susan estar aqui... Ela achou que... Ela não sabia sobre você. De alguma maneira pensou que podia me convencer a voltarmos...

– Eu não quero saber...

– Mas eu preciso falar! Eu tinha preparado tudo. Aquele champanhe, até esta maldita camisola que ela usava, nada era pra ela, eu tinha deixado tudo pronto pra você para quando voltássemos. Chegar e ver Susan estragando tudo...

– Eu disse... – respiro fundo. – Que não quero saber.

– Você não pode estar acreditando que eu ia te enganar desse jeito...

– Eu não sei. Eu não te conheço, Ian – o encaro cheia de angústia. – Eu não sei do que você é capaz. Eu começo a achar que foi um grande erro me casar com você.

Estas palavras me ferem.

De alguma maneira eu sei que o machucam também. Eu simplesmente não posso lidar com nada agora.

– Por favor, me deixa sozinha.

Ian parece querer insistir, por fim, ele sai do quarto, fechando a porta atrás de si. Eu retiro o vestido. Desfaço o penteado bonito. Lavo meu rosto para tirar qualquer resquício de maquiagem.

Ainda continuo pálida. Meus olhos estão sem vida.

Pego o telefone e disco os números.

– Alô? - A voz conhecida e sonolenta atende.

– Pai?

– Julia...?

– Vem me buscar?

– Filha, o que aconteceu? Você está bem?

– Estou... – vai dar trabalho demais explicar.

– Cadê o Ian? O que foi que aconteceu...

– Pai, por favor, apenas diga se pode vir me buscar...

– Tudo bem. Estou indo.

Não levo nada quando saio do apartamento de Ian duas horas depois. Também não o vejo em parte alguma. Deixo apenas um bilhete no quarto.

O carro de Jack para no meio fio e eu entro, antes que ele tenha a infeliz ideia de descer e tirar alguma satisfação com Ian. Não quero que eles entrem em conflito.

Já basta o nosso conflito.

– O que diabo está acontecendo?

– Podemos ir embora e conversar depois?

– Julia...

– Por favor, pai...

Jack dá partida.

– Você sabia, não é? – Pergunto depois de um tempo.

– Julia, meu bem... Deus do céu... você descobriu...

– Que o Ian tinha uma namorada? Claro que sim! Meio difícil ignorar quando ela está parada na sala vestindo lingerie no dia do meu casamento!

O carro para com um solavanco e eu vou pra frente.

– Pai, quer nos matar?

– Que história é essa de casamento?

Mordo os lábios com força e meu olhar vai pra aliança em meu dedo.

– Eu e Ian nos casamos – sussurro cheia de culpa.

Agora eu percebo o quão imprudente eu fui. O quanto fui tola confiando cegamente em um cara que eu mal conheço. Indo contra os avisos do meu pai.

Tenho vontade de bater a cabeça contra o asfalto.

– Se casaram, é?

– Sinto muito pai... eu sei que fui... imprudente. Eu não deveria ter feito isto... eu não fazia ideia que o Ian tinha esta mulher chamada Susan na vida dele, ele diz que terminaram...

– Espera... foi por isto que pediu para eu vir te buscar? É este o problema?

– Acha pouco? Você não parece surpreso, não é? Com certeza já sabia... como pude ser tão idiota! Por que não me contou que era por isto que

não queria que eu ficasse com o Ian, não acha que devia ter me avisado?

Jack suspira, como se estivesse pensando no que dizer.

– Você estava cega. Duvido que iria me ouvir.

O pior é que eu desconfio que Jack tem razão.

– Me conta o que aconteceu.

Eu conto a Jack. Revivendo aquele momento de horror ao entrar no apartamento de Ian e sendo surpreendida por Susan seminua.

– Aquele... – Jack solta vários palavrões assustadores. - Eu devia voltar lá e quebrá-lo em dois!

– Não vai fazer nada disso.

– Julia...

– Por favor, pai, vamos embora? Eu só quero voltar pra casa.

Ele finalmente concorda.

Chegamos em casa quando está amanhecendo. Me arrasto até a cama e caio num sono profundo.

Acordo suando e gritando. Não me lembro com o que sonhei.

Não está chovendo, só frio e nublado.

– Bom dia – digo em tom neutro ao chegar na cozinha.

Jack me encara preocupado.

– Você está bem?

Colo um sorriso amarelo no rosto ao fitá-lo por cima do meu cereal que não tem gosto de nada naquela manhã.

Tento não pensar em ovos mexidos e beijos roubados.

– Vai trabalhar pai, vou ficar bem.

Ele não parece convencido.

Fica me olhando enquanto como. Como se quisesse me dizer alguma coisa.

Até que solta um suspiro profundo.

– Eu preciso ir trabalhar. Liguei para Carla vir ficar com você.

Reviro os olhos, meio irritada.

Não sei se quero companhia. Não sei se quero alguém me encarando

com pena ou reprovação por ter sido uma idiota.

– E não adianta reclamar. – Jack resmunga e sai porta afora.

Jogo o cereal quase intocado no lixo e volto pra cama. Penso em ligar para Carla e pedir para ela não vir, acabo desistindo.

Talvez Jack tenha razão. Ficar sozinha é perigoso, a vontade que eu tenho é de me esconder na cama o dia inteiro.

Ou dias inteiros.

Ou até passar aquela dor.

Escuto um carro parando no meu jardim e me obrigo a levantar. Caminho até a porta e a abro. Não é Carla que está ali.

É Ian.

Respiro fundo. Desvio o olhar.

Não quero olhar pra ele.

– Ainda não quero falar com você.

– Eu sei.

– Então o que veio fazer aqui?

– Te pedir desculpas. E dizer que vou aceitar qualquer decisão que tomar.

– Decisão? Sobre o casamento?

– Sobre nós.

Sinto o nó na minha garganta se apertar.

Quero chorar. Quero agredi-lo a socos e pontapés.

– Eu ainda não sei... – limpo minha garganta para que minha voz não saia chorosa – o que vai acontecer. Então só... me deixe sozinha por enquanto.

– Tudo bem.

Ele se afasta em direção ao carro.

Fecho a porta e consigo chegar até o sofá, onde me sento encolhida. E finalmente eu choro.

Carla me encontra assim algum tempo depois.

E eu sou grata por ela simplesmente me estender um lenço e me deixar chorar, até que finalmente as lágrimas cessam.

Conto tudo a ela.

– Acha que eu sou uma idiota, não é?

– Você estava apaixonada.

– Uma idiota.

– Talvez devesse ter esperado mais, antes de... se casar e tal.

– É que tudo parecia tão perfeito, tão certo... predestinado, entende?

Como se estar com Ian fosse a coisa mais natural do mundo. Então... eu vejo aquela garota...

– Ele não disse que ela era uma ex?

– Acha que devo acreditar?

– Esta Susan... e se ela for meio obcecada por Ian? E se ela não se conforma que ele tenha dado o fora nela?

– Bom, nem posso culpá-la – resmungo.

Como é que se esquece um cara como Ian?

– O que eu faço?

– Bom, você pode pedir o divórcio. Seguir com sua vida.

Sinto um aperto no peito somente de pensar nesta possibilidade.

Seguir em frente. Sem Ian. Como se ele não tivesse existido em minha vida.

– Ou continua com o Ian e esquece a tal Susan. – Carla completa.

Será que eu conseguiria? Simplesmente voltar pra Ian e esquecer o episódio horrível de encontrar sua ex-amante quase nua na noite que deveria ser minha noite de núpcias?

– Julia, posso te dar um conselho?

Olho para Carla.

– Ian não é o cara perfeito que idealizou. Ninguém é. Nenhum homem. Mas eu acho que ele gosta mesmo de você. De verdade. Então, se for ficar com ele, aceite as coisas como são. Ele teve esta garota na vida dele e está dizendo que a deixou, que quer ficar com você. Às vezes a gente tem que dar um voto de confiança pra voltar a ser feliz.

Eu fico pensando em suas palavras muito tempo depois que ela se foi.

Jack aparece com pizzas à noite. Me estuda preocupado. Pergunta se

estou bem.

– Ainda não sei – digo depois de comer e lhe dou boa noite, indo pra cama.

Nesta noite eu não tenho pesadelos.

Eu sonho com Ian. Sonho que continua como antes. Que estamos juntos. E acordo me sentindo triste, porque não sei se ainda será possível.

Jack já saiu pra trabalhar. Ligo para Carla para falar sobre as aulas, me dando conta de que simplesmente deveria ter voltado ao trabalho.

Carla me tranquiliza, dizendo que deu uma desculpa por mim e que eu posso ficar mais uns dias em casa. Eu acho que devo voltar logo a trabalhar. Ocupar minha mente e meus dias, para esquecer o quanto minha vida está bagunçada.

Por um momento anseio por dias tranquilos. Dias sem paixões turbulentas.

Apenas um dia de cada vez.

Naquela tarde, eu dirijo até a fazenda dos Wilson. Chris está saindo do estábulo e me vê. Ele sorri e eu sinto como se fosse adolescente de novo.

E vou ao seu encontro. Deixo que ele me abrace forte.

Por um momento isto basta. Seria tudo tão mais simples se bastasse sempre.

– Por onde andou? – Ele pergunta finalmente ao me soltar e eu dou de ombros, passando os dedos por meus cabelos bagunçados pelo vento.

Os olhos de Chris se estreitam e eu percebo seu olhar fixo na aliança em meu dedo.

– Isto é uma...

– Aliança – completo. – Eu me casei – falo, dando de ombros casualmente como se estivesse falando de comprar uma blusa nova.

– Casou?

– Com Ian Callaghan.

Eu não sei dizer com certeza se entendo a reação de Chris. Acho que esperei que ele ficasse furioso. Gritasse comigo sobre o quão maluca eu sou por me casar com um cara que mal conheço. Ele simplesmente me encara em silêncio.

– Diz alguma coisa – peço, cheia de angústia.

– Vamos dar uma volta e você me explica tudo.

Nós caminhamos e eu conto a ele sobre meu casamento em Portland.

– E por que está aqui, Julia?

– Porque, quando voltamos pra casa depois do casamento, uma tal de Susan estava lá.

– Susan Willians?

Eu o encaro espantada.

– Você a conhece? Como... Oh Deus, você também sabia, não é?

– Julia – ele tenta segurar minha mão, eu o afasto.

– Que inferno! Todo mundo nesta maldita cidade parecia saber que Ian estava me fazendo de idiota e ninguém foi capaz de me contar? Até você, Chris?

– O que você sabe sobre Susan Willians?

– Além do fato de ela estar esperando por Ian seminua no dia do nosso casamento?

– Ian me disse que não estava mais com ela.

– Mas o quê... você e Ian conversaram sobre ela? – Começo a ficar realmente furiosa.

– Eu precisava saber, já que ele estava com você.

– Deus do céu, eu odeio você neste momento, Chris! Como pôde fazer isso?

– Eu só queria protegê-la.

– Eu sou adulta e posso tomar conta da minha própria vida, seria bem mais fácil se eu soubesse da existência desta tal Susan!

– Se Ian não estava mais com ela, não tinha porque eu contar. Aposto que ia parecer que eu estava fazendo sua cabeça contra ele.

Sim, ele tem razão.

Chris nunca escondeu que tem ciúmes de Ian.

Respiro fundo, tentando me acalmar.

– E o que você sabe sobre Susan.

– Julia...

– Por favor, me conta Chris.

– Ela é amiga da irmã do Ian, Rebecca. E as famílias são amigas desde sempre.

– E o que ela foi pro Ian?

– Eles dormiam juntos... há algum tempo.

– Eles eram namorados?

– Não. Não era assim.

– Você parece saber bastante.

– Cidade pequena, Julia. Sabe como as coisas funcionam. E os Callaghan são uma espécie de realeza. Todo mundo gosta de comentar sobre a vida deles.

– Então esta Susan é amiga da família? Por que ele não namorava com ela, então?

Fico me perguntando o que a família de Ian pensa sobre isto. Se me odeiam porque o roubei de Susan.

– Terá que perguntar a ele. O que o Ian te disse sobre ela?

– Eu o deixei.

– Deixou?

– Na verdade ele tentou explicar, disse que dormia com a Susan, que terminou com ela... eu não consegui ficar lá. Pedi pro meu pai ir me buscar. Ian apareceu na minha casa ontem dizendo que aceitaria qualquer decisão que eu tomasse.

– E o que vai fazer?

– Eu não sei...

– Julia... eu sinto muito.

Eu o encaro. Será que sentia mesmo? Eu sabia dos sentimentos dele por mim. Talvez estivesse feliz por Ian estar longe. De alguma maneira, eu soube que Chris estava sendo sincero.

– Não sei o que fazer – murmuro, ao sentar sob a árvore.

Chris senta ao meu lado e passa os braços sobre meus ombros.

– Quer que eu dê uma surra nele?

Eu rio, encostando minha cabeça em seu ombro.

– Às vezes quero voltar no tempo. Quando éramos adolescentes. Quando tudo era tão simples.

Ele me aperta um pouco mais e sinto seus lábios em meus cabelos.

– Era tudo o que mais queria. Eu teria te conquistado... e nenhum Ian Callaghan teria chances com você.

Eu me afasto com cuidado.

– Chris...

– Me desculpe Jules.

– Sou eu que tenho que pedir. Sei que não estou sendo legal com você. – murmuro cheia de culpa.

– Não. Somos amigos. Isto nunca vai mudar. Não importa o que aconteça.

– E como meu amigo, o que acha que devo fazer?

– Eu queria muito dizer que deveria esquecer o Callaghan de vez. Infelizmente sei que nunca vai acontecer. Podem passar anos, Julia, você pode esquecer de tudo, porém, o que você sente... não vai mudar.

Quero dizer que ele está errado.

O tempo cura tudo, não é o que dizem? De alguma maneira eu desconfio que ele está certo.

Nos despedimos algum tempo depois e eu dirijo sem rumo.

Paro o jipe na estrada e entro na floresta. Sei exatamente aonde estou indo.

Não sei por que estou indo. Ou talvez saiba.

Ele está lá. Eu não me surpreendo.

Com certeza ele se surpreende ao me ver caminhando em sua direção.

Sento do seu lado. Por um momento nenhum de nós diz nada. Percebo a falta que eu senti dele. De apenas estar em sua presença. Saber que ele está ao alcance de minhas mãos.

– O que veio fazer aqui? – Pergunto baixinho.

– Sofrer por você.

Eu o encaro.

Ele sorri tristemente.

– Eu também.

Ele fica sério. Grave.

– Não quero que sofra.

– Impossível.

– Julia, você acredita mesmo que eu tenha te enganado em relação a Susan? Que eu enganei vocês duas? Que de alguma maneira eu ainda ficaria com a Susan depois de casar com você?

– Não.

E é verdade. Percebo que estava com dificuldade de lidar com este Ian humano. Não tão perfeito como nos meus devaneios românticos.

E aí ele tinha uma ex. Quem não tinha?

E escondeu de mim. Será que eu podia realmente culpá-lo quando eu também estava escondendo coisas dele?

– Eu fui sincero com você – ele continua.

– Podia ter sido sincero antes.

– Eu deveria ter feito um relatório de todos meus antigos relacionamentos? Talvez eu devesse pedir um pra você também.

Eu penso no que eu não contei. Penso se não é pior.

Algo se debate dentro de mim. Não consigo falar. Eu não quero falar.

Então sinto seus dedos no meu cabelo. Fecho os olhos.

– Eu só queria uma segunda chance com você.

E o que eu queria?

Eu gostava tanto dele que chegava a doer.

Será que por causa de uma ex-namorada eu deveria simplesmente riscar Ian da minha vida?

Nunca mais vê-lo.

Nunca mais sentir seus dedos em meu rosto, como agora.

Sua respiração quente em minha pele. Seu gosto em minha língua.

Seu beijo.

Suspiro e em um segundo estamos nos beijando.

E é como voltar pra casa.

Toco seu rosto. Seus cabelos. Aspiro seu cheiro.

O beijo termina, mas permanecemos abraçados.

– Precisamos descer – Ian diz depois de um tempo.

Sim, não há mais sol e logo vai escurecer.

Eu hesito. Sei que preciso tomar uma decisão.

Nós descemos em silêncio. Ian me leva até meu carro e parece tanto com o dia em que nos conhecemos que sorrio.

– Déjà-vu – digo ao entrar no jipe.

– Parece errado deixar você ir – ele diz. – Apesar de saber que não posso forçá-la a nada. Eu já fiz... deixa pra lá.

Ele fecha a porta e se afasta.

Sinto vontade de chorar.

E choro.

Eu dirijo de volta sem ver nada no caminho. Quando chego em casa, subo as escadas e arrumo minhas coisas. Demoro um tempo para conseguir colocar tudo no jipe.

Escrevo um bilhete para Jack.

Só há uma coisa a fazer.

A tarde está caindo quando estaciono em frente à casa dos Callaghan.

Sinto um frio no estômago ao sair do carro e bater à porta. Eu devia ter ligado, eu devia... Ian aparece na minha frente.

Ele olha pra mim meio surpreso.

Sei que meus olhos ainda estão vermelhos e pareço uma bagunça.

Então ele olha através de mim. Vê as coisas no meu jipe.

E sorri.

– Você voltou.

E rapidamente estou em seus braços.

Estou em casa.

Capítulo 9

Estou deitada na cama de Ian. No quarto dele.

Na casa dos Callaghan.

Minha casa agora, afinal, também sou uma Callaghan. Pensar em mim mesma fazendo parte daquela família tão diferente é muito estranho. Um pouco assustador.

Não posso negar a mim mesma que estou meio assustada por estar ali.

– Eu devia ter ligado, não deveria ter vindo pra cá... É a casa dos seus pais... – disse quando Ian finalmente me deixou respirar.

Ele havia rido divertido.

– É sua casa também.

Escondi o rosto em seu peito.

– Acho que estou envergonhada.

Ele riu mais ainda, beijando meus cabelos e, me puxando pelas mãos, me levou pelos corredores até seu quarto.

E então estávamos sozinhos. Em nossa pequena bolha. Tudo havia ficado lá fora.

A verdade é que eu ainda não me sentia preparada para enfrentar os Callaghan. Só havia parado de pensar na família de Ian ou em qualquer outra coisa quando ele me beijou, abraçou, me deitando sobre a cama e finalmente fazendo amor comigo.

Parecia que fazia anos e não dias desde a última vez que eu o senti dentro de mim. Instantaneamente esqueço de tudo, exceto o que sinto por ele.

E agora ele está se movendo devagar, numa posse doce: “senti tanto a sua falta”, ele sussurra contra meus lábios. E eu o abraço forte.

Não preciso dizer que também senti.

Mesmo querendo ficar acordada e sabendo que precisamos conversar sobre mil coisas, eu adormeço em seguida.

Só acordo quando o dia já amanheceu e a luz do dia nublado entra

pelas janelas.

Ian ainda dorme e eu olho o relógio me lembrando que prometi que iria trabalhar. Então, mesmo sem a menor vontade de levantar e deixá-lo, eu saio da cama.

Surpreendo-me ao ver que todas as minhas coisas estão lá. Em algum momento da noite Ian deve ter ido lá fora retirar tudo do jipe.

Tomo um banho rápido e me visto, tentando não fazer barulho. Ainda é cedo e não quero acordá-lo. Rabisco um bilhete e saio do quarto.

Paro assustada ao ver uma mulher elegante saindo de um quarto.

Ela me encara muito surpresa e eu fico ruborizada. Eu ainda não a conheço, embora imagine que deva ser Jill Callaghan, a mãe de Ian.

– Julia! – Ela diz e eu fico mais vermelha ainda.

– Me desculpe, eu... sim, eu sou a Julia - balbucio sem graça.

Ela parece recuperar a postura e sorri de um jeito maternal.

– Oh, querida, eu que tenho que pedir desculpas! – Diz vindo na minha direção e segurando minha mão. – Nós ainda não nos conhecemos, não é? Eu sou Jill, mãe do Ian.

– Sim, eu já imaginava... – eu continuo morrendo de vergonha.

Sei que é um comportamento ridículo, não consigo evitar.

– Ian nos falou muito de você. Estou feliz que esteja aqui, finalmente.

– Eu estou um pouco... – acho que meu rosto está queimando e ela sorri me dando tapinhas na mão.

– Não fique sem jeito. Esta é sua casa.

– Acho que é porque nosso casamento foi meio repentino fico imaginando o que estão pensando...

– Não pensamos nada demais. Nós apoiamos o Ian. Diga-me, o que faz acordada tão cedo? Ian também já acordou?

– Não, ele está dormindo. Estou saindo para trabalhar.

– Ah, claro. Acho que Ian comentou algo sobre você estar dando aulas no Beaverton High School.

– Sim, sou professora substituta.

– Que ótimo! Então por que não descemos e eu preparo um café pra

você?

- Não, não precisa. Eu acho que já estou atrasada...
- Não pode sair sem comer nada...
- Eu comerei algo na escola, não se preocupe.
- Bom, se prefere assim. Bom trabalho então não quero atrasá-la.
- Sim, eu já vou indo.

Eu me afasto e respiro aliviada quando estou na estrada a caminho da escola.

Estou feliz por ter sobrevivido ao meu primeiro encontro com um Callaghan após o casamento. E fico me perguntando se todos serão gentis como Jill.

Encontro com Carla no intervalo e conto a ela sobre ter voltado para Ian.

Ela me escuta com seu sorriso doce nos lábios. Diz que está feliz por mim, mas, não sei por que algo me incomoda. Não sei se o fato de ela ter ficado subitamente séria quando me viro para me servir de mais café e vejo seu rosto refletido na janela.

Ou talvez seja apenas impressão minha.

Quando estamos saindo depois da aula ela me cutuca e aponta para o estacionamento.

– Aquele não é Chris Wilson?

Eu sorrio ao ver Chris encostado em uma moto.

– Sim, é.

– Bom, eu vou indo, nos vemos amanhã.

– Claro, até amanhã.

– Chris? – Eu me aproximo e o encaro com um olhar curioso.

– E aí, Jules? – Chris sorri e me dá um abraço.

– O que faz aqui?

– Pensei em te levar pra curtir um pouco de adrenalina, você estava meio caidinha da última vez que nos vimos.

Eu rio, me lembrando das muitas vezes quando eu era adolescente que Chris havia me levado para curtir “uma adrenalina”.

Seria bom se tudo ainda fosse tão simples. Se todos meus problemas se resolvessem com um passeio de moto em alta velocidade, ou um salto do penhasco...

Fico séria ao reconhecer o rumo dos meus pensamentos.

Não queria entrar em território proibido.

– E aí? – Chris insiste.

A negativa está na ponta da minha língua. Eu disse a Ian que retornaria para almoçar com ele. Porém ainda era cedo.

E havia uma parte minha que realmente sentia falta de estar com Chris como antigamente.

– Tudo bem – acabo concordando. – Só uma volta.

Chris abre um grande sorriso.

– Você quem manda.

Eu coloco o capacete e subo na garupa da moto.

E ele arranca em alta velocidade.

Por um tempo foi somente o vento, o barulho do motor e a estrada a nossa frente.

Era quase como se o tempo não tivesse passado. Nem pra mim, nem pra Chris.

Mas havia passado. Nada mais era igual. Nós não éramos mais os mesmos.

Chris para a moto num desfiladeiro.

É um lugar bonito, com uma vista incrível. Um dos muitos lugares que gostávamos de ir antigamente.

– Tinha me esquecido de como é bonito.

– Sim, é demais. E então, o que quer fazer? – Ele pergunta.

E eu abro a boca para dizer que não posso fazer nada com ele porque tenho que voltar pra casa dos Callaghan quando escuto um celular tocar.

Chris solta um palavrão e atende.

Vejo sua expressão ficar dura.

– Sim, ela está comigo... – eu fico alerta. Chris fica escutando a pessoa do outro lado da linha. – Bom, ela não me disse... Certo, espere um

momento – ele estende o telefone para mim. – É seu marido.

Sinto um frio gelado na espinha ao pegar o celular.

– Ian?

– Julia, o que está acontecendo? – Sua voz é aflita.

Eu tento ficar calma. Não estava fazendo nada errado, afinal.

A culpa me corrói por dentro.

– Chris foi me buscar na escola, a gente veio dar um passeio de moto... escuta Ian, eu devia ter te avisado, não é nada demais...

– Eu fui te buscar na escola.

Fecho os olhos, me sentindo mais culpada ainda.

– Sinto muito, eu já estou indo embora.

– Fale onde você está eu vou te buscar.

– Não precisa, Chris me leva.

– Julia – sinto toda a tensão de Ian em sua voz.

– Está tudo bem, Ian. Já estamos indo.

Eu desligo antes que ele insista.

Chris me encara friamente.

– Quando ia me dizer que voltou com o Callaghan?

Eu lhe entrego o celular.

– Agora.

– Podia ter dito antes de irmos pra cá.

– Ia fazer alguma diferença?

– Com certeza.

Mordo meus lábios com força. Agora sinto culpa não só por Ian, por Chris também.

– Chris, por favor, entenda...

– Eu não faço outra coisa durante anos a não ser tentar te entender... – ele resmunga enquanto me entrega o capacete e dá partida na moto.

Eu monto atrás dele e pegamos a estrada novamente.

Ian me esperava em frente à casa dos Callaghan.

Eu não sei quem está mais tenso. Se ele ou Chris.

Rezo fervorosamente por dentro pra evitar uma briga, sabendo que eu sou a culpada por aquela situação.

Desmonto e entrego o capacete a Chris.

– Obrigada pelo passeio.

Chris não responde e arranca.

Eu me viro para Ian.

– Me desculpa – peço.

Ele respira fundo, passa a mão pelos cabelos.

– Me deixou apavorado.

– Foi só um passeio de moto, Ian! Eu fazia isto direto com Chris antigamente...

– Não gosto de ver você se arriscando por aí com Chris Wilson.

– Ele é meu amigo – franzo a testa. – Por favor, não diga que tem ciúmes dele!

– Eu deveria?

Eu me aproximo mais e toco seu rosto.

– Não, nunca.

Por um momento o olhar de Ian parece conter mil demônios diferentes.

E ele me encara como se quisesse dizer alguma coisa.

– É sério – eu continuo. Eu preciso esclarecer as coisas com Ian. Sei que todo mundo na cidade deve saber da minha história com Chris. Não sei o que chegou aos ouvidos de Ian. E não quero que meu relacionamento com Chris o deixe preocupado. – Nós somos amigos de infância. Somente isto.

Ian segura minha mão.

– Ele é apaixonado por você.

Eu fico vermelha. Quero negar. Não consigo.

– Eu não o amo deste jeito e ele sabe.

Por um momento acho que Ian vai insistir no assunto.

E me preocupo em como lidar com a situação. Não quero me afastar de Chris, também não quero causar problemas com Ian. Terei que arranjar um jeito de conciliar as duas coisas: a Julia de Ian e a Julia de Chris.

– Apenas prometa que não vai mais se arriscar com ele por aí.

Eu começo a sorrir.

– Não estava me arriscando já disse. Eu sei andar de moto!

– Por favor, Julia – ele pede parecendo realmente angustiado.

– Tudo bem – eu acabo concordando – eu prometo.

Ele sorri.

Eu fico na ponta dos pés e o beijo.

– Vamos entrar mamãe já serviu o almoço.

Eu o sigo para dentro de casa e todos os Callaghan estão presentes.

Inclusive o pai de Ian que ainda me era desconhecido.

– Olá, eu sou Alan Callaghan – ele se aproxima e me cumprimenta.

Alan Callaghan é um senhor de meia idade ainda bonito. – Bem-vinda a nossa casa, Julia.

– Obrigada – eu respondo timidamente.

Tess se aproxima e me abraça efusivamente.

– Que bom que voltou! Estou tão feliz!

– Tess – a voz de Ian contém uma advertência e eu me pergunto o quanto os Callaghan sabem sobre nossa breve separação.

– Eu fiquei tão feliz quando soube que se casaram e depois fiquei tão preocupada quando brigaram e...

– Chega Tess! – Allan a segura pelos ombros, afastando-a enquanto sorri pra mim. – Deixe Julia respirar.

– Sim, estamos todos felizes que os problemas de Ian e Julia foram resolvidos e ela está em casa finalmente. – Jill diz com seu sorriso gentil. – Agora vamos esquecer o que passou e comer!

Nós nos sentamos para a refeição e Tess faz piadas e eles conversam sobre o tempo em Beaverton e o novo jardim de Jill.

Ian sempre sorri pra mim ou segura minha mão e a beija.

Eu tento não me sentir deslocada. É esquisito saber que aquela agora é minha família, sendo que eu mal os conheço. Então me mantenho calada.

Em um determinado momento eu reparo que mais alguém está calada. Rebecca Callaghan. Ela me olha de maneira esquisita.

Não parece um olhar hostil. Também não é amigável.

Então me lembro de Chris dizendo que Susan Willians é amiga de Rebecca.

Será que ela me odiava por eu ter me casado com Ian?

Depois do almoço consigo me livrar dos Callaghan dizendo que tenho exercícios dos alunos para corrigir. O que não deixa de ser verdade.

Ian beija minha testa e diz que vai me deixar trabalhar.

Assim, eu me refugio no quarto e passo algum tempo trabalhando. Quando termino, ele ainda não apareceu e eu saio a sua procura. Encontro Rebecca folheando uma revista de moda e eu fico meio tímida ao abordá-la.

– Olá... Rebecca.

Ela levanta o olhar frio e me encara.

– Sabe onde está Ian?

– No escritório com papai...

– Certo... eu vou dar um volta então, você o avisa se ele perguntar?

– Claro – ela dá um sorriso polido e volta sua atenção para a revista.

Eu coloco o casaco e saio da casa. O jardim dos Callaghan é espetacular.

E eu caminho até o lago, respirando o ar puro. Paro ao me deparar com uma casa. Há um pequeno jardim em frente e sua graciosidade me lembra de uma casa de conto de fadas.

Eu caminho até a porta e a abro.

O lugar é lindo por dentro também. Será que alguém morava ali? Ou seria apenas a casa de hóspede dos Callaghan?

Curiosa, eu entro na sala.

A estante cheia de livros chama minha atenção e eu me aproximo, passando os dedos pelos títulos e reconheço um exemplar de Jane Eyre. Muito parecido com o meu. Muito mesmo.

– O quê...

– Julia?

Eu me viro assustada e vejo Tess Callaghan.

– Oh, me desculpe, eu...

Tess rola os olhos sorrindo.

– Não era para você estar aqui!

Apolo está atrás dela correndo atrás do próprio rabo alegremente.

– Eu... estava dando uma volta... por que eu tenho a impressão que este livro é meu? – Pergunto intrigada e Tess ri.

– Porque é seu! Esta casa é sua!

– Minha?

– Sim, mamãe a estava preparando para você e Ian.

– Como ela conseguiu tudo isto...

Ela dá de ombros.

– A maioria das coisas estava aqui faz tempo, só trouxe suas coisas hoje de manhã e bom, desde que Ian contou que tinham se casado, ela vem ajeitando tudo...

– Eu não fazia ideia... – balbucio surpresa por aquele lugar ser meu e de Ian. – Ian não me disse nada... Achei que... bem, ele mora em Portland.

Na verdade, nós não tínhamos conversado sobre onde moraríamos, eu deduzi que seria em Portland, já que ele trabalhava lá.

E o meu trabalho em Beaverton como ficaria?

– Sim, é verdade. Com certeza passarão bastante tempo aqui, não é? Aposto que iam preferir uma casa só pra vocês já que estão em lua de mel – ela pisca maliciosamente.

Eu fico vermelha e Tess ri mais ainda.

– Bom, vamos voltar. Eu já estava indo lá chamar você e Ian pra mostrar a surpresa, você estragou tudo!

– Ian também não sabia?

– Ele sabia sim, não conseguimos esconder as coisas dele!

Nós caminhamos juntas até a casa e eu percebo que é fácil gostar de Tess.

Ela é animada e alegre. Acho que podemos ser amigas.

Quando estamos entrando na sala escuto a voz alterada de Rebecca Callaghan.

– Eu não concordo!

– Não é problema seu! – Ian diz igualmente alterado.

– Ah não? É problema de todos nós! Você tomou sua decisão há anos e todos tivemos que concordar, de repente você muda de ideia e nós temos que concordar novamente?

– Ei, estão brigando? – Tess diz e Rebecca para de falar ao nos ver. – Não ligue para eles, Julia – Tess continua. – Ian e Rebecca são assim mesmo, vai se acostumar!

Ela sorri muito despreocupadamente, embora seu sorriso não chegue aos olhos.

Quer dizer que as brigas entre Ian e sua irmã Rebecca eram frequentes?

E sobre o que será que eles discutiam?

– Sim, todos nós nos acostumamos com tudo, não é? – Rebecca diz mordaz e sai da sala, batendo os saltos no chão.

Eu me aproximo de Ian.

– Ei, tudo bem? – Pergunto preocupada.

– Sim, apenas briga de irmãos, como disse Tess - ele segura minha mão. – Onde estava, está gelada!

– Julia acabou com a surpresa! Ela descobriu a casa!

Eu dou de ombros.

– Estava caminhando e a vi! Deviam ter me dito!

– Mamãe e Tess insistiram em fazer surpresa.

– Eu adorei o lugar. É lindo.

Tess deu uma risadinha.

– Eu sabia que ia amar!

Ela sai da sala e eu encaro Ian.

– Fico feliz que tenha gostado. Minha mãe vai ficar satisfeita.

– Eu fiquei surpresa, não sabia que íamos ficar aqui... na verdade nem conversamos sobre...

Ele sorri e me puxa pela mão.

– Precisamos conversar sobre muitas coisas, vamos pra casa.

– Agora?

– Sim, Tess já levou quase tudo pra lá. Eu prefiro ficar sozinho com você. Minha família é muito intrometida às vezes. E falam demais também...

Ele deixa as palavras no ar e eu não digo nada, enquanto caminhamos até a casa vizinha.

Ele me pega no colo na porta.

– De novo? – Eu rio.

– Agora é de verdade.

– Sim e para sempre.

Ele me leva para dentro e eu quase acrescento “e agora não terei nenhuma surpresa desagradável, como sua ex-amante de lingerie à nossa espera”.

Fico calada. Não quero mais pensar nisto.

Susan não existe mais. Aquele episódio desagradável tem que ser apagado da minha memória pra sempre.

Agora só existe Ian e eu.

Ele me leva direto para o quarto, que é tão lindo quanto o resto da casa e me coloca na cama.

– Estou tão feliz que esteja aqui – ele diz sorrindo.

Eu sorrio também.

E o beijo. Muitas vezes.

Não há pressa para tirarmos nossas roupas.

A noite cai lá fora, enquanto nos amamos.

E depois, ele me abraça, seus lábios em meus cabelos. Seus dedos deslizando devagar por minha espinha.

E eu sinto que tudo é perfeito agora.

Eu vou ser feliz pra sempre.

Então eles retornam.

Os pesadelos que me fazem gritar.

Eu sinto dor. Uma dor terrível e sem sentido algum.

Porque eu não me lembro de nada.

– Julia... Julia – eu abro os olhos e estou respirando com dificuldade.
Ian me encara assustado.

– Oh Deus... – eu cubro meu rosto com as mãos e choro.

Como é que eu posso achar que tudo é perfeito?

Existe algo terrivelmente errado.

E Ian não faz ideia.

– Julia, o que foi? São os pesadelos? – Ele retira minhas mãos do meu rosto e enxuga minhas lágrimas. – Por favor, me diga o que está acontecendo – sua voz é cheia de angústia.

Eu o encaro.

E sei que não posso mais fugir.

– Ian, preciso te contar uma coisa...

Ele apenas me encara à espera.

Eu respiro fundo e começo a contar.

Eu odeio falar sobre aquilo. Falar sobre algo que não tenho o menor controle. Algo que eu luto pra esquecer. É até irônico que eu use esta expressão.

– Há dois anos, eu sofri um acidente – murmuro. – Você viu a cicatriz. – eu toco a cicatriz atrás da minha orelha. – Eu pulei do penhasco. Eu não sei... porque. Eu... não me lembro... – minha voz se alquebra. – Eu não me lembro de nada... antes de ter pulado.

Eu respiro fundo me obrigando a continuar.

O vazio. A dor. O inexplicável.

Voltando a me atormentar.

Eu o encaro.

– Eu bati a cabeça e... fiquei muito mal. Acordei num hospital. Meu pai diz que eu fiquei duas semanas em coma. O pior não é isto... – eu começo a chorar. – Na minha cabeça, eu ainda tinha 18 anos, ainda morava aqui em Beaverton. Eu não conseguia me lembrar dos dois anos anteriores... eu... simplesmente ainda não me lembro...

Eu soluço.

Ian toca meu rosto.

– Julia... está tudo bem...

Eu sacudo a cabeça.

– Não, não está. Nunca vai estar. Eu tentei seguir minha vida. Apenas... acreditando no que me contaram. Outras pessoas tiveram que contar o que eu tinha feito naqueles dois anos! Eu fui pra Seattle, estudei literatura lá... e não sei de mais nada! Tem ideia do que é? Eu fui pra Londres porque não podia imaginar voltar pra Seattle, rever as pessoas que devo ter conhecido lá... seria demais pra mim. Achei que estava tudo bem. O que são dois anos? Mas tenho estes pesadelos... eu sei que eles são horríveis, só nunca consigo me lembrar o que são!

– Julia... eu sinto muito.

– Eu só queria... realmente esquecer – eu rio. – Que irônico! Esquecer que esqueci! É patético, queria me sentir normal de novo.

Ian segura meu rosto, me obrigando a encará-lo.

– Você pode se sentir normal. Está tudo bem agora.

– Não me acha uma maluca?

Ele ri e beija minha testa, meu rosto.

– Eu amo você. Não importa o passado.

Eu suspiro querendo acreditar nele.

Tentando acreditar que eu realmente posso ser feliz. Que posso fingir que aqueles dois anos perdidos na minha memória não significam nada. Que nada de realmente importante deve ter acontecido.

Fecho os olhos e deixo que ele me abrace. Envolver meus braços em volta dele também. Sim, está tudo bem agora.

Eu finalmente contei meu segredo a Ian; e ele me aceita.

Ele me ama. E eu o amo demais também. Mais do que qualquer coisa no mundo.

Contudo, naquele momento entre a vigília e o sono, eu me pergunto se naqueles dois anos perdidos eu já não amei com tanta intensidade.

Eu sei, embora ninguém me diga nada, que conheci alguém sim.

Se houve amor ou não, eu não sei. Algo me diz que tem tudo a ver com o fato de eu ter pulado do penhasco. E com aqueles pesadelos horríveis.

Houve dor. Tenho certeza.

Agora eu não sei se quero realmente lembrar. Talvez deva deixar minhas memórias trancadas no passado. E viver o futuro com Ian.

Ian

Ela dorme um sono sem pesadelos.

Eu escuto sua respiração compassada e a aperto um pouco mais antes de soltá-la. Saio da cama e caminho até o telefone. Jack atende na segunda chamada.

– Jack, sou eu.

– Ian? O que aconteceu? Julia...? – Posso sentir a preocupação em sua voz.

– Ela está bem. Está dormindo. Ela teve um daqueles pesadelos...

– Sei...

– E ela me contou sobre o acidente.

– Contou?

– Acho que foi melhor assim.

Jack suspira pesadamente.

– E agora, como vai ser?

– Tudo vai seguir normalmente.

– Eu ainda não sei se concordo com você...

– Julia está bem. Vai ficar tudo bem.

– Eu espero que tenha razão.

Eu desligo e volto pra cama.

Ainda não durmo, fico velando seu sono. Acho extraordinário ela estar ali. A meu alcance.

E que finalmente está tudo bem de novo. De uma maneira que eu nunca acreditei que voltaria a estar.

Fecho os olhos e me recordo do dia em que a reencontrei na clareira.

Eu não sei quanto tempo caminhei sem rumo.

Ignorando o frio e a maldita chuva fina de Beaverton.

Eu estava imune a tudo isto. Ela tinha voltado.

Eu relembrava cada palavra de nossa conversa na clareira e no caminho de volta como se fosse um sonho. Droga, eu realmente acreditava que estava sonhando quando acordei e a vi na clareira.

E ela nem sabia quem eu era.

E a dor foi insuportável.

Passaram-se dois anos. Eu pensei ter tomado a decisão correta, agora já não sabia de mais nada.

Entro na loja e Jack me encara.

– Ian? O que faz aqui? Pensei que estivesse em Portland.

– Não me contou que ela tinha voltado – murmuro.

Jack suspira e passa a mão pelos cabelos.

– Aqui é a casa dela. Ela pode voltar quando quiser.

– Então sou eu que tenho que ir embora.

Jack me encara calmamente.

– Sabia que poderia acontecer quando tomou aquela decisão.

– Eu fiz o que era melhor para ela.

– Para ela ou pra você?

– Vai bancar meu psicólogo agora, Jack?

Jack suspira pesadamente.

– Eu não devia nunca ter concordado. Se Julia um dia descobrir... Ou lembrar...

– Lembrar é um risco que corremos, já se passaram dois anos e ela continua com a memória apagada. Ela de volta à cidade... Devia encorajá-la a ir embora. Qualquer outro lugar que não seja Beaverton.

– Sua preocupação é que alguém fale demais ou é com Julia perto do Chris?

– Chris sabe seu lugar.

– Bom, Julia vai atrás dele, você sabe.

– Eu não tenho como impedi-la de fazer o que quer que seja. Quem devia se preocupar é você...

– Chris nunca foi o problema se me lembro...
– Era com ele que ela estava naquele maldito penhasco.
– Ele a salvou. Devia agradecer-lhe.
– Acho que não adianta ficar remoendo o que passou. Tomamos a decisão de deixá-la esquecer tudo justamente para que todos pudéssemos esquecer também. E eu quero que continue assim.

– O que aconteceu hoje? Como se encontraram?
– Ela me encontrou na clareira. Ela não faz ideia de quem eu seja. – falar sobre isto dói.

Demais.

– Foi você quem quis assim.
– Foi ela quem quis esquecer.
– Foi um acidente.
– Muito conveniente Julia esquecer justamente os dois anos que passamos juntos.
– Ainda pode contar a ela...
– Nunca. É melhor assim.
– Eu concordei com você naquela época... Às vezes ainda acho que tudo ficará melhor do jeito que está. Não quero mais ver minha filha sofrer.
– Todos nós concordamos neste ponto.
– E o que vai fazer?
– Vou sair da cidade. Vou continuar não existindo.
– Eu vou falar com os amigos dela... Não se preocupe quase ninguém sabe da história de vocês e quem sabe não vai falar nada. Todos sabem que é o melhor.

– Até Chris?

– Ele também a ama.

Eu não comento isto.

Rever Julia... Já é problema suficiente.

– Ela disse... ela disse o que pretende fazer? Se ficará na cidade?

– Eu não sei. Pode estar só de passagem... Veremos.

- Mantenha-me informado.
- Achei que não quisesse saber mais nada a respeito dela.
- Venho repetindo isto a mim mesmo por dois anos.
- E todas as vezes que me liga implorando por notícias eu me pergunto se será a última vez. Precisa seguir em frente, Ian. Achei que estivesse seguindo com aquela moça bonita.
- Isto não é da sua conta.
- Achou que eu não soubesse? Todo mundo sabe de sua... amiga Susan Willians, é este o nome dela, não é?
- Disse certo, Susan é uma amiga.
- Se é assim que chamam estas coisas hoje em dia... tudo bem, eu não estou te criticando. Devia ficar com esta tal e deixar minha filha em paz, como prometeu fazer dois anos atrás.
- É o que estou fazendo.
- Não, não está. Sabe do que estou falando.
- Eu só quero saber se ela ficará bem.
- Ela ficará. Faça o que prometeu e se mantenha longe da minha filha.
- Eu prometi. E vou cumprir. Adeus, Jack.

Capítulo 10

Acordo com o barulho da chuva.

Não quero me mexer, me movo o suficiente para chegar mais perto de Ian. No entanto, seu lugar na cama está vazio.

Abro os olhos e retiro os fios de cabelo do meu rosto.

– Ian? – O chamo e como não escuto resposta, grito mais alto. – Ian?

– Aqui embaixo – o som abafado de sua voz é seguido de uma risada.

Eu suspiro, aliviada. Por alguns momentos ridículos achei que algo estava errado. Talvez por causa do que aconteceu na madrugada...

Saio da cama e visto uma roupa rapidamente. Quero ver Ian. Quero me certificar que está tudo realmente bem. Quero não me arrepender de ter contado a respeito do acidente. Eu odeio falar sobre ele. Simplesmente odeio não ter controle sobre este assunto.

Saber que dois anos da minha vida foram simplesmente apagados e, provavelmente, nunca serão recuperados. Todos os fatos, todos os acontecimentos. Todas as pessoas.

É horrível.

Eu havia passado dois anos em Londres tentando reconstruir minha vida. Tentando não sentir falta de algo que nem sequer sei o que é porque não me lembro.

Tentando desesperadamente seguir em frente. Como se os dois anos perdidos na minha memória realmente nunca tivessem existido. Sempre vai haver aquele vácuo. Como um parêntese vazio numa frase.

Uma lacuna na minha vida.

Quando chego na cozinha, paro e fico admirando Ian de costas mexendo algo na frigideira que cheira muito bem e enche o ambiente de um aroma familiar.

Como se mexesse com a minha memória olfativa e me trouxesse uma sensação boa. De felicidade quase nostálgica.

– Vai ficar aí parada? – Ele pergunta em tom brincalhão e eu me aproximo passando o braço ao redor de sua cintura. Deposito um beijo em suas costas antes de me afastar e me sentar, esperando obedientemente pela comida.

– Eu adoro ser mimada com toda esta gordura saturada logo de manhã, vamos concordar que precisa parar.

Ele ri e coloca os ovos com bacon no meu prato.

– Gosto de mimar você, lembra nossa lua de mel.

Eu franzo a testa, pegando o garfo.

– Lua de mel? Nem tivemos uma! A não ser que esteja se referindo aos dias que passamos em Portland!

Ele está de costas pra mim, acho que lavando a frigideira.

– Sim, foram como lua de mel antes do casamento.

Então ele se vira e senta diante de mim.

– Gosto de pensar assim também – sussurro me inclinando para beijá-lo.

Nós rimos e voltamos a comer.

– Se bem que tem direito de reclamar. Realmente não tivemos uma lua de mel.

– Não me importo – dou de ombros.

E é verdade. Não me importo com nenhuma convenção em se tratando de Ian.

Quero estar com ele. E é o bastante.

– Eu me importo.

– O que quer dizer?

– Que vamos viajar.

– Ah é?

– Sim, o que acha de Nova York?

– Nova York – tento ficar empolgada.

Ok, eu disse que não me importava, por outro lado, Nova York nunca esteve em meus sonhos românticos.

– Eu ia sugerir uma ilha tropical... Nova York está ótimo.

– Eu imaginei que diria algo do tipo, só que não é apenas em lua de mel que estou pensando.

Ele fica sério e eu encaro desconfiada.

– O que quer dizer?

– Quero que se consulte com um médico.

– Médico? Tem algo a ver com o que te contei ontem?

– Seu acidente? Sim. Quero ter certeza que está tudo bem com você.

– Eu estou bem – afirmo, pegando o prato e jogando na pia.

Ian também se levanta.

– Não fique na defensiva...

– Eu não gosto da ideia, sabia que não devia ter te contado! – Lavo os pratos furiosamente, minhas mãos tremem e eu temo quebrar alguma louça.

– Devia sim. Estamos juntos agora, Julia.

Eu o encaro.

– Não quero que fique cheio de dedos comigo. Se preocupando... me tratando como se eu fosse de porcelana ou fosse pirar a qualquer momento. Já basta meu pai e... – eu respiro fundo. – Enfim, tem gente suficiente na minha vida que não me deixa esquecer. Eu preciso que fique entre nós.

– Eu só quero me certificar que está tudo bem com a sua saúde, Julia.

– Eu estou bem! Faz dois anos e, tirando esta cicatriz... e o fato óbvio de que minha memória apagou, estou ótima.

Eu estou mentindo, obviamente.

Pode ser que fisicamente eu esteja bem. Emocionalmente estou longe disto.

– Julia, me deixe levá-la a um especialista. Eu prometo que será somente uma vez. Para termos certeza que está tudo bem mesmo – ele se encosta em mim. Seus lábios em meus cabelos. Fecho os olhos. – Por favor, me deixe cuidar de você.

– Tudo bem. - concordo por fim.

Apenas por ele. Porque não quero deixá-lo preocupado.

E porque, embora não conheça Ian direito ainda, eu desconfio que ele não irá sossegar até me levar a este tal médico.

Melhor me livrar logo do problema.

Ele deposita um beijo em meu rosto, muito satisfeito.

– Acho que deveria ligar para seu pai.

Eu faço uma careta de culpa.

– É verdade. Farei melhor, eu vou até lá. Ele deve estar em casa hoje, é sábado.

– Quer que eu vá com você?

– Não, prefiro ir sozinha, se não se importa.

– Tudo bem. Eu vou até a casa dos meus pais. Nos vemos na hora do almoço?

– Acho que almoçarei com Jack. Pode ser?

– Claro. Passe o dia com seu pai.

Ele beija minha testa e abre a porta. O ar frio arrepia minha pele.

Ian para de repente.

– Julia?

– Sim?

– Sei que não devia estar te perguntando, mas eu preciso saber... o seu almoço com Jack, inclui Chris Wilson?

Sinto um aperto no peito.

– Não - respondo, me sentindo levemente culpada. Eu não havia pensado em convidar Chris, até Ian se lembrar dele, então eu penso que realmente seria uma boa...

Não posso. Não quero chateá-lo, ou deixá-lo com ciúmes.

Eu não quero nada com Chris, a não ser amizade, desconfio que Ian não entende.

– Certo. Nos vemos a noite, então.

Ele se vira pra sair, eu o chamo.

– Ian?

– Sim? - ele se vira.

Eu sorrio.

– Eu te amo.

Ele sorri de volta.

– Eu também te amo, senhora Callaghan.

Dirijo com cuidado pela estrada molhada para a casa de Jack. Ele está limpando sua coleção de itens para pesca quando chego e me encara.

– Achei que tivesse esquecido que tinha casa.

Abro a geladeira e pego uma cerveja pra ele.

– Bom dia pra você também.

– Dois dias de casada e já está de volta? O que significa?

Reviro os olhos, enquanto continuo com a geladeira aberta pegando os ingredientes para o almoço.

– Significa que quero passar um tempo com meu pai, antes de viajar em lua de mel.

Ele para o que está fazendo e me encara.

– Vai viajar?

– Lua de mel – eu lavo as alfaces. – E Ian quer que eu vá a um médico.

– Médico?

– Eu contei a ele sobre o acidente – falo casualmente sem encará-lo. – Não sei se deveria ter falado.

– Fez certo.

Jack não diz mais nada. Achei que ele teria algum discurso sobre o assunto.

– Enfim, ele quer ter certeza que estou bem ou algo assim. Sabe que eu não quero ir, mas... vou apenas pra ele não ficar preocupado.

– Seu Ian está ganhando uns pontos comigo.

– Ele foi bem legal, em relação ao acidente e a amnésia. Fiquei com medo de ele não entender...

Jack volta a me encarar.

– Está feliz?

– Muito.

Ele toma sua cerveja.

– Acho que voltarei a comer minha comida ruim então.

Eu gargalho.

– Sobreviveu por dois anos, não reclame!

Nós almoçamos e Jack fica satisfeito quando eu conto que passarei a tarde com ele.

Nos acomodamos na sala e Jack assiste a um jogo na TV.

Eu me preparo para fazer as indagações que estou querendo fazer desde que cheguei.

– Pai?

– Sim?

– Toda vez que eu pergunto... sobre vida que eu levava em Seattle... Você sempre é evasivo.

Ele não parece satisfeito com o assunto.

– O que quer dizer, Julia?

– Eu quero saber mais.

– Não tem nada além do que já contei – resmunga. - Esquece.

– Esquecer? Sábias palavras! – Exclamo cheia de ironia.

– O que quer saber? Eu te contei tudo o que eu sei!

– Sim, de acordo com você, eu fui estudar lá e fim! Não posso ter vivido dois anos somente estudando! Eu devia ter amigos... talvez eu tivesse até um namorado – minha voz vai sumindo.

– Se teve eu não sei. Já te disse.

– Eu tive alguém lá... não sei se foi importante, se durou, mas...

Mordo os lábios, sem saber como dizer a Jack que eu não era virgem. Era apenas uma suspeita então, depois de transar com Ian, eu tive certeza: eu já tinha feito aquilo antes.

E eu não me lembrava de ter nenhum namorado na adolescência.

Então deve ter acontecido na faculdade.

Ok, pode não ter sido grande coisa. Na verdade, quem garantiria que foi apenas um cara? Como eu me conhecia não conseguia me imaginar

flertando livremente e indo pra cama com qualquer um.

Eu imaginava que devia ter sido apenas um cara. Alguém importante a ponto de eu querer ir pra cama com ele. Alguém de quem eu não me lembrava.

– Julia, me escute. – Jack fala muito sério. – Esquece, me perdoe as palavras. Mas é isto mesmo. Não importa o que aconteceu na faculdade. Você está casada agora, não é? O que importa se teve um namorado que ficou no passado?

Jack está certo. Não interessa mais.

Eu tenho Ian e eu sei que o amo de corpo e alma. Então por que ficar me preocupando com alguém do passado?

– Sim, tem razão – murmuro e olho o relógio. – Acho que vou indo.

– Claro. Pode ir, me avise quando for viajar.

– Pode deixar.

Antes de sair eu ligo pra Ian.

– Estou indo embora.

– Já? Ainda estou resolvendo algumas coisas de trabalho, se quiser vir ficar com as minhas irmãs.

– Não, eu vou pra casa e te espero lá.

– Tudo bem.

Ainda está claro quando chego em casa. Não chove mais, o dia até abriu e um sol pálido está se pondo. Estaciono no jardim, em vez de entrar em casa, decido dar uma volta.

Caminho pela grama verde, aspirando o ar puro, adorando ver o céu um pouco azul, apesar das nuvens. Dou a volta no chalé e continuo andando, até que encontro um jardim que nunca tinha visto.

É lindo e cheio de flores de várias cores. Um cheiro delicioso enche o ar e então eu escuto um choro.

Intrigada, eu vou em direção ao som e encontro Rebecca Callaghan sentada na grama. Ela está de costas pra mim a uns dois metros de distância.

– Rebecca?

Ela se vira. Os olhos estão vermelhos e o rosto molhado.

Eu não tinha imaginado, ela estava mesmo chorando.

– Julia... me desculpe... – ela vem em minha direção enxugando o rosto.

– Por que está chorando? Está tudo bem?

– Não é nada.

– Mas você estava chorando.

Ela dá de ombros.

– Eu... tive uma discussão com Oliver. Não queria ficar lá em casa e vim chorar aqui. Coisas de namorados – ela ri.

– Se você quiser... conversar...

– Não, eu vou voltar...

– Por que não vem comigo? Pode lavar o rosto, eu faço um chá...

Ok, eu estou sendo gentil e cordial com a irmã nojenta do Ian, o que eu posso fazer? Ela parece realmente mal.

Ela hesita, mas me acompanha. No chalé, ela vai até o banheiro lavar o rosto e, como prometido, eu faço um chá.

De volta à cozinha ela está recomposta.

– Obrigada – agradece a xícara de chá que nós tomamos em silêncio.

Acho que ela não quer falar sobre seja lá o que a aflige e eu não insisto. Me pergunto se um dia serei amiga de Rebecca Callaghan. Talvez até seja possível.

– Obrigada pelo chá – ela se levanta. – Vou pra casa.

– Se precisar... conversar... bem...

Ela dá um sorriso. Parece genuíno.

Eu a vejo se afastar, me perguntando como consegue andar com aqueles saltos na grama úmida.

Ainda estou intrigada quando Ian aparece. Já escureceu e ele parece estranho.

Eu estou na cozinha e me ocupo em fazer o jantar.

– Olá.

– Oi... tudo bem?

– Sim, por que pergunta?

– Minha irmã esteve com você.

– Oh... ela contou? Bem, na verdade eu a encontrei chorando num jardim. Aliás, um jardim lindo...

– Ela disse por que estava chorando?

– Disse que tinha brigado com Oliver.

– Sim, deve ser isto... eles vivem discutindo. – Ian comenta distraído.

– Quer ajuda? – Pergunta se aproximando.

– Não, estou acabando... por que achou que não estava tudo bem só pelo fato de eu ter conversado com sua irmã? Ela me pareceu uma boa pessoa.

– Ela é uma boa pessoa, do seu jeito.

– Ninguém é perfeito! Eu fiquei com pena dela. Parecia tão... triste.

Ele acaricia meus cabelos.

– Não ligue. Rebecca é dramática demais às vezes. Ela já está bem, fazendo as malas pra ir pra Portland com ele.

– E nós também vamos voltar?

Ele sorri de lado e me puxa pela minha camiseta.

– Nós vamos para Nova York, senhora Callaghan.

Seus lábios estão em meu pescoço.

– Quando?

– Hoje a noite.

Eu o obrigo a parar e a me encarar.

– Como assim, não podemos viajar hoje!

– Claro que podemos! Rebecca e Oliver vão nos levar ao aeroporto em Portland.

– Pra que esta pressa toda?

Ele sorri de lado, seus braços me envolvem.

– Talvez eu queira ficar sozinho com você, numa tal lua de mel o mais rápido possível...

E então está me beijando. Persuasivamente.

E eu já não tenho argumentos. E nem quero.

Quero a tal lua de mel também. Na verdade, eu mal posso esperar.

Capítulo 11

Eu durmo quase a viagem toda e vejo vagamente as ruas de Nova York enquanto sinto Ian acariciando meus cabelos dentro do táxi.

– Sei que não era a viagem dos seus sonhos, mas está tão desanimada assim? - Ele pergunta em tom brincalhão. Ele não vê meu rosto tenso.

Não tem nada a ver com Nova York. Tem a ver com os tais exames que ele quer que eu faça. Eu levanto a cabeça para encará-lo com um sorriso.

– Como sabe que não é a viagem dos meus sonhos?

– Pensei ter ouvido você falar em ilha tropical ou algo assim...

Eu beijo seu rosto e sussurro em seu ouvido.

– Numa ilha podemos ficar sem roupa o tempo inteiro.

Ele desliza a mão por minhas costas.

– Podemos ficar sem roupa o tempo inteiro aqui também... no hotel, claro.

– Claro! – Nos beijamos esquecidos do motorista e eu rio feito boba enquanto Ian sussurra em meu ouvido que vai tirar as minhas roupas muito em breve.

E eu me concentro nisto. Em nós.

E tento esquecer o verdadeiro motivo de estarmos naquela cidade. Por enquanto eu posso ser apenas uma garota em sua lua de mel. Meu enlevo romântico se esvai quando vejo que o motorista não para em frente a um hotel, e sim a um hospital.

Eu encaro Ian interrogativamente.

– Achei que...

– Quero terminar logo com isto, Julia – ele responde me tirando do carro.

Estremeço. Não só de frio. De apreensão também.

– Não sei se quero fazer isto.

– Não há o que temer. Vamos somente nos certificar que está tudo

bem com você, depois vamos embora – ele acaricia minha mão e beija minha testa. – Ficar sem roupa, lembra?

Eu rio e respiro fundo.

– Certo, tem razão. Vamos acabar logo com isto.

O hospital é enorme e não demora até que o médico nos chame a sua sala. E eu fico sabendo que Ian já conversou com ele sobre meu caso e que é um especialista.

– Certo, Julia, o seu caso não é tão raro. Muitas pessoas depois de um trauma forte sofrem perda parcial de memória.

– E o senhor acha que um dia eu poderei recuperá-la? – Pergunto.

– É possível que sim, também pode nunca recuperar. Como já faz dois anos, acho bem difícil que aconteça.

– Quero que Julia faça alguns exames – Ian diz seriamente. – Quero ter certeza que está tudo bem com ela.

– Sim, claro. Venha comigo, Julia.

Ian aperta meus dedos e sorri me encorajando.

Eu sigo o médico e passo horas fazendo exames, até que finalmente sou liberada.

– Doeu? – Ian brinca, me esperando com um copo de café.

Eu rolo os olhos.

– Alguns exames são bem chatos!

– Eu sinto muito, amor – ele beija meus cabelos.

– Espero que me recompense muito bem.

Ele sorri e eu sinto meu pulso acelerar, então somos chamados à sala do médico.

– Bem, todos os exames estão Ok. Fisicamente Julia está perfeita.

– Embora continue não me lembrando de nada...

– Você sofre de amnésia retrógrada, que é a dificuldade para se lembrar de fatos anteriores ao trauma. Em alguns pacientes a memória volta depois de algumas horas, dias, ou semanas. Depois de meses, é bem improvável que aconteça. Apesar de não ser impossível. Já tentou algum tratamento psicológico?

Eu me reviro na cadeira, incomodada, ao me lembrar das sessões que fui depois do acidente que não ajudaram em absolutamente nada, até que desisti.

– Sim, não serviu para nada.

– Bom, você pode seguir sua vida normalmente. Não há sequelas físicas, apenas esta lacuna.

Nós nos despedimos do médico e eu respiro aliviada quando finalmente entramos no táxi para ir para o hotel. Está anoitecendo, eu estou morrendo de fome e muito cansada.

Não só fisicamente.

– Está tudo bem? – Ian pergunta, preocupado.

– Só estou cansada.

Na verdade, eu não posso evitar me sentir um pouco triste.

Talvez bem lá no fundo eu tivesse esperado que o tal médico especialista aparecesse com uma solução milagrosa que devolvesse minhas memórias perdidas.

Infelizmente tudo continua o mesmo. Eu ainda tenho aquela lacuna de dois anos na minha vida.

Nós chegamos ao hotel e nos registramos. Eu mal olho ao redor, absorva em meus pensamentos sombrios.

– Vem, vou cuidar de você. – Ian me puxa para o banheiro da suíte e tira minhas roupas de viagem amassadas. Enche a banheira de água quente e me coloca dentro.

Depois desaparece no quarto e eu fecho os olhos. Mesmo assim não consigo conter a vontade de chorar. Escuto Ian falando no quarto. Está pedindo comida.

Enxugo os olhos rapidamente ao ouvir seus passos se aproximando. Não quero que ele me veja chorando ou triste. Ele está sendo tão maravilhoso comigo e é nossa lua de mel, afinal. Porque eu tenho que ficar pensando em algo que não tem nada a ver com ele? E que não pode ser mudado?

Vejo seu olhar preocupado varrer meu rosto que sei não ter conseguido enxugar direito e me sinto culpada.

– Me desculpe – murmuro.

Ele sorri.

– Por que está se desculpando?

– Você não tem nada a ver com estes problemas...

– Julia, seus problemas são meus também agora.

Eu engulo em seco.

Ele é tão intenso, tão verdadeiro. Chega a doer meu coração. Queria estar inteira para poder corresponder a todo aquele sentimento.

Desejo que, seja lá o que tenha acontecido no meu passado, não tenha a menor importância. Quero viver o agora. Com Ian.

– Venha aqui. – Peço. – E tire estas roupas.

Ele sorri devagar. Mordo os lábios começando a sentir meu corpo tomando o controle da minha mente.

Ian está tirando as roupas.

E ele vem. Lindo. Nu. Perfeito.

Não há mais nenhuma preocupação em minha mente quando ele está finalmente a meu alcance. E meus dedos tomam posse dele.

Seus beijos enchem minha boca.

– Amo você – sussurro em seus lábios, em seu ouvido.

Intoxicada por sua proximidade, por seu gosto em minha língua. Suas mãos que deslizam por minha pele, mapeando meu corpo, sabendo perfeitamente aonde ir para arrancar gemidos da minha garganta.

E eu fecho os olhos, perdida em sensações, adorando perder o senso com seu toque em meus seios, meu ventre, entre minhas pernas.

Seus dedos dentro de mim.

Gemo alto seu nome. Imploro em frases sem nexos. Mordo seu queixo. Arranho seus ombros. E ele me beija mais. Rouba meu fôlego. Rouba minha alma.

– Abra os olhos, Julia.

Eu obedeco.

Então, finalmente, está me penetrando. E é deliciosamente maravilhosa a sensação de tê-lo dentro de mim.

Eu me movo em cima dele. Impulso. Recuo.

Ele geme. Aperta os dedos em meus quadris, me ajudando a ditar o ritmo.

– Adoro estar dentro de você...

Eu o beijo. E aumento a intensidade.

Agora há somente o som dos nossos corpos em atrito.

Nossos gemidos misturados.

É lindo quando ele fecha os olhos e goza dizendo meu nome, me apertando, me marcando.

E eu me desmancho como a água ao nosso redor, no mesmo êxtase.

– Quer sair? – Ian pergunta um tempo depois, entrando no quarto.

Não sei exatamente quanto tempo, porém, como combinado, estamos sem roupa.

E eu acabei de comer toda a comida que Ian pediu e agora estou esparramada de bruços na cama, sonolenta.

– Não... – murmuro preguiçosamente.

Ian se inclina e deposita um beijo em meu ombro.

– Quem era no telefone? – Pergunto, pois Ian havia saído do quarto dez minutos atrás quando seu celular tocou.

– Tess dizendo que está passando a lista de compras por e-mail.

Eu começo a rir.

– Ela acredita mesmo que faremos compras pra ela?

– Você não tem noção de como ela se tornará chata se eu não fizer - ele responde contra minha nuca.

– Sei... – sussurro roucamente ao sentir seus lábios deslizando por minha espinha.

– Está com sono? – Escuto sua voz em meu ouvido quando ele deita ao meu lado.

Seu corpo está excitado perto do meu.

Estou excitada também.

– Não...

Não demora muito para estarmos nos beijando, corpos se enroscando. Minha mente flutua num estado entre a lucidez e a embriaguez. Abro os olhos e miro seus lábios em meus seios. Seus dedos estão descendo, entrando, acariciando.

E eu queimo, estremeço, enlouqueço.

E então ele paira sobre mim, seus joelhos abrindo os meus delicadamente.

Eu abro os olhos, esperando ansiosa pela desejada invasão.

Ele hesita, seus olhos buscando os meus.

– Julia, está realmente tudo bem quanto a isto, não está?

Por um momento eu não sei do que ele está falando, me lembro de uma conversa que tivemos antes de viajar, quando ele me viu tomando pílulas.

Eu comecei a tomar em Londres por causa das cólicas, agora elas seriam realmente úteis.

– Sim, sim... – confirmo ofegante então ele sorri e me penetra fundo.

– Sim... – sussurro, agora perdida de prazer.

E eu adoro vê-lo se mover em cima de mim.

Me excita o jeito que ele me olha, sabendo o efeito que causa em mim, como cada estocada me desmonta por dentro. Me derrete a ternura com que ele me beija, ou quando pergunta se está tudo bem.

Nada é mais perfeito.

De repente eu penso em meu outro amante. Aquele que eu não me lembro. Será que era desse jeito com ele? Será que ele me tocava dessa maneira. Será que eu sentia a mesma coisa?

Será que eu o amei como amo Ian?

Sinto-me grata por não lembrar. Quero que Ian seja o único em minha mente, em meu corpo. E é olhando pra ele que eu me desmancho em êxtase.

Então ele estremece e goza comigo.

Quero ser a única pra ele também.

Eu não sou. Este pensamento ronda minha mente no dia seguinte, enquanto percorremos Nova York, como dois turistas em férias.

Ian trouxe a tal lista de Tess e nós entramos e saímos das lojas mais chiques da Quinta Avenida e ele sempre me pergunta se eu não quero nada.

– Não, não quero.

– Tem certeza?

Eu rolo meus olhos.

– Sabe que odeio presentes.

– Não seriam presentes. O que é meu é seu...

A vendedora nos interrompe ao entregar o cartão de crédito e as sacolas a ele.

Ela sorri toda derretida.

Nem dá raiva. Sei que meu marido é lindo. Eu estaria suspirando como ela também. Só que algo nesta moça me incomoda. Ela tem lindos cabelos pretos e boca vermelha.

Ao sairmos da loja eu constato qual é o problema. Ela me lembra Susan. A ex-amante de Ian. Aquele simples pensamento me enche de um ciúme gelado e pavoroso.

– Ei, tudo bem? – Ian aperta minha mão e eu o encaro.

– Sim...

– Está esquisita desde que saímos da loja.

Nós caminhamos de volta ao hotel. As mãos de Ian cheias de sacolas e ele me encara preocupado.

– Não é nada, acho que cansei desse monte de compras...

Ele sorri.

– Já acabou. Eu tinha me esquecido do quanto você odeia.

– Esqueceu?

– Acho que me disse algo sobre odiar compras uma vez.

Eu dou de ombros, distraída.

Meu problema não são as compras. Meu problema é a dificuldade que eu tenho de esquecer a existência de outra mulher na vida de Ian.

Ok, podia lidar com o pensamento que ele tivesse um milhão de ex-namoradas. Nunca conversamos sobre o assunto e talvez ele até tenha tido mesmo. Eu não conheço nenhuma delas. São apenas estranhas sem rosto, sem

nomes. Porém, me deparar com uma delas seminua na casa de Ian, no dia do meu casamento, com certeza foi um golpe terrível.

E acho que é por esse motivo que eu não consigo engolir Susan Willians. É real demais. Recente demais. Me embrulha o estômago apenas pensar naquela moça linda e perfeita com Ian.

– Julia, está fazendo de novo.

Eu respiro fundo e volto à realidade. Sem que eu perceba estamos no quarto do hotel.

– Me desculpe, estou distraída... Acho que vou tomar um banho.

– Tem certeza que está tudo bem? Sei que odeia fazer compras, só não achei que fosse ficar irritada.

– Não estou irritada, Ian, esquece - eu entro no chuveiro.

Fecho os olhos e deixo a água escorrer. Tento limpar minha mente.

– Qual o problema?

Abro os olhos e vejo Ian diante de mim.

Ele está sério e determinado. Sei que não vai me deixar em paz até que eu responda.

Só que eu não quero falar.

Sei que ele vai me achar exagerada. Eu mesma sei bem lá no fundo que estou exagerando. Sei que causará problemas entre nós.

Sem dizer nada, eu me aproximo e, ficando na ponta dos pés, o beijo.

– Julia... – ele tenta me afastar, eu não deixo.

Meus lábios percorrem seu queixo áspero de barba por fazer, minhas mãos deslizam por seu peito.

– Shi... – sussurro em seu ouvido, meus dedos descem mais.

– Julia, é sério... – ele ofega.

Eu sorrio contra seu pescoço.

– Acho que estou na TPM.

Ele ri agora. Sei que está cedendo. Eu sinto em meus dedos.

– Está desviando do assunto de propósito.

Eu o empurro até a parede e o encaro com falsa inocência. Meus dedos aumentam o ritmo.

– Jura? Quer que eu pare?
Ele geme.
Me excita.
Seus dedos puxam meu cabelo e me beija.
Eu exulto. O beijo de volta. Mil vezes. Devoro seus gemidos.
Quero que ele não pense em nada. A não ser em mim. Ele é meu
agora.
E eu o beijo inteiro. Mordo, lambo, marco.
Ajoelhada diante dele escuto seus gemidos em meu ouvido, seus
dedos puxando meus cabelos e sinto seu gosto em minha língua.
E depois, ele me leva pra cama.
E eu desconfio que ele sabe o que me preocupa, porque me beija e
sussurra em meus lábios.
– Eu nunca amei ninguém além de você, Julia.
E eu acredito. Porque eu sei, embora não me lembre, que também
nunca amei ninguém assim.

Nós passamos duas semanas em Nova York.
E eu esqueço tudo o mais, me concentrando em Ian.
Enquanto estamos sozinhos, não há mais nada no mundo pra mim
além dele. E eu desejo secretamente que seja sempre assim.
Infelizmente o resto do mundo ainda existe.
Nossas famílias, nossos trabalhos, nossos amigos.
Assim, numa tarde chuvosa, nós desembarcamos em Portland. A lua
de mel havia terminado.
– Me sinto um pouco triste – confesso, enquanto Ian dirige um carro
alugado para Beaverton.
Ele sorri e segura minha mão.
– Achei que ficaria feliz por rever seu pai.

– Claro que sim. Também queria ficar pra sempre sozinha com você.
– Quer ir para uma ilha deserta? - Pergunta brincalhão e eu rolo os olhos.

– Não seria má ideia – ligo o som, e uma música linda enche o carro.
– Esta música... é aquela que você estava tocando na sua casa... – relembro, sentindo de novo a mesma tristeza exatamente como me senti quando a ouvi pela primeira vez. – Que música é esta? É tão... triste.

– Eu compus.

Ele responde simplesmente, com o olhar preso na estrada.

– Oh... sério?

Ele não responde e parece tenso. Será que está bravo porque acho a música dele triste?

– É bonita... – murmuro. – Desculpe-me se disse que era triste...

Ele sorri, sua mão busca a minha de novo.

– Tudo bem. Não estou bravo, Julia.

– Eu realmente acho muito linda.

– E triste – ele estende a mão e desliga o som. – Melhor não ouvir então.

Eu franzo a testa, desconfiada de repente.

– Você me disse uma vez que compunha... por acaso esta música foi inspirada em alguma garota?

Ele ri, divertido.

– Não, para um cara.

Eu soco seu ombro.

– Bobo!

– Esqueça a música, Julia. É só mais uma das muitas que compus. É só um hobby, nada demais.

– Tudo bem. Depois quero ouvir todas. Tenho certeza que deve ter alguma mais alegre.

– Com certeza.

O telefone celular de Ian toca, ele olha o número e não atende.

– Não vai atender?

– Estou dirigindo. E é da minha casa. Deve ser Tess torrando a paciência.

– Ok.

– Quer passar na casa do seu pai primeiro? - Ian pergunta quando já estamos em Beaverton.

– Pode ser...

Eu me arrependo na hora em que chegamos defronte à casa de Jack, pois reconheço o carro de Chris estacionado.

Um simples olhar de relance e eu sei que Ian está tenso.

– Podemos ir embora, eu volto outra hora - digo rápido.

Realmente não quero problemas com Ian por causa de Chris.

Ele aceita a sugestão passando direto.

Eu mordo os lábios, incomodada. É muito chato que as coisas sejam assim. Eu quero que Ian e Chris se deem bem para eu não me sentir tão dividida.

Nós chegamos à casa dos Callaghan e Ian me encara. Parece mais relaxado agora.

Mesmo assim eu sinto que as coisas já não são as mesmas.

– Quer entrar e dar um oi para meus pais? Ou quer ir direto pra casa?

– Não, vamos entrar. Assim ficamos livres – eu digo, soltando o cinto de segurança.

Nós entramos e a casa está em silêncio. Escuto a voz de Rebecca conforme vamos nos aproximando da sala.

– Você deve ir embora.

– Sim, eu liguei para o Ian, ele não atendeu, estariam chegando hoje.
– Tess fala.

– Eu preciso muito falar com ele!

Eu paro. Ian para.

Eu só ouvi aquela voz uma vez. No apartamento de Ian. No dia do meu casamento.

A voz de Susan Willians.

Ian me encara, tenso.

– Eu não faço ideia do que ela está fazendo aqui – diz irritado.

Eu estou meio em choque, enquanto ele me puxa até a sala.

Rebecca e Tess nos encaram com olhos surpresos. Susan se vira e nos vê. Seus olhos estão vermelhos de chorar.

– Que diabo está fazendo aqui, Susan? – Ian indaga friamente.

– Ela já está de saída. - Rebecca diz rapidamente chegando a segurar o braço de Susan.

Que a ignora.

– Eu preciso falar com você, Ian – sua voz está trêmula.

– Não temos nada para falar. Pensei que tivesse entendido.

– Sim, mas... é realmente sério,... por favor, podemos falar... – ela olha pra mim e depois pra ele novamente. – Em particular.

– Não. Eu quero que vá embora.

– Não posso ir sem falar com você.

– Se tem alguma coisa pra dizer, diga logo e vá embora.

Ela hesita, então diz.

– Eu acho que estou grávida.

Ian

Eu já fiz isto uma vez.

Não deveria ser pior agora. Deixá-la ir.

Mas estava me matando.

Ligo o rádio e a música que toca apenas serve para me consumir um pouco mais. As lembranças doloridas enchem minha mente. Enquanto eu sofro, as resoluções se tornam mais fortes.

Eu fiz o certo há dois anos. E estava fazendo novamente. Bastava apenas um sofrimento. Julia estava bem e iria continuar assim.

Pego meu celular e disco um número conhecido.

Ela está lá me esperando, como sempre.

Basta eu ligar. Ela não faz perguntas. Não tem exigências. Eu me sinto culpado por muito motivos. Não existe sentimento da minha parte e eu sei que há da parte dela. No entanto, eu conheço o amor. E o que ela sente não é amor.

É mais um capricho. Uma cisma.

Todavia, eu gosto dela. Esteve na minha vida por tanto tempo, foi minha confidente muitas vezes.

Eu havia começado aquilo achando que estava agindo corretamente. Estava desesperado para esquecer. Com medo de fraquejar nas minhas escolhas. De não ter forças para manter minhas resoluções. E o tempo passou.

Às vezes ansiava que fosse diferente, que eu fosse capaz de me apaixonar por ela e seguir em frente de verdade. Infelizmente eu estava machucado demais.

Era do que eu tentava me convencer, a verdade eu descobri naquela tarde na clareira.

Eu não podia amar Susan, porque continuava amando outra pessoa.

Aquela que nem sabia mais quem eu era.

Esse fato não importava, não quando descíamos pelo caminho que

percorremos tantas vezes. Seus olhos me sondando, me chamando. Ela não fazia ideia do que estava fazendo. Não fazia ideia de que eu a amei mais que tudo. Tanto que preferi abrir mão dela, para que não sofresse.

Por que ela voltou? Por que não ficou em Londres, ou qualquer outro lugar do mundo, longe de mim?

Eu olhava para a mulher na minha frente e sentia uma vontade insana de que ela fosse outra pessoa.

– Não podemos mais continuar – eu digo por fim.

Seu sorriso se desfaz.

Eu me sinto mal.

– Por quê?

Eu posso dizer a ela a verdade.

Prefiro me calar.

– Não está levando a nada, Susan.

– Não me importa.

– Importa sim. Você merece mais. Eu não posso te dar nada, além disso.

– Não fale assim. Está dando certo... está...

– Nada mudou Susan. Eu ainda sou a mesma pessoa. E percebi que não vou mudar.

Ela insiste mais um pouco até que eu a convenço a ir embora.

– Me liga. Eu sei que vai mudar de ideia – ela diz antes de sair.

Ela está errada.

Eu entro no quarto e abro a gaveta. A foto está ali. Foi tirada há muito tempo... quase quatro anos.

Ela está linda. Sorridente.

Os cabelos castanhos soltos ao vento, os olhos cor de avelã brilhando em minha direção.

Foi um dia de sol na clareira. Estávamos apaixonados.

Tínhamos tudo. Agora não tínhamos nada.

Lembro-me de seu sorriso hoje, enquanto ela dava partida no carro. Por um momento, foi como antes. Como se ela me conhecesse. E me amasse.

Será que era possível? Mesmo sem lembranças, que ainda houvesse sentimento? E se houvesse, será que podíamos ter uma segunda chance?

Seria como começar tudo de novo.

Sem nada ruim.

Apenas nós dois.

Dias depois eu estou em frente a sua casa. Jack me olha com raiva. Ele espera Julia desaparecer dentro de casa e me encara irritado. Eu sei que ele tem motivos.

Eu prometi ficar longe. Prometi manter minha resolução de sair da vida dela há dois anos. Porém, depois de alguns dias remoendo o passado em Portland, eu havia voltado.

– Que diabo está fazendo?

– Eu não consegui... ficar afastado.

– Que inferno, Ian! Foi você mesmo que nos proibiu de dizer qualquer coisa a seu respeito e agora está cortejando Julia como se nada tivesse acontecido?

– Não aconteceu. Não pra ela. Somos somente dois estranhos se conhecendo.

– Eu não concordo. Quero que saia da vida dela.

– Acho que só a Julia pode decidir quanto a isto.

– Agora é ela quem decide? – Sua voz é cheia de ironia.

Ele está certo.

Eu entro no carro e me afasto. Não quero as verdades de Jack. Não quero pensar nos perigos das decisões que estou tomando agora. Eu só sei que estou feliz de novo. Eu estou com Julia novamente.

Na minha casa as coisas não são diferentes. Rebecca é a pior. Temos mais uma discussão naquela noite.

– Você não entende! É uma segunda chance! Ela não se lembra de nada!

– Acha certo? Você está enganando a Julia!

– Você quer o quê? Que eu conte a verdade?

Rebecca recua e Oliver a tira de perto de mim.

Eu saio para respirar ar puro e não fico surpreso quando vejo Chris Wilson vindo em minha direção. Por um momento acho que ele vai me bater.

Talvez eu mereça.

Ele para na minha frente. Está mais calmo do que eu achei que estaria nesta situação.

– O que você pretende?

Eu solto uma risada amarga.

– Ela já foi te procurar, não é?

É incrível como ainda dói. Saber que Julia se esqueceu de mim, mas não dele.

A ligação entre eles continua a mesma. Enquanto eu tenho que lutar para conquistá-la de novo.

– Sim, ela te contou que eu a chamei pra sair?

Eu não deveria ficar surpreso. Chris ainda era apaixonado por ela.

– Não, não me disse. E vocês saíram? – Minha mente está tomada pelo ciúme.

– Não, ela desmarcou porque um tal de Ian Callaghan surgiu na parada. Déjà-vu?

Eu não falo nada.

– E o que eu devo fazer? Juro que me deu vontade de contar exatamente quem você é! Que não é o senhor perfeitinho que ela pensa!

– Teria coragem de contar?

– Não. Eu jurei que não contaria nada, não jurei? O que eu sei foi que você também jurou! E disse que ia sair da vida dela e agora está de volta!

– Eu quero uma segunda chance – digo simplesmente. – Eu não estou forçando nada, Chris. Simplesmente... está acontecendo de novo... como se nada tivesse existido antes.

Chris respira fundo.

– Eu percebi. E eu sei muito bem que, como da outra vez, eu não posso lutar contra – sua voz é cheia de amargura.

- Do mesmo jeito que eu não posso lutar contra esta ligação de vocês.
- O que vai acontecer de agora em diante?
- Vamos em frente... Estamos nos conhecendo de novo.
- Eu mato você se ferrar com tudo novamente.
- Não fui bem eu que ferrei com tudo da primeira vez.

Chris sabe muito bem.

- E a tal Susan?
- Não estamos mais juntos.

Ele parece satisfeito com esta resposta quando vai embora.

Capítulo 12

Eu sinto como se meu corpo não me pertencesse mais. Como se estivesse vendo aquela cena de uma plateia.

Era mais simples do que encarar o que eu acabara de ouvir.

– O quê? – É a voz consternada de Ian que eu escuto.

– Você ouviu. – Susan confirma. – Eu estou...

– É impossível – Ian a interrompe.

– Impossível? Sabe que estas coisas acontecem, nós...

– Nós sempre fomos cuidadosos, você sabe tanto quanto eu que uma gravidez é impossível, Susan! Por que diabo está inventando?

– Não estou inventando! Eu estou atrasada há semanas, estou sentindo enjoos e...

Agora quem está enjoada sou eu. Quero sair daquela sala. Quero correr dali para o mais longe possível, não consigo me mover.

– Gente, acho que deveriam deixar esta conversa pra depois. – Tess olha pra mim preocupada.

– Também acho, você precisa ir embora, Susan – Rebecca diz.

Ian me encara.

– Não! Susan fica. – Ele segura meu braço. – Vou levar Julia pra casa e depois levarei Susan para um exame!

E sem mais ele sai praticamente me puxando. Nós entramos no carro e eu ainda estou sem conseguir dizer nada.

Eu mal consigo respirar.

Ian está possesso dirigindo rapidamente até a nossa casa.

A verdade começa a clarear meu estupor.

A Linda e perfeita ex de Ian, aquela que faz parte dos meus pesadelos, está grávida.

Ela vai ter um bebê.

De Ian.

O carro para em frente ao chalé e eu nem espero ele desligar o motor pra pular fora. Corro para dentro e desabo em frente ao vaso sanitário.

Vomito todo meu horror.

Ian está me segurando quando termino.

Eu estou tonta. De vomitar e de desespero.

– Julia, amor, Deus, sinto muito... vamos resolver...

– Resolver? – Eu o encaro.

– Ainda não temos certeza.

– E se for verdade?

– Daremos um jeito.

– Jeito? É um bebê, Ian. Um bebê seu e daquela...

– Eu ainda acredito que é impossível, eu sempre usei preservativo...

– Não quero ouvir... – eu abro a torneira, jogando água no meu rosto.

Quero me afogar.

– Estou apenas dizendo a verdade.

Meu olhar encontra o dele pelo espelho.

– Ela tem razão... nada é cem por cento seguro – murmuro.

– Eu sei... exatamente por isto vou levá-la ao médico.

Enxugo meu rosto, minhas mãos estão trêmulas.

– Só não queria deixá-la sozinha.

– Eu estou bem.

Me arrasto para o quarto e me sento na cama.

– Eu realmente não queria que estivéssemos passando por esta situação – ele diz como se pra si mesmo, enquanto se ajoelha diante de mim e tira meus sapatos.

Eu me deito, encolhida.

– Vou ligar para Rebecca...

– Não. Eu quero ficar sozinha.

– Julia...

– Por favor, Ian. Deixe-me sozinha.

Fecho os olhos e o escuto se afastando. E só então começo a chorar.

Não sei quanto tempo passa. A noite cai lá fora quando finalmente tenho forças para levantar. Eu tiro a roupa e entro debaixo do chuveiro.

O telefone está tocando quando saio. Não quero atender. Pode ser Ian e tenho medo do que ele irá dizer.

Visto uma roupa e saio de casa. Meu velho jipe está na garagem. Não sei aonde estou indo enquanto dirijo. Não quero ver meu pai. Não quero ter que contar a ele o que aconteceu.

Então vou para fazenda dos Wilson. Também não vou contar a Chris. Ele não vai insistir para saber. A fogueira está acesa e há várias pessoas reunidas ali quando desço do carro. Chris me vê e vem em minha direção.

– Ei, o que faz aqui? Achei que estivesse em lua de mel – ele diz sorrindo, enquanto seu olhar sonda meu rosto.

Tenho certeza que ele tenta procurar algo errado. Eu sorrio também, dando de ombros.

– Cheguei hoje. O que está rolando aqui?

– Só os caras da fazenda comemorando o dia do pagamento. Música, bebida e diversão. Sabe como é, você já esteve em uma fogueira antes...

Franzo a testa.

– Estive? Não me lembro...

Ele coça o cabelo.

– É, desculpa, esqueci.

– Me conta.

– Contar?

– Me conta como foi da outra vez que estive aqui. Vocês nunca falam nada sobre os dois anos que eu esqueci...

Nós estamos caminhando, nos afastando das pessoas na festa.

– Não tem nada demais pra contar, Jules.

– Não interessa, conte como foi?

– Foi logo depois da nossa formatura do colégio. Um pouco antes de você ir pra faculdade...

Nós paramos já bem afastados. Não vejo mais as pessoas e Chris

acende outra fogueira.

– Ah... quase uma despedida, então.

– Sim, é a palavra perfeita... – ele olha as chamas. Com o pensamento bem longe dali.

Eu sei que ele está pensando naquela noite.

Aquela que segundo ele, não tem nada demais pra contar.

Eu não acredito.

– E o que aconteceu? – Pergunto me sentando. Ele se senta do meu lado.

– O que sempre acontece nestas festas – ele dá de ombros.

– Não foi só isto – insisto, curiosa.

– Nós nos afastamos e nos sentamos sozinhos como agora.

Então de repente eu não sei se quero ouvir. Minha mente se volta para algo mais antigo. Uma declaração de amor e um beijo roubado.

Faz tanto tempo. Alguns meses depois da morte da minha mãe, quando eu e Chris tínhamos nos tornado inseparáveis. Melhores amigos. Até que ele me surpreendeu dizendo que estava apaixonado por mim. E me beijou.

Só que eu não gostava dele daquele jeito. Eu voltei pra casa e chorei. Eu sabia que, por mais que amasse Chris, ele seria sempre meu amigo.

Ele apareceu dias depois. Como se nada tivesse acontecido. Continuamos amigos. Ele nunca comentou mais nada desde então. Porém aquele episódio ficou entre nós e, de tempos em tempos, eu me perguntava se ele havia esquecido.

Tinha medo que não.

Eu achava que não.

– Julia?

Congelo ao ouvir a voz de Ian, que me faz voltar ao presente. Viro-me e ele está parado a pouco passos de distância.

– Ian! – Eu me levanto.

Sinto-me culpada. E nem sei por quê.

– Olá, Ian – Chris diz com voz divertida. – Quer participar da nossa

festinha?

Ian está com cara de poucos amigos.

– Chris, eu já vou – digo, antes que aquilo vire briga. E saio andando em direção a Ian.

– Como sabia que eu estava aqui?

– Onde mais se esconderia quando temos um problema? – Ele fala entredentes, enquanto caminhamos em direção ao carro.

Estou louca para saber sobre o teste de gravidez.

Não tenho coragem de perguntar.

– Deixe seu carro aí e venha comigo.

– Não, eu posso dirigir.

Entro no jipe dando partida antes que ele possa me impedir.

O carro de Ian pode ultrapassar o meu com tranquilidade, mesmo assim ele permanece atrás de mim. A distância é curta.

Não sei se quero chegar em casa. Não sei se quero encarar a verdade.

Infelizmente é inevitável.

Eu entro com Ian me seguindo e o encaro.

– Susan não está grávida. Como eu suspeitava, era alarme falso.

Eu ando pela sala, coloco as chaves do carro no aparador. Meus dedos tremem.

– Com certeza? – Minha voz está fria.

– Sim. Fizemos todos os testes.

– Certo...

Estou de costas pra ele. Olhando a noite escura.

Não sei o que sinto. Deveria me sentir aliviada. Feliz. No entanto me sinto estranha. Triste. Me sinto mal.

– Julia, eu sinto muito – Ian se aproxima por trás de mim.

Seus dedos tocam meus ombros.

Fecho os olhos.

– Eu não sei o que deu na Susan.

– Ela te quer de volta. Estava desesperada.

– Ela sabe que nunca vai acontecer. Mesmo que estivesse grávida...
Eu me viro e o encaro.

– O que ia acontecer? Ia pedir para ela tirar o bebê?

Não sei se gosto de Ian pedindo algo assim pra alguém. Mesmo que seja Susan Willians.

– Eu não sei.

Eu me afasto.

– Eu não ia ficar com ela só por causa disto, Julia. Uma gravidez não é o suficiente pra manter duas pessoas juntas.

– Talvez tenha razão... – murmuro. – Só não consigo parar de pensar, que se fosse verdade...

– Não pense. Não é real. Não precisa mais se preocupar.

– É sofrido mesmo assim, Ian. Acha que é fácil pra mim esquecer que há poucas semanas você estava com ela? Talvez ainda estivessem juntos se eu não tivesse aparecido. Talvez sua reação sobre a possibilidade de uma gravidez fosse outra, talvez ficasse até feliz...

– Impossível eu ficar feliz – ele diz quase que para si mesmo.

– Por quê? Por que, como você diz, não a amava?

– Julia, esquece, por favor. Eu já te disse que o que havia entre mim e Susan, era apenas uma conveniência... Claro que seria um problema se ela engravidasse. Com ou sem você em minha vida. Agora chega deste assunto!

O telefone toca. Ian atende e troca algumas palavras com a pessoa do outro lado da linha e me passa o telefone.

– É Jack.

Eu penso em pedir pra não atender, acabo pegando o telefone da mão dele.

– Chris me disse que voltou. Por que não me avisou?

– Eu voltei hoje, pai...

– E já foi numa festa nos Wilson! Ele me disse que Ian foi te buscar lá com cara de poucos amigos...

– Chris é um fofoqueiro agora é? – digo rispidamente. – Não está acontecendo nada, pai!

– Tudo bem, tudo bem! Não precisa ficar nervosa. Só aceite um conselho. Veja bem o que vai fazer. Não quero ter que ficar apartando briga entre seu marido e Chris.

– O que quer dizer?

– Sabe muito bem! Ian morre de ciúmes de Chris e nós sabemos que ele tem razão de ter!

– O que está insinuando, que eu... – me calo levantando o olhar à procura de Ian, ele não está por perto. – Está dizendo que eu dou alguma esperança ao Chris?

– Não foi o que eu disse. Todo mundo sabe que o Chris é apaixonado por você. Não tem como culpar o Ian por se sentir ameaçado.

– Chris sabe o que eu sinto. Eu amo o Ian. Ele é apenas meu amigo.

– Não sei se seu marido está feliz com esta sua amizade. Apenas não se meta em confusão.

– Obrigada pelo conselho. Boa noite, pai!

Eu desligo e escuto o barulho do chuveiro ligado.

Ian está no banho.

Vou pra cozinha e preparo o jantar.

Ian aparece algum tempo depois. Nós nos sentamos para comer.

– Precisamos voltar a Portland amanhã.

– Eu não posso. – Tenho que voltar à escola. Peguei somente duas semanas de licença.

– Sei que ainda não conversamos sobre isto, você sabe que meu trabalho é em Portland.

– Sim e o meu trabalho é aqui.

– É um trabalho temporário, Julia. Pode se desligar e arranjar algo em Portland.

Ele tem razão. Eu mesma já havia pensado naquilo. Se bem que, depois de toda esta confusão com Susan, algo me fazia querer ficar em Beaverton. Pelo menos por enquanto.

– Desculpe-me, mas eu quero realmente ficar aqui.

Nos encaramos por cima da mesa por um instante.

Sei que Ian está bravo comigo. Quero que ele fique. No fundo, sei que estou fazendo aquilo pra irritá-lo, como uma espécie de punição por tudo o que eu passei com o episódio de Susan. É infantil e ridículo, só não consigo evitar.

E talvez tenha merecido o que ele diz em seguida.

– Vai procurar o Chris?

Eu me levanto, verdadeiramente irritada agora.

– Quer saber? Estou de saco cheio de pisar em ovos com você por causa de Chris. Não acho justo eu ter que fingir que meu melhor amigo não existe por sua causa!

Ian se levanta também.

– Mas é justo ficar me atormentando por causa da Susan.

– São coisas completamente diferentes! Eu nunca tive nada com Chris.

– Não?

As palavras saem de sua boca como veneno.

Batem em meu estômago. Que se revira.

– Claro que não! – Nego horrorizada. – Não sou você, que dorme com suas “amigas” pra passar o tempo!

– Está sendo tão injusta, Julia... – sua voz é cheia de uma dor antiga, que me quebra um pouco.

Porém eu não posso deixar que ele insinue inverdades sobre mim e Chris.

– Você também está sendo muito injusto. E me dói saber que desconfia de mim. Chris é meu amigo. Se eu quisesse ficar com ele, estaria com ele e não com você.

– Me desculpe. Deus, que inferno! Tudo o que eu faço faz você sofrer? Eu não faço outra coisa a não ser tentar poupá-la, parece que só causo mais sofrimento!

Eu engulo o nó na minha garganta.

– Nunca mais ouse insinuar nada sobre mim e Chris. Não me faça achar que foi um erro escolher você.

Eu me viro e saio da cozinha. Ainda escuto sua voz.

– Eu também quero acreditar que não está sendo um erro...

Não quero chorar, apesar de as lágrimas caírem enquanto me troco e coloco um pijama.

Eu me deito e ensopo o travesseiro.

Ian não aparece.

Eu acordo de um pesadelo.

Ofego e tremo. Estou com frio. As cobertas estão todas reviradas no chão.

Olho pro lado e Ian não está. Saio da cama às cegas e o procuro.

Ele está deitado no sofá.

Eu me aproximo e deito do seu lado. Ele acorda.

– Julia...?

– Não me mande embora – digo contra seu peito, enquanto ele me abraça.

– Você está gelada. – ele puxa a coberta que o cobre pra cima de mim.

Eu me enrosco mais nele, ainda tremendo.

– O que foi?

– Tive um pesadelo.

– Ah, amor, eu sinto muito – sinto seus lábios em minha testa. Sua mão acaricia minhas costas.

– Só quero dormir.

– Quer voltar pra cama?

– Não, está quentinho aqui.

Ele ri contra meus cabelos.

– Então durma.

Eu adormeço, me sentindo segura.

Claro que eu não errei.

Quando acordo estou na cama. Ian está do meu lado.

Ele sorri.

– Bom dia.

– Bom dia - eu me espreguiço. – Que horas são?

– Cedo.

– Que horas você vai?

– Daqui a pouco.

Eu me sinto meio triste. Sei que posso mudar de ideia, pedir demissão e ir com ele. De alguma forma acho que será bom dar um tempo.

Tudo acontece rápido demais entre nós. Não sei se é certo simplesmente abrir mão de tudo por ele.

– Já sinto sua falta – digo e Ian me puxa pra perto.

Me aconchego em seu corpo morno.

Desejo parar o tempo.

– Ainda pode vir comigo – diz em meu ouvido.

– Sabe que não – respondo, passando a perna por seu quadril. – Precisamos deste tempo.

– Eu preciso mais de você – sua boca toca meu pescoço.

– Ian... – há resistência em minha voz.

Ele ri contra minha pele. Me arrepia.

– Tudo bem, acho que terei que me acostumar com uma mulher independente então.

Ele me solta. Eu rolo por cima dele.

– Quanto tempo temos até que precise ir?

– Todo o tempo que quiser se for pra me dar carinho.

Eu sento em cima dele e tiro a blusa do meu pijama.

Ian sorri lindamente.

Naquela tarde ele vai pra Portland e eu fico me perguntando se estou agindo corretamente.

Ligo para a escola e digo que vou voltar para as aulas no dia seguinte. Depois ligo pra Carla e faço um relato resumido de como foi em Nova York.

– E como vai a vida de casada?

– Muito bem – digo evasiva.

Embora Carla seja minha amiga, não me sinto muito tentada nesse momento a contar a ela meus problemas com Ian.

– Ian está em Portland.

– Achei que fosse se mudar pra lá com ele.

– Talvez quando acabarem as aulas... ainda não falamos sobre isto.

– Terá que se decidir, embora Portland não seja longe...

– Sim, pensaremos nisto depois.

– Se por acaso se sentir sozinha me liga. Podemos fazer alguns programas legais.

– Obrigada, vou me lembrar.

Eu desligo e então escuto alguém bater a porta.

Será algum Callaghan?

Quando abro a porta, arregalo os olhos surpresa ao ver Susan Willians.

Minha primeira vontade é fechar a porta na cara dela, me contenho.

– O que faz aqui? – Pergunto friamente.

– Posso entrar?

– Ian não está.

– Eu sei. Sei que ele foi pra Portland. Eu vim conversar com você.

– Não temos nada pra conversar.

– Eu acho que temos.

Eu quero insistir que não, porém há uma curiosidade mórbida dentro de mim que quer ouvir o que Susan tem a dizer.

Eu faço um sinal para ela entrar e fecho a porta.

Ela olha em volta, tira o casaco.

– Sua casa é bonita.

– Acho que não veio elogiar minha casa.

– Não, não vim.

– O que quer Susan? O que aconteceu ontem já não foi suficiente?

– Acha que fiz de propósito? Acha que inventei que estava grávida?

– Inventou?

– Não. Eu delirei – ela sorri tristemente.

– Você não queria perder o Ian.

É uma constatação.

– Não. Acho que me entende, não é?

Eu não respondo.

Sei que temos algo em comum. Temos ele em comum. Só não quero compartilhar nada com Susan Willians.

– Eu vim pedir desculpas.

Eu não falo nada e ela continua.

– A começar pela cena que presenciou na noite do seu casamento. Eu não fazia ideia... – ela para e respira. – Enfim, não fazia ideia que você estava com ele. Se eu soubesse... Ian deveria ter me contado quando terminou comigo. Eu estava achando que era apenas...

– Eu não quero saber.

– Se eu soubesse sobre você... eu nunca teria voltado ao apartamento dele.

– Mas veio até aqui dizer que estava grávida.

– Eu achei que estava. De verdade. O tempo inteiro eu dizia a mim mesma que era improvável. Ian sempre foi muito... cuidadoso em relação a isto.

– Eu realmente não quero saber de detalhes... – meu estômago embrulha.

– Deveria ficar aliviada. Ele não queria de maneira alguma ter um filho comigo. Sabe por quê? Porque ele não sentia nada por mim. Eu fui uma idiota achando que poderia mudar. Que eu podia ser algo mais que uma amiga com quem ele transava de vez em quando. Que eu podia...

– Susan, eu não quero falar sobre este assunto. O que aconteceu entre você e Ian... não é da minha conta, afinal.

– Queria que não fosse. Há tanta coisa... Eu queria poder te dizer. Mas não posso – ela se levanta.

Ela pega o casaco e caminha em direção à porta.

– O que quer dizer com tem muita coisa a dizer? – Indago confusa.

Ela se volta.

– Pergunte ao Ian.

– Por que está fazendo isto? Veio aqui pra me confundir? Pra eu desconfiar do Ian?

– Não. Eu nem deveria estar aqui. Queria apenas pedir desculpas. E dizer que não vai me ver mais.

Ela abre a porta e desaparece na névoa fria.

Suas palavras ficam martelando na minha cabeça. O que somente Ian podia me contar?

Ian

O telefone toca várias vezes. Julia não atende. Desligo, me perguntando onde ela está. Não querendo que ela esteja com ele.

Eu nunca terei certeza.

Então, em vez de ligar para Chris, eu ligo para Jack.

– Falou com a Julia hoje?

– Sim, ela me disse que ia sair com a Carla.

Eu volto a respirar, sem me dar conta de que estava com a respiração presa na garganta até aquele momento.

Jack sabe.

– Deve parar com isto.

– Devo?

– Por que voltou pra vida dela se vai ser assim? O que aconteceu com a história de começar do zero?

– Eu achei que seria mais fácil.

Eu caminho pela sala e mexo nos DVDs até encontrar o que procuro.

Coloco no aparelho e me sento.

– Eu te avisei que podia ser um erro.

– Acha que erramos?

– Está falando de dois anos atrás?

– Sim.

– Eu não sei – a voz de Jack parece mais velha e cansada.

Todos nós estamos exaustos.

– Eu não posso viver sem ela – murmuro, meus olhos fixos nas imagens na TV.

– Acha que conseguirá viver com tantos segredos?

– Eles irão feri-la. Não posso suportar seu sofrimento de novo. Quero fazer a coisa certa. Só não quero vê-la sofrer.

– Acha que eu quero? Eu concordei com tudo porque queria vê-la feliz. Saudável. Eu acreditei que ela estava feliz sem você.

– Talvez tenha razão.

– Agora não tem mais volta. Foi ela quem escolheu ficar com você novamente. Não posso interferir.

– E Chris?

– Chris tem que lidar com seus próprios demônios, Ian.

– Eu sei.

Eu desligo. Aumento o som da TV e escuto seu riso.

Era um dia de sol. Algo tão raro em Beaverton. Claro que o sol precisava aparecer no dia do casamento de Julia.

Nas imagens da TV ela está vestida de branco. Está linda.

Ela sorri pra mim. Nós estamos dançando.

É o dia do nosso casamento. Nosso primeiro casamento.

Aquele que ela esqueceu. Assim como de mim.

Como de nós.

Capítulo 13

Acordo com a claridade entrando no quarto. Sinto uma falta quase dolorida de Ian.

E faz apenas um dia que ele foi pra Portland.

Ontem a noite ele me ligou. Vi suas chamadas quando cheguei, depois de ir ao cinema com Carla. Eu precisava sair. Precisava de companhia para não ficar pensando nas coisas que Susan disse.

Sem contar que, voltar pra casa e dormir sozinha, era triste.

Pelo menos não tive pesadelos.

Hoje não tenho aula e penso no que poderia fazer para preencher meu dia. Jogo as cobertas para o lado e abro a janela. Respiro o ar puro. Tem sol. Quase um milagre.

Sorrio.

Então vejo alguém no jardim. Aquele bonito onde encontrei Rebecca chorando.

É a mãe de Ian. Ela está mexendo no jardim.

Saio da janela, me visto e faço um chá.

Caminho em sua direção.

– Oi – digo timidamente.

Jill está ajoelhada entre as flores, se vira surpresa e sorri.

– Olá, Julia, já acordada tão cedo?

Ela se levanta. Usa luvas de jardineiro.

– Sim – dou de ombros. – A vi da minha janela e pensei se não gostaria de um chá.

Ela retira as luvas e pega a xícara.

– Que amável, querida, obrigada.

Eu respiro quase aliviada.

Jill parece ser uma pessoa muito gentil eu preciso vencer esta

resistência com a família de Ian.

Afinal, eles também são minha família agora.

– Hoje não tem aula?

– Não. Eles irão numa excursão. Então estou de folga... este jardim é lindo.

– Não é? Eu mesma plantei todas as flores.

– Que lindas – eu toco um pequeno botão rosa. – Não me lembro de ele estar aqui da última vez que... – eu me calo, não quero falar que vi Rebecca chorando.

– Eu acabei de plantá-las.

– São realmente lindas. Você faz um ótimo trabalho.

– Sim, é trabalhoso mesmo, mas eu adoro.

– Eu até poderia te oferecer ajuda, mas sou péssima para estas coisas.

– Não tem problema, querida. Por que não vem almoçar comigo? Estou sozinha em casa.

– Claro, eu irei.

Ela me devolve a xícara.

– Obrigada, o chá estava ótimo. Eu te espero na hora do almoço,

– Pode esperar!

Eu a vejo caminhar em direção a casa e permaneço mais um pouco ali.

Depois volto pra casa e decido fazer uma arrumação.

Ian me disse que os Callaghan tinham empregadas que vinham toda semana fazer a limpeza e que eu não precisava me preocupar, mesmo assim, aproveito para conhecer melhor a casa.

Havia mais um quarto, além do nosso, que estava vazio, sem móvel algum eu pensei que poderia transformá-lo em quarto de hóspedes.

Estou quase saindo para encontrar a mãe de Ian quando o telefone toca.

Eu sei que é ele.

Meu coração se aquece ao ouvir sua voz.

– Julia?

– Quem mais poderia ser? – Brinco.

Ele ri.

Fecho os olhos. Desejando desesperadamente que ele estivesse comigo.

– O que fez ontem à noite? Eu te liguei.

– Eu fui ao cinema com a Carla.

– Se divertiu?

– Sim, mas preferia estar com você.

– Ainda pode mudar de ideia e vir pra cá.

Mordo os lábios, tentada.

Não quero deixar meu trabalho agora. De verdade.

– Eu vou almoçar com sua mãe hoje.

– Que bom, não gosto da ideia de você sozinha.

– Eu trabalho, Ian, não tenho tempo de ficar sozinha! E sempre posso sair com a Carla, visitar meu pai... – eu quase completo “encontrar Chris”, me calo a tempo.

Infelizmente eu tenho quase certeza que Ian completa em seu pensamento.

– Enfim, não falta muito para o semestre acabar. Apenas algumas semanas.

– Vou contar as horas. Virá ficar comigo, não é?

Há certa insegurança em sua voz.

– Claro que sim! O que mais eu faria? Beaverton não tem graça nenhuma sem você.

– Portland também é chata sem você.

– Quando você vem?

– No fim de semana. Bom, eu preciso voltar ao trabalho.

– Sim, me liga à noite?

– Nada de encontros de solteira?

– Não, ficarei em casa lendo e sofrendo de saudades, satisfeito?

Ele ri.

– Eu te amo.

– Eu sei.

Tess aparece muito sorridente na minha porta na tarde seguinte, depois que chego da escola.

– Olá!

– Oi, Tess.

– E aí, como está se virando sozinha sem meu irmãozinho por perto?

Dou de ombros, enquanto ela entra.

– Indo...

– Ele deve estar todo deprimidinho lá em Portland – ela ri. – Eu vim animar você!

– E isto que dizer...?

– Vamos às compras, claro!

– Tess, eu não curto muito...

– Ah, por favor! Não precisa comprar nada pra você, se não quiser! Eu compro e você me acompanha! Rebecca está com o namorado em Portland e minha mãe é tão chata comigo!

Eu rio.

– Tudo bem, acho que vai ser bom dar uma volta na cidade.

Tess tem um Mini Cooper e dirige em alta velocidade enquanto tagarela sem parar.

Ela estaciona em frente a uma loja de roupas e eu paro.

– Tess, lembrei que tenho que encomendar uns livros, podemos nos encontrar aqui depois?

Ela rola os olhos.

– Sabia que ia fugir! Sempre foge!

– Sempre?

– Ah... Ian me alertou sobre sua mania de livraria! Tudo bem, me encontre aqui depois que comprar seus livros! Eu vou demorar mesmo.

Consigo fugir para a livraria, me sentindo aliviada e pretendo ficar bastante tempo lá para não ter que acompanhar Tess no seu delírio consumista.

Estou atravessando a rua quando vejo Chris. Ele parece surpreso e feliz por me ver.

– Olha só quem saiu da toca.

– Oi, Chris.

Nós estamos estranhamente formais.

Nada de abraços efusivos. Apesar de estranho é necessário.

Há uma nova ordem nas coisas. Tenho que me acostumar com ela.

– O que faz na cidade?

– Vim com Tess.

– Mais conhecida, como Tess, a louca?

– Não fale assim! Ela é só uma adolescente.

– Se você diz...

– E você, o que faz aqui?

– Vim procurar umas peças para um trator que estou consertando...

– Sei...

Nós caímos num silêncio tenso, então, sem aviso, começamos a rir.

– Por que estamos esquisitos? – Pergunto.

Ele dá de ombros.

– Você sabe o motivo.

Sim, claro que eu sei.

Não deixa de ser um pouco triste.

– Eu preciso ir – digo por fim.

– Claro. Nos vemos por aí.

– Sim. Tchau, Chris.

– Tchau, Julia.

Eu o vejo se afastar e lamento.

Entro na livraria, pensativa. Encomendo os livros que preciso e resolvo dar uma volta antes de encontrar Tess de novo.

Paro em frente a uma loja de móveis e me lembro que pensei em decorar o quarto de hóspedes.

– Te peguei!

Quase dou um pulo de susto ao ouvir a voz de Tess atrás de mim.

– Tess, credo me assustou!

Ela ri, divertida.

– Desculpa! E aí, o que está fazendo aqui? Quer comprar móveis, é?

– Estava pensando em decorar aquele quarto vazio...

– Oh... certo, aquele quarto... Ah sim, mamãe deixou-o vazio porque não sabia o que queria fazer nele... Pode decorar do jeito que quiser, claro.

– Talvez sua mãe queira fazer isto? Fez um trabalho incrível com o chalé.

– Ela adoraria! Se quiser, eu posso fazer pra você! Estou tão entediada e tenho bom gosto também! – Ela dá pulinhos e me puxa pra dentro. – Vamos entrar então e ver algumas coisas.

Tess parece uma criança em loja de brinquedo percorrendo a loja com a vendedora bem feliz em seu encalço.

Eu caminho distraída entre os móveis e de repente paro numa sessão de quarto de bebês.

“... deixou-o vazio porque não sabia o que queria fazer nele.” Tess havia dito.

Será que Jill não o decorou pensando que eu poderia querer fazer um quarto de bebê?

Seria o mais lógico, talvez...

Casamento, filhos...

Eu e Ian não conversamos sobre filhos. Nem tivemos tempo! Tudo aconteceu tão rápido, eu só pensei em estar com ele pra sempre. Mas, pensando bem...

Sim, eu gostaria de ter um bebê de Ian algum dia. Será que Ian queria? Ele pareceu tão contrariado com a suposta gravidez de Susan...

Talvez devêssemos conversar sobre o assunto.

– Julia, venha ver as cores que estou pensando. – Tess me chama e então para, olhando em volta. – O que está fazendo aqui?

– Nada... apenas pensando... que talvez devêssemos deixar esta decoração pra outra hora.

– Eu achei que...

– Deixa pra lá, Tess, na verdade ainda não decidi o que quero fazer.

– Certo. Tudo bem. A casa é sua! Que tal tomarmos um café?

– Boa ideia.

Eu me aproximo da mesa de Tess com dois cafés e ela ri ao telefone.

– Ian, eu não estou chateando a Julia! - Ela passa o telefone pra mim.

- Fale pra ele que você está adorando fazer compras comigo.

– Deveria ter trancado as portas. – Ian brinca do outro lado da linha e eu rio.

– Está sendo divertido.

– Está mentindo e eu sei. Não tem que fazer tudo o que Tess quer. Não deixe que ela te incomode.

– Ela está sendo legal, Ian. E eu tinha mesmo que vir a cidade para comprar uns livros...

– Tudo bem, deixa eu falar com a Tess.

Eu passo o telefone de novo pra Tess.

– Satisfeito? – Ela fica em silêncio ouvindo o que Ian diz. Parece séria de repente. Seus olhos desviam dos meus. – Ian, eu sei, ok? Não precisa ficar me lembrando! - Mais silêncio e eu fico me perguntando o que Ian está dizendo a ela. Então ela sorri. – Sabe que sempre estou do seu lado, quem é que mais te apoia? Sim, sou eu! Não sou a Rebecca, sabe disto... Ok, ok... Olha pra ficar feliz... – ela me encara e pisca maliciosamente. – Comprei um presente pra você... é, vai estar com a Julia... certo, não precisa agradecer! Tchau, tchau!

Ela desliga e toma seu café.

– O que o Ian estava dizendo? – Pergunto curiosa e ela dá de ombros.

– Nada, ele é um chato às vezes, eu sei lidar com o Ian.

– E de que presente estava falando?

– Ah, este aqui – ela pega uma das sacolas e me entrega. – Pode ver!

Eu abro a sacola e arregalo os olhos ao ver em minhas mãos cetim e renda.

– Tess, isto é uma lingerie! Comprou pro Ian?

– Bom, tecnicamente é pra você usar, claro!

– Então tecnicamente é um presente pra mim e eu disse que não queria nada!

– Por isto mesmo, é um presente pro Ian! Veja bem, você vai usar pra ele, claro.

Eu fico vermelha e Tess ri colocando a roupa na sacola.

– Obrigada, Tess, você é a melhor irmã do mundo – ela imita minha voz e eu não consigo ficar séria.

E quando nós estamos saindo do café, ela me surpreende segurando minha mão.

– Eu estou mesmo muito feliz que esteja aqui.

Eu não sei o que dizer sobre essa súbita demonstração de afeto de Tess, então apenas sorrio de volta.

– Finalmente vou comer algo que preste!

Eu sorrio ao ouvir a voz de Jack pendurando o casaco ao entrar na cozinha.

Eu resolvi fazer uma surpresa e fui jantar com ele. Ou melhor, cozinhar pra ele.

– Oi, pai. Senti sua falta também!

– Já está cansada da vida de casada é?

– Sabe que Ian está em Portland.

– E por que não está lá com ele?

– Porque estou trabalhando.

– E vai ficar assim até quando?

– Até acabarem as aulas, pai.

– Não quero ser intrometido, antes que me acuse devo dizer que esse negócio de casar e ficar cada um para um lado... não dá certo.

Eu lhe lanço um olhar exasperado.

– É temporário, já falei!

De repente escuto um carro estacionando em frente a casa.

– Está esperando alguém?

– Oh... não fazia ideia.

– Entrem – ele abre a porta para os dois homens. - Acho que estão com sorte hoje. – Jack diz apontando pra mim.

O pai de Chris, Martin é amigo do meu pai de longa data.

– Oi... Realmente um golpe de sorte, porque nem sabia que viriam hoje.

– Oi Jules – Chris sorri.

Ele parece feliz em me ver.

Eu me divido entre sentir felicidade ou culpa.

Acho que sinto os dois.

Jack abre a geladeira e pega cerveja para ele e Martin e, em pouco tempo estão indo pra sala para Jack mostrar as varas de pesca novas.

Chris se aproxima de mim no fogão.

– Eu não fazia ideia que estaria aqui.

– Eu sei. Digo o mesmo.

– Quer ajuda?

– Não, estou terminando, se quiser colocar a mesa.

– Certo... e aí, como você está?

– Estou bem... sinto falta do Ian – confesso. – Ele estará aqui amanhã.

– Que bom pra você. – Chris comenta simplesmente, sem me encarar.

Nós jantamos ouvindo as histórias de pescaria de Martin e Jack e depois Chris me ajudar a lavar a louça.

É quase como antigamente, como se ainda pudéssemos ser amigos, sem nenhuma preocupação. Penso naqueles dois anos que não me lembro. Será que Chris conheceu meu “namorado”, ou seja lá quem que esteve comigo naquela época?

– Nós continuamos amigos quando eu estava em Seattle?

– Onde?

– Seattle. Faculdade.

– Claro.

– Eu vinha muito pra cá? Nós... andávamos juntos?

– Claro... Por que está perguntando?

– Não sei... curiosidade. Ninguém nunca fala desta época. Isto me incomoda.

– É natural que te incomode não lembrar de nada. Não devia ficar se preocupando com isto.

– Eu tento... então, se ainda éramos amigos... você deve saber se eu tive algum namorado.

Chris parece incomodado com minha pergunta. Desvia o olhar.

– Eu tive?

– Não sei Julia. Eu só te via nos feriados e férias. Pode ter tido dezenas de namorados, como posso saber?

– Eu acho que te contaria se tivesse, não é?

– Talvez não...

Eu suspiro pesadamente.

Será mesmo que Chris não sabia de nada? Ou sabia e não queria falar?

De repente escuto um carro estacionando e olho pela janela. Meu pulso congela ao reconhecer o carro de Ian.

– Droga – murmuro baixinho, indo abrir a porta pra ele.

Será que Ian tinha um sexto sentido que lhe avisava quando Chris estava perto de mim?

Ian sai do carro e vem em minha direção.

Ele sorri e, por um momento, eu esqueço de tudo o mais e me jogo em sua direção.

Ele me recebe em seus braços. Eu aspiro seu cheiro.

Depois de uma eternidade eu o encaro.

– Por que não me avisou que chegaria hoje?

– Não sabia se daria tempo... não queria deixá-la esperando...

Então seu sorriso congela no rosto. Ele olha além de mim.

E sei que viu Chris.

– E aí? – Chris acena com a mão.

Ian me encara. Está furioso.

– Eu vim jantar com meu pai... ele já tinha convidado Chris e o pai dele... – explico rápido.

– Que conveniente, não é?

Ele me solta. Sinto frio.

Sinto raiva.

– Conveniente? O que quer dizer? Que eu armei para me encontrar com Chris? Algum encontro secreto na casa do meu pai? – Minha raiva vai aumentando com o tom da minha voz.

– Ei, Ian – escuto Jack se aproximando. – Julia disse que chegaria amanhã.

– Sim, eu iria.

– Quer entrar? Martin e Chris estão aqui, eu os convidei pra jantar, Julia apareceu de surpresa.

Tenho vontade de pedir para Jack parar de dar explicações.

Porque é exatamente o que ele está fazendo.

– Não, ele não quer entrar – respondo entredentes. – Aliás, ele pode fazer o que quiser, pois eu vou embora!

Entro em casa apenas para pegar as chaves e meu casaco então passo por eles indo direto para meu carro.

– Julia... – Ian está se aproximando, eu o ignoro e dou partida.

Ele e sua desconfiança podem ir pro inferno.

Obviamente o carro dele era muito mais veloz que o meu e ele estaciona logo atrás de mim quando chegamos.

Eu entro e ele me segue.

Eu o encaro furiosa.

– Eu quero saber se vai ser sempre assim? Se eu não poderei mais encontrar com o Chris que você vai ficar insinuando absurdos!

– Me desculpe.

– Agora você pede desculpas?

– Eu queria que você me entendesse também! Chris é apaixonado por você...

– Eu não sou apaixonada por ele! E dói saber que você acha que eu

posso, sei lá, trair você com ele! Você acredita mesmo que eu faria isso? Me fale agora, eu não posso viver desse jeito... Não posso aceitar que você pense tão mal de mim.

Minha voz está trêmula e eu sinto meu coração afundando no peito.

E espero.

Ian me encara. Há dor em seu olhar.

– Eu tenho medo de perder você.

– Ian...

– Não diga que é absurdo. Ele sempre esteve na sua vida. Você nunca... o esquece. Há uma ligação entre vocês que eu não entendo, que não consigo dissolver.

– Eu não sei mais... como fazer você entender... Eu te amo, Ian. Quero ficar com você. Eu me casei com você, e não com o Chris; Ele é meu amigo. Ele sabe. Eu não posso... obrigá-lo a não gostar mais de mim. Se eu pudesse, o faria. Porque eu sofro por saber que nunca vou poder corresponder. Eu posso viver sem o Chris. Eu vivi dois anos longe daqui, longe dele. Mas eu não conseguiria ficar dois anos sem você. Ficar uma semana já é horrível...

– Não tenho tanta certeza...

– Eu tenho – me aproximo e toco seu rosto. – Por favor, Ian. Não faça isto com a gente. Eu não sei se conseguiria suportar se me deixasse.

– Julia. – ele toca minhas mãos, meus cabelos. – Eu não vou deixar você, não agora que...

– Então pare de colocar o Chris entre a gente. Vamos realmente começar do zero. Nada de Susan. Nada de Chris. Só nós dois. Por favor...

– Eu continuo fazendo tudo errado, não é? – Ele diz num lamento.

Eu o beijo.

– Vamos esquecer, ok? Você está aqui... senti tanto a sua falta...

Ele me beija de volta e me leva pro quarto.

Quando me põe na cama, eu o empurro.

– Espera!

– O que foi?

Eu saio da cama e vou para o closet.

– Me espera aqui!

Eu volto minutos depois vestindo o “presente” de Tess.

Ian sorri.

Eu me arrepio.

– É o presente da Tess – digo fazendo um giro.

– Por favor, não coloque minha irmã na nossa conversa agora.

Eu começo a rir e me aproximo.

– Bom, ela disse que era um presente que você iria apreciar.

– Ela tem toda razão – ele me puxa e num segundo estamos de novo sobre a cama.

E ele me beija devagar e sensualmente, suas mãos fazendo um passeio preguiçoso pelo meu corpo.

Não demora para o desejo crescer, urgente, intenso.

E nós nos despimos entre risos.

– Não rasgue a camisola de Tess.

– Para de falar da Tess – ele pede exasperado, os dentes em meus seios, as mãos abrindo minhas pernas.

Eu perco o prumo ao sentir seus dedos dentro de mim.

– Agora, Ian, por favor – me contorço, levando meus próprios dedos à sua ereção, trazendo-o para dentro.

E ele geme em meu ouvido, imprimindo um ritmo perfeito. Eu me movo com ele. Para ele. O desejo se manifestando em ondas cada vez mais fortes, até explodir em mil espasmos de prazer que me tiram da terra e me fazem sussurrar seu nome como um mantra.

E eu adoro ouvir meu próprio nome nos lábios dele quando goza dentro de mim.

Eu adormeço em seguida, quando acordo já é dia e Ian não está na cama.

Eu me arrumo e saio do quarto, ele está fazendo meu café da manhã.

– Ai, ai, ai, ovos de novo? – Eu me aproximo e beijo seu ombro.

– De novo? Eu só estou aqui nos fins de semana, não reclama!

– Sempre vou reclamar por não estar aqui.

Eu me sento e começo a comer.

– E como foi sua semana? Tess te importunou muito?

– Não... Na verdade, sabe o quarto vazio? Eu tinha pedido pra ela decorá-lo.

– Ah é? Faça o que quiser – ele se levanta, mexendo em algo na pia.

– Eu pensei... em não fazer nada por enquanto – remexo os ovos no meu prato e me preparo para entrar no assunto. – Acho que podíamos deixar para... um bebê.

Escuto som de um copo caindo sobre a pia.

– Quebrou? – pergunto preocupada.

Ian está de costas pra mim e não consigo ver nada.

– Não, só caiu...

– Então... Sei que nunca conversamos sobre filhos... mas... bem, eu quero ter filhos, você também, não é?

Silêncio.

De repente eu sinto medo.

Lembro-me da reação dele com a suposta gravidez de Susan.

– Ian... Você quer ter filhos, não é? – Insisto.

– É muito cedo para pensarmos nisto, Julia – afirma, ainda de costas.

Eu mordo meus lábios me sentindo frustrada.

Sei que ele tem razão. Nos casamos faz pouco mais de um mês.

É realmente muito cedo concordo, embora me sinta decepcionada com sua resposta.

– Um dia... – eu insisto.

Ele se vira e sorri.

– Podemos ter esta conversa outra hora? Eu vou até a casa dos meus pais, tudo bem?

– Claro.

Ele beija minha testa e se afasta, subindo as escadas para colocar uma roupa.

Eu tento conter minha frustração.

Me levanto depois de comer. Escuto Ian ao telefone lá em cima. Ao passar pela sala, me dá vontade de arrumar os livros sobre a estante. Seria bom pra passar o tempo.

Minha atenção recai sobre uma pilha de CDs que nunca tinha reparado.

Começo a puxar um por um para ver os títulos. Ian tem um bom gosto musical, penso, sorrindo. Então acho um sem capa. Está em branco. Eu o abro e há uma dedicatória dentro.

Eu congelo.

“Para o amor da minha vida
Como prometi, sua música.
Ian”

E uma data. De quase quatro anos atrás. Eu não consigo respirar.

“amor da minha vida”? Ian teve alguém em sua vida. Que o inspirou a fazer aquele CD.

Porque eu sei, mesmo antes que meus dedos trêmulos o coloquem pra tocar, que são composições de Ian.

A música enche a sala.

Não é aquela que eu já escutei duas vezes. Mas também é linda.

Parece uma canção de amor.

Ian amou alguém. Muito. Alguém que ele chamou de “amor da minha vida”.

Eu tento respirar. Tento conter o nó na minha garganta.

– Julia.

Eu abro os olhos e o vejo ao pé da escada.

Ele está pálido. Tenso.

– Pra quem você fez esta música, Ian?

Capítulo 14

– Do que está falando?

Eu volto a respirar, só me dando conta agora que estava prendendo a respiração nos segundos que Ian demorou para falar.

Eu não estou satisfeita. Quero uma resposta. E ele sabe exatamente do que estou falando. E está se fazendo de desentendido.

Eu me levanto e me aproximo mostrando a caixa do CD com a dedicatória.

– Amor da minha vida? - Minha voz está firme em contraste com meu interior.

– Julia... esquece.

– Esquecer? Por quê? Por que não responde? Eu só te fiz uma pergunta.

– Isto... isto é passado.

– Se é passado por que não responde?

– Porque eu não quero falar sobre esse assunto.

– Mas eu quero saber!

– Por quê?

– Porque você fez uma música para alguém que diz ser o amor da sua vida? - Minha voz é carregada de amarga ironia.

– Foi há quatro anos.

– Era sua namorada? - Pergunto num fio de voz.

– Não interessa mais, por favor, Julia, deixe pra lá. É passado. E deve ficar no passado.

– Por que guarda este CD então? Aliás, se foi um presente, o que está fazendo com você?

– Talvez a pessoa tenha me devolvido.

Eu tento entender seu tom de voz. Tento detectar alguma dor.

Parece ressentimento.

Então Ian fez uma música e a pessoa devolveu? Será que era esse o motivo de não estarem mais juntos? Sei que devo parar.

É passado. Mas não consigo. Uma curiosidade mórbida me domina.

– Quem é ela?

– Para que saber? Ela nem deve se lembrar de mim...

– Mas você se lembra dela. Ainda guarda este CD...

Ele vai até o rádio tira o CD, eu fico acompanhando enquanto caminha até o lixo e o joga junto com a caixa onde está a dedicatória.

Então ele me encara.

– Esquece este CD. Eu nem fazia ideia de que estava aí ainda. Não me pertence. Nada do que aconteceu importa mais. Está esquecido...

– Mas...

Ele se aproxima e segura meus ombros.

– Julia, eu te amo. Você acredita em mim?

Sim, eu acredito.

Por isto é tão difícil me deparar com a prova do afeto dele por outra pessoa.

Eu queria ser a única.

– Ok, eu vou esquecer.

Ian sorri e beija minha testa.

– Tudo bem então?

Ele sonda meu rosto e eu me obrigo a sorrir.

Me afasto.

– Não disse que ia à casa dos seus pais?

– Sim, eu estou indo.

Eu fico olhando pela janela enquanto ele caminha em direção à casa dos Callaghan.

Meu sorriso se desfaz.

Eu continuo pensando naquela música. Na pessoa que a inspirou. Sei que não é justo. Eu não posso cobrar dele algo que aconteceu quando nós

nem nos conhecíamos. E até onde eu sei, eu também posso ter tido um amor na minha vida.

De novo aquele vazio da incerteza me incomoda.

Como eu posso cobrar de Ian se desconheço meu próprio passado? Se ele me perguntar sobre os homens da minha vida, eu não poderei responder.

Porque simplesmente não faço ideia.

Eu estou cansada. Farta desta situação. Não adianta perguntar ao meu pai. Ou ao Chris. Ou não sabem ou não querem me dizer.

Terei que dar um jeito nisto sozinha.

O laptop de Ian está em cima da mesa e eu o conecto na Internet. Não é difícil achar o que eu procuro e meia hora depois eu desligo o telefone satisfeita. Não tem como voltar atrás agora.

Eu contratei um detetive pra seguir meus rastros em Seattle. E não vai demorar muito para eu saber exatamente o que andei fazendo naqueles dois anos.

E com quem.

Na segunda-feira está frio quando saio da escola e dirijo para casa.

Minha casa vazia.

O fim de semana passou rápido demais. E de novo eu tenho que me acostumar a ficar sem Ian. Não é justo.

Vê-lo partir naquela manhã me deixou deprimida. E o pior é que eu sei que não é somente porque ele está indo embora. É toda aquela história do CD.

Eu havia pegado o CD no lixo e guardado no mesmo lugar em algum momento do fim de semana. Eu deveria ter deixado ir embora. Algo me impediu.

Não parei para analisar minha motivação. Eu já tinha problemas demais com que me preocupar.

Como fazer as horas correrem mais rápido naquela semana vazia.

Ao passar em frente à casa dos Callaghan, eu estaciono e saio do carro.

Seria bom passar algum tempo com a mãe de Ian. Jill era realmente

uma pessoa interessante. Gosto de conversar com ela. Ao entrar na sala dos Callaghan, não é Jill que eu encontro e sim, Rebecca.

Ela está sentada no sofá e folheia algo, que julgo ser uma revista, ao me aproximar, vejo que é um álbum de fotos.

– Oi. - Anuncio minha presença e ela levanta o olhar, assustada e fecha o álbum rapidamente, se levantando.

O álbum escapa de sua mão e vai parar no chão com um baque.

Ela se apressa em pegá-lo. Suas mãos estão trêmulas quando me encara novamente, abraçando o álbum contra o peito.

– Meu Deus, Julia, que susto, não sabia que estava aí...

– Oh, me desculpe, eu acabei de chegar... não queria te assustar – eu tento sorrir. – Estava distraída folheando este... É um álbum de fotografia, não é?

– Sim... só um álbum velho...

– Posso ver? - Dou um passo à frente e estendo a mão, curiosa.

Rebecca dá um passo atrás, os olhos parecendo... assustados.

– Não!

Eu paro surpresa com sua reação.

– Oh... não queria ser intrometida. Só... achei que podia ter fotos do Ian... - eu tento não parecer intimidada como sempre me sinto perto de Rebecca.

– Não... não tem nada dele.

Ela caminha pela sala até uma estante e deposita o álbum lá.

– Em que posso te ajudar? Está procurando minha mãe?

– É... sim. - murmuro, achando a atitude de Rebecca deveras estranha.

Por um momento eu tive a nítida impressão de que ela não queria que visse aquele álbum.

Um alarme soa em minha mente.

A declaração no CD. O antigo amor de Ian.

Será que havia algo naquele álbum sobre esta pessoa? Por isto Rebecca estava escondendo?

Tento conter a onda de curiosidade mórbida crescendo dentro de mim.

– Ela saiu. Foi almoçar com alguém do seu clube de jardinagem, ou algo parecido.

– Ah, que pena. – Eu penso numa desculpa para sair dali. – Bom, eu vou até a cidade então, preciso buscar uns livros que encomendei... – Falo a primeira coisa que me vem à mente.

Embora eu precise mesmo ir buscar os livros.

– Posso ir com você?

Desta vez eu que arregalo os olhos surpresa.

Rebecca Callaghan quer sair comigo?

– Eu quero dar uma volta. Cansei de ficar presa dentro de casa. – Ela sorri. Acho que Rebecca está tentando ser simpática comigo.

O que é estranho demais.

– Eu vou à livraria...

– Tudo bem! Vou pôr meu casaco.

Ela se afasta rapidamente e eu espero, ainda achando toda aquela cena surreal. Meus olhos recaem sobre a estante.

A estante onde está o álbum.

Olho em volta. Estou sozinha. Posso me aproximar. Abrir o álbum.

E ver se realmente Rebecca quer esconder algo de mim.

Meus dedos chegam a coçar. Eu hesito.

Escuto os passos dela descendo novamente as escadas.

– Vamos?

Rebecca insistiu em ir no carro dela. Uma BMW novinha em folha.

Todos nos encaram na cidade. Rebecca não se importa. Ou melhor, eu acho que ela gosta.

Ela estaciona em frente à livraria.

– Se você quiser, pode ir fazer outra coisa, podemos nos encontrar depois...

– Não. – Ela me surpreende saltando do carro comigo. – Eu vou com você.

Eu vou pegar meus livros e Rebecca compra algumas revistas.

Quando estamos no caixa, uma moça grávida passa na nossa frente.

Rebecca sorri para a mulher.

– Já sabe se é menino ou menina?

A moça responde que será surpresa ela e Rebecca trocam algumas palavras, até que chega a nossa vez.

E de novo sou surpreendida por aquela irmã de Ian. Ela parecia realmente interessada e gentil com a mulher grávida.

– Você está me olhando esquisito – ela comenta quando estamos no carro voltando para casa.

Eu dou de ombros.

– É que nunca imaginei você interessada numa gravidez alheia. – confesso, meio sem graça.

Rebecca sorri.

– Ian deve ter pintado um quadro bem ruim de mim.

– Não, ele não...

– Claro que fez. Eu e ele temos nossas diferenças. A queridinha dele é a Tess. – Rebecca diz, sem parecer se importar, pelo tom de voz.

Eu não falo mais nada.

– Eu quero muito ter filhos – Rebecca diz de repente.

De novo eu não sei o que dizer.

– Toda vez que vejo alguém grávida... Acho que eu tenho certa inveja.

– Tenho certeza que terá muitos filhos um dia.

Ela dá de ombros.

– Eu espero que sim.

– Eu também quero ter filhos – comento. O que me surpreende.

Nunca me imaginei trocando confidências com Rebecca Callaghan.

– Eu não sei se o Ian...

Rebecca me encara. Não sei o que há no seu olhar.

Ela volta a atenção para a estrada.

– Ian...?

– Não sei se o Ian quer também. – Digo baixinho meu temor.

– Vocês conversaram a respeito?

– Mais ou menos... Acho que toda esta história da Susan... – Eu paro. Sei que Susan é amiga de Rebecca. – Enfim, eu pensei nesta possibilidade. Eu tentei conversar com Ian... ele disse que era cedo para falarmos sobre filhos.

– Bom, nisto ele tem alguma razão. Estão casados há menos de dois meses.

– Eu sei, só acho natural que eu queira saber se faz parte dos planos dele.

– Você gostaria de ter um bebê logo?

Rebecca parece animada com a ideia.

– É... talvez – mordo os lábios, pensando realmente na possibilidade. De ter um bebê.

Eu gosto da ideia. Gosto muito.

– Eu fico feliz que você ainda queira... – Ela para – enfim, que você queira ter um bebê. Acho maravilhoso. Queria estar no seu lugar.

E, de todas as reações bizarras de Rebecca naquele dia, sem dúvida essa alegria desmedida com uma possível gravidez minha é a mais inquietante.

No dia seguinte eu sou surpreendida por um telefonema de Rebecca quando estou saindo da escola. Ela me convida para almoçar com ela e Jill.

Ainda é esquisito este súbito interesse de Rebecca em minha companhia. Eu aprecio. Talvez nós possamos ser amigas, afinal.

E é por isto que eu me sinto confiante para perguntar sobre a tal ex-namorada de Ian naquela tarde.

Jill estava cuidando do jardim enquanto eu e Rebecca estávamos na sala dos Callaghan.

Eu ainda me lembrava a todo momento do tal álbum.

– Ian teve muitas namoradas?

Rebecca levanta os olhos que estavam presos numa revista de moda.

– O quê? – Ela parece divertida.

Eu fico vermelha.

– Namoradas. Ele é lindo e deve ter tido várias garotas antes de mim, certamente.

– O Ian? - Rebecca gargalha como se fosse uma piada.

– Qual a graça?

Ela pigarreia.

– Nada. Quer dizer, ele não é desses.

– Ele deve ter tido pelo menos alguém importante.

Ela fica séria.

– Por que está perguntando?

– Eu achei um CD – confesso – tinha uma declaração... acho que era uma música que ele fez para alguém.

– Oh... – Ela morde os lábios e desvia o olhar.

Com certeza ela sabe do que estou falando.

– Você perguntou a ele?

– Claro. Ele não quis falar nada. Disse que era passado.

– Sim, ele tem razão. É passado.

De repente me sinto terrivelmente frustrada.

Tenho vontade de gritar impropérios cheios de clichês para Rebecca, algo do tipo “achei que você fosse minha amiga!”.

Me calo antes fazer papel ridículo.

É o que estou sendo, não é? Ridícula? Estou implorando para minha cunhada informações sobre a ex do meu marido.

É patético.

– Desculpe. Tem razão. Eu só fiquei curiosa. Esquece o que eu falei.

– Julia, eu... – Rebecca respira fundo.

Por um momento parece estar travando uma batalha sangrenta dentro de si.

Então ela sorri. Joga os cabelos. Parece a Rebecca fútil de sempre.

– Já está esquecido!

Ela volta a folhear a revista.

Eu olho de novo para a estante.

Vozes me acordam.

Por um momento eu acho que ainda estou sonhando. As vozes continuam alteradas em algum lugar, mesmo depois que eu abro os olhos.

Observo o relógio na mesa de cabeceira. Passa um pouco das nove.

Hoje não tenho aula, então me dei ao luxo de dormir até um pouco mais tarde. As vozes alteradas continuam. E agora parecem mais altas.

Arrasto-me para fora da cama e abro a janela.

E a cena me surpreende.

Rebecca e Chris estão discutindo bem na porta da minha casa.

– Que diabo...?

Corro quarto afora e desço as escadas até abrir a porta da frente.

– O que está acontecendo aqui?

Eles param e me encaram.

Parecem dois galos de briga. Rebecca está vermelha e ofegante. Alheia a chuva fina que molha seus cabelos.

Chris parece pronto para voar no pescoço de alguém.

– Julia... – Chris murmura perdido.

Rebecca respira fundo.

– Está acontecendo que este idiota não deveria estar aqui!

Chris ri. Cheio de ironia.

– Você contratou um cão de guarda, Julia?

– Escuta bem, seu imbecil...

– Acho bom parar de me xingar garota! Estou de saco cheio de você...

– Ei, parem com isto! – Dou um passo a frente.

Tremo de frio.

– Sim, Julia tem razão, já chega. Acho melhor você dar o fora! – Rebecca sibila.

– Eu?

– Sim, você!

– Gente, é sério, por que estão brigando? – Pergunto horrorizada.

Uma leve desconfiança de que Rebecca saiba sobre as desavenças de Ian e Chris me deixa incomodada.

– Eu vim visitar você e esta intrometida...

– Veio apenas visitar a Julia? Tem certeza? – Rebecca indaga sarcástica.

– Por que você não se mete com a sua vida? Sabe que eu posso estar aqui!

– Você veio causar problemas!

– Sei muito bem que quem está louca pra causar é você!

– Ei, agora chega! – Eu me coloco entre os dois. – Já estão passando do limite! – Eu olho pra Rebecca. – Rebecca, sério, eu resolvo com o Chris.

Rebecca respira fundo. Ela não está disposta a acreditar em mim.

Chris parece triunfante.

– Vaza loirinha!

Eu reviro os olhos.

– Chris, pare você também. Por favor, não me traga problemas.

Meu olhar implora. Chris sabe do que eu estou falando.

Ele fica sério. Passa a mão pelos cabelos, parece frustrado.

– Eu tenho que ir embora, não é?

Me dói um pouco vê-lo deste jeito. Eu concordo com a cabeça.

Eu não quero mais que Chris fique entre mim e Ian. E deixar que entre na minha casa na ausência de Ian, ainda mais com a irmã dele como testemunha, seria um enorme problema.

– Tudo bem.

Ele lança um olhar raivoso para Rebecca e se afasta sem dizer nada.

– É bom mesmo – Rebecca diz baixinho eu a encaro.

– O que foi isto?

– Este seu amigo é um idiota.

– Disse tudo: meu amigo. Não precisa ofendê-lo, Rebecca.

Ela fica meio sem graça.

– Bom, eu só acho que Ian não ia gostar nada, nada, de vê-lo aqui.

Eu penso em dizer que Ian não está no momento, decido me calar.

Com certeza não é a coisa certa a se dizer. E Rebecca tem razão.

– Sim, tem razão...

– Você fez a coisa certa o mandando embora.

– Infelizmente sim...

– Me desculpe por te acordar. Eu vou voltar pra casa. Meu cabelo já está ficando um lixo – ela me mede – e vê se põe uma roupa, vai congelar.

Eu volto para casa pensativa.

Enquanto a manhã passa, se transformando lentamente numa tarde fria de Beaverton, eu continuo intrigada.

Era como se tivesse perdendo alguma coisa.

Repasso a discussão de Rebecca e Chris na minha mente. Por um momento eu tive a nítida impressão de que eles já se conheciam. Que aquela briga era de uma animosidade antiga.

Não fazia sentido. Pelo menos eu não conseguia achar um sentido.

E a chuva continua. Está mais forte.

Eu fico parada contra a janela. Minha mente trabalha sem parar, sem chegar a lugar algum. Algo estava estranho demais.

Por um momento me sinto deslocada no tempo. Lembrando.

Minha inusitada amizade com Rebecca Callaghan.

Sua discussão com Chris.

As estranhas palavras entre eles e aquela sensação incômoda de que eles se conheciam.

Será que estou delirando?

Só existe uma maneira de tirar esta dúvida, perguntando a Chris. De alguma maneira, eu sinto que Rebecca Callaghan irá mentir pra mim, como mentiu em relação àquele álbum.

Coloco meu casaco e pego as chaves do carro.

Estou a meio caminho do meu jipe quando vejo o carro de Ian se

aproximando.

Meu coração dispara.

– Ian... – Eu digo seu nome.

Ele para e desce do carro.

Sorri ao me ver. Um sorriso preocupado.

– O que está fazendo aqui fora na chuva?

– O que você está fazendo aqui? – Indago chocada.

Deslumbrada.

– É a minha casa – ele responde.

– Não é fim de semana.

– Resolvi fazer uma surpresa. Se não gostou...

Sei que está brincando, mesmo assim seguro sua camisa com minhas mãos trêmulas.

– Não gostei? Estou achando maravilhoso.

E então, não há mais espaço entre nossos corpos. Entre nossas bocas.

Eu nem me lembro mais quais planos eu tinha antes de sentir sua língua na minha. Eu só lembro que senti uma falta enorme dele.

E que ele está aqui. Suas mãos em mim. Seu hálito se misturando com o meu.

E estremeço. De frio e prazer.

Ele ri ao parar de me beijar. Deliciosamente ainda dentro da minha boca.

Me sinto tonta. Me sinto viva.

– Aonde ia? – Sua mão se fecha contra a minha, sentindo as chaves do carro.

Sim, onde eu estava indo?

– Não importa – digo sem fôlego. – Não acredito que está aqui... – beijo sua boca. Seu queixo, seu rosto.

Ele ri mais ainda. E me puxa pra dentro. Fecha a porta atrás de nós.

– Deus, como senti sua falta – murmuro, meus dedos castigando seus cabelos.

– Você está gelada – ele diz em tom de censura.

Sua voz cheia de uma ternura desconcertante derrete o gelo em mim. Mesmo assim, ele me leva para perto da lareira. Afundamos no sofá.

Seus dedos frios retiram os cabelos do meu rosto.

Eu me perco em seus olhos.

– Tudo bem?

Eu sorrio.

– Agora sim.

– Ia mesmo sair com este tempo?

– Não vou mais – brinco com os botões de sua camisa. – E você está de volta – digo de novo.

Ainda parece perfeito demais pra ser verdade. Eu tinha me acostumado com o sofrimento de não tê-lo por perto. Ele sorri e beija meu pescoço. Solto um gemido e me enrosco nele.

– Podemos tirar a roupa agora?

Eu não preciso perguntar duas vezes.

Da primeira vez é rápido. Saudade demais. Vontade demais.

Anoitece e ainda estamos ali.

Seus dedos acariciando minha pele devagar. Seus lábios traçando uma rota que, apesar de já ter feito tantas vezes, sempre me faz prender a respiração para soltá-la em forma de suspiros e palavras sem sentido.

O riso delicioso dele ecoa em meu ouvido e vibra em algum lugar bem íntimo dentro de mim, quando eu salto por cima dele e faço eu mesma minha própria trilha por seu corpo perfeito.

Até de novo estarmos perdidos um no outro.

Encontramos o ritmo facilmente, como se tivéssemos sido feitos exatamente pra isto.

Para nos encaixarmos.

E seus movimentos dentro de mim causam tremores até na minha alma. Reverberam tão profundamente, que sinto que vou me desmanchar em mil pedaços, que só ele poderá montar de novo.

E eu me agarro a ele, confiante de que não importa quantas vezes

chegamos naquele mesmo ponto. Sempre vai ser único e perfeito.

– Julia?

Eu não quero me mexer. Sei que quando abrir os olhos verei a luz do dia. E será hora de sair do casulo quente da minha cama para ir trabalhar.

Eu apenas resmungo e me mexo um pouco pra ele saber que estou acordada. Seus braços estão a minha volta e eu sinto seu coração batendo devagar nas minhas costas.

– Você disse que iria trabalhar hoje.

– Eu sei... – Abro os olhos ao sentir seus lábios esfregando em meu ombro.

– Não precisa ir se não quiser.

É tentador, eu penso. Mas tenho responsabilidades.

Eu me viro e enterro o rosto em seu peito.

– Você está tão quentinho.

– Posso ficar ainda mais se...

Eu me afasto, antes que seja impossível.

– Eu tenho mesmo que ir, então facilite pra mim, por favor.

Ele ri e parece muito convidativo entre as cobertas desarrumadas. Suspiro pesadamente desviando o olhar, indo tomar banho.

– E nem pense em vir atrás de mim – resmungo.

Ainda escuto sua gargalhada ao fechar a porta do banheiro.

Eu sou levada na direção da cozinha pelo cheiro de ovos e bacon.

– Nem reclame – ele diz enchendo meu prato.

– Nem pensei – eu o puxo e o beijo rapidamente, antes de enfiar o garfo no prato – melhor eu aproveitar enquanto você está aqui, não é?

– Então é um bom momento pra dizer que eu não vou mais embora.

Eu paro com o garfo no ar.

– Como assim?

Ele dá de ombros.

– Não vou mais voltar pra Portland, pelo menos até o encerramento das aulas.

Eu acho que ainda estou dormindo e aquilo faz parte de um sonho.

– Está falando sério?

– Estou.

– Mas... e seu trabalho?

– Eu pedi uma licença.

De repente eu entendo que ele está falando sério.

E com um grito eu pulo em cima dele.

– Eu não acredito! Tem certeza? Não terá problemas?

– Eu devo ter esquecido de dizer que Oliver e eu somos sócios em um escritório de construção.

– Ah, isto facilita tudo com certeza – digo um tanto incomodada pelo fato de eu não saber muita coisa sobre ele.

Ele ri e me põe sentada de novo.

– Eu sei. Agora coma, antes que se atrase.

Eu como obedientemente, meu estômago dando piruetas de felicidade.

A vida me parece perfeita neste momento.

– Ian eu não quero.

Ele me puxa até seu carro.

– Se não quer que eu te leve à escola, você pode dirigir meu carro.

– Não é necessário...

– É sim. Aliás, está passando da hora de trocar este seu carro velho...

– Não fale assim...

Ele abre a porta e me dá as chaves.

– Ok, vamos deixar esta discussão pra mais tarde.

Eu reviro os olhos, mas estou sorrindo quando dou partida na picape silenciosa. Tão diferente do meu jipe.

Ele se inclina e beija meus lábios.

– Volte logo, senhora Callaghan.

Eu acelero e fico vendo sua imagem ir diminuindo no retrovisor.

Flutuo numa nuvem de felicidade entre as aulas.

Olho o relógio a toda hora. Ian está esperando por mim, é só o que eu consigo pensar. E ele não vai embora. Não vamos mais nos separar.

É perfeito demais.

Finalmente chega a hora de ir e eu me despeço de Carla. Quando entro no carro meu celular toca. Eu pego o aparelho, achando que é Ian, mas não conheço o número.

– Alô?

– Julia Simmons?

– Sou eu – eu não corrijo meu nome de solteira.

– Aqui é da agência.

Então eu me recordo. A agência em Seattle.

Eu nem estava me lembrando mais...

Sinto um calafrio de medo.

– Estamos ligando para lhe falar sobre seu pedido de investigação...

De repente não sei se quero ouvir o que ele tem a dizer.

– Sim? – Indago com o coração aos pulos de medo.

– Creio que temos um problema.

– Problema?

– Sim, nós fomos atrás de seus registros na universidade e não há nenhum registro de sua passagem por lá.

– Como não? Eu estudei dois anos lá!

– Sim, a senhora disse. Mas não existe nenhum registro. Nenhuma Julia Simmons.

Franzo a testa. Aquilo não podia estar certo, podia?

– Será que existe outra faculdade...

– Eu tomei a liberdade de verificar em todas. Em Seattle não há nenhum registro de sua presença. Também fizemos perguntas no campus.

Mostramos a foto. Ninguém pareceu conhecê-la.

Eu começo a sentir falta de ar.

– Não pode ser... Algo tem que estar errado...

– Nós fomos meticulosos. E não há absolutamente registro de que uma Julia Simmons tenha estudado em Seattle neste período.

– Nós podemos te enviar os arquivos por e-mail...

Eu balbucio qualquer coisa e desligo. Não consigo falar. Eu mal consigo respirar. Minha mente começa a girar.

Eu não estudei em Seattle?

Meu pai... todos me disseram que eu estive lá! Eu não me lembro.

Não me lembro de nada.

De repente uma desconfiança terrível me assola.

Mentiras.

– Ah Deus... – ligo o carro.

Só uma pessoa poderia me responder. Meu pai.

Não sei como consigo chegar a minha casa. Quase sinto alívio ao ver o carro parado. Ele está em casa.

Salto e quase corro pra dentro.

– Jules... – Ele parece agradavelmente surpreso por me ver. Instantaneamente seu olhar se transforma em preocupação – O que aconteceu?

– Eu não estudei em Seattle?

– O quê? Do que está falando?

– Você sabe do que estou falando! Por que diz que estudei em Seattle se não há nenhum registro da minha presença lá?

– Seattle... Julia! O que você andou fazendo?

– Eu andei investigando, já que ninguém parece disposto a conversar comigo sobre estes malditos dois anos que não me lembro!

– Eu não acredito...

– Quem não acredita sou eu! Vocês mentiram!

– Julia, não é bem assim...

– E como é? Disse que passei dois anos em Seattle até o acidente. Quando na verdade eu nunca fui pra lá...

– Realmente não é tão importante assim.

– Pelo amor de Deus, pai! Pare de me enrolar! Por que mentiu?

– Não foi bem uma mentira...

– Foi sim! Então por favor, me diga a verdade... eu realmente nunca fui pra Seattle, não é?

Eu imploro com meus olhos ardendo.

Acho que Jack finalmente percebe que eu não vou desistir.

– Não, não foi.

Eu sinto meu mundo começar a desmoronar. Tudo o que eu acreditava como verdade desaparecendo, dando lugar a uma escuridão sem fim.

Luto para respirar.

– Se eu não fui pra Seattle... Para onde eu fui?

– Julia, por favor, esque...

– Não me mande esquecer! Eu estou à beira de um ataque agora. – Respiro fundo, para manter a sanidade. – Para onde?

Jack passa a mão pelos cabelos. Parece cheio de frustração.

E dor.

– Oregon State, em Corvallis.

Eu franzo a testa. Pensei que ia ouvir alguma coisa horrível. E ele me diz que eu fui pra Corvallis... Onde ouvi falar sobre esta cidade antes?

– Corvallis... – então eu me lembro. Ian estudou lá... que coincidência... Como nunca...

Eu paro.

Meu coração para.

Meu mundo para.

Estática.

Oh Deus. Oh Deus.

A certeza de que eu tive alguém em minha vida na universidade. Alguém importante. Que ninguém nunca tinha citado.

Alguém que deixara de existir no momento em que eu o esqueci.

Minha mente volta para o dia na clareira. Meu primeiro dia em Beaverton depois de dois anos.

Eu sabia como chegar lá.

Eu o encontrei lá. Eu me apaixonei por ele lá.

Jack. Chris. Carla. A reação de todos quando me viram com ele.

Um estranho.

Na realidade não era um estranho, a não ser pra mim.

– Não pode ser... – Murmuro sem ar.

Quero desmaiar. Quero perder os sentidos...

Quero sair daquele horror.

Sinto as mãos de Jack em mim.

– Julia, querida...

Eu me desvencilho. Corro para fora. Entro no carro.

Minhas mãos trêmulas mal conseguem segurar o volante. Minha mente gira confusa com o excesso de informações. Só não consigo pensar em nada. Eu sei que elas estão ali.

Todo o emaranhado de pistas... que agora são terríveis suspeitas...

Eu ainda luto.

Eu estou enlouquecendo.

O carro para bruscamente no jardim dos Callaghan e eu salto.

Eu sei aonde preciso ir.

Vejo Rebecca e Jill no meu caminho. Elas estão falando comigo, eu não as escuto.

Eu passo por elas e vou até a estante. Minhas mãos furiosas derrubam tudo pelo caminho, até eu encontrar o que estou procurando.

O álbum cai no chão com o resto dos livros.

Eu me ajoelho e abro. E meu mundo desaba naquele momento.

O momento em que eu vejo a mim mesma. Quatro anos antes.

Vestida de branco.

De noiva.

Com Ian Callaghan.

Ian

Quatro anos antes

Estava chovendo quando a vi pela primeira vez.

Havia algo de gracioso em seu caminhar descoordenado, como se estivesse deslizando cautelosamente pelo chão para não cair. Eu sorri comigo mesmo enquanto a acompanhava. Aquela figura de cabelos castanhos compridos e dois pés esquerdos. O guarda-chuva quase sendo levado pelo vento.

Não sei por que a seguia, era como se algo me impelisse em sua direção. Talvez um instinto de proteção descabido, embora necessário, então a vi escorregar na calçada e a impedi de cair.

Ela me encarou, entre embaraçada e agradecida.

E eu me perdi na profundidade de seus olhos cor de avelã.

– Oh... obrigada – murmurou ruborizada.

Eu achei seu rubor delicioso.

– De nada – eu a soltei e ela entrou no prédio defronte a nós.

Uma livraria.

Claro que eu a segui. Não sei quanto tempo se passou enquanto a perseguia pelos corredores, fascinado com sua admiração pelos livros.

Até que nossos olhares voltaram a se encontrar por entre as estantes.

Ela sorriu. Ruborizou.

– Está me perseguindo.

Não era uma pergunta.

Eu sorri e estendi a mão.

– Ian Callaghan.

Ela hesitou, mas segurou minha mão.

– Julia Simmons.

Ela retirou a mão enquanto pegava um livro.

– É fã de das irmãs Bronte.

Ela sorri.

– Meio óbvio, não acha?

– Acho que combina com você.

– Por quê?

– Consigo visualizá-la na Inglaterra Vitoriana com aqueles longos vestidos.

Ela riu. Eu gostei do som.

– Eu estou tentando uma bolsa para estudar em Londres.

– Sério? Boa sorte.

De alguma maneira eu não gostei da possibilidade. De não vê-la mais.

– Estuda na Oregon State? – Perguntei curioso.

– Sim, embora não saiba ainda como consegui... Você também?

– Sim. Segundo ano, e você?

– Primeiro.

Fazia apenas uma semana que recomeçaram as aulas e não era de estranhar que nunca a tivesse visto no campus. Eu me lembraria com certeza.

Ela pega outro livro.

– Mais Bronte? – Perguntei sorrindo e ela colocou o livro de volta na estante.

– Não gosta?

– Li alguns... Mas prefiro os modernos... – eu retirei um livro da estante e lhe entreguei.

Ela leu o nome do autor.

– Nunca ouvi falar de W.H Auden... – ela abriu e começou a recitar Funeral Blues.

O poema triste sobre perda pareceu maravilhoso em sua voz.

– É lindo. – disse, me encarando com os lindos olhos tristes.

– Você ficou triste.

– Porque é triste e lindo mesmo assim...

Ela o colocou de volta na estante.

- Pegue. Vou te dar de presente.
- Nem pensar.
- Eu quero te dar.
- Odeio presentes.
- Você é absurda, Julia Simmons.

Eu achava fascinante.

E antes que me desse conta, estava seguindo-a para fora da livraria.

- Ei, Julia, quer tomar um café comigo?

Ela hesitou.

Os minutos em que eu esperei pelo sim pareceram intermináveis.

Um sorriso tímido se insinuou em seus lábios. Tive vontade de beijá-la.

- Sim.

Capítulo 15

– Tire-o dela.

A voz é de Jill. De um jeito que eu nunca ouvi. Agressiva e desesperada. Rebecca avança tirando o álbum de mim. Não consigo me mexer.

Estou em choque.

Não vejo nada. Apenas manchas pretas dançando diante dos meus olhos cegos de dor.

– Ela está aqui?

Ian.

A voz de Ian me tirar do estupor.

Eu levanto o olhar.

Ele olha pra Rebecca em busca de respostas.

– Ela viu – são suas simples palavras.

Ele me encara, parece em choque também.

Eu penso em tudo o que vi. As fotos. A prova incontestável de todas as mentiras.

De todo o circo de horrores no qual eu estava vivendo.

Era Ian o tempo todo. O cara que eu sabia que tive na minha vida. O cara que eu tinha esquecido depois do acidente que havia tirado minhas memórias.

Dois anos de memórias.

Era Ian.

Eu luto pra respirar. Luto para não mergulhar novamente naquele lago negro de desespero e dor.

É difícil demais.

Está tudo se quebrando dentro de mim. Estilhaços pra todo lado. Me cortando inteira.

– Julia... – Ian se aproxima. Toca meus ombros.

– Era você... eu conhecia você... como... como é possível?

– Julia, querida... não era para descobrir desse jeito...

– Não era pra eu descobrir? – Minha voz parece estranha para mim mesma enquanto ainda tento entender... achar algo naquela história que a torne mais plausível e menos horrível. – Por quê... – eu respiro fundo. – Por que não me lembro de você? Por que não estava lá quando eu acordei? Por que fingir que não nos conhecíamos? Este tempo todo... meu Deus. – passo a mão pelos cabelos, o horror voltando a me dominar. – Estas fotos... nós nos casamos... antes... como é possível? O que está acontecendo aqui, Ian?

– Julia, acalme-se, vamos conversar – ele fala com extremo cuidado me levantando do chão.

Eu me desvencilho dele.

– Eu não consigo acreditar... ainda não consigo... é horrível demais... demais... Como isto pode estar acontecendo? – Eu o encaro em busca de respostas. – É verdade, não é? Nós nos conhecemos...

– Sim – ele responde por fim, como se lhe custasse muito dizer.

E é pior assim. Ouvir da boca de Ian.

A verdade nua e crua.

– Eu sofri este acidente... eu... perdi a memória... e você está de alguma maneira inserido nestes dois anos...

– Sim.

Fecho os olhos com força.

O nó na minha garganta me sufoca.

– Nós éramos casados – murmuro.

– Sim.

Abro os olhos e faço a pior de todas as perguntas.

– E você fingiu este tempo inteiro que não nos conhecíamos?

Ele respira fundo. Sabe que não pode mais mentir.

– Sim.

O nó se solta. Começo a soluçar.

– Julia, por favor, eu sinto muito – ele se aproxima de novo. Eu dou

um passo atrás, o impedindo de se aproximar.

– Não! – grito. – Não se aproxime! Meu Deus... é monstruoso demais!
Por que fez isto? Por quê?

Estou gritando e chorando. Não me importo.

De alguma maneira percebo que estamos sozinhos na sala dos Callaghan.

Rebecca e Jill desapareceram levando o maldito álbum.

Elas sabiam. O tempo inteiro.

Todos sabiam.

Meu pai. Chris. Carla. Os Callaghan.

Eu era a única idiota.

A revolta cresce como um maremoto em meu interior. E, de repente eu percebo que a pior pergunta não era o porquê de Ian fingir não me conhecer. Na realidade todos fingiram que não nos conhecíamos.

– Por que não estava lá quando acordei do acidente? Por que fingiu que não existiu na minha vida e me deixou prosseguir sozinha?

Ele fica em silêncio por um momento.

Atormentado. Como se estivesse perdido em suas próprias lembranças.

Tenho ódio destas lembranças. Como se ele as tivesse roubado de mim.

– Responde!

– Você nem se lembrava de mim... que diferença faria? – Sua resposta é fria. Dolorida. Ressentida.

Ele não tem o menor direito de sentir ressentimento. Não quando me enganou.

Não quando me deixou.

Eu nem sei mais o que é pior.

Escondo o rosto entre as mãos enquanto choro lágrimas amargas. Meu corpo inteiro dói. Minha alma dói. Por um momento eu desejo voltar no tempo.

Não ter descoberto nada. Continuar sendo feliz com Ian. Naquela vida

de mentira e enganação.

Não é possível. Não tem mais volta.

Eu agora que eu sei. Continuo não me lembrando. É o que me mata aos poucos.

– Julia, eu realmente sinto muito. Eu não queria que descobrisse... não era pra descobrir...

Eu volto a fitá-lo.

– Sente muito? Você me enganou, Ian. Mentiu pra mim... Eu não fazia ideia... Como pôde fazer isto? Todos vocês? Mentiram que eu fui pra Seattle e pra quê? Pra que eu não quisesse voltar pra Corvallis para te encontrar? Por isto meu pai insistiu na minha ida pra Londres, não é?

Minha mente volta àqueles dias depois do acidente. Do horror do vazio. Da depressão. De meu pai dizendo que eu ainda podia ir pra Londres, que seria melhor...

Na época pareceu que era ideia minha, mas não. Ele estava fazendo minha cabeça.

Me manipulando.

– Sim, decidimos que seria melhor se fosse pra longe de tudo. – Ian confirma o que faz crescer ainda mais minha raiva.

– Decidiram? E como foi que decidiram que eu não tinha direito de saber que tinha me casado? Foi ideia do meu pai? Do Chris?

– Foi ideia minha.

De alguma maneira isto me surpreendeu. E doeu.

Eu ainda achava algum sentido em Chris ficando feliz por eu ter esquecido da existência de Ian. Ou até mesmo meu pai. Mas não foi o que aconteceu.

Ian havia escolhido sair da minha vida.

Fingir que nunca tinha existido pra mim.

– Por quê?

– Você não se lembrava de nada. Nada que se referisse a mim. Esqueceu completamente os dois anos que eu fiz parte de sua vida.

– Podia ter voltado, ter continuado comigo... não éramos casados? Como pode...

– Julia... – Ele desvia o olhar atormentado.

De repente eu sinto que tem mais.

– Meu Deus, Ian! O que aconteceu com nosso casamento?

– Nós não estávamos mais casados quando sofreu o acidente.

Eu paro de respirar.

– Não? Mas...

– Nós estávamos divorciados há alguns meses. Satisfeita?

Eu me sento trêmula e ainda mais perdida. Minha mente dá voltas.

Eu não só tinha me esquecido do nosso casamento, como também do divórcio.

– Por quê? – Indago.

Eu podia entender completamente ter me apaixonado por Ian a ponto de ter casado com ele tão jovem. Só não conseguia me imaginar abrindo mão dele.

A não ser por um motivo muito forte.

Como este agora. Que me fazia questionar que tipo de homem ele era para ser capaz de fazer aquilo comigo.

– Não deu certo.

– Não deu certo? Simples assim?

– Éramos muito jovens... estas coisas acontecem – sua voz é séria, assim como sua expressão.

– E você achou que era motivo para fingir que não existia quando eu tive amnésia?

– Foi seu cérebro que escolheu esquecer.

– Não tenho culpa.

– Não?

– Está me culpando?

– Estou dizendo a verdade, como está exigindo. Nós nos casamos. Nos separamos. Você sofreu o acidente. Esqueceu tudo.

– E aí você decidiu que era mais fácil deixar assim?

– Que diferença faria para você?

– Para você muita, não é? Pôde sair deitando e rolando com a Susan sem a ex idiota no caminho...

– Deixe a Susan fora disto.

– Oh meu Deus, então foi este o motivo? – Minha mente se enche de terríveis desconfianças. – Nós nos separamos por causa dela? Você estava tendo um caso ou algo do tipo...

– Não seja absurda. Eu nunca tive nada com a Susan. Não naquela época. Nunca quando estávamos juntos.

Não sei se devo acreditar nele.

Como posso acreditar em qualquer palavra que saia da sua boca?

Eu me sinto enojada. Enjoada por tanta mentira.

Ian não tinha o direito de me roubar dois anos de memórias. Nem que fossem as piores possíveis. Um casamento desfeito...

Eu ainda queria desesperadamente saber detalhes... Porque nem tudo deve ter sido ruim. Inferno, eu nem consigo imaginar eu e Ian não nos amando...

Algo aconteceu... Algo nos separou. Algo o fez preferir sumir da minha vida. Enterrar nossa história. E teria ficado enterrada para sempre se eu não tivesse voltado a Beaverton. E o reencontrado.

E agora estávamos casados de novo.

– Por que nos casamos novamente, Ian?

Não faz o menor sentido...

– Porque eu queria uma segunda chance.

Ele responde simplesmente. Como se fosse algo óbvio e certo.

Não era.

Era inescrupuloso. Horrível. Infame.

Odioso.

– Simples assim? Depois de tudo, depois de, Deus sabe por que nos separamos, de eu esquecer você num acidente... de você escolher sem o meu consentimento que eu nunca deveria saber do nosso relacionamento anterior... você simplesmente achou que íamos voltar e tudo ia ficar bem? Ia mentir eternamente. Todos vocês iriam, é isto?

Ele não precisa responder para eu saber qual a verdade.

– Julia?

Eu me viro e vejo Jack.

Seu rosto é de pura culpa.

– Você está bem?

– Você me enganou também – afirmo, me sentindo mais traída do que nunca.

Porque era meu pai. E havia me deixado no escuro.

– Contou a ela? Disse que nunca iria contar... – ele acusa Ian.

Não me importa mais.

– Como pôde? Como pôde concordar com esta farsa horrível?

– Eu não queria que sofresse...

– Você não tinha o direito! – Meus gritos aterrorizam meus próprios ouvidos. – Não tinham o direito! Era minha vida! Ninguém podia decidir por mim!

– Jules...

– Não posso acreditar que justamente você tenha feito isto comigo! Deus do céu... todo mundo... Chris... até o Chris...

– Jules, querida, nós achamos que seria o melhor a fazer...

– Não me interessa! O que fizeram foi monstruoso! E eu odeio todos vocês!

Antes que tentem me impedir eu saio pelas portas de vidro. Corro pelo jardim dos Callaghan. Posso ouvir chamarem meu nome, continuo correndo.

Chego ao chalé e subo direto para o quarto. Pego a primeira mala que aparece e começo a colocar minhas roupas nela de qualquer jeito. Mal consigo enxergar através das lágrimas.

Minhas mãos tremem.

Eu quero apenas fugir.

Escuto passos e levanto o olhar, achando que verei Ian, mas é Chris que está na minha frente.

– Jules...

Sem pensar eu me aproximo e bato com força em seu rosto.

Ele não reage.

– De todas as pessoas que me enganaram, nunca poderia esperar isto de você.

– Eu fiz para o seu bem...

– Bem? Bem? Acha que estou bem agora? Qual era o seu motivo? Ficou feliz porque eu não me lembrava mais do Ian? Eu nem sei quem odeio mais!

Volto a fazer minhas malas ignorando meu choro convulsivo.

– O que faz aqui?

Ian entra no quarto e eu percebo vagamente que ele está furioso por ver Chris.

Não me importa. Eles podem se matar.

Eu talvez até ficasse feliz se acontecesse.

Eles eram dois mentirosos nojentos.

– Jack me ligou... contou que ela podia ter descoberto...

– Vá embora, Chris.

– Qual é? Eu me preocupo com ela também... a culpa é toda sua! Se não tivesse decidido ficar com ela outra vez, se tivesse ficado longe como prometeu...

– Aí seria você a estar com ela, não é?

– Chega! – Grito e eles se calam, me encarando. – Não percebem o quão ridículos vocês estão aí, discutindo como se eu não tivesse vontade alguma? Eu não quero saber de nenhum dos dois. Nunca mais.

Eu pego minha mala.

– Julia, aonde vai? – Ian pergunta apreensivo.

– Vou embora.

– Não pode fazer isto.

– Não? Achou o quê? Eu não tenho como te perdoar, Ian. Não tenho como aceitar o que fez. Foi odioso demais! Você escolheu sumir da minha vida da primeira vez, agora quem escolhe sumir da sua sou eu!

– Eu sei que errei... sei que não entende... – ele olha pra Chris, e por um momento eu eles parecem se entender. – Não quero que sofra, nunca quis

que sofresse... tudo o que eu fiz... foi acreditando que era o melhor para você...

– Acha que eu acredito? Você disse que nem casados éramos mais! Então acho que nem se importava! Queria se livrar de mim!

– Não é verdade! Droga, eu te quis de volta... nós estávamos felizes, Julia.

Eu fecho os olhos. O dor se intensificando. Porque eu sei que ele tem razão.

Nós estávamos felizes.

E dói saber que nunca mais vai ser assim. Ele tornou impossível.

– A que custo? – Murmuro. – Em cima de mentiras? Não dá mais, Ian. Eu não confio em você. Sinto que não conheço você. Não posso mais viver aqui...

Eu saio cambaleando, levando minha mala e meu coração em pedaços.

Capítulo 16

Londres - seis meses depois

A ligação me acorda no meio da noite.

Primeiro penso que estou em mais um daqueles pesadelos dos quais nunca me lembro depois, que me fazem acordar suando e com a certeza de que algo muito ruim está no meu subconsciente.

O barulho insistente do telefone me faz acordar totalmente e eu pego o aparelho, me perguntando quem poderia ser àquela hora.

– Jules.

A voz de Chris me pega de surpresa. Já faz mais de seis meses que eu não a escuto. Quando deixei Beaverton e as mentiras para trás.

– Julia? – ele insiste e eu respiro fundo.

Só agora me dando conta de que havia sentido falta dele.

Droga, eu senti falta de muitas coisas.

Muitas pessoas.

– Sim? – respondo por fim, tentando parecer fria.

– É o Chris.

– Eu sei. O que você quer?

– Eu sei que deve ser madrugada aí em Londres...

– Sim, bela hora para decidir me ligar depois de seis meses.

– Eu não te ligo porque você deixou bem claro que não quer mais falar comigo! Droga... enfim, eu não liguei para discutirmos...

Então eu me dou conta. Da hora errada. De Chris estar me ligando mesmo sabendo que não estamos mais nos falando...

– O que aconteceu? – indago apreensiva.

– É o Jack...

Ouvir falar de meu pai me causa uma dor no peito.

Engulo meu pânico, tentando ficar calma.

– Ele sofreu um ataque cardíaco.

– Oh meu Deus! Ele...

– Está no hospital.

Consigo voltar a respirar, embora a dor seja intensa...

Jack num hospital...

– Quando aconteceu?

– Ele estava pescando... Foi ontem... Algumas horas... Achei que deveria te avisar... Apesar de tudo, enfim.

– Como ele está? Ele...

– Ainda em estado crítico. Sinto muito.

Engulo o nó na minha garganta.

– Eu... Obrigada por avisar.

Eu desligo sem saber mais o que falar. Sem saber a resposta para a pergunta que eu sabia que ele ia fazer.

Mil coisas passam pela minha cabeça.

Eu tinha jurado nunca mais voltar. Nunca mais falar com meu pai e agora ele está num hospital... Pode não sair vivo de lá.

O que eu posso fazer?

A vontade que tenho é de correr de volta a Beaverton. Vê-lo com meus próprios olhos. Me certificar que está tudo bem. Ou não.

Fecho os olhos, me sentindo perdida em mil confusões de sentimentos.

Eu não posso voltar. Voltar significa rever Ian.

Só o nome dele em minha mente já me embrulha o estômago.

Dói o peito.

Me faz chorar.

Ainda.

Às vezes me pergunto se um dia vou esquecer. Esquecer de novo. Como fiz com a primeira parte de nossa história. Seria melhor o esquecimento do que a dor. Dor da traição. Dor da saudade.

Dor de amor.

Desde que voltei pra Londres eu estou me consultando com uma terapeuta. Já deveria ter feito antes, mas achava que não era necessário. Agora eu sentia que precisava de ajuda para lidar com tudo.

E ela me disse que, em muitos casos, as pessoas tinham amnésia não por uma causa física e sim emocional. Para “esquecer” coisas que lhes causavam dor profunda.

Dor com a qual não sabiam lidar.

E eu acreditava nela.

Sentia-me tão sozinha, tão perdida, tão sem saída que uma perda de memória seria bem vinda. Será que era disto que Ian havia falado? Sobre “não sofrer”?

De certa forma eu até o entendia. Só não podia aceitar.

Então eu deixava os dias correrem.

Deixara Beaverton para trás. Assim como todas as pessoas que tinham me traído. Tentando recomeçar do zero.

Não era o que eles queriam? Não era esta a ideia primordial? Só que agora era eu é que estava escolhendo.

Não estava sendo fácil. De maneira alguma. Mas não conseguiria fazer de outro jeito. Eu temia que mais dia menos dia eu seria obrigada a encarar meu passado, não imaginava que seria nestas circunstâncias.

Recordo-me da última vez que o vi. Ele veio a Londres. Pediu desculpas. Sabia que tinha errado, mas todos pensavam estar mesmo fazendo o melhor para mim. Eu pedi que me deixasse em paz.

Ele não insistiu.

Talvez achasse que eu voltaria atrás quando estivesse mais calma. Aconteceu há seis meses. E eu ainda não queria voltar. Eu não podia voltar.

Mas era Jack. E agora eu me perguntava se não tinha exagerado. Ele era meu pai. E eu simplesmente o havia riscado da minha vida.

E se ele morresse?

Engulo o nó na minha garganta e pego o telefone. Eu teria muito a fazer para poder voltar a Beaverton. Eu iria ver meu pai. E rezar para não reencontrar Ian.

Eu me sinto cada vez mais apreensiva a medida que o avião vai se aproximando de Portland.

Eu quero me sentir calma. Quero me sentir segura.

Mas como?

Faz pouco mais de 24 horas desde que Chris me acordou com a notícia terrível sobre Jack e eu decidi voltar.

E agora eu me pergunto se estou agindo certo. Se havia outra maneira...

Um medo gelado se enrosca na boca do meu estômago quando pousamos e eu saio do avião com os outros passageiros. Caminho pelo desembarque com meus pés pesando como chumbo.

E então o vejo.

Não sei o que sinto. Um misto de saudade, rancor, alívio.

Alívio, pois é Chris que está ali e não Ian.

Eu posso lidar com Chris. Com o que eu sinto por ele. Não me sinto preparada para encarar Ian. Mesmo assim eu paro e respiro fundo. Ele ainda não me viu, me procura com os olhos ansiosos por entre as pessoas.

Até que me vê. Sorri por um momento.

Posso ver seu alívio. Sua alegria quando me vê. Misturada com temor e receio. Ele não sabe o que esperar de mim.

E então ele para de sorrir quando eu me aproximo.

– Oi, Chris.

Ele está sem fala. Está chocado.

Eu já esperava.

Seu olhar não está no meu rosto. Está na minha barriga.

– Você está... grávida!

Choque e incredulidade se misturam em seu rosto.

– Deus do céu, Julia...

Rolo os olhos.

– Chris, sem drama, ok? E nem comece a fazer perguntas. Não vou falar sobre esse assunto. Podemos ir?

Ele pega a mala de minhas mãos e caminhamos lado a lado até o estacionamento. Um sol pálido invade o carro enquanto percorremos a estrada rumo a Beaverton.

Por um longo momento Chris nada diz. Lança olhares estranhos em minha direção. Eu já vi sua expressão mudar uma centena de vezes.

Eu devia prever problemas.

Claro que seria um problema.

E era somente Chris. Eu nem podia imaginar me encontrar com Ian.

Tento conter meu enjoo crescente. E nem era por causa do meu estado. Os enjoos passaram depois dos três meses.

Era medo. Puro e Simples.

Eu havia escondido a gravidez de Ian. De todo mundo. Cheguei a Londres arrasada, decepcionada. Fiz contato com uma amiga com quem dividia o apartamento na época da faculdade, ela me indicou algumas aulas particulares e me convidou para dividirmos o apartamento de novo.

Parecia muito simples e fácil. Era só esperar esquecer.

Não demorou para eu descobrir que estava grávida. Eu fiquei chocada. Fiquei com medo. Fiquei feliz.

Confesso que um dos meus primeiros pensamentos foi ligar para Ian. Mas Ian não queria ter filhos. Ele não tinha dito com todas as letras, eu senti. Seu comportamento em relação à desconfiança da gravidez de Susan e depois sua reação quando eu quis conversar sobre o assunto.

E como é que ia ser? Como eu poderia dividir algo com ele, tão cheia de decepção e rancor como eu estava? Então fui deixando o tempo passar. Os dias se transformaram em semanas. Semanas em meses...

Entorpecida na minha dor. Esperando o dia em que iria parar de ter pesadelos. O dia em que iria deixar de me importar com o que todos tinham feito.

Principalmente Ian.

E agora fui obrigada a voltar. Seis meses se passaram.

Eu estava grávida de quase oito meses.

– Como está Jack? – pergunto depois de um tempo.

Tenho que me lembrar o motivo de estar ali. Nada de dramas por causa da minha gravidez. Ou de minha relação com Ian ou até mesmo Chris.

Apenas Jack importa.

– Estável, ainda é crítico.

– O que os médicos dizem? Ele...

– Não sabemos Julia. A situação é delicada.

Olho a paisagem pela janela. Tudo ficando mais escuro conforme vamos nos aproximando de Beaverton. As árvores fazendo sombras aqui e ali.

O medo volta com tudo, rondando a boca do meu estômago.

– Por que não disse que estava grávida?

Finalmente ele pergunta.

– Não é óbvio?

Ele ri. Não há humor.

– Bom, então esconder sua gravidez é sua vingança contra nós?
Contra Ian?

Ele está com raiva? Ele está me criticando? Com que direito?

– Acho que meus motivos não são da sua conta.

– Sim, tem razão. No final eu realmente não tenho nada a ver com isto... – sua mente parece longe de repente. – Mas o Ian tem. Já pensou no que vai dizer a ele? Não pensou em como ele se sentiria por você esconder algo tão sério?

– Desde quando você é defensor dos sentimentos do Ian?

– Estou somente falando a verdade. Ele é o pai, não é?

– E quem mais seria?

– Sempre bom perguntar.

Quero dizer que não gostei da ironia na sua voz, mas me calo.

Não quero mais discutir aquele assunto.

– Não quero falar sobre isto, Chris – dou o assunto por encerrado, torcendo para que ele não insista.

E ele não insiste.

Chegamos ao hospital na hora do crepúsculo. Não é fácil caminhar pelos corredores silenciosos e insípidos até chegar a Jack e, por um momento, eu acho bom Chris estar comigo.

Jack está sedado e parece tão mais velho contra os lençóis brancos. Pequenos fios no seu nariz ajudam a levar oxigênio. Seguro sua mão fria.

– Pai? – Eu chamo baixinho, com vontade de chorar.

Ele não escuta.

E eu realmente choro.

Chris está por ali ainda depois que me acalmo. Estende um lenço, eu agradeço silenciosamente.

– Ele vai ficar bem.

– Você não sabe realmente.

– Temos que ter fé.

– Eu o deixei sozinho... todo este tempo...

A culpa ameaça me esmagar.

Do que valia todo o rancor e raiva agora? Se Jack se fosse...

Eu teria que conviver com a escolha que fiz há seis meses.

Eu havia escolhido não perdoar. E agora talvez fosse tarde.

Não sei quanto tempo fico ali remoendo minha dor. Querendo que Jack acorde. Ansiando ser possível conversar com ele, consertar o que tinha quebrado.

Sei que ele errou, mas é meu pai. E, pela primeira vez, eu consigo acreditar que ele pensou ter feito pelo meu bem. Embora de maneira totalmente errada.

– Julia, precisa descansar – Chris fala quando uma enfermeira entra na sala para medir os sinais vitais de Jack.

Eu me sinto péssima. Enjoada e tonta.

Mas não quero sair dali. Não quero ficar longe de Jack.

– Vou te levar pra casa. E se está preocupada em topar com o Ian, fique tranquila. Ele está em Portland.

– Não estou preocupada com Ian – minto, desviando o olhar.

– Ele foi embora de Beaverton e não voltou mais depois que você foi

para Londres.

Eu não quero saber, penso em dizer.

Não me importo.

Claro que é uma mentira. Eu penso em Ian em Portland.

Sozinho? Ou com Susan?

O que a impediria de voltar para a vida de Ian? Ela tinha ficado com ele depois que eu me esqueci do nosso relacionamento. Depois que Ian escolheu sair da minha vida.

Sinto uma dor quase física, que me corrói por dentro como ácido ao imaginá-lo com ela de novo. Queria não sentir nada.

Respiro fundo, ignorando o mal estar.

– Sério, Julia, precisa ir embora. Vou te levar pra casa.

– Não vou. Eu vim pra ficar com Jack, quero esperar ele acordar pelo menos.

Chris solta uma imprecação.

– Tudo bem, vou buscar um café pra você então.

Ele sai do quarto.

Continuo ali.

Eu resolvo procurar o médico para me inteirar melhor da situação de Jack. Ao sair do quarto, eu estanco ao ouvir Chris no celular.

–... Eu só achei que era certo você saber... sim, eu avisarei se precisar...

Ele se vira e me encara, desligando o telefone.

Sinto uma desconfiança terrível.

– Com quem estava falando?

– Com o Ian.

– O quê? – Meu tom de voz está se elevando, eu não me importo. – O que você disse a ele?

– O óbvio – ele olha para a minha barriga.

– Você não tinha o direito!

– Acorda Julia! Achou que iria esconder até quando?

– Não é problema seu!

– Sim, tem razão. Eu só não quero deixar você cometer este erro. Um pai tem direito de saber sobre seu filho!

– Oh Deus... – me viro, revoltada, magoada, amedrontada.

Ian sabe.

Chris, quem eu nunca poderia imaginar, estava do lado de Ian.

E eu simplesmente não consigo lidar com isso agora.

Então tudo desaparece.

Acordo desorientada. A luz branca me cega por um momento. Estou deitada num quarto muito iluminado e branco.

Um quarto de hospital.

– Julia?

Eu penso que estou sonhando. Ainda estou desacordada.

Estou sonhando com a voz de Ian.

Então seu rosto está acima do meu.

Os cabelos estão bagunçados, os olhos verdes preocupados. E seu rosto está barbudo de novo.

Mesmo assim é a mesma beleza deslumbrante.

Meu coração para. Se aperta. Se expande.

Bate alucinado.

Não estou sonhando. Ian está comigo.

Capítulo 17

– Ian – murmuro seu nome como se para me certificar de que não estou tendo uma alucinação.

– Como se sente?

Ele fala calmamente, embora a impressão que eu tenho é que ele quer explodir.

– O que está fazendo aqui? – ignoro sua pergunta.

Claro que eu sei o que ele está fazendo ali.

– Chris me ligou – ele diz com olhos acusatórios, agora que se certificou de que eu estou viva.

– Chris é um fofoqueiro – resmungo, desviando o olhar.

Que merda, estou envergonhada.

É assim que eu sinto. Como uma criança flagrada fazendo uma arte.

– Por que não me contou? – Sua voz já não está tão calma.

Eu o encaro. Parece transtornado.

– Queria que eu tivesse alguma consideração por você depois do que fez?

– Então é uma retaliação? Mentira em cima de mentira?

– Não pode me acusar de querer ficar longe!

– Você ficar longe é uma coisa. É um direito seu. Esconder que estava grávida...

– Você não tem o direito de exigir nada de mim! Não faz mais parte da minha vida!

– Mas este bebê faz! A não ser... a não ser que não seja meu.

Eu não vi o movimento de minha mão em seu rosto, apenas senti o impacto contra meus dedos.

Meus olhos embaçam. De raiva e indignação.

Como ele ousava dizer aquilo?

– Eu gostaria mesmo que não fosse – murmuro ressentida, desviando o olhar das marcas de meus dedos em seu rosto.

E da mágoa que surge em seus olhos.

Eu estou magoada também. Por alguns instantes sem fim ninguém diz nada. Há rancor demais. Ressentimento demais.

De ambas as partes agora.

Eu desejo que ele vá embora. Desejo que ele me deixe sozinha para chorar em paz.

O bebê se mexe na minha barriga e eu respiro fundo buscando me acalmar.

– Como está Júlia? – Escuto a voz do médico que entra no quarto.

Ian está perto da janela, de costas.

O médico olha de mim para Ian, não diz nada sobre a óbvia tensão. Aproxima-se e toca meu braço, sentindo a pulsação.

– Estou bem – sussurro, tentando realmente me acalmar.

Sua mão toca minha barriga.

Eu me encolho.

Olho automaticamente na direção de Ian. Ele está nos observando tensamente.

Desvio o olhar.

– Sente alguma dor, alguma pressão?

– Nada.

– Você desmaiou por causa do estresse e cansaço. Sua pressão baixou. O soro deve resolver.

– Tem certeza que é só isto? – Ian pergunta se aproximando.

– Podemos fazer alguns exames para conferir se está tudo bem com o bebê, claro.

– Está tudo bem com meu bebê – garanto. – Eu fiz... todos os exames possíveis e tenho aval do meu médico pra viajar.

– Mesmo assim é bom garantir, não é? – O médico diz com um sorriso profissional.

– Eu sei que está tudo bem – insisto teimosamente, levando a mão a minha barriga.

– Ela fará os exames necessários – Ian interfere enfaticamente.

Isto me irrita.

– Quando poderei sair? – Pergunto enquanto o médico mede minha pressão.

– Assim que me certificar de que está realmente bem.

Me encosto nos travesseiros e fecho os olhos.

– Certo. Acho que dá para aguentar mais um pouco. Posso descansar agora?

– Claro... – Ele encara Ian – pode vir comigo?

– Sim.

Escuto os passos se afastando e a porta se fechando atrás deles.

E só então me permito abrir os olhos e respirar normalmente.

Eu ainda permaneço em observação por algumas horas e já é outro dia quando finalmente me liberam. Volto para o quarto do meu pai e, para meu alívio, ele está acordado.

Ele me encara surpreso.

– Julia...

Eu me aproximo e toco sua mão.

– Pai, que bom que está acordado, eu estava tão preocupada!

Mas ele não olha pra mim, olha pra minha barriga.

Mordo os lábios nervosamente.

– Você está grávida?

– Pai, não fique nervoso, ok?

– Como não ficar... Deus do céu, Julia, por que não disse nada?

– Porque eu não estava falando com nenhum de vocês! – Respondo e começo a perceber o quão infantil eu fui todos estes últimos meses.

Como pude acreditar que esconderia pra sempre? Não que minha intenção fosse esta, na verdade eu nem tinha parado para analisar o que pretendia. Eu só estava me sentindo traída e cheia de ressentimentos.

Não queria dividir minha gravidez com eles, as pessoas que mentiram pra mim.

Obviamente tinha sido uma atitude imatura e inconsequente. – Me desculpe pai. Sei que devia ter contado, mas...

– Estava com raiva.

– Sim.

– Julia, eu fui a Londres te pedir perdão. Eu sabia que tínhamos errado, mas juro que pensávamos estar fazendo pro seu bem.

– É difícil acreditar, pai. Era sério demais.

– Eu sei. Quando caiu... Quando acordou não se lembrando de nada... Você parecia bem, entende?

– Não, eu não entendo! É o que me deixa louca! Dizem que foi melhor eu esquecer, como pode ser? Foi o Ian? Foi nosso casamento? Foi tão ruim assim pra todos preferirem fingir que nunca tinha acontecido?

Jack desvia o olhar.

Parece pálido e atormentado e eu me sinto culpada de repente.

– Pai, não fique agitado... eu nem deveria discutir com você... vamos esquecer... por enquanto.

– Sim, você tem muitas razões pra se sentir traída e confusa. Nós... não fomos sinceros com você, não é? Eu achei que estava lhe fazendo um bem. Que seria melhor pra todos... pra você, que tudo ficasse enterrado no passado, mas acho que nada vai adiantar.

– Pai, é sério, chega deste assunto.

– Tudo bem, tudo bem. Nós teremos tempo. Quando eu sair deste lugar.

– Claro que vai sair! Você vai ficar bom e vai pra casa.

Seus dedos apertam os meus.

– Estou feliz que esteja aqui...

– Eu também.

– E este bebê aí? Julia, Julia...

Eu fico vermelha.

– Bom, eu não queria voltar, não queria... ter que encarar o Ian.

– E ele já sabe?

– Sabe... Chris contou.

– O quê? Que confusão é esta agora?

– Não se preocupe pai, não há confusão nenhuma! – Minto. – Chris me ligou para avisar que você estava no hospital e ele me buscou no aeroporto. Depois ligou para o Ian e contou tudo. Parece que se transformou num fofoqueiro!

– Chris fez o certo. Se Ian é o pai desta criança...

– Claro que é! Estou grávida de oito meses. Achou o quê? Que chegaria em Londres e engravidaria do primeiro cara que aparecesse?

– Não estou falando nada!

– Certo, me desculpe, parece que todo mundo fica desconfiando! – Exclamo indignada.

– E o que vai fazer? Já conversaram?

– Eu não sei... não quero pensar agora. As coisas estão... tensas.

– E vai pensar quando? Depois que nascer?

Antes que eu possa pensar numa resposta, batem à porta e eu me viro para ver Chris entrando no quarto acompanhado de um médico.

– E então, como está se sentindo? – O médico pergunta se aproximando e eu encaro Chris.

– Você está melhor? – Ele pergunta baixinho e eu sacudo a cabeça positivamente.

– Estou.

– Precisa ir descansar.

– Sim, eu sei. Só queria falar com Jack antes.

– Eu vou te levar para casa então.

– Certo.

Eu me despeço de Jack prometendo voltar depois e acompanho Chris. Chris me observa resabiado dentro do carro.

– Como foi a conversa com Ian?

– Como você acha?

– Ele tem direito de estar bravo, Julia...

– Eu também tive meus motivos para esconder.

– Sim, todos sabemos que teve. Você achou que ia conseguir esconder até quando?

– Eu não sei. Não pensei. E, antes que comece a me acusar, eu sei que fui imatura. Eu só... não queria encarar Ian. Não conseguia encará-lo depois do que ele fez comigo. De todo mundo... ele foi o que mais doeu. Eu confiei nele. Apaixonei-me por ele, sem fazer ideia de que era tudo uma repetição! Não pode imaginar como me senti quando descobri que era uma farsa... – minha voz agora é só um murmúrio dolorido.

– Eu sinto muito.

– Sente mesmo? Por que não me contou então? Quando Ian resolveu me enganar, por que não me disse quem ele era?

– Porque ele pediu que não o fizesse.

– Achei que fosse meu amigo e não do Ian! – Acuso.

– Você não entende...

– Não entendo mesmo!

Chris para o carro em frente a minha casa.

Eu continuo ali. Remoendo suas palavras, suas atitudes.

Eu estava tão magoada e ferida quando descobri a mentira sobre minha memória que só queria fugir e esquecer.

Agora eu estava de volta a Beaverton.

De novo com todos eles.

Chris, Jack, Ian.

E era obrigada a encarar a situação de frente. A me perguntar se eles tinham me contado tudo. O que mais poderia haver naquela história? Por que eu desconfiava que havia muito mais?

Estremeço de frio e medo.

E percebo que há uma parte dentro de mim que quer continuar sem saber. Que tem medo de saber.

E isto me assusta mais que tudo.

– Acho que tem visitas.

Volto ao presente com a voz de Chris saltando do carro e, ao olhar pra

porta de casa, vejo Carla. Sem pensar duas vezes, eu salto e vou em sua direção.

Deixando que ela me abrace.

E choro.

Chris vai embora e eu fico com Carla.

Ela já sabia sobre minha gravidez. De novo tenho que “agradecer” a Chris que ligou para ela e contou.

Carla não fez recriminações. Ela me abraçou, perguntou se eu estava bem e pediu que eu contasse tudo sobre a gravidez.

De repente era como se nem um dia tivesse passado. E de alguma forma eu lamento o tempo que passei longe. Mesmo sabendo que era preciso, que não conseguiria agir de outra maneira depois de eles terem mentido pra mim.

Não sei se eu teria voltado, ou perdoado, se não fosse a doença de Jack. Talvez sim, mais dia menos dia. Afinal, havia também o bebê, que uma hora eu teria que compartilhar.

E pensar nisto me faz lembrar de Ian. E eu me pergunto se ele se importa de verdade. Desde que me deixou no hospital esta manhã, não apareceu mais. Talvez ele não tivesse nenhum interesse em mim ou no bebê. Pensar nisto dói. E eu vou dormir sentindo um vazio no peito.

Quando acordo na manhã seguinte e abro a janela, está chovendo.

E há um carro parado em frente a minha casa. A picape de Ian.

Um amontoado de sensações desencontradas me domina. Ian está ali.

Meu coração dispara ridiculamente e eu quase posso sentir todo meu corpo mais vivo e radiante. Sinto certo alívio. Sinto medo também.

Visto-me rapidamente e encaro minha imagem no espelho criticamente antes de descer. Minhas mãos estão suando quando entro na cozinha.

E lá está ele, com Carla.

Eles cochicham e, de repente, eu tenho a impressão de que estão falando de algo que não é para eu ouvir.

Carla é a primeira a levantar o olhar e sorri quando me vê.

– Finalmente acordou.

Ian se vira e me encara.

Eu tento me manter impassível. Tento não ficar imaginando como é que ele me vê agora. Imensa numa gravidez de oito meses.

– O que faz aqui? – pergunto friamente.

– Precisamos conversar.

– Agora? Não sei que quero conversar com você nesse momento.

– Julia - Carla intervém. – Você sabe que precisa conversar com ele.

– Sim, eu sei. Só não estou pronta para conversar agora.

Ian passa a mão pelos cabelos. Parece frustrado.

Parece lindo. Me obrigo a não suspirar.

A não me lembrar de como havia sentido falta dele todo maldito dia.

– Julia, por favor, nós temos que conversar sobre... sua gravidez. – ele pronuncia as palavras como se fosse um sacrifício. Me recordo de quando tentei falar com ele sobre bebês e ele disse que era cedo.

– Claro, desculpa se deve estar sendo um inconveniente para você. – digo cheia de ironia.

– O que está querendo dizer?

– Não finja que se importa, nem queria que eu engravidasse!

– Não é verdade – ele rebate. – Você... Deus do céu! – De repente ele parece realmente atormentado.

Carla toca os ombros dele.

– Acho melhor você ir embora. Podem conversar depois.

Ian me encara e respira fundo.

– Tudo bem. Tem razão. Eu só queria dizer que marquei alguns exames para você.

– Eu disse que não precisa...

– E eu estou dizendo que você vai fazer.

– Não...

– Ela vai fazer, claro – Carla intervém me lançando um olhar de advertência.

Ian vai embora e ela me encara.

– Não pode agir assim.

– Quer que eu faça o quê? Ian não queria que eu engravidasse! Eu lembro muito bem quando tentei conversar com ele sobre este assunto e ele não quis!

– Agora é diferente a gravidez é uma realidade, vocês vão ter um filho. E ele está se mostrando preocupado com você.

– Está tudo bem, eu já disse!

– Mesmo assim deve fazer os exames. É sempre bom.

Eu suspiro pesadamente.

– Tudo bem, eu farei.

Uma semana se passa.

Eu visito Jack todos os dias. Carla me faz companhia. Eu penso em Ian cada vez mais.

Quando estava em Londres, longe, era mais fácil fugir dos meus sentimentos. Me esconder atrás do ressentimento, rezar para que a distância e o tempo curassem tudo. Agora eu sei que ele está perto. Sei que a qualquer momento nos veremos de novo.

E não sei se temo ou anseio.

Numa manhã, Carla me acorda dizendo que devo ir ao hospital, não só para visitar Jack, também para fazer os exames. Ela me acompanha e eu tento relaxar enquanto o médico passa o aparelho gelado na minha barriga.

Então a porta se abre e Ian aparece.

Eu fico tensa, mesmo sabendo que ele tem o direito de estar ali, afinal.

– Oi, Ian – Carla o cumprimenta animada. – Chega mais perto.

Ian me encara receoso, como se me pedisse permissão, eu rolo os olhos ironicamente tentando camuflar meu nervosismo.

– Já que está aqui, vai querer ver tudo, não é?

– Claro que ele quer! – Carla ri. – E eu também!

Ian se aproxima.

O médico vai falando todas as coisas que eu já ouvi em outros dois ultrassons feitos anteriormente.

– E então, está tudo bem? – Ian pergunta depois de um tempo.

Sua voz está apreensiva.

– Sim, o coração bate no ritmo normal, tudo parece de acordo com o tempo de gestação de Julia. Trinta e sete semanas. Se o bebê nascer a partir de agora não será mais considerado prematuro, por exemplo.

– Ele não vai nascer agora! – exclamo assustada.

O médico sorri.

– Esperamos que não. Quanto mais tempo passar aí dentro para ganhar peso, melhor.

– E qual o sexo, não quer saber, Julia? – Carla pergunta.

E eu encaro Ian.

– Se você quiser... – ele diz.

Até aquele momento eu não quis saber de nada, agora sou acometida por aquela curiosidade.

– Sim, eu quero. – respondo e o médico sorri.

– É uma menina.

Eu olho para o monitor. Aquele pequeno ser se movendo dentro de mim.

É uma garotinha.

– Oh, Julia. – Carla segura minha mão, toda chorosa e feliz.

Eu me sinto emocionada também e encaro Ian. Ele parece vidrado no monitor e reparo que o médico ainda diz algumas coisas sobre o bebê.

– Ela é saudável? – Ian pergunta muito tenso, como se realmente houvesse a possibilidade de não ser.

Sua pergunta me deixa tensa também.

– Sim, Ian, está tudo correndo bem. Você vai ter uma filha em três semanas e tudo vai correr bem.

Eu acho que respiro aliviada do mesmo jeito que Ian. E percebo que ele realmente estava preocupado. Será que era porque eu escondi a gravidez dele até aquele momento e, o fato de não saber nada o deixara inseguro?

Então quer dizer que ele se importa afinal?

Ian sai da sala com o médico ao fim do exame.

– Estou tão feliz que está tudo bem! – Carla exclama.

– Eu também estou.

– Precisamos pensar em um nome!

– Claro – eu respondo rindo.

Quando nós saímos do quarto eu aviso Carla que vou ver Jack, ela diz que irá tomar um café e ligar para Brad.

Jack parece mais saudável e sorri ao me ver entrar.

– E então, quando nasce esta criança? Você parece maior a cada dia!

– Acabei de fazer um ultrassom.

– Sim, Ian me contou que faria.

– Ian tem vindo aqui?

– Sim, ele vem. Claro que nunca quando você está.

Eu abaixo o olhar.

– Ele está preocupado com você, Julia.

– Ele viu hoje que não tem motivos. Está tudo bem com a minha gravidez.

– E você vai perdôá-lo?

– O que quer dizer? Que eu devo voltar com ele?

– Seria o correto, se vão ter um bebê.

– Não sei se seria possível, pai... Depois de tudo... Como podemos ficar juntos? E eu nem sei por que nos separamos da primeira vez. Ele diz que simplesmente não deu certo, embora eu sinta que não foi só isto. Por que nosso casamento acabou, pai?

Jack segura minha mão. Parece pensativo.

– Eu terei alta em alguns dias. Você ficará aqui para o nascimento do bebê, não é?

– Sim, claro que não vou viajar mais.

– E depois?

– Depois eu não sei.

– Eu acho que tem razão, Julia. Você sempre quis saber sobre os dois anos que esqueceu. Eu sempre achei que era melhor você esquecer. Mas agora... Quando eu sair daqui nós iremos conversar. E eu contarei tudo o que quer saber. Chega de meias verdades.

Eu engulo em seco.

É o que eu quero, não é? Que alguém converse comigo e me conte tudo.

Eu só não sei se estou preparada para ouvir.

Saio do quarto à procura de Carla para irmos embora, me perguntando o que de tão terrível pode ter acontecido no meu casamento para todos esconderem. Para eu ter escolhido esquecer.

Estou caminhando pelo corredor e vejo Ian e o médico conversando.

Eles param quando me veem.

– Ian, posso falar com você?

O médico diz que tem pacientes para ver e se afasta.

– Eu queria te dizer que tem razão. Eu sei que errei te mantendo de fora, escondendo a gravidez... Nós temos realmente que conversar.

– Precisamos conversar sobre muitas coisas, Julia.

– Sim... Jack me disse... Ele me garantiu que vai me contar tudo... sobre nosso primeiro casamento.

Ian fica tenso.

– Eu só acho que não deveria ser ele a me contar, não concorda?

– Julia...

– Eu queria ouvir de você – sussurro. – Então... – eu respiro fundo. – Nós vamos conversar sobre o futuro e sobre o passado também. Só assim poderemos seguir em frente, Ian.

– Você quer dizer que existe um futuro para nós?

Há tensão, frustração e esperança em sua voz. E bem lá no fundo, eu sinto o mesmo.

Eu quero ter a mesma esperança.

– Eu não sei.

Ian

Vê-la se afastar sempre parece antinatural.

Eu não consigo me acostumar com ela indo embora. Nunca. E olha que não é a primeira vez. É sempre tão dolorido.

E agora ela carrega nossa filha.

Eu ainda me sinto assustado, chocado, apavorado com sua gravidez. Me recordo do meu assombro ao ouvir as palavras de Chris. Justo de Chris.

Larguei tudo em Portland para encontrá-la. Para ter certeza de que não era uma invenção.

Julia estava mesmo grávida. Íamos ter um bebê, contrariando todas as possibilidades.

Todos os problemas.

E ela não faz nem ideia do quão profundos eles são.

Gostaria que ela nunca chegasse a esta profundidade, então me lembro do que ela falou sobre Jack. Sigo para seu quarto e ele não fica surpreso quando me vê.

– Me contaram que vão ter uma filha.

– Está bem informado.

– Também que está tudo bem, aparentemente.

– Sim, tudo parece correr bem... – respondo distraído e entro no x da questão. – Julia me disse que prometeu contar tudo a ela.

Jack fica sério.

– Sim, chega de mentiras.

– Jack...

– Não adianta mais, Ian. De que adiantou escondermos? Julia descobriu que mentimos, foi embora cheia de ódio, passou meses escondendo que estava grávida... E ainda acha que estamos agindo certo?

– Eu sei que deu tudo errado... só não sei se consigo voltar àquela história de novo, Jack.

– Não é somente por causa da Julia, não é? Você também não quer lembrar.

– Ela pelo menos realmente não consegue lembrar. Eu me recordo todos os dias... Eu só queria que ela não sofresse... Como eu sofro.

– Um dia a verdade precisa vir à tona. Já chega Ian. Nós tentamos e falhamos. Aceite. Julia vai ter que saber de tudo. Vai ter que assumir o que lhe cabe nessa história...

– Sim, tem razão...

– Então chega. Quando eu sair...

– Não... Depois do nascimento do bebê.

– Ian...

– Eu escolho, Jack. Depois que o bebê nascer e que tudo estiver bem.

– Tudo bem. Será como você quiser. De novo.

– Obrigado.

Capítulo 18

Carla se despede na tarde seguinte, pois tinha combinado passar as férias com seu namorado em Yale. Sinto-me um tanto apavorada com a ideia de Carla ir embora e me deixar sozinha.

Obrigo-me a entender que ela precisa realmente ficar com Brad.

– Eu espero estar de volta antes de o seu bebê nascer.

– Não se apresse – rebato sentindo-me subitamente culpada por estar choramingando e deixando-a dividida. – Divirta-se com Brad, eu vou ficar bem.

Ela entra no táxi e eu vejo o carro partir já não me sentindo tão forte.

Nuvens escuras cobrem rapidamente o céu e eu estremeço de frio.

Será uma noite de chuva forte em Beaverton.

E enquanto anoitece e a chuva começa a cair, eu lamento por estar sozinha. E meu lamento se transforma em preocupação quando todas as luzes se apagam subitamente.

– Droga – praguejo, levantando meu corpo pesado do sofá onde estava sentada tentando ignorar o som da chuva e ler um livro.

Estou tentando me lembrar de onde tem uma lanterna na casa, quando escuto as batidas na porta. Meu coração dá um pulo de susto.

– Julia, está aí? – Respiro aliviada ao reconhecer a voz de Chris e abro a porta.

Ele entra todo ensopado.

– Que diabo está fazendo aqui, Chris? E com este tempo?

– Eu liguei e ninguém atendia, acho que sua linha telefônica caiu.

– Sim, nem percebi, provavelmente deve ter caído. A luz acabou faz alguns minutos.

– Eu devia prever que estava com problemas – diz e eu rolo os olhos enquanto ele se afasta e volta segurando uma lanterna.

– Eu não fazia ideia de onde Jack as guardava.

– Você parece pálida, está se sentindo bem?

– Estou cansada... vai ficando difícil de acordo com o aumento do peso – digo com a mão na barriga.

– Então por que não se senta? – Ele segura meu braço e me guia até o sofá da sala.

– Não estou morrendo, Chris! – reclamo, mas faço o que ele pede, afinal, me canso muito rapidamente agora.

Ele acende a lareira com facilidade.

– Nada como um homem em casa – falo com ironia e ele ri.

Reparo que está com as roupas molhadas.

– Por que não troca de roupa? Pode usar uma do meu pai, vai ficar doente deste jeito.

– Nunca fico doente, Jules – retruca, tirando a camisa e sentando em frente à lareira.

– Só a camisa já é suficiente, rapidinho me seco.

Eu dou de ombros, me encolhendo no meu canto no sofá.

A lareira arde em silêncio entre nós e de repente sinto um déjà-vu.

– Nossa...

– O que foi? – Chris me olha curioso.

– Nada, é como... se essa situação já tivesse acontecido antes.

Ele ri.

– Com certeza, né? Quantas vezes eu fiquei aqui na sua casa?

– Eu posso não me lembrar de todas – murmuro incomodada.

De quantos momentos com Chris eu não me recordava? Será que nossa amizade tinha permanecido a mesma enquanto eu estava com Ian?

Ian tinha muito ciúme de Chris. Algo exagerado na minha opinião.

Chris era meu amigo, ou costumava ser, antes de toda confusão.

Eu ainda tinha certo ressentimento quando pensava que ele fez parte da farsa. Que também concordou em me enganar. Qual seria a desculpa de Chris?

– Nós continuamos amigos? – Pergunto de repente, ele me encara.

– O quê?

- Depois que me casei com Ian nossa amizade continuou?
- Claro que sim.
- Ian não gosta de você.
- Eu também não vou com a cara dele. Acho que é natural, não é?

Eu olho para minhas mãos, incomodada como sempre ficava quando Chris me fazia lembrar que seus sentimentos por mim eram maiores do que os meus por ele.

- Eu me casei com outro cara. Mesmo assim, você continuou...

– A gente não escolhe estas coisas, Jules. Veja você, por exemplo, esqueceu-se de tudo, porém, bastou ver o Callaghan de novo e estava de quatro, como antes. E aposto que se ele aparecesse e insistisse apenas um pouco, você esqueceria rapidamente toda a traição e voltaria com ele num piscar de olhos.

Eu não refuto esta teoria.

Porque no fundo Chris tem razão.

Eu ainda amo Ian. Não importa quantas coisas ruins tenham acontecido, ou o que ele tenha me causado. Acho que por isto fugi para tão longe. Do outro lado do mundo. Porque eu sabia que não teria forças para me manter afastada.

– Você sabe por que meu casamento acabou? – Pergunto num fio de voz.

- Tem que perguntar para o Ian.

– Não faz sentido pra mim. Nada disto faz... Me conta Chris... me conta, por favor. Você diz que é meu amigo, então não me deixa mais no escuro... O que aconteceu comigo? Por que meu casamento acabou se eu ainda amava o Ian? Por que eu pulei daquele penhasco e esqueci tudo? Por que todo mundo acha que eu não posso lembrar?

Ele se aproxima e segura minhas mãos nas dele.

- Jules... acho que tem razão... que precisa saber...

As palavras de Chris são abafadas por fortes batidas na porta.

Ele se levanta.

- Está esperando alguém?
- Claro que não!

Eu tento levantar também enquanto ele vai até a porta, obviamente sou milhões de vezes mais lenta e, quando chego lá, paro estarrecida ao ver Ian.

E ele desvia os olhos de Chris para mim.

E o que vejo ali me dá arrepios de medo.

E não preciso que ele comece a falar para saber o que está pensando.

– O que está acontecendo?

– O que acha? – Pergunto aborrecida com sua desconfiança.

Ian não olha mais pra mim e sim pra Chris.

– O que está fazendo aqui? – Sua voz é fria como gelo.

– Julia precisava de mim.

– Ela não precisa de você.

Chris ri.

– Acho que não é você que... – Chris para quando Ian lhe dá um empurrão.

– Estou de saco cheio de suas gracinhas!

Chris está sério agora.

– Ei cara não começa, tá legal?

– Você que começou vindo aqui! – Ian agora está furioso. – Pensei que tivéssemos passado desta fase!

– Foi exatamente o que eu também pensei! Aparentemente é você que ainda acha que...

– Então por que veio?

– Não é óbvio? Julia estava sozinha e eu fiquei preocupado.

– E precisou tirar a roupa.

Chris ri e dou um passo a frente disposta a acabar com aquela briga de moleques.

– Hei, parem com isto vocês dois!

– Fique fora disto, Julia! – Ian sibila em minha direção, o que me deixa irritada.

– Para você continuar brigando com o Chris como se eu não estivesse presente? Acho melhor ir embora, Ian.

– Eu não vou a lugar nenhum!

– A casa é minha e se eu pedir pra ir, você vai sim!

Ele me encara com tanta raiva que eu recuo.

– Para ficar sozinha com seu amiguinho?

– O que está insinuando? – Minha voz treme de indignação. – Por que está agindo assim? O que pensa que estava acontecendo aqui, Ian?

– Ian parece acreditar que estávamos nos pegando no sofá, Jules – Chris diz e então, antes que eu me dê conta, está no chão depois de um murro de Ian.

Eu grito assustada.

– Cala sua boca! Já estou cheio de você! Some daqui! – Ian grita furioso e Chris se levanta.

– Certo, acho que tem razão. Eu vou. Não porque você pediu e sim porque não quero que a Julia fique mais nervosa!

Ele me encara. Minha mão está na barriga e eu realmente estou apavorada.

– Então vou deixar pra quebrar sua cara em outra ocasião!

Ele vira as costas e sai na noite escura e chuvosa.

Vários minutos se passam até que eu consigo encarar Ian.

Ele passa a mão pelos cabelos. Parece tenso, apesar de mais calmo agora que Chris se foi.

– Deus do céu, Ian, pra que isto? – Questiono em choque. – Precisava bater no Chris? Ele só estava me fazendo companhia! Não posso acreditar que realmente ache que estava rolando alguma coisa!

– O que quer que eu pense Julia? Estou cansado de concorrer com ele! De te dividir com ele!

– Dividir? Do que está falando? Nunca me dividiu com ninguém! Eu não tenho nada com o Chris e nunca tive! Por que o odeia tanto?

– Não é óbvio?

– Muitas coisas não são óbvias pra mim.

– Você dormiu com ele.

As palavras saem de seus lábios cheias de dor, de fúria, de um ódio

antigo.

Eu não as assimilo imediatamente porque não fazem o menor sentido.

– O que disse? – Indago num murmúrio, sentindo minha mente rodar.

Ian solta um palavrão, passa os dedos pelo cabelo, como se quisesse arrancá-los.

– Esquece o que eu disse.

– Não, você disse... disse... – eu não consigo pronunciar as frases, mas elas se repetem em minha mente como um mantra maldito. – É mentira... é mentira! – Grito horrorizada.

Ian me encara com o mesmo horror.

Um horror antigo, dolorido. Sofrido.

Eu morro um pouquinho com sua dor ao dizer:

– Você mesma me contou.

Ian

Quatro anos antes

Eu estava levemente nervoso quando dirigi até a casa de Julia naquela tarde. Finalmente ia conhecer o temido Jack Simmons. O pai da minha namorada.

Nós chegamos juntos em Beaverton na noite anterior e Julia ficou comigo no hotel, somente hoje de manhã foi para casa para o feriado de Ação de Graças.

Jack obviamente não fazia ideia de que a filha havia passado a noite com o namorado da faculdade.

O cara que ela conhecia a menos de um mês.

Talvez fosse loucura, mas eu estava tão apaixonado que decidi vir passar o feriado com ela e conhecer seu temível pai.

Estacionei em frente à casa e saí do carro, parei surpreso ao ver Julia na porta abraçada com um cara.

Ela ria enquanto ele a girava pela varanda, com os braços fortes presos firmemente em volta de seu corpo esbelto.

Aquele corpo que era meu. Rindo com a namorada que era minha.

Quem era aquele cara?

De repente ele a colocou no chão, sem soltá-la.

Julia virou o rosto e me viu.

– Ian!

Ela se libertou do rapaz moreno que agora olhava pra mim com cara de poucos amigos.

Ele não tinha gostado de mim? Então era recíproco.

Ela veio na minha direção, com o cara atrás, seguindo-a com olhar desconfiado.

Eu a puxei pra mim, mantendo minha mão em volta de sua cintura.

– Ian, este é Chris Wilson, meu amigo – ela diz. – Chris, este é Ian

Callaghan.

– O namorado – complemento.

Nem sei se era o que ela ia dizer, só resolvi deixar as coisas claras.

O olhar do tal Chris escurece.

Eu reconheço o sentimento. Ciúme.

– Namorado? – O cara cruza os braços em frente o peito, seu olhar é duro como aço. – Jack sabe, Jules?

– Vai saber agora, Chris – Julia responde.

– Então boa sorte, Callaghan. – Chris diz. – Você vai à festa lá na fazenda hoje à noite, Jules?

Ela olha pra mim e então pra Chris.

– Não vai dar Chris, fica pra próxima.

– Claro, já entendi. Eu vou indo, acho que estou sobrando...

Ele se afasta e bate a porta do velho carro antes de sair cantando pneus.

– Quem é este cara? – Pergunto para Julia.

– Eu já falei de Chris, meu amigo.

– Amigo? Ele pareceu bastante possessivo com você.

Julia ri.

– Somos amigos de infância, só isso.

– Talvez seja somente isto pra você. Ele, obviamente, está apaixonado.

Julia desvia o olhar e aperta os lábios.

Ela sabe.

Ela sabe que o tal amigo Chris gosta dela. Isto me deixa com mais ciúmes.

– Nunca rolou nada entre vocês?

– Não! – Ela refuta. – E, por favor, não vai ficar com ciúmes do Chris, vai? Ele é só meu amigo, Ian, por favor... – então ela passa os braços em volta da minha cintura e me olha com aquele olhar que consegue tudo de mim.

Eu esqueço Chris Wilson e a beijo.

Capítulo 19

Eu estou morrendo.

Simplesmente não consigo respirar. Um horror infinito me domina. As palavras de Ian ressoam em meus ouvidos. Embora ainda não façam sentido. Não podem fazer!

Como assim eu dormi com o Chris?

Fiz sexo com ele? Não é verdade... Não pode ser.

Eu só percebo que estou dizendo estas palavras como uma insana, quando Ian segura meus braços.

– Julia, esquece! Eu não deveria ter tocado neste assunto – ele parece mais atormentado do que eu.

– É mentira... está inventando... Eu não posso... eu não iria... Oh meu Deus!

As lágrimas caem em forma de soluços desesperados.

– Não... Chris... e eu... Não pode ser...

– Julia, por favor, se acalme...

– Então me diz que está mentindo! – Grito, tirando seus braços de mim. – Diz que está inventando!

– Eu não posso! Acha que eu não gostaria?

– Oh Deus... – cubro o rosto com as mãos. – Para... não quero mais ouvir... chega!

– Sim, eu não vou dizer mais nada, eu realmente não deveria ter desenterrado esse assunto!

Eu continuo a chorar.

Sei que Ian está ali me dizendo aquelas coisas horríveis.

Coisas que eu fiz. E nem me lembro.

E mesmo assim me enchem de horror e vergonha.

E dor.

E eu simplesmente não posso mais encará-lo.

– Vai embora, Ian...

– Não posso deixá-la sozinha.

– Por favor...

– Não, Julia. Não vai ficar sozinha.

Então ele me pega no colo e me leva pra fora.

Estou fraca demais pra impedir, ou me incomodar com a chuva, ele me coloca no carro e entra também, dando partida.

Eu apenas choro todo o percurso até o chalé.

E quando chego lá, estou emocionalmente exausta.

Ian me leva pra dentro e me deixa no banheiro. Liga a torneira da banheira e um vapor quente enche o lugar enquanto ele tira minhas roupas.

Não me importo. Ele me põe na banheira e sai silenciosamente.

E então eu choro de novo.

Choro por tudo o que eu esqueci. Por tudo o que eu fiz e não me lembro.

O sofrimento que causei.

Meu coração está despedaçado.

Chris. Meu melhor amigo. Que eu sempre soube que era apaixonado por mim, cujo amor nunca pude retribuir. Nem antes e nem agora.

Mas houve um momento no tempo. Uma fenda. Algo aconteceu naqueles dois anos e eu esqueci. Eu fui pra cama com ele. Eu fiz sexo com ele.

E nem sabia por quê. Ou como. Ou o que havia me motivado.

E pior. Eu tinha traído Ian.

A traição explicava o ódio e o ciúme que Ian nutria por Chris.

Agora eu entendia. Eu sabia.

Provavelmente foi o que acabou com meu casamento. Traição.

Só que algo não se encaixava. Eu estava apaixonada por Ian, não estava? Como pude dormir com Chris então? Como era possível? Eu queria desesperadamente lembrar. Eu precisava lembrar.

E ao mesmo tempo eu tinha medo. Medo do que iria descobrir sobre

mim mesma.

Depois de muito tempo eu saio da banheira sentindo-me mais calma.
Amortecida.

Há uma xícara de chá em cima da mesa de cabeceira e uma camisa de Ian na cama. Eu a visto. Ainda tem seu cheiro o que me faz desejar voltar no tempo.

Escuto uma batida na porta e Ian entra, me estudando muito sério.

– Está se sentindo bem?

Eu sacudo a cabeça afirmativamente.

– Então durma.

– Mas...

– Eu vou dormir em outro lugar, não se preocupe.

E ele sai do quarto fechando a porta atrás de si.

Eu me deito, sem tocar no chá. Queria apenas dormir e esquecer.

Mas eu sonho.

E desta vez eu me lembro. Tinha uma fogueira e Chris estava lá. E ele estava me beijando. Acordo de repente com o coração aos pulos e o estômago embrulhando.

Respiro rápido, arquejante. O bebê se mexe.

Coloco a mão na barriga, querendo que se acalme, querendo me acalmar também.

É impossível.

O sonho me atormenta porque sei que é algo que está no meu subconsciente. Sei que é uma lembrança.

Jogo as cobertas para o lado, incapaz de dormir de novo e desço as escadas.

Preciso comer. Preciso acalmar meu estômago. Ao passar pela sala, vejo Ian dormindo no sofá. Eu me enrosco na poltrona em frente a ele.

Várias perguntas dançam em minha mente. Eu quero interrogá-lo. Quero que me conte tudo sobre aquela história sórdida.

O quão injusto seria?

Eu o fiz sofrer. Com certeza. E eu sofria ao pensar nisto.

Penso em Susan. Penso no que eu senti só de imaginar Ian com ela. E o tempo inteiro, enquanto o acusava, eu tinha minha parcela de culpa. Que era ainda maior que a dele, provavelmente.

Ian tinha todo o direito de me odiar.

Talvez tivesse me odiado mesmo. No entanto, ele se casou comigo de novo. Por quê?

– Julia? – Ele abre os olhos, sonolento. – Você está bem?

– Estou com fome – murmuro.

Ele se levanta.

– Eu deveria ter perguntado a você se tinha comido...

– Tudo bem, eu às vezes acordo de madrugada com fome mesmo – respondo seguindo-o até a cozinha.

– O que quer comer?

– Omelete?

– A esta hora?

Eu dou de ombros.

– É o que estou com vontade de comer.

Ele prepara em silêncio e eu o observo, sentada à mesa, até que ele coloca a comida no meu prato.

– Obrigada.

Ele fica me vendo comer.

Lembro-me de quando tudo era fácil entre nós. Quando havia risos e beijos.

Me dá vontade de chorar.

Quando o encaro sei que ele está pensando o mesmo. Talvez esteja pensando mais além. Esteja pensando no que eu esqueci.

– Eu te traí? – Pergunto num fio de voz. – Eu traí você com Chris?

– Não.

– Não?

– Não foi assim. Não foi uma traição.

Eu quase posso respirar aliviada.

Minha cabeça está a mil por hora.

Então foi depois, me pergunto. Foi depois de me separar de Ian?

Quero perguntar e ao mesmo tempo não quero reabrir essa ferida nele. Porque, mesmo ele dizendo que não foi uma traição, pelo menos no sentido literal da palavra, sei que pra Ian tem quase o mesmo peso.

Assim como o fato de ele ter transado com Susan, enquanto nós nem estávamos juntos, tinha pra mim.

– E por que nos separamos? – indago.

– Eu não sei se devemos falar desse assunto agora, Julia...

– Por que não? Por que todo mundo faz isto comigo?

– Faltam três semanas para o seu parto. Até menos... Quero só me certificar que ficará tudo bem com você e a nossa filha.

Quero dizer que isto não tem nada a ver com a criança que espero. Mas imagino que Ian não queira que eu me estresse, será esse o motivo?

Sinto um medo gelado por dentro.

O que ele poderia me dizer que me deixaria tão mal?

– Então há algo pra contar, não é? Algo terrível...

– Julia, não faça isto.

Há angústia em sua voz.

– Então é assim? É este nosso prazo? Até o nascimento?

– Sim, Julia, é.

Eu respiro fundo.

Talvez ele tenha razão. E eu precise daquele tempo. Apenas saber sobre Chris e eu já me abalara demais.

Eu mal conseguia pensar nisto sem me angustiar.

Saber de toda verdade... seja lá qual for... Coloco a mão sobre minha barriga, protetoramente. Não posso pensar apenas em mim. Não posso me envolver em problemas faltando tão pouco para o nascimento de minha filha.

Pensar nela me deixa mais calma. Me traz um pouco de paz.

– Tudo bem – concordo. – Eu vou dormir.

Ian me acompanha até o quarto.

A chuva recomeçou e um trovão sacode as janelas.

– É só chuva, Julia. – Ian diz quase divertido ao ver meu susto.

– Eu sei – digo, me deitando.

De repente eu não quero ficar sozinha.

– Ian – eu o chamo – você pode... ficar comigo?

Ele hesita. Isto dói.

– Sei que é só chuva... acho que estou um pouco sensível.

Ele se aproxima e deita ao meu lado. Quase solto um suspiro de alívio.

E, por um momento, eu me sinto bem. Tranquila e segura. Ian está comigo. Depois de tanto tempo. E eu senti falta demais de tê-lo assim, perto de mim.

Outro raio cai e eu me assusto, coloco a mão na barriga, onde o bebê se mexe inquieto também.

– Está sentindo algo? – Ian pergunta meio apreensivo.

– Não, acho que ela está com medo da chuva também – respondo.

Então ele me surpreende colocando a mão na minha barriga, me acariciando devagar.

– Shiii bebê, está tudo bem – sussurra e eu o encaro meio surpresa com seu tom carinhoso.

– Você gosta mesmo da bebê?

– Claro que sim.

– Você ficou bravo por saber que eu estava grávida. Não queria que acontecesse!

– Você entendeu tudo errado... claro que eu já a amo. É minha filha, Julia. Eu apenas... Me enfureceu saber que ficou sozinha todo este tempo. Podia estar aqui, podia estar sendo cuidada, se acontecesse algo...

– Eu pensei em te ligar e contar várias vezes... – murmuro culpada, me recordando dos meses sozinha. – Eu estava com tanto rancor, tanta raiva.

– Eu sei. Mesmo assim deveria ter me contado. Não precisaria passar pela gravidez sozinha. Mesmo que não estivéssemos juntos... Ainda havia Jack.

– Eu sei... sei que fui imatura. O importante é que agora estou aqui – eu o encaro. – Me desculpe por mantê-lo afastado. Eu não tinha o direito.

– Tudo bem Julia, durma.

– Vai ficar comigo? – Indago sonolenta, fechando os olhos. Meus dedos tocam sua mão que ainda está na minha barriga, quero que permaneça ali.

– Eu não vou a lugar nenhum.

– Eu senti sua falta, Ian – confesso então, entre o sono e a vigília – todos os dias...

E a última coisa que sinto antes de dormir são seus lábios em minha testa.

Capítulo 20

E Ian realmente não foi a lugar algum. Permaneceu comigo o resto da noite, velando o sono agitado e desconfortável, de quem está grávida de quase nove meses.

Meu médico em Londres tinha avisado que seria difícil dormir bem nas últimas semanas, eu estava constatando que era verdade. Pelo menos eu não tive mais pesadelos naquela noite. Acho que muito tinha a ver com o fato de que, todas as vezes que eu despertava, Ian estava do meu lado.

E, quando acordo de manhã com a claridade cinzenta de mais um dia frio de Beaverton adentrando pela janela e o vejo, me pergunto como foi que passei tantos meses longe dele.

Era quase como estar morta. Ou hibernando.

Eu acordava todas as manhãs sozinha. Passava os dias sozinha. Ia para cama a noite sozinha. Só deixando os dias correrem, apenas existindo.

Como se faltasse um órgão vital para eu funcionar completamente.

Agora não faltava mais.

Ele estava ali. Me fitando com os olhos verdes sonolentos. O sorriso preguiçoso no rosto.

– Tudo bem? – Pergunta com um toque de preocupação na voz.

Eu sorrio de volta. Sinto algo inédito nestes últimos meses.

Quase se parece com felicidade.

E, por um instante, quero guardar aquele momento. Quero me aconchegar a Ian e sentir seu coração batendo junto com o meu, no mesmo ritmo. Quero fechar os olhos e simplesmente ser feliz de novo. De verdade.

Infelizmente as coisas não são tão simples. Nada mais será simples.

Há um segredo imenso. Segredo que está me ferindo.

E eu temo o dia em que ele será finalmente revelado.

Tenho medo de como ficará depois.

– Tudo – respondo por fim, jogando as cobertas de lado e me

levantando.

Solto um gemido de dor na coluna, no minuto seguinte, Ian está do meu lado, com um olhar preocupado.

– Eu estou bem – resmungo com um toque de impaciência na voz.

– Eu quero saber se está sentindo alguma coisa... – Ian explica e eu me sinto culpada de repente.

– Está difícil, com todo este peso, é normal – respondo mais brandamente e vou para o banheiro.

Quando saio do quarto, me surpreendo ao ver uma mala com roupas minhas.

– Tess trouxe hoje de manhã – Ian explica. – Eu pedi para ela trazer suas roupas ontem à noite.

– Obrigada.

– Vou preparar alguma coisa pra você comer.

Eu sinto meu estômago roncar quando ele sai do quarto, me apresso em me vestir e vou para a cozinha, seguindo o cheiro de comida.

Devo confessar que também senti muita falta de ter alguém cuidando de mim como Ian cuidava.

Ele prepara ovos e suco de laranja e eu como tudo com apetite.

– Eu vou subir e tomar um banho enquanto você come.

Ian se afasta e eu sinto certo desconforto. Estamos tão formais.

E como será daqui pra frente? É o que ronda minha mente quando subo as escadas. Ao passar pelo quarto vazio, eu abro a porta, curiosa, e me surpreendo ao ver que agora não está mais vazio e tampouco foi convertido no quarto de hóspedes.

Agora é um quarto de bebê.

Fico ali, com os olhos arregalados e boca aberta, até que Ian surge atrás de mim.

– Mamãe e Tess são rápidas.

Eu o encaro.

– Jura que elas fizeram tudo isto em tão pouco tempo?

Ele sorri.

– Você não faz ideia do que mamãe é capaz. Desde que retornou e descobrimos que está grávida, ela vem trabalhando incansavelmente. Acho que ficará chateada por ter descoberto sozinha. Acredito que tinha planos de fazer uma grande surpresa.

Eu olho de novo para o quarto todo decorado em tons pastéis com sentimentos contraditórios.

O que significava aquilo? Que eu ia voltar a viver naquela casa com Ian?

Havia algo dentro de mim que gritava “sim, por que não?”.

Também havia a parte que se rebelava contra tudo.

Os Callaghan e Ian tinham me enganado. Eu ainda não sabia a extensão de todas as mentiras. De todos os segredos.

Estremeço de puro medo.

– Quer ir visitar seu pai? – Ian pergunta e eu respondo que vou apenas colocar um casaco para irmos.

Estou ansiosa para ver meu pai. Saber se ele está melhor.

As notícias são boas. Ele parece mais corado e mais disposto quando o vejo.

– É verdade que está morando com Ian de novo?

– Nossa, as notícias correm rápido, hein? – Resmungo com ironia.

– É verdade então?

– Não é bem assim – tento explicar. – Ontem ele foi lá em casa, a luz havia acabado e... – eu me calo, lembrando os acontecimentos da noite anterior nos quais eu vinha tentando não pensar.

Simplesmente porque eu ainda não estava conseguindo lidar com a ideia de Chris e eu juntos em algum momento da minha vida. Mesmo estando mais tranquila sabendo que eu não tinha traído Ian.

Ainda assim, era assustador demais.

– Enfim, ele achou que eu não podia ficar sozinha e me levou para casa. Foi só – falo meias verdades.

Jack parece satisfeito. Não quero preocupá-lo mais. Ele precisa se restabelecer, ficar bem de novo.

Depois de um tempo eu me despeço e encontro com Ian para irmos

embora.

No caminho de volta pensamentos sombrios rondam minha mente.

Chris e eu.

Meu estômago embrulha. Tento pensar em todas as possibilidades. Não consigo enxergar nenhuma plausível. Eu gosto de Chris. Dizer que era como irmão, seria exagero, como um primo, talvez fosse o mais adequado. Obviamente eu o vira crescer e se tornar atraente para as garotas. Eu também o achava bonito. Só nunca pensei nele para mim. Nunca desejei estar com ele de alguma forma sexual.

Nem mesmo quando ele se declarou e me beijou há tanto tempo, eu pensei nele dessa forma.

Eu havia mudado, em algum momento naqueles anos esquecidos. Tenho vontade de perguntar a Ian como foi, mas sinto que não é justo. Talvez devesse ligar para Chris. Ele teria que me dizer.

A verdade é que ainda não me sinto preparada para abrir a caixa de pandora dos meus próprios segredos.

Sinto Ian me observar pensativo quando chegamos em casa. Ele diz que vai preparar o almoço e eu aproveito para ligar para Carla. Conto a ela sobre estar na casa de Ian.

– Sua casa, Julia – ela me corrige.

– Não é mais.

– Porque não quer. Sabe que o certo é voltar, não sabe?

– Não é tão simples... Quem me dera que fosse.

Eu desligo depois de algum tempo. Durante a conversa inteira eu queria ter perguntado sobre Chris, me faltou coragem.

Cada vez mais eu sinto que a única pessoa com quem eu posso falar sobre o assunto é justamente Chris.

Pergunto-me se conseguirei segurar aquela angústia, sem procurá-lo e exigir respostas. Prevejo muitos problemas se eu for. A começar com Ian.

Ele não ia gostar nada de eu ir atrás do Chris. Não mesmo.

E eu temo estragar a trégua na qual estamos vivendo. Embora essa trégua seja uma linha frágil e tênue que ameaça se romper a qualquer momento.

Cai uma chuva fina depois que acabamos de comer e eu me surpreendo quando alguém bate à porta e vejo Rebecca Callaghan em pessoa.

– Oi, Julia – ela entra e parece receosa. Seu olhar recai para minha barriga e ela sorri. – Nem acredito que está mesmo esperando um bebê.

De novo me surpreendo com a felicidade de Rebecca por minha gravidez.

– Como está se sentindo? Ian me disse que é uma menina!

Eu passo a mão na barriga proeminente.

– Sim, foi confirmado. Estou bem... só está sendo difícil estas últimas semanas, tudo fica mais lento, mais pesado...

Ian aparece e lança um olhar que eu diria ser de advertência a Rebecca e pega seu casaco.

– Vou dar uma volta, já que está aqui para fazer companhia a Julia.

Ele sai sem mais explicação e Rebecca fica mais tagarela, fazendo todo tipo de pergunta. E eu acabo me surpreendendo por gostar daquilo, de ter alguém com quem falar sobre minha gravidez. E ela parece realmente entusiasmada.

– Sabe que pode contar comigo, não é? – Ela diz de repente, subitamente séria.

E me parece que está falando de coisas que eu não sei. Mesmo assim eu assinto apenas.

– Toc toc. – nós olhamos para porta e vemos Tess entrar com duas enormes sacolas. – Becca, por que não me disse que estava vindo ver a Julia? Sabia que eu queria vir também!

– Me poupe Tess! – Rebecca revira os olhos. – E o que é isto aí?

Tess a ignora e se aproxima de mim, me abraçando efusivamente depois senta ao meu lado com as sacolas.

– Olha só tudo que eu trouxe pra você!

Ela começa a tirar roupinhas da sacola, me mostrando tudo.

– Meu Deus, Tess, você comprou tudo isto?

– Claro que sim, vai precisar, não é? Sei que deve ter comprado alguma coisa, ficaram em Londres, eu suponho.

– Tem razão. Eu não comprei muita coisa e o pouco que comprei

ficou em Londres. De nada adiantaria agora.

– Então eu acertei mais uma vez, olha quanta coisa lindinha...

E ela continua a tirar todas as roupinhas, espalhando tudo.

Então começa com a outra sacola onde há uma profusão de ursinhos. De repente me assusto ao ver Rebecca se levantando.

– Tess, não acredito!

Tess a encara.

– O que foi?

– Você não fez isto!

– Qual o problema?

– Ei, o que foi? – Pergunto sem entender o motivo da tensão entre as duas.

– O que está acontecendo? – Ian entra na sala, mirando toda a bagunça de Tess.

– Oi, Ian – Tess sorri – eu trouxe uns presentes pra Julia! – Ela começa a colocar tudo nas sacolas.

Rebecca continua tensa, como se fosse explodir. Ela troca um olhar com Ian.

– Vocês já cansaram a Julia demais, melhor irem embora.

– Sim, nós já vamos. – Rebecca fala, ajudando Tess a guardar tudo. Suas mãos estão trêmulas e eu me pergunto qual seu problema. – Vamos levar essas coisas embora...

– Não – eu falo. – Deixe aí. Não tenho nada pra fazer eu gostaria de arrumar tudo no quarto. Se não se importam.

Os três trocam olhares e eu me sinto excluída da conversa silenciosa.

– Tudo bem, deixe – Ian diz. – Não há realmente problema algum, não é?

As duas saem e Ian volta depois de fechar a porta.

– O que aconteceu aqui? – Pergunto intrigada.

– Nada... só a Tess e sua falta de noção – ele responde distraído. – Quer comer alguma coisa?

– Não – eu me levanto. – Vou dormir um pouco, estou realmente me

sentindo cansada.

Ele me acompanha até o quarto e puxa as cobertas me cobrindo. Seus lábios tocam minha testa.

– Descanse.

Eu durmo imediatamente.

E sonho.

No meu sonho, eu o escuto chorando. É um choro tão sofrido que parte meu coração e eu me despedaço. Eu o procuro, preciso encontrá-lo, por mais que eu corra não o encontro. Apenas escuto o choro.

O choro do meu bebê. E eu nunca, por mais que eu tente, nunca consigo encontrá-lo.

Ele está perdido pra mim.

Acordo assustada. Estou sofrendo. Minha mão está em minha barriga, protetoramente. Respiro rapidamente várias vezes, acalmando as batidas desenfreadas do meu coração.

Está tudo bem. Minha bebê continua ali. Em meu útero. Protegida dentro de mim.

Minha pequena London.

O nome surge em minha mente repentinamente e serve para me acalmar.

Sim, é um nome lindo. Diferente. Remete a um lugar perfeito.

Levanto-me querendo contar a Ian.

Abro a janela, e a noite está caindo lentamente.

Então eu o vejo. No jardim das pequenas rosas.

Ele está de costas pra mim e eu não consigo ver sua expressão. Penso em ir lá, está tão frio que decido esperá-lo ali mesmo.

E, já estou fechando a cortina quando noto alguém entrando no jardim e caminhando na direção dele. Franzo a testa ao reconhecer Chris.

O que ele está fazendo aqui? Fico tensa imediatamente quando ele chega ao lado de Ian. Me preparo para a cena. Uma discussão com certeza. Chris não deveria ter vindo. Ian ia explodir. Iria ter briga.

Minhas previsões se mostram infundadas ao vê-lo se afastando de Chris e deixando o jardim. Respiro aliviada.

Desço as escadas para esperá-lo, alguns minutos se passam e ele não aparece.

Será que foi para a casa dos pais?

E Chris, será que continua no jardim ou foi embora?

Talvez eu possa ir até lá, falar com ele. Se Ian me vir com Chris, pode tirar conclusões precipitadas.

Suspirando pesadamente, eu desisto de sair e decido procurar algo para ler. Ao checar a estante, eu me surpreendo ao encontrar um CD.

Eu já o tinha visto antes. Era o CD que eu pensei que Ian tivesse feito para um antigo amor. Só que a ironia era que aquele amor era eu mesma. Eu quase podia rir agora do papel de idiota que eu tinha feito. Não havia ninguém no passado de Ian.

Sempre fui eu.

Era quase reconfortante este pensamento.

E, olhando direito agora, não havia apenas um CD e sim dois, eu não tinha reparado antes.

Curiosa, eu me aproximo do aparelho de som e coloco o segundo CD pra tocar.

Eu reconheço a música. É aquela que Ian tocava quando eu estive na casa dos Callaghan pela primeira vez. Ou ao menos achava naquela época que era a primeira vez.

Ainda me soava muito triste. Ainda trazia uma dor desconhecida para dentro de mim.

Sento no sofá, sabendo que posso desligar o som, tirar aquela música triste, mas incapaz de fazê-lo. Vejo as sacolas com as coisas de Tess e começo a revirá-la. Ali estão as roupinhas. Todas de uma marca famosa e muito cara.

E depois a sacola com os ursinhos.

Um pequeno sorriso dança em meus lábios. São realmente fofos.

Eu já estou terminando de tirar todos da sacola, quando algo me chama atenção em um deles.

Há um cartão junto, amarrado por um pequeno laço creme em seu pescoço.

Eu o abro curiosa.

“Para Mason, com amor, da tia Rebecca.”

Algo estala dentro de mim. Como quando ficamos na mesma posição por muito tempo e nos atrevemos finalmente a nos mexer, sentindo os ossos fazendo barulho.

Só que não é nenhum osso do meu corpo.

É meu cérebro.

Perco o fôlego por alguns instantes. À deriva dentro da minha própria mente.

Me obrigo a voltar ao presente. Olho o papel em minhas mãos.

Tento encontrar o sentido.

É um bilhete de Rebecca, obviamente. Para alguém chamado Mason.

E ela assinava como... tia?

Quem era Mason e por que Rebecca se dizia tia dele?

Meu coração começa a bater num ritmo desconhecido. Assustado.

Meu cérebro continua a estalar. E, de repente eu entendo por quê.

Eu já ouvi aquele nome antes... onde?

Então outro estalo.

Eu largo o cartão e me levanto. A música continua a tocar enquanto eu sigo cegamente na direção da estante.

Meus dedos percorrem as lombadas dos livros.

Eu acho o que nem sabia que estava procurando quando o encontro. Uma edição antiga de Auden. A página está marcada.

Há uma foto dentro. De um bebê.

Eu sei que aquele é Mason.

O tempo para. Observo a mim mesma com a foto na mão, como se estivesse fora do meu corpo.

— Julia?

Levanto o olhar e encontro Ian.

Ele me encara sombrio.

Assustado.

Sim, há medo em seu olhar.

– Quem é Mason? – Não reconheço minha própria voz.

Seu olhar se choca com o meu e eu vejo dor.

Arquejo.

Os estalos começam a se repetir, como se fossem pequenas peças de um quebra-cabeça se encaixando...

Eu começo a tremer.

– Julia. – Ian vem em minha direção, as mãos estendidas, eu me afasto.

Do mesmo jeito que eu sabia o que procurava na estante, eu sei o que procuro agora, quando, ignorando o chamado de Ian, abro a porta e saio para a noite que cai.

Caminho rapidamente pelo nevoeiro. Entro no jardim. O jardim em que Rebecca chorava.

O jardim em que Jill plantou as pequenas rosas.

Eu me ajoelho exatamente onde Rebecca estava.

Arranco com minhas mãos as flores do meu caminho.

E então eu vejo.

A lápide.

Mason Anthony Callaghan.

Filho amado.

A data era de três anos antes.

Meses antes do meu acidente.

– Julia... – escuto a voz cheia de horror e dor de Ian atrás de mim.

E tudo se revela por fim.

Era isto que escondiam...

Meu bebê. Meu filho.

Morto.

Capítulo 21

Dor. Morte. Mentiras.

Eu mal posso respirar.

Eu mal posso pensar.

Minha mente dá voltas, num looping desordenado.

Meus olhos olham fixo para a lápide e eu vejo a mim, parada no mesmo jardim num dia cinzento de chuva...

As estrelas não são mais necessárias; apague-as uma por uma

Guarde a lua, desmonte o sol

Despeje o mar e livre-se da floresta

pois nada mais poderá ser bom como antes era.

Alguém está recitando Funeral Blues.

É Ian. Seu olhar encontra o meu. Chama por mim.

Eu desvio o rosto. Não consigo compartilhar minha dor com ele.

Em vez disto, fixo meus olhos no pequeno caixão baixando na sepultura.

Volto ao presente com um arquejo.

– Deus...

É demais pra mim. Eu não quero continuar a lembrar, apesar de saber que as comportas foram abertas.

E as lembranças invadirão minha mente a qualquer momento.

Eu não quero. Eu não posso. Meu bebê está morto. Somente esta constatação causa um estrago catastrófico dentro de mim.

Como se um buraco negro sugasse todas minhas energias, levando tudo o que ainda havia de bom.

Deixando apenas uma imensa dor no lugar.

É insuportável.

– Julia...

Sinto os dedos frios de Ian em meu ombro e o encaro.

– Ele está morto...

– Sim...

– Era isto que escondiam de mim... o tempo inteiro...

– Julia, por favor... vamos sair daqui... precisa se acalmar...

– Acalmar? – De repente eu me revolto.

A onda de raiva sobe como bÍlis amarga por minha garganta e eu grito.

Eu agrido.

Meus punhos em Ian. Que por um momento não reage, de tão abismado com minha reação.

– Como podem ter feito isto comigo? Como puderam escondê-lo de mim? Era meu filho... meu... Oh meu Deus... Mason... Ele morreu... morreu.

Me deixo cair sobre seu peito, soluços sofridos me rasgando por dentro.

Não há mais forças para lutar. Eu só quero morrer também.

Mal vejo Ian me pegando no colo.

– O que está acontecendo? Eu estava indo embora e a ouvi gritando.

Acho que é a voz de Chris que escuto.

– Ela lembrou.

– Lembrou? Meu Deus... Como ela está? Julia...

Acho que ele tenta se aproximar.

– Vá embora, Chris – Ian pede, enquanto me leva pra dentro.

Acho que Chris fala algo, eu não escuto mais.

Eu me desligo da realidade. Minha mente está em outro lugar

Em outro ano...

Quatro anos antes

Eu acordei naquela manhã com uma dor de cabeça terrível e o estômago embrulhado. Mal conseguia abrir os olhos sem gemer. Era como se todo meu cérebro ainda estivesse numa montanha russa.

Ao finalmente abrir os olhos, focalizei um quarto que definitivamente não era o meu. Sentei-me rapidamente, me arrependendo em seguida, porque as pontadas no meu cérebro pioraram.

Olhei em volta assustada e quase relaxei ao perceber que não era um quarto estranho.

Era o quarto de Chris.

Mas... Que diabo eu estava fazendo ali? Tentei me lembrar do que aconteceu na noite passada. Estávamos numa festa na fogueira. Chris roubou uma garrafa de whisky. Disse que era pra comemorar por eu estar indo pra faculdade em poucos dias. Seria uma despedida. Obviamente, se considerar a ressaca que estava sentindo, nunca deveria ter deixado Chris me convencer a beber. Afinal, eu nunca tinha bebido antes.

Então meu cérebro entorpecido tentou se lembrar de mais... Me lembrei que estávamos rindo e contando velhas histórias, que minha cabeça rodava, mas que era bom... e então Chris está me beijando.

Soltei uma exclamação horrorizada e surpresa.

Chris e eu nos beijando não era algo comum, definitivamente. Mas sim, eu me lembro bem desta parte. Ele estava me beijando e eu estava gostando.

Ou eu acho que estava, porque não o empurrei, nem quando ele me deitou no cobertor...

E então tudo se perdeu.

Oh Deus! Oh Deus...

E eu não me lembrava de mais de nada, mas estava no quarto dele. E a dúvida se transformou em certeza quando percebi que estava nua.

Fechei os olhos, contendo a ânsia e o terror.

Como podia ter feito uma bobagem daquelas?

Transar com Chris, meu melhor amigo? E o que era pior, nem me lembrar direito do que rolou!

Devia ser o que chamavam de amnésia alcoólica.

Fiquei ali, com os olhos fechados, amaldiçoando a mim mesma, até que escutei a voz da Senhora Wilson em algum lugar.

– Droga! – Praguejei e saí da cama. Não foi difícil achar minhas roupas eu as vesti rapidamente, tentando ficar apresentável.

A vontade que eu tinha era de sair pela janela, mas sabia que seria infantil e ridículo.

Provavelmente ela já sabia que estava ali. Mesmo porque não era a primeira vez que eu dormia na casa deles. Eu e Chris éramos amigos há muitos anos. Talvez eu tivesse sorte e ela nem desconfiasse dos verdadeiros motivos de eu estar ali.

Saí do quarto quase sorrateiramente e encontrei Chris.

Ele sorriu para mim meio sem jeito.

– Bom dia.

– Oi – murmurei, sem conseguir olhá-lo direito.

Como é que eu ia encará-lo agora?

Sua mãe estava à mesa do café.

– Bom dia, Julia, quer tomar café?

Eu fiquei vermelha, sem saber o que ela estava pensando. Pelo seu sorriso, acho que não desconfiava de nada e me senti aliviada.

Porque, se meu pai ficasse sabendo... Não queria nem imaginar!

– Não, obrigada, acho que vou embora... – eu olhei pra Chris. – Será que podemos dar uma volta antes?

– Claro!

Nós saímos da casa e por um momento ficamos em silêncio até que eu não aguentei mais.

– Por favor, diz pra mim, que eu estou imaginando coisas e que a gente não... não...

– Transou?

Meu rosto ficou vermelho escarlate.

– É...

– Bom, não posso dizer o que me pede.

– Merda!

– Julia, fique calma. Não é motivo pra drama... Aconteceu.

– Não era pra ter acontecido!

– Por que não?

Eu podia enumerar várias razões.

A mais contundente era que eu não amava Chris. Não daquele jeito que eu acreditava que precisava amar alguém para tomar a decisão de perder a virgindade.

– Eu estava bêbada! Droga, eu nem lembro direito o que aconteceu!

– Não lembra? – Chris parecia ofendido.

– Desculpa, mas... sim, eu não faço ideia de nada... eu só lembro da gente se beijando... alguns flashes... e de acordar nua na sua cama!

– Aconteceu, Julia – ele estava sério agora. – E eu estou feliz que tenha acontecido.

Eu mordi meus lábios com força. O que podia dizer? Havia uma parte de mim que queria estar contente também. Que queria que tivesse sido importante e inesquecível.

No entanto eu só podia lamentar o fato de ser fraca em relação ao álcool.

E por ter transado com meu melhor amigo.

– Chris... eu realmente acho que não deveria ter acontecido.

– Julia, eu...

– Nós somos amigos! Algo assim não poderia acontecer nunca!

– Você sabe que eu sempre quis ser mais que seu amigo...

– Vamos começar de novo? Chris, eu não sou apaixonada por você! Desculpa, sei que te magoou, nunca deveria ter deixado acontecer! Agora você vai ficar pensando que temos chance de ser algo mais...

– Eu acho sim. Nós daríamos certo juntos, Julia. Você que está fugindo! Agora que ficamos juntos, por que não deixamos as coisas rolarem?

– Não, Chris, não dá...

– Julia... – ele tentou tocar meu rosto, eu o afastei.

– Por favor, não torne as coisas mais difíceis! Eu vou pra Corvallis em poucos dias... Ficarei fora a maior parte dos próximos quatros anos! Nem sei se volto pra cá depois que me formar...

– Eu esperaria por você.

– Não, não espere. As coisas não vão mudar Chris.

– Julia...

– É sério. Vamos... esquecer o que aconteceu – Pedi quase desesperada. – Talvez não seja justo o que estou pedindo, mas meus sentimentos continuam os mesmos. Eu gosto de você como amigo. Transei com você porque bebi demais. Foi um erro.

Eu senti meu peito apertando ao ver o rosto magoado de Chris, porém não tinha como ser de outro jeito.

Ele respirou fundo.

– Tudo bem, eu entendo...

– Me desculpe...

– Não, não peça desculpas, você se arrependeu, eu não. Acho que vou guardar de recordação como a única coisa que tive de você, não é?

– Chris...

– Vem, vou te levar embora.

Eu subi na moto e ele me deixou em frente à minha casa. Então eu me lembrei de algo.

– Chris, ontem nós... nós usamos proteção, não é?

– Claro, claro...

Eu respirei aliviada. Pelo menos isto!

Eu estava me afastando quando ele me chamou.

– Jules?

– Sim?

– Somo amigos ainda, não somos?

Eu sorri.

– Sim, pra sempre.

Duas semanas depois

Ele me tirava o ar.

Mal podia pensar direito quando estávamos juntos.

Quando ele me encarou com aqueles olhos verdes tão intensos e perguntou se estava tudo bem, eu o encarei, respirando rápido. Meu coração disparado e alucinado. Meu corpo trêmulo e pronto.

Meus dedos tocaram seu rosto, seus cabelos perfeitos.

Eu precisava dele, como nunca precisei de nada antes na minha vida.

Sei que esperei por aquele momento sem nem saber. Desde o primeiro olhar por entre as estantes na livraria. Por todos os dias que passaram desde então. Sempre juntos. Cada vez mais horas, cada vez mais incapaz de ficar longe.

O primeiro beijo na mesma livraria onde nos conhecemos, me tirando o chão.

Até aquele momento, não muito tempo depois.

Com nós dois nus. Em meu quarto da universidade. Para que esperar mais se eu sabia que seria inevitável?

Queria ter me guardado para aquele momento, porque era aquele que iria ficar na minha lembrança para sempre.

Minhas memórias mais preciosas começariam com nós dois juntos.

– Sim... – murmurei, o enlaçando com meu corpo. Ele gemeu. Eu aqueci.

Ele ainda se conteve.

– Julia... tem certeza?

– Ian... eu te disse, não vai me machucar.

Ele sabia que eu já fiz isso antes. Sem entrar em detalhes, afinal, nem eu seria capaz de contar algo que nem sequer me lembrava, eu disse que não era mais virgem.

Ian não fez perguntas.

Acho que estávamos muito além desse tipo de pergunta.

Obviamente ele também não era virgem. Também não me interessava quem passou em sua vida antes de me conhecer, embora algum tempo depois ele tenha me contado que teve duas namoradas, uma no colégio e outra no primeiro ano da faculdade.

Isto não interessava mais agora. Éramos apenas nós dois.

– Por favor, Ian... – pedi num sussurro e ele veio.

Finalmente!

Estávamos na casa dos pais de Ian em Portland para o feriado de Natal. Eu passei a manhã inteira vomitando.

Primeiro achei que fosse culpa do jantar da noite anterior, misturado com o nervosismo de estar na casa dos pais do meu namorado pela primeira vez.

De repente comecei a repensar em todas as vezes que me senti mal naquela semana. E estava com a menstruação atrasada também.

Nem lembrava há quanto tempo na verdade, estava tão deslumbrada com meu namoro com Ian que coisas práticas tinham me fugido totalmente da mente nos últimos tempos.

E ao me lembrar que, da primeira vez que eu e Ian transamos, não usamos preservativo.

Ian me encarou chocado quando eu disse que desconfiava que estava grávida.

– Eu estou enjoando e sentindo tontura. E também atrasada.

Estava mortificada.

Amedrontada.

Ian, contrariando minhas expectativas achando que ele fugiria correndo ou ficaria muito bravo comigo, apenas se aproximou e acariciou meus cabelos.

– Vamos fazer um teste quando voltarmos pra faculdade amanhã.

– E se for verdade? E se eu estiver grávida? – Minha voz não passava de um sussurro.

– Vamos pensar depois. – Ian respondeu simplesmente.

E na manhã seguinte meus medos se tornaram reais. Eu estava realmente grávida e confirmei com Ian depois de fazer o teste.

– E agora? – Perguntei em choque.

Ian se aproximou e segurou minhas mãos.

– Casa comigo?

– O quê? – eu parei de respirar.

Ele sorriu.

E eu sabia que ele estava falando sério.

E sabia que eu ia dizer sim.

E já não existia nenhuma preocupação na minha mente.

Estávamos na clareira em Beaverton o sol banhava meu rosto.

Ian acariciou minha barriga.

– Não vamos mais subir aqui.

– Por que não?

– Está ficando perigoso andar deste jeito, pode não ser bom para o bebê.

Eu rolei os olhos.

– Só estou de seis meses!

– Com esta barriga enorme, mal consegui subir hoje, Julia.

– Gosto daqui. Tem sol. É nosso esconderijo – eu o beijei e ele riu.

– Eu ainda não decidi se foi uma coisa boa minha família resolver se mudar pra cá.

– Seus pais amaram a cidade!

– Eu sei. Minhas irmãs é que não curtiram muito.

– Jill reformou a casa de hóspedes para nós. Não seja chato!

– Para ficar nos vigiando!

Eu ri da sua rabugice e o beijei.

O bebê se mexeu e eu segurei a mão de Ian levando-a a minha barriga.

– Mason está dizendo que gosta daqui – falei e ele riu, acariciando minha barriga.

– Então decidiu o nome?

– Rebecca escolheu – disse.

– Rebecca me dá medo. Acho que ela vai roubar o bebê de você quando nascer, de tão empolgada que está.

– Ela é legal, não fala assim.

Ele deu de ombros e me puxou.

– Vamos descer. Senão nos atrasaremos para o jantar com seu pai.

Nós descemos devagar e eu tinha que concordar com Ian que estava realmente difícil. Me cansava com muita facilidade.

Fomos direto para casa do meu pai e percebi Ian ficar tenso quando vi o carro de Chris parado em frente a minha casa.

Ian não gostava de Chris. Mesmo eu garantindo que não havia motivos para ciúmes. Nós descemos e Chris estava se despedindo do meu pai na porta quando nos viu.

Ele ficou tenso também.

Eu mal o vi depois do meu casamento. Temia que nossa amizade nunca mais fosse a mesma. E me perguntava se foi porque me casei ou por causa daquela noite meses atrás.

– Oi, Chris.

– Oi, Jules... Ian.

Ian só acenou com a cabeça.

– Já está indo? – Perguntei.

Havia uma parte de mim que queria que as coisas fossem como antes.

Que desejava que Ian e Chris fossem amigos.

– Estou.

Ele se afastou e eu apertei a mão de Ian.

– Podia fazer um esforço para ser simpático com ele – reclamei.

– Ele também não faz a menor questão de ser legal comigo, Julia.

Eu não falei nada. Me perguntei o que Ian diria se eu contasse que perdi minha virgindade com Chris. Com certeza seria um problema enorme, ele já detestava Chris apenas por ser meu amigo, se descobrisse então...

Eu estremeci de medo.

Não, Ian jamais poderia saber.

Meu pesadelo começou quando ele nasceu antes da hora.

Eu estava dormindo quando senti as primeiras pontadas de contração.

Abri os olhos ofegante, mirando o teto. Ian estava ressonando ao meu lado. A dor passou depois de um instante e eu achei que não fosse nada. Ainda não era hora.

Mas elas voltaram e depois de algum tempo foi impossível ignorar.

Acordei Ian.

– O que foi? – Perguntou sonolento.

– Acho que o bebê vai nascer...

– Ainda faltam semanas, Julia.

– Eu sei! Mas estou tendo contrações!

Ian me levou ao hospital imediatamente.

E, Mason Antony Callaghan, nasceu algumas horas depois.

No começo tudo parecia bem. Mason, apesar de ter chegado um pouquinho adiantado, parecia perfeito. Um garotinho lindo de olhos e cabelos castanhos como os meus.

– Ele se parece com você – Ian dizia.

– Ele é muito pequeno para parecer com alguém, Ian!

Depois que finalmente os Callaghan e meu pai foram embora, nós tivemos um pouco de sossego. Sentei na cadeira perto do berço e tentei amamentá-lo, porém Mason não pegou o meu peito.

Isto me angustiou.

– Não consigo! – Reclamei e Ian o tirou do meu colo.

– Não fique angustiada com isso, Julia.

Os dias passaram e Mason continuou com dificuldade até de mamar na mamadeira.

E chorava demais.

Um dia, antes de acordar com o choro dele, eu tive um sonho.

Chris estava me beijando. Estávamos na fogueira. O choro de Mason me acordou e eu corri para seu quarto, antes de acordar Ian, que tinha que ir pra aula na manhã seguinte.

Segurei seu corpinho contra meu peito até que ele parasse de chorar.

Seus olhos focalizaram os meus e eu sorri.

Ian tinha razão, acho que ele se parecia mais comigo, com seus cabelos castanhos quase negros...

De repente algo me angustiou. E eu não sabia o que era.

Eu o coloquei no berço e fui para sala. Saí na sacada do apartamento e olhei a noite escura. E finalmente deixei minha mente vagar para o real motivo do que me atormenta.

Mason nasceu antes da hora. E não se parecia nada com Ian.

Tem cabelos e olhos escuros. Como os meus.

Como os de Chris, sussurrou minha consciência.

Eu perdi o ar por instantes.

Não, eu estava delirando.

Claro que Mason era filho de Ian. Eu fiquei com Chris só uma vez. Nós usamos preservativo. Ou era o que ele disse, porque não me lembrava.

– Julia?

Eu olhei para trás e vi Ian.

– O que está fazendo aqui?

– Mason acordou.

– Por que não me acordou?

– Ele já dormiu de novo.

– Então vem dormir.

Ele me puxou e eu fui.

Tentei esquecer meus temores.

No entanto, eles já estavam... assombrando minhas certezas.

Mason passou mal pela primeira vez na manhã seguinte.

Estava sozinha com ele, de novo tentando fazê-lo mamar, quando de repente percebi que não estava conseguindo respirar direito e, apavorada, eu corri para o hospital.

Mason foi diagnosticado com um problema cardíaco grave.

– É o seguinte, entre os ventrículos do coração existe um septo que, quando o coração é normal é como se fosse uma parede – explicou a médica para mim e Ian. – Nessas crianças surge um buraco nessa parede que passa a ter uma ligação entre os dois ventrículos.

– E o que vai acontecer? – Perguntei.

– Os sintomas mais comuns são cansaço e dificuldade para mamar. Podem ocorrer problemas pulmonares e respiratórios, como ocorreu hoje.

– E qual o tratamento? – Ian questionou.

– Existe uma cirurgia para corrigir que não se aplica a todos os casos. De qualquer maneira Mason é muito novo para sabermos se é realmente necessário. Então vamos medicá-lo e ficar de olho.

Os meses seguintes foram tensos. Mason às vezes parecia bem, outras ficava muito doente. Quando ele estava com três meses, nós o internamos com infecção pulmonar grave.

Mason nunca mais saiu do hospital.

Me lembrar daqueles meses é a pior sensação do mundo.

Relembrar a dor, a incerteza, a esperança de que ele melhorasse e ficasse bom, era quase como voltar a sentir tudo de novo. E, em meio a toda a angústia com a doença de Mason, outra coisa me atormentava.

Cada vez mais desconfiava de que Mason podia não ser de Ian.

E simplesmente não sabia como lidar com aquela possibilidade.

Foi Ian quem chorou comigo no primeiro ultrassom. Foi ele que cortou o cordão umbilical quando Mason nasceu. Foi com Ian que compartilhei as angústias e as alegrias de ter um bebê. E era ele que agora

sofria comigo.

Ele era pai de Mason em todos os sentidos, não era?

E daí se não fosse biologicamente?

Mesmo assim a incerteza me dilacerava.

Se fosse verdade, se Mason fosse filho de Chris, o que aconteceria?

Como é que eu poderia contar a Ian? Ele sofreria demais.

E Chris, como ficava naquela história? Eu não sabia o que fazer.

Até que um dia eu não consegui mais aguentar a dúvida e pedi um teste de DNA.

Naquele mesmo dia, Mason entrou em estado crítico. Com pneumonia grave, ele começou a ter convulsões. E morreu naquela noite.

Ian estava comigo.

Assim como todos os Callaghan e meu pai.

Das horas após sua morte eu me recordaria muito pouco... ficou somente a sensação horrível da dor e do vazio.

Que nunca seria apagada.

Eu quis levá-lo para Beaverton. Ele nunca esteve lá em vida, nenhuma vez.

Chegar ao chalé e ver o quarto ainda intocado preparado por Jill acabou um pouco mais comigo. Mason foi enterrado no jardim dos Callaghan.

Uma parte de mim foi enterrada com ele.

As coisas ficaram estranhas depois disto.

Me lembro de quando vi Chris. Foi logo depois do enterro.

Condolências e olhares de pena só serviam para me deixar pior. E eu só queria ir embora. Então Chris se aproximou e me abraçou.

Eu chorei e me lembrei.

Aquele bebê enterrado podia ser dele também.

Isto serviu para aumentar meu desespero.

– Vai ficar tudo bem, Jules – ele disse contra meus cabelos.

Chris não tinha razão. Nada ia ficar bem. Nunca mais.

E eu que achava que as coisas não podiam ficar piores.

Elas podiam.

Eu pedi pra voltar pra Corvallis no dia seguinte.

Queria retomar minha vida. Ou tentar. Ian concordou. Ele sofria tanto quanto eu, embora parecesse tão mais forte. Ou agora eu sei que ele tentava o ser por mim.

Eu chorava todas as noites. Tinha pesadelos todas as noites.

Ele me abraçava e dizia, como Chris, que tudo ia ficar bem.

Eu tive certeza que nada ficaria bem quando recebi o resultado do teste de DNA.

Mason não era filho de Ian.

Naquele dia a dor parou de ser apenas um sentimento ruim. Ela se tornou parte de mim.

Os dias passavam iguais.

Vazios.

Sem sentido.

Eu ia para a faculdade e estudava intensamente para esquecer o resto. Ian também estudava bastante. Nós nos víamos à noite na mesa de jantar como um casal de meia idade sem assunto. Eu não conseguia mais encará-lo sem pensar na minha culpa.

Na minha mentira.

Eu podia contar a ele? Como?

Como é que eu ia contar que Mason, nosso amado filho morto, na verdade era do meu amigo que ele odiava? Isto acabaria com nosso relacionamento.

O que eu não percebi, foi que foi justamente o que nos matou, afinal.

Nós nunca falávamos sobre Mason. Sobre a dor.

Sobre nós.

Estávamos pouco a pouco nos tornando estranhos.

– Julia, fale comigo – ele pedia às vezes contra meus cabelos, depois de fazermos amor, o que era cada vez mais raro.

Eu não conseguia mais me entregar sem pensar que eu era uma farsa. Que Ian não imaginava com quem estava casado.

Eu dizia que estava tudo bem. Que tudo ia ficar bem.

Minhas próprias promessas vazias.

Susan apareceu algum tempo depois.

Ela era a amiga linda dos Callaghan obviamente louca pelo Ian. Eu cheguei em casa depois de um dia puxado na biblioteca e ouvi um riso. Por um momento parei observando a cena. Ian estava rindo. Há quanto tempo que eu não o via nem mesmo sorrir?

Ele me viu e ficou sério. Grave.

– Oi, Julia.

A moça com ele se virou e me mediu.

– Esta é Susan Willians. Sua família é amiga da minha.

– Muito prazer, Julia – ela disse sorrindo. Eu senti sua inveja como pequenas punhaladas.

Não parecia maldade. Ela apenas não conseguia evitar.

– Oi.

– Susan está de passagem. Ela nos convidou pra jantar.

– Oh... infelizmente eu não posso, tenho um grupo de estudo – menti.

– Ah, que pena. – Susan deu de ombros, eu encarei Ian.

– Deve ir, Ian.

– Não, eu...

– Eu insisto que vá, por favor.

Percebi seu olhar confuso, mesmo assim ele foi.

Quando ele voltou, eu já estava deitada.

– Julia, está acordada? – Senti seu toque deslizando por meu braço, seus lábios em meu ombro.

– Sim, como foi o jantar com Susan? – Perguntei, me virando.

– Foi bom. Você deveria ter ido.

- Ela gosta de você, sabe disto, não é?
- Claro que não – apesar de negar ele sabia sim.

Assim como eu sempre soube de Chris.

Será que no fim das contas Ian teria ficado com Susan, se eu não tivesse engravidado? Seria perfeitamente possível.

Talvez as coisas estivessem totalmente fora dos eixos em nosso universo.

– Não está com ciúme da Susan, não é? – Ele perguntou sondando meu rosto.

– Não – menti também.

– Não há motivos – ele me beijou.

Eu me permiti esquecer de tudo por um momento.

Deixei que ele entrasse em mim. Deixei o prazer dominar minha mente.

E chorei quando a dor voltou depois de tudo.

No dia seguinte, quando Ian acordou, eu estava de malas prontas.

Ele pediu. Implorou. Brigou.

No fim, não pôde me impedir de ir embora.

Eu voltei para meu antigo dormitório. Continuei estudando feito louca. Me inscrevi novamente para terminar o curso numa universidade da Inglaterra.

Ian e eu assinamos o divórcio algum tempo depois. Ele não mais pediu, implorou ou brigou. Eu estava entorpecida demais para sentir dor.

Chris me ligou quando soube da minha separação. Não sei se pensou que teria uma chance agora que eu estava solteira. Ele não poderia estar mais enganado se fosse assim, nada foi dito relacionado a este assunto.

– Eu sinto muito Jules, de verdade...

– Eu sei.

– Por que não volta pra casa? Passe um tempo aqui...

– Eu vou pra Inglaterra no próximo ano – comuniquei.

Chris não disse nada.

Eu voltei pra casa naquele verão. Para a casa do meu pai.

Ian não. Não fazia ideia de onde ele estava, era melhor assim.

Eu pude visitar Mason. E sofrer um pouco mais.

Chris me procurou, ainda andava de moto. Eu lhe dei mil desculpas nos dias que se seguiram. Não queria sair e me divertir. Eu nem queria que as coisas fossem como antigamente. Eu apenas existia agora.

Um dia meu pai deu um basta.

– Chega, Jules, você está me preocupando seriamente.

– Pai, não começa!

– Por favor, por que não sai com o Chris?

E foi assim que eu aceitei sair com Chris.

Nós subimos na moto, caminhamos pelo bosque. Eu não conseguia sentir nada. A não ser o peso do meu segredo. Ian estava me esperando em casa quando voltei.

Claro que viu Chris. E foi como uma tempestade anunciada.

– Quer que eu fique? – Chris indagou, eu pedi que fosse embora.

– O que quer aqui, Ian? – Perguntei cansada.

– Está saindo com ele?

– O quê?

– Foi por causa dele que pediu a separação? Pra ficar com ele?

Deus, que diabos ele estava falando?

– Acredita que eu me divorciei de você porque queria ficar com o Chris?

– Eu não sei me diz você!

Eu respirei fundo. Não queria discutir com Ian. Só queria que ele fosse embora e me deixasse em paz. Eu não queria aceitar que sentia falta dele.

Que doía vê-lo de novo.

Que eu queria me aproximar e me encostar em seu peito e pedir que ele consertasse tudo o que eu havia estragado.

Então eu ataquei.

– Que direito tem de me questionar? Não somos mais casados!

– Por isto seu amigo voltou a rondar, não é? Aposto que ele

comemorou bastante nossa separação.

– Não coloque o Chris nisto!

– Quer que eu pense o quê? Eu vim ver você. Vim saber se estava bem e a encontro na garupa deste cara!

– Quer saber, qual o problema? Você mesmo falou, não somos mais casados! Aposto que você também está saindo com outras pessoas.

– O que quer dizer? Que está saindo com Chris?

– E você está saindo com alguém?

– Não, parece que fui um idiota, não é? Eu te dei espaço. Te dei tempo. Achei que poderíamos conversar como dois adultos. Que você podia estar melhor... Pelo visto está melhor pra outra pessoa agora. Acho que esperei demais.

– Ian...

– Transou com Chris?

– O quê?

– Apenas me diz a verdade, Julia. E eu vou embora. Você transou com o Chris?

– Sim – murmurei.

Não era uma mentira. Ele só não sabia quando.

Por um momento tive vontade de dizer a verdade. Que eu transei com o Chris antes de ir pra faculdade e engravidei. Me faltou coragem.

De alguma maneira eu preferi que Ian me odiasse por achar que eu estava com outro cara, do que tirar Mason dele. Ou ao menos a sua memória.

Ian me deu as costas e foi embora.

De quantas maneiras um coração podia ser quebrado?

Eu tive pesadelos horríveis nas noites seguintes. Sempre com Mason. Sempre o escutava chorando e não conseguia encontrá-lo.

E comecei a achar que ele morreu por minha culpa. Devia ser um castigo.

Chris apareceu depois de uns dias. Eu estava pior que antes.

– Quer dar uma volta?

Eu o encarei cheia de angústia. Não conseguia mais guardar aquele

segredo.

Chegara a hora de testar minha amizade com Chris.

– Sim, vamos dar uma volta.

Eu subi em sua moto e nós seguimos pelas estradas de Beaverton e eu sabia aonde queria ir quando passamos em frente ao penhasco.

– Pare aqui – pedi.

Ele concordou e eu caminhei até a beira do desfiladeiro.

Observei a cachoeira. As águas escuras lá embaixo. Senti o vento nos meus cabelos.

– Jules, sai da beirada – Chris pediu, se aproximando.

Eu me virei e o encarei.

– De quantas maneiras um segredo pode ferir?

– Do que está falando? – ele me encarou confuso.

– Chris... Mason não era filho do Ian – as palavras ganharam liberdade através da minha boca.

– Quê? – Ele estava mais confuso.

– Quando nós ficamos juntos, você mentiu.

– Como assim... Não estou entendendo, Julia!

– Quando nós transamos, disse que usou preservativo. Era mentira.

Ele desviou o olhar, culpado.

– Eu não queria preocupá-la... – Então de repente ele entendeu e me encarou em choque. – Está dizendo que...

– Sim. Mason era seu filho.

– Julia... Deus do céu! O que está falando? É absurdo! Você casou com o Ian! Você teve um filho dele!

– Eu também achava... eu estava errada. Mason tinha cabelos e olhos escuros...

– Isto não quer dizer...

– Eu fiz um teste de DNA, Chris... Um pouco antes de ele morrer...

– Então... é sério?

– Sim...

– Ian sabe?

Sacudi a cabeça negativamente.

– Não... Eu nunca pude contar... Mason morreu... eu tive a certeza depois... como poderia contar?

– E por que está me contando agora?

– Porque eu não aguento mais guardar este segredo. Está me matando...

– Deveria ter contado antes, deveria...

– Acha que eu não sei? Eu me culpo todos os dias! Eu minto para o Ian. Minto pra todo mundo, para os Callaghan... Para você... Eu não aguento mais!

Me virei para o abismo.

E ele parecia bastante convidativo.

Chris ficou em silêncio, em sua própria confusão. Talvez me odiasse naquele momento. E eu merecia.

Ian já me odiava também.

Meu bebê morreu. Eu não tinha mais nada.

– Eu queria esquecer tudo...

– Julia...

Eu nunca saberei bem o que me motivou. Se havia um objetivo por trás de tudo. Se eu queria apenas me fundir com as águas escuras lá embaixo. Ou ficar por lá, junto com as ondas turbulentas, num bem-vindo esquecimento.

Naquele momento me pareceu uma boa ideia dar um passo a frente e me misturar com o ar.

Depois com a água.

Até sentir a pancada em minha cabeça.

E tudo escurecer.

Capítulo 22

Quando eu volto a mim, estou no quarto do chalé.

Não sei quantas horas se passaram, lá fora o dia amanhece cinzento. Abro os olhos para a nova realidade e vejo Ian sentado na poltrona em um canto, olhando pela janela.

Eu me levanto e vou até ele, que estende a mão.

Eu não hesito nem um segundo em pegá-la. E estou seus braços.

Estou com o rosto contra seu peito. E finalmente estamos chorando juntos.

Por Mason. Por nós. Por tudo.

Não sei quanto tempo ficamos assim, até que eu levanto o olhar.

– Você lembrou... de tudo?

Eu aceno positivamente.

– Ian – eu respiro fundo e me preparo para contar, com anos de atraso, meu maior segredo.

Sei agora que foi o que nos envenenou. E não posso mais esconder.

– Ian... Mason não era... – as palavras são difíceis de serem proferidas. – Mason não era seu filho...

Ele toca meu rosto.

– Eu sei.

Ian

Eu achava que estava num pesadelo quando Julia me deixou. Eu sabia que muito tinha a ver com a dor de perder Mason.

Eu sabia como era, eu também a sentia.

Eu queria vivê-la com Julia, como qualquer coisa na minha vida. Boa ou ruim. Foi assim desde o dia que nossos olhares se cruzaram naquela livraria.

Era pra sempre. Juntos ou não.

Por isto eu a deixei ir. Não podia prendê-la a mim fazendo-a infeliz. Ela merecia buscar o que lhe faltava, seja onde fosse.

Mesmo assim, era difícil.

Porém agora, observar seu rosto pálido contra os lençóis do hospital, seu corpo inerte, assim como sua mente, era mil vezes pior.

Jack me avisou horas depois. Ela havia caído. No maldito penhasco.

Com Chris.

O ciúme só não foi maior, porque eu estava suficientemente assustado com o diagnóstico de Julia.

“Ela não reage. Está em coma, Ian. Não sabemos o que irá acontecer.”

As palavras martelavam em minha mente.

Dia após dia.

Noite após noite.

E Julia continuava ali, em algum lugar longe de mim.

“Vá pra casa, Ian, eu te aviso quando ela acordar.”

Jack dizia às vezes e eu ia. Para dormir algumas horas e depois retornar para junto dela. Eu não podia perdê-la.

Eu já perdera Mason.

Numa destas vezes em que Jack pediu para ir embora, eu o vi.

Chris Wilson.

Ele estava saindo do carro no estacionamento vazio do hospital naquela manhã fria de Beaverton. Eu não pensei duas vezes antes de agredi-lo. Eu precisava machucá-lo.

E Chris me machucou também. Só não foi com os punhos.

Foi de uma maneira que eu nunca achei que seria possível.

E olha que ele era o motivo de muito de ruim que aconteceu na minha vida. Pensar em toda vez que eu senti que não conseguia alcançar o que ele tinha com Julia. Ou as palavras de Julia ao afirmar que estava dormindo com ele.

Criavam um inferno dentro de mim.

– Está satisfeito? – Ele havia dito, cuspiendo o sangue da boca, enquanto se levantava.

Eu arfava.

– Se ela morrer...

– Eu a salvei.

– Salvou? Por que não a impediu de cair?

– Ela pulou. Não caiu.

Os olhos de Chris eram sombrios. Como se estivessem de novo naquele momento.

Eu pouco sabia sobre o acidente de Julia. Jack me contou que ela estava com Chris e havia caído. E que ele havia pulado atrás dela, conseguindo tirá-la da água não antes de ela bater a cabeça numa rocha.

– Eu menti para Jack. – Chris continuou. – Não queria que ele sofresse mais...

Senti o ar me faltar. O que diabo Julia tinha feito?

– O que quer dizer?

– Que ela pulou daquele penhasco.

Respirei fundo.

– Deus...

– Eu não sei... se ela queria realmente... – as palavras se perderam no ar, sinistras.

Fechei os olhos.

Julia... Julia... O que foi que você fez?

Abri os olhos e vejo Chris ainda ali.

– Eu não entendo... Achei que ela estivesse... Seguindo em frente... Ela me disse que estavam juntos.

De repente até mesmo a ideia de Chris com Julia não me parecia tão terrível quanto a opção de ela estar tão infeliz que preferiu tirar a própria vida.

– Ela disse o quê? – Chris indagou confuso.

– Que tinham dormido juntos – falei o encarando com fúria. – Vai negar?

– Eu dormi com a Julia uma vez sim. Mas foi antes de se conhecerem... Nunca mais... A Julia não ia inventar uma coisa dessas!

– Como é?

Chris olhou para baixo, passando a mão sobre os cabelos.

– Se quer mesmo saber... Foi na nossa despedida, ficamos bêbados... Aconteceu...

Tentei digerir aquela revelação. Julia e Chris. Não nos últimos tempos. E sim antes.

Antes de mim. O ciúme ainda é forte.

– Então foi com você... – murmurei como se pra mim mesmo, me lembrando de que Julia realmente não era mais virgem quando ficamos juntos.

– Isto não tem importância. – Chris sussurrou e eu senti algo em sua voz. Como se ele estivesse pensando em algo. Escondendo algo.

Ele queria me dizer.

– Por que está me contando? – Perguntei devagar.

Ele hesitou.

Como se buscasse as palavras.

– Acho que não tem mais razão para sustentar esta mentira.

– Que mentira?

– Mason... Mason não era seu filho.

– O quê? – Suas palavras não faziam sentido.

Ou faziam.

De repente todo o quebra-cabeça começou a se juntar de forma assustadora na minha mente. Tudo parecia estar bem claro para quem quisesse ver.

Se quisesse ver.

Eu não queria.

– Eu sinto muito. – As palavras de Chris me pareciam verdadeiras.

Eu senti apenas o vazio.

Algo foi tirado de mim. Mason. A criança que eu amei desde que soube de sua concepção. Que vi crescer na barriga de Julia. Que me preocupei e amei até sua morte tão prematura.

Não pertencia a mim realmente.

Chris o tirara de mim.

– Desde quando sabe...?

– No penhasco. Ela me contou no penhasco.

Então Julia sabia o tempo inteiro?

– Como ela podia saber? Como ela podia ter certeza...?

– Ela fez um DNA, pouco antes de ele morrer.

Deus do céu, então aquela era a verdade.

De repente o comportamento de Julia fazia mais sentido. Sua depressão não era apenas por Mason. Era pela mentira.

– Ei, Ian, ainda não foi? – Escutei a voz de Jack e me viro. – Ainda bem... – então olhou pra Chris. – Vocês brigaram...?

– Não importa. O que aconteceu? – Chris perguntou ansioso.

– Julia acordou.

Senti uma das mãos invisíveis que apertava meu coração relaxar.

Apenas uma delas.

Nós voltamos para dentro e eu precisava vê-la com meus próprios olhos, o médico a está examinando.

Nós ficamos de longe. Ela parecia aérea e respondia as perguntas com voz alquebrada.

De repente o médico nos encarou preocupado e, enquanto uma

enfermeira cercou Julia, que adormeceu novamente depois de uma medicação, ele nos levou até sua sala.

– E então? – Jack perguntou ansioso.

– Ela está bem fisicamente, responde a todos os estímulos.

– Mas? – Chris indagou.

– Ela está com amnésia.

– Como assim? – Jack ficou confuso.

– É uma amnésia parcial, ela não se lembra de nada... dos últimos dois anos.

Então eu entendi

– De nada? – Chris perguntou sombrio.

Foi pra mim que o médico olhou quando respondeu.

– De nada... nem de ninguém.

Ele continuou.

– Ela só se lembra de estar em Beaverton, antes de ir pra faculdade.

– Não é possível – Jack exclamou exasperado.

– Eu sei que parece estranho, mas é verdade. Ela não se lembra que foi pra faculdade. Que se casou. E que teve um filho.

– Nem que ele morreu e que nos separamos – completei sombriamente.

Eu quase senti inveja de Julia.

O tão sonhado esquecimento. Nada de sofrimento. Porque não havia lembranças.

Eu senti até uma espécie de alívio por, pelo menos ela, estar imune a dor.

Quanto a mim, sei que a sentiria para sempre.

– E quando ela vai lembrar? – Jack insistiu.

– Não sabemos. Pode não lembrar nunca. Ou daqui alguns dias.

– Podemos ajudar. Contar a ela o que aconteceu...

– Não!

Todos se viraram ao ouvir minha voz.

– Não conte nada – eu me levantei e fui até a janela.

Observei a chuva fina cair no dia cinzento.

– Ian... – Jack me chamou.

Eu os encarei.

– Ela está fugindo da dor. Não percebem? Nunca superou nada do que aconteceu.

– Isto é absurdo – Jack exclamou.

– Não. É justo.

– Está querendo dizer que a mente dela está agindo de propósito? – Chris perguntou irônico.

– Ela não quer lembrar. Ela não vai lembrar...

– O que está querendo dizer?

– Não contaremos nada. Será como se nada tivesse acontecido.

– Não vai dar certo. – Jack disse.

– É o melhor a fazer. Julia está tendo uma segunda chance. Uma chance de seguir em frente. Sem lembranças ruins. Sem dor – olhei para Jack.
– Não gostaria que ela fosse feliz novamente? Que pudesse realmente esquecer e recomeçar?

– Sim, é tudo o que eu desejo. Ela esteve péssima nos últimos meses...

– Então a deixe ser feliz de novo.

Eu olhei para Chris.

– Acho que você também concorda, não é?

– Parece a pior ideia do mundo. E também a melhor.

– Então assim será. Ela nunca ficará sabendo. Eu vou me afastar. Para sempre. E ela vai seguir com sua vida. Eu deixarei de existir para ela.

Capítulo 23

Iam sabe?

Eu o encaro chocada e me afasto.

– Sabe?

– Chris me contou. Depois do acidente.

– Então o tempo inteiro...

– Sim. Eu sabia Julia.

– Eu sinto muito... no começo eu não achava... depois... eu deveria ter contado, então ele se foi... E eu não consegui aguentar... – começo a chorar de novo, imaginando o que ele deve ter sentido ao saber pela boca de Chris. Não foi justo.

E a culpa era inteiramente minha.

– Deve me odiar. Entendo agora porque quis que eu fosse embora, porque não quis me contar nada sobre nossa vida juntos...

– Eu me senti um pouco traído sim, eu amava aquele bebê, não era justo Chris roubá-lo de mim.

– Eu não sei nem por onde começar a te pedir desculpas – digo desolada. – Eu devia ter contado com a possibilidade do bebê ser de Chris desde o começo, sinceramente, eu nem me lembrava... – fico vermelha e desvio o olhar. – Da noite que passamos juntos. Ele me garantiu que não havia perigo e mentiu. Eu só comecei a desconfiar quando Mason nasceu... depois ele ficou doente... – respiro fundo, tentando não sentir aquela mesma dor de outrora. É bem difícil. – A certeza só veio quando ele morreu. E era tarde. Como é que eu podia tirar a memória dele de você?

– Podia ter me contado Julia.

– Eu não podia. Você iria me odiar...

– Nosso casamento acabou de qualquer maneira, não é? Se tivesse me dito a verdade, talvez...

Fecho os olhos. Dor e arrependimento me consumindo.

Tanta coisa eu tinha feito errado.

Ian também tinha errado, eu abro os olhos fitando-o com pesar.

– Do mesmo jeito que devia ter me contado toda nossa história quando nos reencontramos – sussurro.

Ian passa a mão pelos cabelos.

Ficamos em silêncio por um longo tempo, enquanto o dia amanhece lá fora.

Ainda chove.

– Quero visitar Mason – digo de repente, me levantando.

– Julia... – Ian me encara preocupado.

– Eu estou calma. – garanto.

Ele assente por fim e sai do quarto.

– Vou ligar para minha família e acalmá-los. Tem certeza que está bem?

Passo os dedos por minha barriga saliente.

Sinto um arrepio de medo.

Quero que London esteja bem. Eu preciso que esteja. Não conseguirei lidar com outra perda.

– Sim, estou bem – respondo.

– Você precisa comer. Coloque roupas quentes se vai sair no jardim.

Ele sai do quarto e eu tomo um banho e coloco roupas quentes.

Minha barriga parece enorme agora e eu passo os dedos pela saliência. Faço uma prece silenciosa para minha filha que ainda nem nasceu. Porque é a única coisa que interessa agora.

As pequenas rosas sumiram, é a primeira coisa que noto ao chegar ao jardim.

Agora o tumulto está à vista. Sinto um aperto no peito. Quanto tempo eu passei sem saber? Minha mente o havia esquecido.

O deixara para trás.

– Como pude esquecê-lo? Esquecer-me do meu próprio filho? – Pergunto para mim mesma.

– Foi uma fatalidade.

Olho para trás e vejo Chris.

Nós ficamos em silêncio em frente ao túmulo de Mason.

E noto que é a primeira vez que o partilhamos.

Parece estranho e triste que seja assim.

– Eu não devia tê-lo escondido de você – digo.

– Talvez não. Todos nós erramos Julia. E você fez o que achava certo naquele momento.

– Eu tinha medo de perder o Ian.

– Eu sei.

– E também não queria tirar Mason dele. Você entende?

– Sim, eu entendo. Não se culpe. Está tudo no passado agora. Eu fico... feliz que ele tenha tido um pai como Ian. Ian foi o pai dele enquanto viveu.

– As coisas podiam ter sido diferentes.

– Como? Você sabe que talvez tivesse sido bem pior com a verdade, Jules. Nunca deveríamos ter transado naquela noite, hoje eu vejo o quanto eu fui imaturo e egoísta. Você estava bêbada e eu fui irresponsável. Acho que queria que se apaixonasse por mim. E no fim... Não dá pra forçar, não é?

– Eu sinto muito.

– Não sinta. Você vai ter um bebê. Acho que chegou a hora de finalmente as coisas darem certo pra você.

Coloco a mão na minha barriga.

Sim, tudo parece tão certo quando penso em London.

Mason nunca será esquecido e eu tenho uma razão para seguir em frente.

– Sim, está certo.

– Eu vou embora. Acho que já abusei demais da paciência do Callaghan.

Eu olho pra trás e vejo que Ian está a alguns passos de distância, dando-me privacidade para conversar com Chris.

Chris acena e se afasta.

– Ei, Chris...

– Sim?

– Ainda somos amigos?

– Claro. Pra sempre, Jules.

Eu sorrio, enquanto ele se afasta.

E depois sinto Ian se aproximando.

– Tudo bem?

Eu dou de ombros.

– Não sei ainda. É dolorido estar aqui, lembrar dele... – mordo os lábios. – Acho que é difícil pra você, me ver aqui com Chris, me desculpe.

– Julia, eu tive dois anos pra superar.

– Superou?

– Eu entendi suas razões.

– E sua família? Eles... sabem? Meu pai...?

– Sim, eu e Chris contamos a todos.

– Todo mundo me odiou, não é?

– Foi difícil entender, porém, todos seguimos em frente, Julia. E nada mudou o que sentimos por Mason. Pra nós, ele será sempre o mesmo bebê. Ninguém deixou de amá-lo.

– Nem você?

– Nunca. Ele era meu filho, mesmo que não biologicamente.

Eu seguro sua mão com força.

– Eu queria realmente que ele fosse nosso...

– Ele era nosso, Julia. Assim como nossa filha que vai nascer.

– Eu tenho medo, Ian... Se acontecer algo com ela...

– Não vai acontecer. Ela é saudável. – Ian me garante, uma mão em meu rosto e outra em minha barriga. – Ela vai nascer linda como você. E vamos criá-la com todo amor que não pudemos dar a Mason.

– Nós vamos ficar juntos? – Pergunto baixinho.

Ele sorri.

Lindo.

E é como voltar no tempo.

Como minha primeira lembrança dele.

– Não está sozinha. Nunca esteve.

Ian segura minha mão, me puxando gentilmente para a manhã fria.

Ainda há muitas dúvidas, muita dor.

Não sei o que o futuro nos reserva, mas entrelaço meus dedos nos dele e me deixo guiar até nossa casa.

Juntos. Como tem que ser.

Epílogo

Os dias passaram, as feridas começaram a cicatrizar e olhar para frente ficou mais fácil.

Já faz cinco anos que fazemos aquele mesmo percurso de mãos dadas, todos os anos, no dia do seu aniversário.

O jardim continua lindo, com todas as flores que Jill planta regularmente, agora nada esconde seu túmulo.

Eu me ajoelho em frente e uso os dedos para tirar um pouco de limo que se acumulou.

– Posso colocar aqui mamãe? – London pergunta, segurando um ramo de flores entre suas mãozinhas.

– Claro meu amor – eu a ajudo a colocar e arrumar as flores em frente à lápide e abraço seu corpinho morno.

Meus olhos encontram os de Ian que está ao nosso lado com um sorriso um pouco triste.

O tempo ameniza a dor, embora não traga o esquecimento.

Depois de um tempo London se remexe inquieta no meu colo e eu a libero para brincar, com um sorriso.

Ela tinha meus olhos e os cabelos de Ian. Uma criança saudável e linda. Completando nossas vidas.

Ian estende a mão e eu a seguro, me levantando, ele beija o topo da minha cabeça e sorri apontando com a cabeça para o lado.

Meu olhar segue seu movimento e eu vejo Chris se aproximando.

– Vou ficar com London – diz, antes de se afastar na direção contrária.

Eu não o impedi. Chris e Ian nunca seriam amigos, depois de tudo. Nós havíamos nos mudado de vez para Portland, onde eu dava aulas em meio período em uma escola na vizinhança para poder cuidar de London, visitávamos Beaverton em feriados e datas especiais.

Ocasionalmente eu encontrava Chris, eu ainda o amava como um amigo querido, no entanto, depois de tudo, a distância era a melhor solução. Para todos. Ian precisava se sentir amado e único. E Chris precisava superar seus sentimentos por mim.

E todos nós precisávamos encontrar uma maneira de conviver com as lembranças.

No entanto, ainda tínhamos Mason. Ele era o elo que ia nos conectar pelo resto de nossas vidas. Esse amor, não precisava acabar.

– Oi, Jules – ele me abraça e beija meus cabelos.

Eu sorrio quando ele me solta e ficamos olhando para o túmulo.

– Hoje ele faria oito anos – murmuro com um suspiro.

– Ele seria lindo, com certeza – Chris comenta e nossos olhares são atraídos para o barulho de riso infantil não muito longe. London solta gritinhos enquanto Ian atrai um passarinho. – Assim como London.

– Sim, ela é linda.

Ele me encara.

– É uma criança feliz.

– Nós somos felizes – digo suavemente. – E você é?

Ele sorri dando de ombros e eu sinto algo diferente nele.

– Estou aprendendo a ser.

– Chris? – Uma voz feminina o chama e eu olho em direção a voz, vendo uma moça morena a alguns passos de distância.

– Esta é a Claire.

– Ela é bonita. É sério?

– Ela sabe o que estou fazendo aqui, então... – ele solta um longo suspiro – sim, eu espero que seja.

Sorrio.

– Também espero. Você merece ser feliz.

– Preciso ir.

– Vá. Vá ser feliz, meu amigo.

Ele beija meu rosto e se afasta.

Eu ainda olho uma última vez para o túmulo de Mason. Faço uma

prece silenciosa e me afasto em direção a Ian e London.

Deixar o passado e recomeçar nunca é fácil. Se comprometer em fazer juntos, é mais complicado ainda.

Exige paciência, doação, tolerância.

E amor.

No fim do dia, é o que faz tudo parecer possível.

Agradecimentos

Nunca é fácil, terminar um livro e soltá-lo no mundo e ficar torcendo para que as pessoas leem e principalmente, o ame como eu amei escrever. Então meu primeiro agradecimento vai para você que chegou ao fim deste livro. Gratidão infinita aos meus leitores sempre.

E algumas pessoas contribuíram para que Segredos que ferem ganhasse vida. Luciana Matoso, que na época que escrevi ainda era apenas uma estudante de medicina, mas que agora é doutora Luciana Matoso. Muito obrigada por ajudar com a parte em que tive que escrever sobre a doença do Mason.

A Carol Carter, que foi a primeira beta reader de Segredos que ferem e todas as leitoras que leram online, que sempre contribuem com seus comentários, sugestões e críticas. Cassia Pires, que leu a edição em primeira mão, contribuindo com suas primeiras impressões e a todas as blogueiras parceiras que estão ajudando a divulga-lo.

E todas as minhas amigas, que sempre estão ali para dar apoio, não serei repetitiva colocando seus nomes aqui, vocês sabem quem são!

E principalmente Mariza Miranda, por sua ajuda inestimável.

Sobre a autora

Juliana Dantas – Leitora voraz de romances, trabalhou durante anos como livreira em uma grande rede de livrarias, onde teve a oportunidade de se dedicar integralmente à sua grande paixão: os livros. Envolveu-se com a escrita em 2006, de forma amadora, sempre escrevendo fanfics dos seus seriados e livros preferidos e compartilhando com outros fãs em diversas plataformas online. Atualmente continua a trabalhar com livros, como assessora de marketing em uma pequena editora de livros infantis, enquanto, paralelamente, autopublica seus romances na Amazon.

E-books Publicados na Amazon:

O Leão de Wall Street

Série Vendetta (composta de 4 volumes).

A Verdade Oculta

Contatos:

E-mail: julianadantas.autora@gmail.com

Fanpage: <https://www.facebook.com/JulianaDantasAutora/>

Instagram: [instagram.com/julianadantas_autora](https://www.instagram.com/julianadantas_autora)

WebSite: <https://www.julianadantasromances.com/>